JOÃO RIBEIRO

O FABORDÃO

RIO DE JANEIRO
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

O FABORDÃO

JOÃO RIBEIRO

***

O FABORDÃO

Cronica de vario assunto

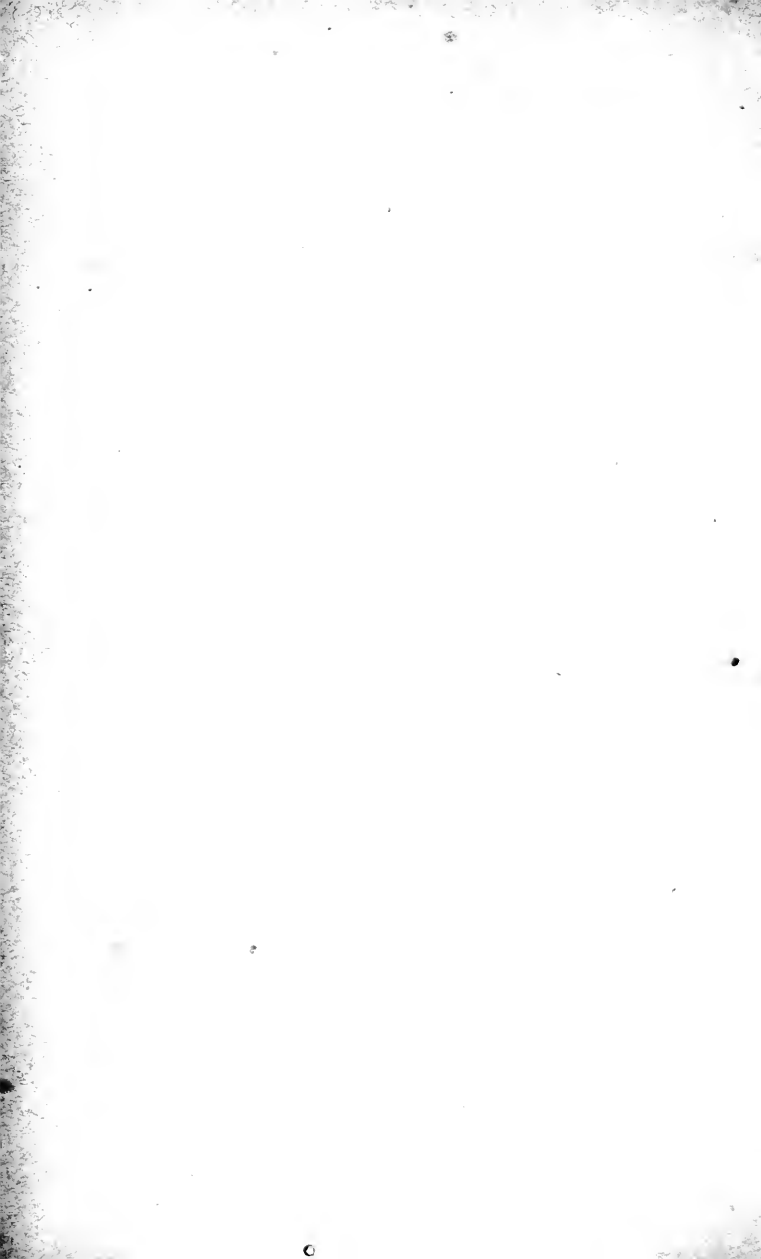
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
RIO DE JANEIRO | PARIS

1910

Fabordão é uma serie de pequeninos estudos de bibliografia, *folklore*, filolojia, critica documental e outras contribuições menores de vario assunto.

Aparecerá por intervalos incertos e longos, embora trazendo titulo geral diferente, mas esperando sempre os mesmos e poucos leitores que ha de ter agora.

A CIENCIA DA LITERATURA

DARWINISMO E LITERATURA (1)

I

Nenhuma doutrina foi tão universal nem absorveu jamais a ciencia das coizas em tamanho grau, como o darwinismo. Coizas e seres que vivem e se perpetuam pelos elos da sucessão ou da prole, acharam n'aquella hipoteze cientifica a expressão cabal e nitida que lhes explicava o progresso ou o declinio.

As hipotezes antigas explicavam os fenomenos no espaço ; esta, vinha explical-os no tempo. Era a metafizica da historia.

Doutrina, zoolojica, ao principio, desde logo se generalizou ao mundo vejetal, á cosmogonia dos mundos e á propria sociedade.

O " *struggle for life* " o ", *survival of the*

(1) A propozito da uma teoria da literatura dramatica do Prof. Matthews Manly de Chicago e da doutrina alemã do Prof. de Vries, acerca da seleção natural. (*Die Mutations Theorie*).

fittest " a *Evolution* tornaram-se expressões mundiaes que se deparam a cada trivio da complicada cultura de hoje.

É certo que esse despotismo solido e compacto pouco e pouco se foi destramando por alguns dos seus fios mais tenues e fracos. Desde logo se percebeu que a sociedade, a historia, a relijião, a arte não são organismos nem são animaes ou plantas, e que fòra pagar-se de palavras tomar as meras anolojias da vida moral com a fizica como relações exatas e identidades precizas. Simplificar, anelo de toda a hipoteze, não é confundir.

Comtudo, essa facinação, verdade, tramoia ou sofisma, foi sempre irrezistivel : por que dava um aspeto vizual e mais comprensivo ás coizas do espirito e adaptava-as a dezenvolvidos sistemas, a complicadas contruções sociolojicas. Era uma metafora como as outras que geraram a linguajem e conseguintemente tornaram possivel um curso mais longo do pensamento, da mesma arte que os sinais aritmeticos possibilitaram a inconciencia segura dos longos calculos.

Surjiram assim as mil teorias darwinicas de segunda mão, a *evolução* da arte, a *evolução* da literatura, a do direito, a da critica, etc., etc., sempre acompanhada da respectiva retorica da *adaptação ao meio*, a *luta pela vida*... com exemplificações faceis e eloquentes.

Sem embargo d'este abuzo notorio, verdade é que já hoje não podemos ter a exata noção de tudo quanto compreendamos na categoria do

tempo, de tudo que seja suscetivel de historia, sem essa hipoteze irrezistivel da evolução.

O darwinismo, e foi uma das condições do seu exito, incorporou e reuniu em si um grande numero de verdades ou de idéas comuns antiquissimas. Desde a antiguidade greco-romana a sociedade tem *orgãos* e cada emprego é uma *função* e é coiza corriqueira o pensamento de que as coizas se estragam como se compoem e se formam por um *processo de variações* graduaes. Ninguem ja mais ignorou que o *meio* altera os individuos e que a *adaptação* era uma verdade e até para os proprios que em Roma involuntariamente se faziam romanos.

A hipoteze darwinica não fez mais que dar a formula de equilibrio d'esses fragmentos que já gravitavam com seu antiquissimo ritmo.

Ha pois no darwinismo alguma coiza de superior á mesma verdade : é elle certamente a lojica mesma do espirito, é a nossa perspectiva inteletual do universo. É elle a verdade maxima subjectiva, é a nossa intelijencia mesma.

Mas, compendiando essa intuição, os darwinistas ainda mais estremados que o proprio Darwin, pormenorizaram todos os esconderijos e recantos do universo e com aparencias frustras baldaram por algum tempo a seriedade e o credito da teoria nova.

Eil-o, um dos cazos que por se ter passado nos dominios da literatura aqui relatarei brevemente.

II

Um estéta, professor da Universidade de Chicago, John Matthews Manly, preocupa-se desde algum tempo com a ciencia da literatura, e especialmente com as orijens medievais e a historia do drama na arte moderna. Acreditava elle como toda a gente (e bem o confessava), que as coizas novas deviam surjir das antigas segundo o processo *darwinico*, isto é, por uma longa e *imperceptivel* diferenciação ou quazi insensivel serie de modificações das formas anteriores.

Ao cabo de algum tempo, essas modificações em cumulo perfaziam um novo tipo e criavam uma especie nova.

Na pratica, porém, dos seus estudos literarios, lonje de achar a verificação d'essa suposta lei de acumulação produtiva, ao contrario topava sempre com criações subitaneas e inexplicaveis.

Variações, sim, elle as notava sempre e numerozas como botanicos e zoologos tambem o conhecem, mas todas improdutivas, de curta elasticidade sempre retornantes, e incapazes de gerar uma especie distinta.

Estudando as formas modernas do drama desde os primordios da idade media, teve a ocazião de observar que as formas *não dramaticas* variavam sempre extensa, futil, e esterilmente sem produzir o *drama* que surjiu de repente :

There was (diz elle) *a large amount of variation of non-dramatic form which however wide the variation never resulted in drama; and then with absolute sud denness came the drama, created at one moment, created without any reference to the futile variations that had preceded.* »

É precizo talvez aqui explicar que o drama moderno não teve orijens classicas greco-latinas, foi criação popular alheia á erudição que só retornou com a renacença.

Principiou na idade media e foi por assim dizer amamentado pela igreja na variedade primitiva dos seus ritos. Do ritual cristão é que naceram as formas dramaticas.

Os tipos do genero dramatico na idade media são muito definidos e claros : houve a principio o *Misterio,* a reprezentação do *Milagre* e a *Moralidade*. Podemos assinalar com aproximação razoavel as epocas d'essas formações *respectivè* nos seculos IX, XI-XII e XV, e esses tipos vieram até o lumiar da idade moderna. Qualquer estudante da historia da lingua conhece estas especies.

As formas primitivas derivavam de *tropos,* como assim lhe chamavam, isto é, interpolações muzicaes ou literarias sempre autorizadas na liturjia e que tinham o tipo do dialogo e contribuiam para a beleza do culto; ainda hoje um d'esses *tropos* dialogais é de uzo na igreja no domingo de Ramos.

Parece certo que veiu dos ritos da missa oriental. Uma das inserções e antifonas mais singular, era esta, cantada alternadamente por dois coros :

Int (errogatio). Quem quœritis in sepulchro, ó christicolœ ?
R (esponsio). Jesum Nazarenum crucifixum, ó cœlicolœ !
— Non est hic ; surrexit, etc.

Foram medrando essas inserções ou *tropos* liturjicos até que em fim ao *Quœritis in sepulchro* sucederam as reprezentações ou cenas e passos do antigo e novo testamento, meio de vulgarização da historia biblica, então o unico adequado ás condições mentaes do medievo.

O *folk lore* guarda ainda muitas d'essas especies embrionarias (1). Sem entrar aqui em pormenores que mais interessariam ao especialista, baste certificar que esse primitivo tropo de forma lirica, antifonica e coral, de subito aparece com as *dramatis personœ;* dezaparece o coro, dois sacerdotes incarnam os anjos que guardavam o tumulo sagrado e tres outros figuram no papel das *tres Marias*. Esse foi um dos primeiros dramas medievais.

O Professor Matthews Manly notou com extranheza a falta de gradações insensiveis : o tipo novo vinha subitaneo, á forma lirica sucedia a dramatica, d'um lance. Eis a orijem do *Misterio*.

Outra combinação que surjiu de um rasgo foi o *Milagre* ou *Lejenda* dos santos. O costume anterior era a recitação do martirio dos eleitos da igreja, como epistola e assim o faziam as corpo-

(1) Vel-o-emos em outro lugar d'este livro.

rações medievais a respeito dos seus santos patronos. E eis que a epistola que nem sequer teria o caracter definido de monologo aparece de um só arremeço dramatizada na reprezentação dos *Milagres*, sem que se podesse notar a aproximação gradual da forma anterior nem do drama tropico e liturjico.

Na *Moralidade* as pessoas são alegoricas e as individualidades são sem tempo, abstratas : a *Inveja*, a *Justiça* etc. não se confunde com os caracteres e a *ação atual* dos heroes do drama ou da *comedia*.

É certo que são frequentes as confuzões para esses diversos tipos da literatura dramatica. O que importa estabelecer é que jamais um derivou do outro por evolução ou por *modificações graduais* que se iam avizinhando do tipo superior.

Não ha uma só prova d'essa aproximação ou d'essa perfectibilidade, e quanto se pode saber da historia da literatura tudo comprova a criação subita dos tipos definidos do drama.

O profesor Mathews Manly entra na analyze d'essas formas medievais da literatura europea e mórmente ingleza com minudencias que não podemos aqui repetir.

Basta aqui ponderar para o cazo da nossa literatura que, por exemplo, o *verso branco* ou *solto* que é uma especie, não foi precedido de formas graduais aproximativas ; não só o *verso solto* não precedeu a *rima*, que é mais complexa, como até nem sequer foi precedido pelos *versos*

toantes que, depois do uzo geral da rima, ser-lheiam uma aproximação sensivel. Muito ao contrario para o cazo da nossa literatura no seculo dos quinhentistas já em Sepulveda os versos brancos se misturam aos rimados, e os *toantes* só aparecem no seculo seguinte, de seicentos.

Esta falta de aproximação se verifica na literatura ingleza e nas outras literaturas modernas.

Assim, pois, sem negar a evolução gradual sempre esteril das formas, ha d'estas que são verdadeiras creações que emerjem perfeitas, subitas, qualquer que seja a elaboração invizivel e oculta que as precede.

Estava n'este ponto, ha poucos anos, o professor Mathews Manly sem muita corajem de afrontar e negar o principio evolutivo que todos os darwinistas admitem inflexivel e universal. Não era elle um zoologo ou botanico, e não queria opôr á corrente caudal das ciencias exatas alguns fatos de ordem literaria, que, afinal, podiam ter sido mal examinados.

Foi então n'essa emerjencia que apareceu a obra de um naturalista olandez, o professor De Vries, que combatendo excessos e erros do darwinismo tratava muito particularmente d'esse ponto importante da *criação gradual* das especies (1).

Os trabalhos do professor De Vries foram e continuam a ser combatidos pela lejião dos cien-

(1) De Vries. *Die Mutationstheorie.*

tistas, como tambem foram aceitos e cada vez mais no meio de sabios naturalistas.

Sustenta *De Vries* que absolutamente as variações internas da especie não levam á criação de outras. Fundado em inumeras observações e experimentos que eu não saberia reproduzir, verificou que as *variações graduais* se realizam dentro de estreitos limites e retornam sempre ao tipo primitivo sem poder fujil-o, ou excedel-o.

A sua teoria nova consiste em admitir as variações que Darwin admitia : as *fluctuating* (das quaes o mesmo Darwin fazia sair gradualmente as especies novas) e as *Chance variations*, que por extravagantes ou raras Darwin considerava futeis, estereis e perdidas. *De Vries*, ao contrario, sustenta que as especies podem só derivar d'essas raras, mas subitas *Chance variations* ou como lhes chama *Mutações* de tipo (1). O aforismo será : *Natura facit saltus.*

O profesor Matthews Manly reporta em breves palavras a teoria da *mutação* em biolojia :

Mutation forms a special division of the kinds of variation. It does not occur *flowingly*, but in *steps*, *without transitional stages*, and it occurs less frequently than do the common variations, which are continuously and constantly at hand. The contrast between the two kinds at once appears if one conceives

(1) Definem os biolojistas as diferentes unidades que compõe em um organismo a especie. Unidades novas aparecem por *mutação* e não por aproximação. A natureza só se enriquece e se diferencia, por saltos.

that characteres of an organism are made up of definite elements or units, sharply distinguished from one another. These units combine in groups, and in related species similar groups recur. *Every addition of a unit* to a group *constitutes a step*, originates a new group, and separates the new form sharply and definitely as an individual species from the one out of which it has been produced. The new species is at once such, and originates from the former species without apparent preparation and without gradation. Each attribute or character of course arises from one previously present, not by normal variation, but by one small yet sudden change.

É este o cazo de muitas das formas literarias que se não podem explicar por aproximações insensiveis.

E é afinal o que vemos na vida quotidiana. Os balões, invenção recente, tem sofrido constantes e estereis variações e logo houve um salto para o *aeroplano* que é já uma *mutação*, fecunda ou futil, pouco importa a demonstração do futuro. Mas não houve caracter de aproximação progressiva entre o principio do *menos pezado* e o oposto do *mais pezado que o ar*. São, a essa luz, duas *especies* diferentes e antinomicas.

De Vries institue *sete leis* ou principios que se observam nas *Mutações* das especies, ou nas *Chance variations* notadas e menosprezadas por Darwin. O professor Manly procura recordal-as nas analojias de literatura, e verifica a sensatez e a concordancia de muitos fatos.

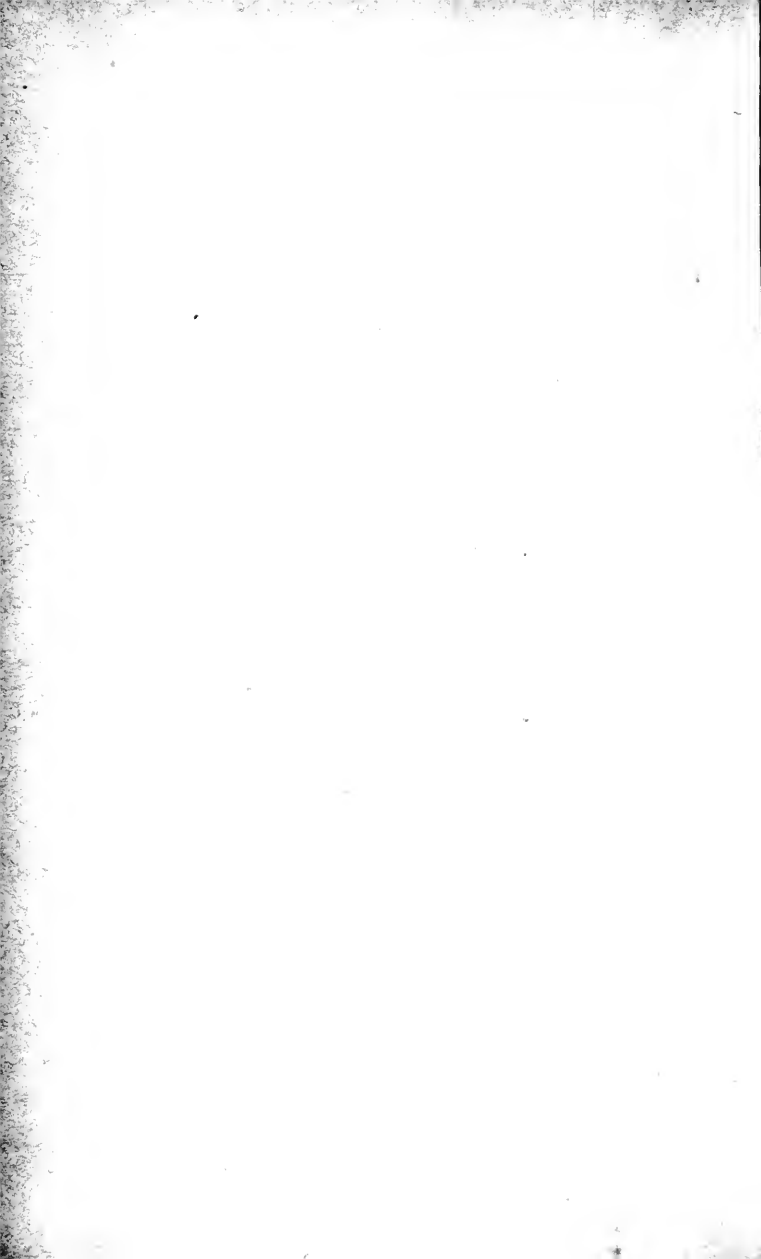
A *selecção* natural pois não é um processo

director e impulsivo. Não ha literalmente *seleção* que é, em ultima analise, uma finalidade inconciente. As variações internas de uma especie, aquellas que nos habilitam a distinguir os individuos entre si, não têm projenie que exceda os limites do seu tipo incoercivel.

Os gregos zurziam e castigavam os costumes na *comedia*; os romanos tambem o fizeram na *satira*; mas nem a *satira* naceu de qualquer forma dramatica e nem sequer os gregos a conheram; foi a criação independente dos camponios da antiga Italia. Eis aí uma especie nova e independente.

Os tipos *especificos* da arte são irreductiveis. Não ha por onde difundil-os e obscurecel-os, torcendo-lhes as linhas antigas em fizionomias novas. A *criação* pode ser uma verdade obscura ou inintelijivel, mas é uma verdade.

Novembro, 1908.

FREDERICO NIETZSCHE

FREDERICO NIETZSCHE

(1896)

Ha já alguns anos, negra loucura obscureceu o genio de Nietzsche, do homem de mais fero orgulho que jámais houve, do sonhador da humanidade futura e do « homem solitario e forte como a aguia » o *Adlermensch*, que virá, um dia, substituir o homem atual e ridiculo, o homem-macaco, *Affenmensch*.

O filozofo que sonhara o tipo do prohomem (*übermensch*) onipotente, fóra da moral e das convenções, realizando, na plenitude de toda a liberdade, toda sua força individual, paixões, instintos ou talentos, ei-lo caído em imbecilidade lobrega e terrivel, perdida a razão e a palavra e o senso comum. Todos os amigos, senão um, lhe fujiram. Alguem apenas em desveladas noites, acompanhava esse funebre epilogo de vida, no canto de um hospicio, e era a sua pobre

mãi, carinhoza e inexgotavel de ternura. Esse ultimo raio ainda agora lhe sonegaram as inclemencias da sorte. A mãi de Nietzsche morreu. A unica palavra que o louco balbuciava, *mamma*, unico e ultimo vestijio do entendimento, já não se aplica a coiza alguma.

Não é meu intento traçar aqui uma exposição da filozofia de Nietzsche. Outros já o fizeram com paciente e castigado lavôr, mas todos tambem com demazias e exajeros. Dificil era achar a unidade n'aquelle caos aparente. Por que em verdade foi Frederico Nietzsche um grande e entranhavel inimigo dos sistemas. Elle queria a decompozição de tudo; e a seu grado, o mundo voltaria a ser todo atomos e particulas como o sonhara Epicuro, antes do *clinamen* fatal que gerou o turbilhão da vida. Sistema? Não tinha essa preocupação. É muito dificil extrair dos seus livros uma intuição geral do mundo, ou uma sintaxe do universo que elle queria sem gravitações e sem obediencias. A sua natureza era essencialmente fragmentaria e liberrima.

Póde dizer-se que elle pensava como escrevia: em pequenos quadernos, habito que lhe tornava inuteis a meza e a escrevaninha, e era mais propicio ao flagrante dos seus lampejos. Ensaios e aforismos. Não é dificil apanha-lo em contradição, como o faria uma critica estreita e mesquinha; o mais certo seria e é, apanha-lo em progresso e inconstancia.

Tomava o seu espirito todas as atitudes; era

filologo, erudito, era literato e artista genial da palavra, poeta e filozofo.

Póde-se de algum modo liga-lo a Schopenhauer, mas nem essa comunhão o obriga, e ei-lo, em breve, um inovador idealista. Schopenhauer verificava a mizeria animal e não achava outro remedio ou conselho sinão no *Nirvana*. Ao contrario, Nietzsche sonhava evolução nova a do sobre-homem, mas já não pelo processo darwinico ou gœthiano da fome e do amor, mas por uma seleção nova, guerreira sem duvida, e todavia intelectual. Para Nietzsche a luta pela vida não se faria mais pelo pedaço mesquinho de pão, mas, ao contrario, pela vitoria do superfluo, da riqueza, da arte e do genio.

Os vencedores hão de ser, como heróes da renacença, os Medicis magnificos e os Borjias afrontadores da vida. « Poder cada vez mais » eis o verdadeiro lema. Assim, o grande heróe moderno era Napoleão, o inimigo da *fraternidade* revolucionaria de 89, o renovador da sociedade conquistadora antiga.

O futuro será, de alguma maneira, uma obra napoleonica.

Esse carater da vida futura exclui necessariamente a moral de hoje. Sobretudo, o grande obstaculo, dizia Nietzsche, é o Cristianismo, relijião dos humildes e dos fracos, relijião dos pobres e vagabundos ; e as suas consequencias dirétas ou indirétas : o socialismo, que é a vitoria das massas proletarias ; a democracia, que é a vitoria

das massas burguezas... Em fim, o rebanho contra o pastor, a grei contra o chefe.

Nenhuma vitoria de multidão. A multidão será no futuro imoral. O carater do futuro é o triunfo napoleonico, isto é, do individuo que, como Bonaparte, objectiva e realiza todas as suas forças, semeia-as, fá-las florir e fructificar, sem embargo de etiquetas, regras, revoltas, prejuizos e costumes. Homens, como Borjia, Napoleão, são os precursores do *pro-homem*, do *homem-aguia*, vencedor do *homem-macaco*. E a fantazia intrepida e diabolica do filozofo tira todas as concluzões d'esse extremo individualismo.

Nietzsche queria, pois, a *inversão de todos os valores*, como elle dizia. Até agora na cristandade a tudo quanto existe de forte se afectou o signal negativo; é mister inverter. Guerra aos fracos, guerra aos pobres, guerra aos doentes; glorias á vocação de rei, glorias a quem póde e maiores a quem póde mais.

Mas, como disse, não é intento meu nem tenho no momento os elementos de perspetiva indispensaveis para dar um escorço siquer de toda a obra de Nietzsche, que, embora fragmentaria, é todavia volumoza e extraordinaria.

Aqui neste ambito da vida alemã em que momentaneamente me acho, os entuziasmos por ardentes e numerozos, sufocam.

O fato de haver morrido a pobre mãi de Nietzsche, induz-me a conversar com os leitores sôbre o que Nietzsche pensava ácerca da « Mulher »,

tema sempre debatido dos psicolojistas, maximos e minimos, e que não é raro encontrar dezenvolvido, assim em um *auditorium* alemão como em uma modesta sociedade literaria da Cidade-Nova.

Seja como fôr, parece que a unica coiza apurada a respeito da mulher é essa banalidade profunda, a saber : que ella é um enigma. Todos os matizes são de si mesmos sutís, dificeis e ás vezes impenetraveis, e é por isso que, seguindo Stirner, o homem conhece hoje melhor o cavalo do que a mulher.

A diferença do sexo introduz no ser feminino uma serie de novos desarranjos sanguineos, que pela nossa impossibilidade de sentir estamos impossibilitados de compreender. Um hermafrodita perfeito que tenha consigo a função da perpetuidade da especie pudera dizer *ex cathedra*; mas desde que o homem está lascado em dous, agora aí ficam duas particulas incomensuraveis e inintelijiveis.

O *feminino* na animalidade não é só o carater de alguns orgãos, mas vai até cada uma das celulas em todos os seres; a soma de carateres celulares é que pode decidir do sexo, porque todos os seres, em regra, são hermafroditicos.

Cuidado com a equação pessoal!

Para Nietzsche que prége o egoismo, o amor é a suprema fraude.

É sabido que o filozofo se comprazia melhor na companhia das mulheres que na dos homens, que elle evitava.

Nietzsche acreditava que no amor havia o *auto-engano* (e não é minha essa hibrida expressão) e o engano reciproco. A idéa de igualar dous entes, transfundir-se um no outro, não tem outro impulso que o medo. E é isso o que faz de todo o amor, por mais sublime que seja, uma questão de comedia (*Schauspielerei*). O essencial na paixão é a sêde egoistica de posse e tão absolutamente egoistica, que o amorozo verdadeiro e extremado pensa sempre em matar a amante, isto é, em fazer cessar a possibilidade de qualquer alienação da sua posse.

D'ahi essa comedia conciente ou inconciente de sacrificios, de dedicação e até de indignidades. No amor ha parcelas feminimas de ambas as partes, no homem e na mulher, que se medem e se cotejam nos obscuros equilibrios da natureza.

Mas esse é o amor do homem infimo, isto é, do homem atual. No futuro os impulsos sexuaes cederão a uma serena amizade, e o casamento será, como diz o filozofo, « um longo dialogo ». Não se pense, porém, que haja uma grande santidade nessa doutrina. Ao contrario, o *pro-homem* é essencialmente livre e essencialmente voluvel; para elle nada ha definitivo, nem siquer duradouro; não ha laços nem liames que o tolham. Não ha posses excluzivas, nem ha subordinações sinão ocazionaes. O pro-homem não tem habitos, porque os « habitos são fios tenuissimos que se transformam em cordas, que nos fazem prizioneiros e nos obrigam a viver do proprio sangue. »

Tudo isso se exclue no reino do *homem-aguia*, solitario e forte.

E para falar a linguajem do proprio Nietzsche, no futuro serão as mulheres nobres e liberaes (*edlen und freigesinnten Frauen*).

Não é isso um mero eufemismo? E por que não instituir logo como no antigo Oriente o hetairismo sagrado? Si a sua função é a da especie, porque roubando-a á especie e á tribu entrega-la a um individuo sempre pouco para substituir a horda?

A impossibilidade maior contra a intuição do carater feminil rezulta no prezente de que o homem espiritualizou a mulher, aniquilou-a quazi, tornou-a volatil, ideal e pouco terrestre, conservando-a, entretanto, barbara e quasi um ente inferior. Entrando na familia, esterilizou-se. Arrancou-se-lhe o ovario aos ventos carregados de polen, para o fecundarem no seco e estupido laboratorio artificial das alcovas monogamicas. Nietzsche disse uma vez : — O homem, de uma costella de seu Deus, fez a mulher.

Esse aforismo paradoxal é mais significativo do que parece á primeira vista.

O homem fez da mulher alguma coiza de divino, fê-la quasi uma relijião, nos tempos da gaia cavallaria e em todos os tempos da poezia, na arte antiga e na moderna, outr'ora e hoje. O ateismo inverterá todos esses valores, com a derrocada de todas as divinizações e apoteozes antigas.

Mas em suma a filosofia de Nietzsche não dá á mulher sinão um caracter antipatico, ainda que exalte os fulgores e as radiações da sua beleza.

Para o filozofo, tudo de quanto é capaz a mulher resente-se da sua função maxima e axial.

Todos os atos da mulher participam de sua natureza hetairiana : ama por quarenta annos, *omnia vicit*, e si parece sucumbir tem a aptidão de chorar e desfalecer, isto é, de tornar dolorozas e rapidas as vitorias do homem.

O homem julga-se um fim, mas não é para ella sinão um meio, e instrumento da maternidade, embora ella viva em completa subordinação domestica e social. Mas á honestidade d'ella destruiu-a, depois de fazê-la escrava. A monogamia, como outr'ora o pelourinho, serviu um momento á paz publica e foi o alicerce de uma civilização. Foi um erro que, como o de Ptolomeu, por alguns seculos equilibrou o universo.

Em outro lugar, na *Gaia ciencia*, define o filozofo a diferença entre o *amor* da mulher que é inteira renuncia e abdicação de si propria e o *amor* do homem que absorve e faz da mulher uma mera parcela na soma dos seus instinctos de proprietario. A concluzão evidente é que a *fidelidade* é essencial na mulher, pois toda ella passa e se incorpora á vontade viril, mas é virtude futil e duvidoza no homem, senhor ilimitado e que talvez ainda mais se robustece com as parcelas conquistadas.

Os pensamentos de Zarathustra acerca da

mulher acham formulas schopenhauerianas e realmente brutaes, como esta :

« Alles am Weibe ist ein Rätsel, und Alles am Weibe hat Eine Lösung : sie heisst *Schwangerschaft.* » *Zarath. 95.*

D'aí o odio da mulher pelo amante imperfeito. É o odio, diz elle, do ferro que diria ao magnete : odeio-te porque me atraes, mas mão tens força bastante para atrair-me até converter-me em ti.

N'estas e em outras teorias taes ha o excesso *tendenciozo* da fiziolojia hoje demaziado entremetida na ciencia do homem. A civilização de nada valeria se não houvesse criado outros estimulos menos bestiais.

Um dos passos mais curiozos da opinião do filozofo e do poeta sobre as qualidades feminis é a sua teoria da beleza. Considera a beleza como expressão estatica da fórma humana. Os orgãos de aggressão e defeza no homem reclamam violencia de movimento, na mulher apenas os leves gestos, a quasi quietude. Por exemplo, o olhar do homem está habituado a produzir o medo e os sinais da enerjia e do mando; o da mulher é veludozo e educa-se em attrai-lo. A violencia e o exercicio no homem criam as asperidades de superficie do corpo pelo dezenvolvimento de ossos e musculos. A maternidade ou a sua predestinação avoluma as fórmas no ventre, nos seios e nos membros inferiores.

A vizão d'essas fórmas, sem claro-escuro, não tem angulozidades, e é suave como a do céu ou a

de um lago, e gerou toda a estetica; por que o que nós chamamos *belo* é aquillo que pelas curvas ou por outras associações remotas nos lembram fórmas e estimulos genezicos, por menos que o pareçam. A beleza por mais abstrata que seja é sempre erotica; todas as coizas belas são proxima ou remotamente afrodiziacas.

Essas diferenças não seriam bastantes para explicar a beleza feminil que se orijina do *costume* : o tipo feminino é o tipo estavel, o mesmo da antiguidade e de hoje, o tipo que guarda e mantem a fórma da especie; o tipo masculino, ao contrario, é vario e tranzitorio, diverso hoje do de hontem, ligado aos exercicios profissionaes, sem tradição plastica assentada.

Mas este é apenas um aspeto da filozofia desse louco genial e um epizodio da sua obra que é toda voltada contra a solidariedade humana, e contra o cristianismo.

Afinal, o cristianismo (que foi o grande mal da historia humana para o filozofo) era coiza inevitavel.

Pouco importam o nome e os pormenores da lejenda cristã, a verdade mais profunda é que o *cristanismo* é uma grande faze da especie que se abriu quando ella atinjiu a madureza heleno-romana. O homem greco-romano estava preparado para ser incoercivelmente cristão. Ao ideal da força e da expansão egoistica de todos os instintos, dejeneradores e morbidos como a propria sociedade, sucedia tranquilamente a reação humanitaria e mizericordioza da justiça e da compaixão pelos

humildes e vencidos e escravos que eram afinal a quazi unanimidade do mundo.

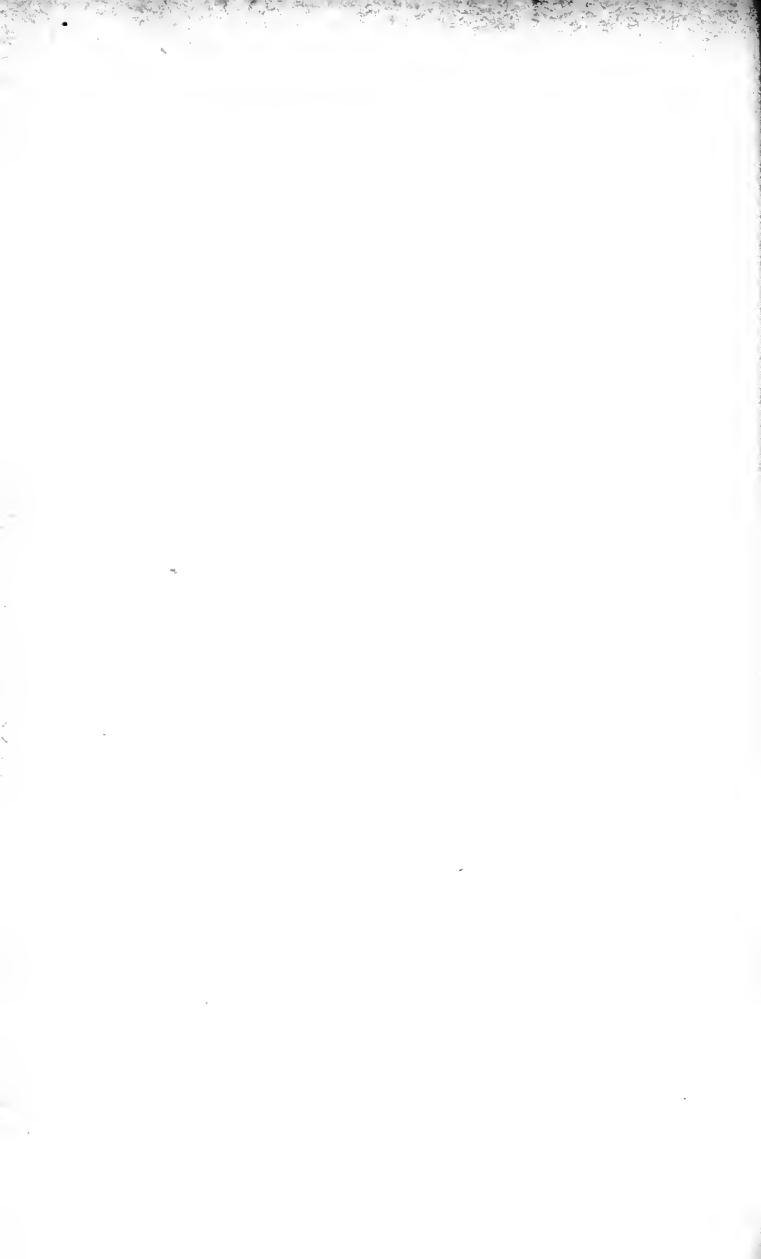
O cristanismo não foi apenas a vitoria dos puzilanimes e da multidão, foi a propria confissão de incapacidade dos triunfadores do gentilismo, combalido pelos mesmos miasmas da vitoria. Os cristãos eram os abstemios contra os ebrios, os castos contra os tizicos da sensualidade, equilibrio da pobreza contra as aritmias morbidas da plutocracia antiga.

O cristanismo era, pois, como se anunciara, a redenção; não a redenção dos judeus e dos misticos, mas a que o instinto mais profundo da especie acordava no homem como premio da vida na aniquilação da antiga sociedade anarquizada e agonizante.

N'este sentido, quazi por assim dizer sob essa luz antropolojica, todos nós, os mesmos ateus, somos cristãos : isto é, continuamos a ter sêde de justiça e trabalhamos, com amor e fé e esperança, pelo ideal da igualdade.

Pouco importa, se dezaparece a lejenda poetica do Cristo e com ella todos os dogmas das relijiões cristans; ainda menos importa que outras doutrinas se levantem para substituir o labaro do proximismo e da caridade. O grande e o maior significado é que a bandeira da justiça no Golgota ou em qualquer acropole do ocidente, será ainda por muitos seculos o grande simbolo da civilização.

Berlim, 1896.

INTERVALO DE REPOUZO

INTERVALO (1)

(1902)

Dominus vobiscum.

Muitas das excelencias dos antigos sobre os modernos se explicam, nas coizas literarias, pelo demorado vagar com que compunham, poliam e adornavam as suas obras.

O maior segredo d'essa perfeição, porém, consistiu sempre na soledade e no retiro espiritual que necessitava a vida antiga, tão diferente da de hoje. Estavam divididas as classes, os mistéres e as corporações. As solidariedades eram naturais e portanto faceis.

Não se fazia mister que o artista fujisse ao mundo; bastava que não fujisse ao seu mundo.

As sociedades modernas trouxeram incalculaveis beneficios, mas para que lhes não faltassem defeitos, criaram e produziram essa anarquia e confuzão de homens, idéas e coizas.

(1) Foi um rapido resfolegar em polemica de imprensa.

Hoje para servir á perfeição ou á vaidade, naceu e fórmou-se uma clase de entes parazitarios, miúdos e estereis que vivem a esmiuçar e a fazer microscopicos arabescos em todas as obras que envolvem alguma criação e alguma coiza mais que o lavor do escaravelho, dijestor *post intestina.*

Mas a condição para suportar esses pequeninos seres providenciais é a da conciencia do equilibrio indispensavel ao mundo e é a benvolencia com que se poupa ao verme a sua irrefreiaval voracidade.

O progresso, que é sempre abençoado em tudo, trouxe essa doce fraqueza que é a tolerancia, virtude propria do cepticismo e das corrutas Babilonias.

E é pela tolerancia apenas e só por ella, que se consegue um pouco da tranquilidade essencial á meditação e ao estudo.

Para ser pois compreendido o caracter da literatura moderna, aquelle ar de incongruencia, de duvidas e contradições que lhe dão matizes, feições e variedade que não possuiam as literaturas antigas, basta imajinar a existencia d'esses fatores de dezordem cuja é a mais cabal expressão o jornalismo contemporaneo.

O jornalista é em geral o vaidozo das letras, mas da vaidade efemera das modas, do dia, da atualidade. Para o jornalista o *amanhã* é um martirio inutil e desprezivel. E a sua gloria muito mais ambicioza que todas as outras é a de fazer parar o sol antes do primeiro anoitecer. O *livro* governa como o sol, de lonje, por facinação newtoniana;

o *jornal* governa de perto como a alavanca, imediata e premente,

É muito natural, pois, que esteja em perpetua guerra e não conheça outro deleite que o de diminuir os homens, reduzil-os ao nivel de mar ajitado, em quanto pompeia, ás vezes navio ou bussola, marcando os rumos, apontando a salvação e o porto.

Comtudo, nem o jornalista dispõe de tamanho poder, e nem é bussola n'esse seu curso de cabotagem, de terra á vista.

É um vaidozo dentro do nevoeiro das suas vaidades tomando o imprecizo da nevoa proxima pelo imprecizo do distante infinito.

A grande condição do trabalho é a paz. No meio das tribulações da vida ou de tormentos occultos ou ignorados, é coiza inutil e vã imajinar-se que se vai construir alguma coiza de solido e eficaz.

Os proprios sentimentos se necessitam hermeticos como os perfumes ou tel-os-emos perdidos na atmosfera comum. A vida moderna, com as suas mesclas e confuzões, faz-nos perder muito tempo e gastar inumeros cuidados, nesse atrito constante com o que nos enfastia ou nauzeia, com seres e orgãos cuja função obsoleta os vai atrofiando, como esses enormes e estorvadores elefantes que sem embargo da grande e inutil mole são só buscados e estimados... por causa dos dentes.

Então para todos os que trabalham se impõe

uma filozofia do exilio que é tambem uma filozofia do estomago que se não apraz em revoltas de enjôo.

Esta indispozição e molestia das sociedades modernas rezulta não das más companhias, que com justiça se não devem dizer más, porém das companhias contraditorias, absurdas e impossiveis.

São camaradajens ficticias que se dissolvem ao primeiro sopro; cimentadas talvez pela espectativa de qualquer egoismo inconciente que se aprossima, logo se diluem como as muralhas de Jericó ao clangor da primeira tempestade.

Mas, a benevolencia é ainda aqui um remedio.

Kant, o grande filozofo, foi talvez o homem mais refractario á tolerancia d'aquella especie.

Era tamanho o seu amor á tranquilidade, e d'ella tanto fazia depender o trabalho e meditação, que por vezes criou desafetos e inimigos.

De uma feita, conta o seu biografo Cuno Fischer, tentou e não conseguiu comprar o galo de um seu vizinho, galo altiloquo e incommodo.

Para que uma habitação lhe fosse agradavel era de mister que o silencio a rodeiasse num longo raio e lhe pozesse como um jardim de mudez; essa era uma condição dificil de realizar-se em cidade de tanto movimento como Koenigsberg; e por isso esteve sempre o grande filozofo a mudar de casa.

Tão caro custa o silencio!

Afinal, adquiriu uma propriedade, quazi fóra de muros. Proxima havia a prizão da cidade onde faziam aos prezos cantar alguns salmos e hinos

relijiosos, no intuito de os edificar na fé e na santa doutrina de que se haviam desgarrado.

Mas esses cantos de relijião eram quazi que a unica *pandega* daquelles pobres detentos, de modo que quando soava a hora de louvar ao Senhor, entoavam emfaticamente a algazarra (infernal se não fôra divina) com todos os pulmões, descompassada e dezafinadamente.

E com essa acanalhada muzica é que ouvimos muitas vezes a voz de alguns sacerdocios modernos.

Através das rexas do carcere, vinha o sagrado alarido até aos ouvidos do filozofo preocupado como sempre andava com os seus categoricos imperativos e outras meditações da moral metafizica.

Não se conteve o sabio que não escrevesse ao seu amigo Hippel, governador da cidade e inspector das prizões, a seguinte carta :

« Peço-vos encarecidamente que nos liberteis a nós moradores do logar, das orações stentoreas que hipocritamente entôam os prezos. Não digo que careçam de motivos para se lamentarem; assaz devem tel-os. Mas creio que lhes bastaria o ouvirem-se a si proprios, fechando as janelas; e a salvação de suas almas não correrá maior perigo se cantarem um pouquinho mais baixo. Se o que esses mizeros prezos querem é apenas um certificado do carcereiro de que são homens tementes a Deus, não creio que seja necessario elevar esta usta suplica a uma vozeria e celeuma que não é

costume praticarem os que rezam em casa e silenciozamente. Uma palavra vossa poria um termo a essa dezordem e aliviaria de grande importunação aquelles por cuja tranquilidade vos tendes incomodado tão repetidas vezes. » (1).

A fortuna, toda nossa, é que não temos um Kant. E é duvidozo que o tivessemos numa grande cidade americana, tumultuoza, anarquica e progressiva.

Qualquer de nós por humilde que seja, e menos se proponha a altas filozofias, terá de cortar pela tranquilidade e renunciar ao repouzo moral.

Quem escapará, por mais ateu que seja, a uma ladainha estentorea da vizinhança?

Quem, por mais benevolo ou menos prezumido, em pequenas coizas que apenas valem um ceitil, evitaria a assuada invejoza e atrabiliaria, grosseira e estupida, dos nossos espontaneos detratores?

Quem aparece acazo, que lhe não seja logo feito o convite de saudar o primeiro mestre e á primeira esquina?

Assim é, e assim vai o mundo. Mas para esses deuzes efemeros ha felizmente ateismo sobejo.

E morrem á primeira blasfemia.

Requiescant in pace.

(1) Não conheço o orijinal da carta. Transcrevo-a d'uma tradução.

DISCURSO DE RECEPÇÃO

NA ACADEMIA BRAZILEIRA

DISCURSO DE RECEPÇÃO

DO SR. JOÃO RIBEIRO (1)

Senhores :

Eu não poderia começar sem que as minhas primeiras palavras fossem para vós. A grande distinção que me acabais de dar recebendo-me na vossa companhia alterou-me por assim dizer as forças mesmas do meu espirito. Enobrecido e exaltado por ella, sinto que se apagou de mim o pessimismo — aquella parte infima da alma, que é a substancia doloroza e cobarde do nosso ser, aquella que nos grandes momentos de humilhação se entre-mostra em dezesperos inertes e em estereis renuncias e se reabsorve afinal na indiferença irremediavel. Ao mesmo tempo sinto que ella edificou e deu relevo

(1) Foi pronunciado ha doze para treze anos na Academia Brazileira,

a tudo quanto meu espirito possuia de forte e varonil e concentrou numa só converjencia as minhas esperanças, as esperanças maiores que de tempo imémore venho laboriozamente preparando, acreditando sem fé numa vida superior.

Criastes-me assim essa doce superstição que como um deus lar augmentará de uma voz o dialogo sereno ou inquieto da minha vida...

O afago da vossa voz deu-me a grande responsabilidade de trabalhar ainda para o merecer e de transformar este aceno da vossa condecendencia em um gesto mais intenso de benção pelos meus esforços ou pelas minhas audacias.

Muitas são as distinções que podem enobrecer o espirito e dellas vangloriar-se o homem; nunca as mereci e por isso mesmo passei por ellas, quero dizer, d'ellas passei ao través sem inveja, sem terror e sem emoção; esta porém a nenhuma outra se compara, porque era esta a que eu queria, temia e dezejava, porque esta é a que nos produz esse alto sentimento de paz, que é o termo de todas as carreiras e é, para mim, o começo da grande tranquilidade final. Merecel-a é como se me dissesse: — Já posso estar seguro de mim mesmo. Nada mereço, mas os que merecem vieram a mim. Quanto errei já me perdoaram. D'ora em diante trabalharei e serei compreendido.

Calculaes acazo o que isso seja para uma alma agreste e rude como é a minha, que viu a luz na aridez do dezerto, não viveu sinão sob o clima provinciano e cupido da barbaria e só uma vez, tarde

e para mal seu, sentiu o terror panico da grande civilização?

Eu vos digo: quaesquer que sejam as probabilidades de erro dos calculos humanos, a vossa escolha teve de certo alguma significação; porque nestas couzas não podeis errar. Quizestes significar que esse é tambem o logar dos humildes e que entre vós não ha desdem pelos timidos; tambem entre as esferas de fogo dos astros poz a natureza intervalos providenciais e obscuros « pois que, no dizer do poeta (1), a continua perpetuidade da luz seria exauriente e mortal ».

Póde a ignorancia entrar na ciencia como a noite entra na computação do tempo e entram as iluzões e os sonhos de permeio entre os elementos solares da realidade. Entro para o vosso seio para me enriquecer dos vossos tezouros, para me apropriar da emanação da vossa sabedoria, para respirar essa atmosfera que de lonje e de fóra sentia eu como se sente á porta das igrejas o halito lonjinquo das flores que semi-mortas agonizam nos altares. Que piedade humana haverá na terra que me pudesse dar essa definição da minha vida, dizer-me (e ella m'o diz) « como eu devo viver? e para que eu devo viver? »

Essa, a minha grande alegria; mas, — para que ocultal-o? — ella está penetrada pela tristeza de uma grande humilhação, — a que me cabe de suceder áquelle suave e melodiozo poeta que foi Luiz

(1) João Paulo Richter.

Guimarães Junior. Sinto agora que este logar deveria ser ocupado não por um estudiozo nem por um espirito voluntariozo talvez, porém amargo e rude — mas por outro grande poeta como elle o foi, por outra grande estrella capaz de salvar do caos o seu sistema agora sem equilibrio, abismado na inercia anarquica e insondavel... Eu sinto que vou falar do poeta sem a dignidade necessaria, sem a capacidade mesmo de o sentir e o compreender. Eis a minha primeira e grande humilhação.

A grandeza e sublimidade da poezia está em que ella repelle quazi o concurso arido e esterilizante das coizas; ella é, toda ella, sonho e emoção; — emoção e sonho que para os outros desmaiam, se esvaem, ao primeiro sopro da vida, mas que para o poeta, na agonia do poeta, por um misterio veemente e subito, se petrificam tomados pela surpreza tempestuoza do ritmo que age como um estranho cataclisma. Então, tais coizas vãs e fluidas coagulam-se em formas éneas e marmoreas. Das paixões que para nós outros são aereas, intanjiveis e fugazes, elles, os poetas, fazem catedraes goticas, cheias de muzica, complicadas e imorredouras. Arquitetos do imponderavel tem elles a sua perspectiva que nos sufoca em vertijens mortaes.

Elles teem o dom de subjugar o gemido ao numero, de subordinar á medida as dôres incomensuraveis, de infiltrar a mocidade ou a velhice humana na primavera ou no inverno do mundo, e fazer assim coincidir a dôr propria com a dôr universal.

O poeta é pois o grande Interprete, o grande Explicador do mundo, da illuzão inevitavel. Ou nos fale da perfidia do « riço inumeravel » dos mares como Eschilo ou como Schiller nas *Palavras da Iluzão* nos diga que a terra jamais pertencerá ao homem de bem — vê-se que para o grande Interprete toda a face do planeta é a expansão superficial de uma perfidia intima e irreductivel que é o elemento primario do universo. O que os distingue, desde Homero, é esse desprezo inexoravel pelo solo que pizam, onde rastejam reptilizantes as mizerias do mundo. E são nisso como os homens do mar habituados ás grandes viajens e aos grandes itinerarios. Os homens do mar não olham as ondas que sulcam, sinão o ceu. É do ceu e não das vagas, é das nuvens e das estrelas que lhes veem a tempestade ou o porto, a orientação ou a perda.

Eu acredito que sem o dom da poezia ninguem possue o senso estetico, a faculdade propria de a conhecer. Sinto e penso como um critico notavel que se póde ter nm justo desdem pela ciencia, e que a primeira condição para compreender-se, por exemplo, uma planta seria a de ser-se igualmente uma planta como ella o é (1). O botanico provavelmente não conhece da planta sinão os aspetos vitaes que podem não ser os aspetos superiores e essenciais do ser. Para o botanico a planta vale pouco, porque quasi não tem razão ou inteligencia; mas para a planta é possivel que a intelijencia seja uma

(1) Rud. Steiner.

aptidão á desgraça, qualidade inferior e tal que aos olhos della desmoralize o homem. Creio igualmente que a poezia é uma dimensão nova que está talvez oculta á minha perspectiva do mundo. Ser-me-ia precizo sair fóra de mim mesmo, sair fóra da vida como eu a entendo para achar a grande significação do enigma, do mesmo modo que é precizo sair fóra da terra para achar o ponto arquimediano donde levantal-a.

Para sentir o segredo de todas essas emoções interiores em todo o revelo e plenitude, para sentir todas essas reações de forças secretas e intimas, de todo esse turbilhão vital, de todos esses elementos imperceptiveis carregados de misteriozo fluido que convulsionam a alma, inflamam, corroem, clarificam, turbam, explodem fragorozos ou fervem em silencio, seria precizo ter a constituição orijinal e propria desses seres, a mesma densidade ou a mes ma fluidez que lhes é propria. Isso, eu vos asseguro, está vedado ao vulgo profano.

Frederico Nietzsche (1) via na trajedia grega a forma mais veemente e mascula da poezia classica e a trajedia era o consorcio do elemento epico e do lirico, da ação e do côro; era a identificação do elemento *apolineo*, plastico, sereno e escultural com o elemento *dioniziaco*, feito de dôr, de subjetivismo e de muzica. Em suma, era a conjugação da palavra á muzica, a subordinação da narrativa ao ritmo. Supunha assim o filozofo achar a misterioza cor-

(1) *Orijem da Trajedia.*

relação organica que ha entre as emoções e as ondas sanguineas do coração ; e pois que a continuidade da paixão produziria a diastole ininterrupta daquelle musculo, a necessidade de respirar, salvando a vida, creou o instinto do ritmo. O verso é a emoção pontuada, o regimen vital da emoção, sem o qual uma asfixia passional seria inevitavel. *Numerus regit orbem.*

Em Luiz Guimarães Junior desde cedo se revelou esse grande segredo ritmico das emoções; assim foi atravez da vida ; e a sua mesma morte, epizodio apenas de uma grande paixão, não lhe interrompeu a continuidade; e o seu livro, a sua mumia ahi ficou como a desses grandes reis ejipcios atestando a morte compreensivel e ao mesmo tempo conservando o enigma de hieroglifos indecifraveis.

Desde a primeira faze de sua vida foi o poeta mal compreendido ; as suas dezordens, e suas fantazias, primeiros sintomas da grande Doença, afrontam o juizo inexoravel dos animaes domesticos » (1) que julgam e contituem o mundo. Depois essa tempestade foi serenada ao clarão de um amor inmortal como o de Laura e Petrarca.. Daí data a sua grande faze. Então foi que o Caos penetrado pela palavra inicial da edificação, pelo *fiat* divino da Arte, terminou assim a sua semana do Pentateuco, « semana da creação, da tortura e da grande expiação terrivel ».

(1) Fred. Nietzsche.

É que não se póde crear sem destruições previas e não ha vida sem o preço e o concurso incessante da morte. Ah! é doloroza a compreensão inteira da vida! Cada um de nós vive dos despojos proprios, da dissipação das emoções do outro tempo, do fluido anterior das nossas idades; e tudo é assim no universo; o mesmo planeta que habitamos com todos os seus progressos gigantescos, esse planeta que se arroja comnosco cheio de claridade lunar atravez dos espaços, como um pelicano monstruozo, alimenta-se tambem das suas proprias arterias, das velhas carbonizações das suas entranhas, violentamente arrancadas agora do seio e do sub-solo de outras eras, profundas e esquecidas!

A maxima significação da vida é que ella é o preço e o triumfo dos grandes exterminios e é a primeira metempsicose de cada *ruina*.

Senhores.

Desculpai se interrompo, ás vezes, o panejirico do poeta. É que elle é profundamente sujestivo, nos obriga todo o momento a pensar — é que o seu lirismo nos arrasta á meditação de todos os problemas. Eu principiei, aliás, confessando que não poderia de todo compreendel-o e entendel-o — porque uma coiza é sentir o contacto lateral e fujitivo de um ser e outra é abranjer-lhe o conteudo e a esfera ilimitada da sua radiação. Para mim, como para muitos, os grandes poetas são como esses astros de elipse longa que parece não obedecerem ao sol comum e que se não póde con-

templar sem um secreto terror e sem assombro. Delles eu conheço a superstição sem conhecer a verdade dos seus longos destinos. É a minha culpa? Mas dentre vós aquelles que sois poetas (e os maiores dos nossos poetas estão entre vós) bem o compreendeïs e sentis.

Deante deste cujo panejirico incumbistes á minha ignorancia e inexperiencia, sinto uma responsabilidade tremenda e incoercivel que me inabilita prégoal-o, elogial-o, louval-o. Li-o vinte vezes para me penetrar das suas paixões, para adquirir o contajio da sua alma enamorada e pura, para me embeber das suas ideias e do « seu modo de entender a vida ». Perscrutei as suas alegrias e os seus dezalentos e vi gerar-se da evaporação das suas lagrimas, agora batidas do sol da gloria, o arco-iris cambiante das suas emoções. Tentei compreendel-o; senhores, confesso-vos que fiz essa experiencia mortal e saí della edificado. Della trouxe, se não a voz, ao menos o eco dejénere, o vajido elementar do seu grito adulto e valorozo. Mas ah! tudo isso é inexprimivel e não é com a minha prematura velhice que hei de traduzir aquella sua grande e harmonioza mocidade!

Renuncio á tarefa de fazer a critica do poeta, hoje que é dia do seu louvor. Mas posso dizer que tão cedo não soará uma voz como a sua. O segredo dessas modulações d'agora em deante ficará eclipsado até um talvez remoto futuro. Virão outras vozes fortes, mais fortes e indispensaveis; mas a sua voz, ou uma voz como a sua, nunca mais!

Elle foi o interprete incorruptivel e delicado dessa *camada humana* que precedeu a babel das raças novas; elle foi um dos ultimos druidas da nossa autoctonia barbara, agora caldeada entre homens adventicios, novos, fulvos e dominadores. Hoje não fazemos nós mais do que passar como eunucos tristemente, sem estirpe e sem posteros. Hoje a civilização é excessiva para a nossa insuficiencia, é sabia de mais para a nossa ignorancia, é humana e universal de sobejo para a nossa mesquinhez nacional, é emfim livre em demazia para a nossa servidão habitudinaria; agora tem ella o aspecto de um dom de Zeus-piter, quando outr'ora era um modesto dom de Prometheu; agora é ella a dignidade dos Deuses, quando outr'ora nos bastava a dignidade de rezistir aos Deuses. O novo clima não poderá jámais recompôr a flora antiga; flores alpinas succederão ao lirio do vale; a disciplina branca extinguirá os nossos histerismos morenos; a atmosfera nova e acetica repellirá as antigas fragancias eroticas e o novo diluvio abafará nos derradeiros cimos as vozes altas e ultimas dos ultimos naufragos.

Aqui, teria eu concluido, si concluisse pensando em mim. A verdade porém, e verdade agradavel é que poucos e raros dentre vós estarão penetrados do meu dezanimo. Acreditar no futuro é uma grande coiza, a melhor da vida e talvez mesmo o verdadeiro signal della. O grande poeta olimpico deste seculo, o poeta absoluto, o grande Gœthe, diante do espetaculo da sociedade revolucionaria, no fim do

poema idilico de Hermano e Dorotéa, diz pela boca de um exul estas palavras sublimes de serenidade : « Se feliz, tu; eu, vou-me embora. Hoje a terra toda estremece e principia a dezagregarse. As velhas leis do povo caem em ruina; as antigas herdades passam a novos senhores; o amigo se parte do amigo e o amor do outro amor... Já se disse uma vez e agora dir-se-á com razão maior que o homem é um estranjeiro no seu solo natal; a nossa terra nos evita; as riquezas deslocam-se e derivam errantes; das cazas e das igrejas os ouros e as pratas que guardavam as fórmas antigas e santas fundem-se na inercia igualitaria das barras; e estrutura já consumada do universo parece voltar ao caos para desse sonho noturno e ajitado sair e despertar numa grande e nova resurreição.

« Sê immovel, diz ainda o poeta, sê immovel e sereno dentro da eversão universal. O menor movimento de cada um augmentaria e propagaria a catastrofe. Aquelle, porém, que se conservar tranquilo poderá na solidão e de si proprio criar um mundo. »

Por isso, eu digo : — a vida, talvez o progresso, é o preço e a vitoria de todos os exterminios e é a primeira metempsicose de cada ruina. Aproveitemos o tempo para celebrar os nossos demiurgos e compor-lhes as ultimas feições na inmortalidade. Não sei: não me julgo bastante convencido de que a civilização seja « a obra das aristocracias intelectuaes », e seja a flor da laborioza evolução do patriciado humano. Não o será, ao menos por todo

a parte, nem em todos os tempos. Penso, todavia, que a literatura tem uma grande significação humana e civil, e que o prestijio da idealidade pura basta para aniquilar todos os desdens dos profissionais, todas as ironias infecundas dos homens praticos. A nós cabe defendel-a desses ultrajes vulgares e preparar-lhe um azilo no meio de todas as convulsões da vida. Sinão um azilo, ao menos um tumulo digno.

BAGATELAS LITERARIAS

O poeta Chiado. Gregorio de Matos e o padre Manuel Bernardes, etc.

I

ALGUNS DITOS DO POETA CHIADO

O ilustre e fecundo escritor portuguez Alberto Pimentel vulgarizou as *Obras* do poeta Chiado em edição popular e estimavel (1). Não poude havel-as, todas mas nunca deixou passar o ensejo de pesquizal-as e tornar mais completa e acabada a sua empreza. Assim, publicou mais tarde algumas investigações novas sobre a vida e escritos do famozo poeta (2) e sabemos ainda que atualmente se ocupa da edição do auto ultimamente achado e que se julgava perdido o *Auto da natural Invenção.*

Pouco falta agora á edição das obras completas do Chiado: um fragmento de importancia o *Auto de Gonçalo Chambão;* mas é bem possivel que seja encontrado em qualquer das bibliotecas portuguezas ou peninsulares, pois teve sabidamente

(1) *Obras do poeta Chiado*, colijidas, anotadas e prefaciadas por *A. P.* — *Lisboa*, 1889.

(2) A. P. *O Poeta Chiado* — Lisboa.

tres edições, em 1613, 1615 e 1630 e talvez outras ainda.

Na epoca de Camões foi o poeta Chiado a mesma personajem dezenvolta e temida, como o havia de ser Bocage, tres seculos depois. Com a diferença porém, de que o Chiado era frade e na sua epoca os tribunais da Inquizição exerciam despotica autoridade sobre todos os homens.

Quando, ainda não ha muitos anos, aceitei a tarefa de dirijir uma modesta reimpressão da *Arte de Furtar*, escrevi, de caminho, que no livro hoje assaz raro *Divertimento de Estudiozos*, especie de anedotario escrito e publicado por Jozé Marques Soares (1) se deparavam alguns ditos do Chiado, naturalmente colhidos da tradição popular.

Como os passos d'esse curiozo livrinho quazi desconhecido podem contribuir para caracterizar na lejenda ou na historia a fizionomia jogralesca do frade poeta, aqui os transcrevemos.

I (Pj. 37. — n.º 81 do segundo tomo) :

— Estando o Chiado á janela, passava um amigo seu, criado de certo Cavaleiro muito escasso, e pediu-lhe que subisse. Respondeu-lhe elle que ia para S. Braz e que não se podia deter. Disse-lhe o Chiado : — *Ora subi, subi, que em quanto viverdes n'essa caza, seguro estaes de vos afogardes.*

II (Pj. 133, nº 342) :

Um homem que havia chegado de Castela estava contando que as compozições de certos letrados se

(1) Lisboa — na Of. de Domingos Gonsalves MDCCI.

haviam com elles queimado por hereticas. Achava-se prezente o Chiado e disse : — *Sempre entendi que as obras d'esses homens haviam de sair a lume.*

III (Pj. 134, nº 344) :

O *Chiado*, sendo frade, entrou em uma loja da rua Nova, ficando fóra o companheiro, a quem o mercador disse que entrasse tambem; mas o Chiado não o consentiu, dizendo-lhe : — *Deixe-o que está por boia, para que por elle me busquem.*

IV (*ibid.*, nº 345) :

Encontrando um pescador cego de um olho com um solho na mão, disse-lhe : *Quanto quer por ess' olho?*

V (*ibid.*, nº 346) :

Estando o Chiado com um amigo, lhe perguntou este que casta de juizo teria um homem que viam ao lonje. Respondeu-lhe o Chiado :
Chamemol-o que elle *no lo* dirá (1).

II

O PADRE MANOEL BERNARDES E O POETA GREGORIO DE MATOS.

Na sua incomparavel *Nova Floresta* refere-se o oratoriano portuguez a uma das mais belas compozições do poeta baiano.

(1) Como era da moda a lingua castelhana, o equivoco ou trocadilho devia ser de facil intelijencia.

Gregorio de Matos gozava de segura reputação em todo o Portugal onde corriam manuscritas e se conservavam de memoria os seus versos e os seus repentes. Mas é possivel que atendendo ás liberdades e ouzadias dos versos não raro fecenninos e torpes do poeta, não quizesse Manoel Bernardes nomeal-o aforradamente.

O mistico autor da *Floresta* refere-se apenas vagamente ao poeta sem lhe declinar o nome, e em termos que quazi ajudam o retrato fizico de Gregorio :

« Conhecemos aqui em Lisboa *um homem* que glossava motes (por dificultozos e paradoxos que fossem) sem deter-se mais do que emquanto corria a mão pelo bigode torcendo-o na ponta. Uma vez lhe propoz o Marquez de Fronteira o seguinte mote :

A mais formoza que Deus.

E elle lavantando os olhos pensativos, e fazendo a ação costumada, saiu logo com a seguinte *glossa :*

Com duas donzelas vim,
Hontem d'uma romaria :
Uma feia parecia,
Outra era um serafim.
E vendo-as eu assim
Sós, sem os amantes seus,
Perguntei-lhes : Anjos meus,
Quem vos poz em tal estado?
Disse a feia, que o pecado,
A mais formoza, que Deus. »

Nova Floresta — IV, 48.

A versão do manuscrito que possúo é diferente e não é inutil rejistral-a porque os versos são realmente mais perfeitos :

A mais fermoza que Deus.
Gloza.
Eu com duas damas vim
De uma certa romaria :
E uma, feia em demazia,
Sendo a outra um serafim.
E vendo-as eu vir assim
Sós e sem amantes seus,
Lhes perguntei : Anjos meus,
Quem vos poz em tal estado?
Disse a feia — que o pecado —
A mais fermoza — que Deus.
fol. 66 v.

Este excerpto do Padre Manoel Bernardes presta-se ainda a algumas inferencias curiozas. É sabido que Bernardes não poude acompanhar a impressão desta sua obra : começada a imprimir-se em 1706, logo dois anos depois perdera o autor a luz da razão e caira n'aquella lobrega agonia que só havia de terminar com a morte. O trecho que inclue a gloza de Gregorio de Matos saiu postumo, no IV volume da *Floresta* em 1726.

Sabe-se pelos editores da obra que a *Nova Floresta* teve duas sucessivas redações; na primeira o contexto era abreviado, na segunda houve grandes ampliações que Bernardes estendeu até o titulo *Dadivas* que figura exatamente no tomo quarto.

Tudo faz crêr, porém, que o trecho referente a Gregorio de Matos veiu composto desde a primeira redação manuscrita. Gregorio de Matos repatriou-se e voltou ao Brazil em 1681 já de idade madura e depois de ter em Lisboa adquirido grande popularidade. Ora, de pouco antes devia datar aquele *conhecimento* pessoal de Lisboa de que fala o grande classico porque Bernardes acabara os seus estudos em 1674 e só entre 1674 e 1680 é que ambos se podiam ter visto.

Mais tarde, ao refazer o texto da *Nova Floresta*, o que seria pouco antes de dal-o aos prelos em 1708, já o discurso de tempo era assaz longo, e nem é plauzivel que na congregação do Oratorio ou alhures, quizesse ou podesse manuzeiar algum manuscrito do poeta.

As variantes da gloza em Bernardes não passam acazo de pequenas infidelidades da memoria.

Foi Gregorio de Matos acerrimo desprezador de *parvenus*. E com o seu genio a que não escapavam os ridiculos do tempo, nada lhe poderia melhor afiar a veia satirica que a fidalguia improvizada dos adventicios que no Brazil enriqueciam subitamente e do mesmo passo garatujavam pergaminhos e falsificavam prozapias honradas.

A terra é para os bizarros
Que vem da sua terrinha
Com mais gorda camizinha
Que um traquete...

. . . .

Sendo dois anos corridos
Na loja estão recostados
Mais doces e afidalgados
Que os mesmos Godos.
I, 103.

D'esses *mazombos* é que se forma a prole caldeiada, ainda mais insolente e altiva e cheia de fumos pela antiguidade dos avós... que quazi todos dormem aí em *igaçabas* funereas no romoto e bravio sertão.

Como quer que seja, nada então como hoje melhor conviria á satira do que os mulatos afidalgados e os barões goticos de formação indijena.

Foi de certo a um d'estes que enderençou Gregorio de Matos o seu famozo soneto, entremeiado de vozes indijenas e que tanto correu mundo.

D'elle conheço varias versões em escritores portuguezes : a que foi publicada na *Hora de Recreio* de João Batista de Castro (1742 e 1750); outra que se depara em ineditos do Bispo do Grão Pará, e varias reproduções de menor credito.

A estas ajunto a lição de um manuscrito que possúo, por letra do seculo xviii, onde se reuniram compozições do poeta, do seu amigo Tomaz Pinto Brandão e de alguns poetas seicentistas.

A *Hora de Recreio* é uma obra curioza em que se encontram á primeira mão varias produções até aquelle tempo inéditas. N'ella sairam pela primeira vez alguns excerptos da *Arte de furtar* e ainda o soneto de Gregorio de Matos que em seguida reproduzimos :

Ha coiza como ver um *Payayá*
Mui prezado de ser *Caramurú*,
Decendente do sangue de *Tatú*
Cujo torpe idioma é *Cobepá*? (1)

A linha feminina é *carimá*
Moqueca, *petitinga*, *cararú* (2),
Mingau de *puba*, vinho de *cajú*
Pizado n'um pilão de *Pirayá* (3).

A masculina é um *aricobé*
Cuja filha *Cobê* um branco *pai* (4)
Dormiu no promontorio de *Passé*.

O branco era um marau que veiu aqui,
Ella era uma india de Alaré (5)
Cobepá, *aricobé*, *Passé*, *Pai* (6).

A genealojia do fidalgo fica assim estabelecida: era do tipo do cabocolo e mameluco e só por afinidade aparentado com um marau branco (ultimo terceto).

Os vocabulos exoticos que ocorrem no soneto

(1) Manuscrito *Cobessá*.

(2) Variante do *Manuscr*.... *cororú*.

(3) Var. *Pilado* n'um pilão de *piraquá*.

(4) O manuscrito diz *Pahy* n'este e no ultimo verso, o que talvez indique a pronuncia do indio. Em qualquer cazo, ficam defeituozos os dois versos que, todavia, deveriam ser agudos atenta a rima *aqui* do ultimo terceto.

(5) Assim está na versão da *H. de recreio*. Mas é erro de leitura do manuscrito. Deve ler-se *Maré* e refere-se aí o poeta à ilha da *Maré*. São nomes locaes *Passé* e *Pirajá*.

(6) O manuscrito diz de novo — *cobessá*, por erro do copista; e ambas as versões incluem *cobé* no ultimo verso depois de *aricobé*, o que não pode ser.

são tupís, do que daremos aqui um pequeno glossario.

Payayá É o *pajé* ou *piaga* tão frequente nas poezias de Gonçalves Dias e de outros escritores de quando foi moda o *indianismo* na literatura. A forma *piaga* é de defeituoza leitura. Significa o feiticeiro, indio velho e de autoridade na sua tribu.

Caramurú. Peixe conhecido, especie de enguia. O nome tornou-se proverbial e historico por haver sido a alcunha de um dos primeiros povoadores da Bahia, Diogo Alvares. Mais tarde (e ainda hoje) os mamelucos, que timbravam decender das melhores e mais antigas familias, diziam-se netos do *Caramurú.*

Tatú. É o nome de um edentado das nossas florestas ; e como era comum, entre os indios podia ser o nome de qualquer d'estes. E talvez se refira o poeta a um famoso principal dos indios que foi conhecido pelo nome de *Porquinho*, segundo a tradição, (de Fr. Vicente do Salvador na sua *Historia* do Brazil) de *tatú* ou *caitetú*, na epoca do governador Luiz de Brito.

Cobepá. É o nome que no tempo e lugar se daria ao dialeto da tribu *Cobê* que habitava as cercanias da cidade. *Pá* é a propozição ou antes propozição afirmativa = sim. Essa expressão ainda foi uzada por Gregorio de Matos em outros versos seus. Uza-se nas interrogações.

Carimá ou *carimã.* É o bolo feito da mandioca

puba, isto é, posta de molho. Utilizada para o *mingáo*.

Moquéqua. Iguaria de peixe cozido ou guizado.

Petitinga. Uma especie de peixes pequeninos, quazi sardinhas.

Cararú e *carurú*. Erva comestivel e tambem a iguaria que d'ella se faz com outros condimentos.

Puba, mole ou amolecida. Veja acima *carimá*.

Pirajá é um lugar da Bahia.

Aricobé e *Cobé*. Nones dos indios projenitores do *Payayá* a que se refere o poeta.

Maré. A ilha da Maré na Bahia ; e não, *Alaré*, como está em varias lições.

O soneto de Gregorio de Matos obedece ás regras de uma formula antiga que tem a sua historia. Não ha a menor duvida de que das saladas comestiveis é que se tiraram por metafora as *saladas* mais ou menos literarias, como a destas enjoadas pajinas.

Com tudo, o sentido é menos translato do que comumente se acredita. A *salada* verdadeira não é tam compozita e variegada : apenas uma hortaliça partida em pequeninos, com o respectivo tempero. A verdade é que os tecnicos da arte poetica antiga aplicaram a denominação de *salada* a uma especie outr'ora em voga de entremeiar versos em varias linguas n'uma só compozição, em redondilhas :

Dejadle llorar
Orillas de la mar,

Este belo infante
Pue veis reclinado
En el portalejo...
Dejadle llorar
Si vous pleurez pour moi
Pleurez, pleurez;
Não choreis meus olhos,
Depois chorareis...
Etc.

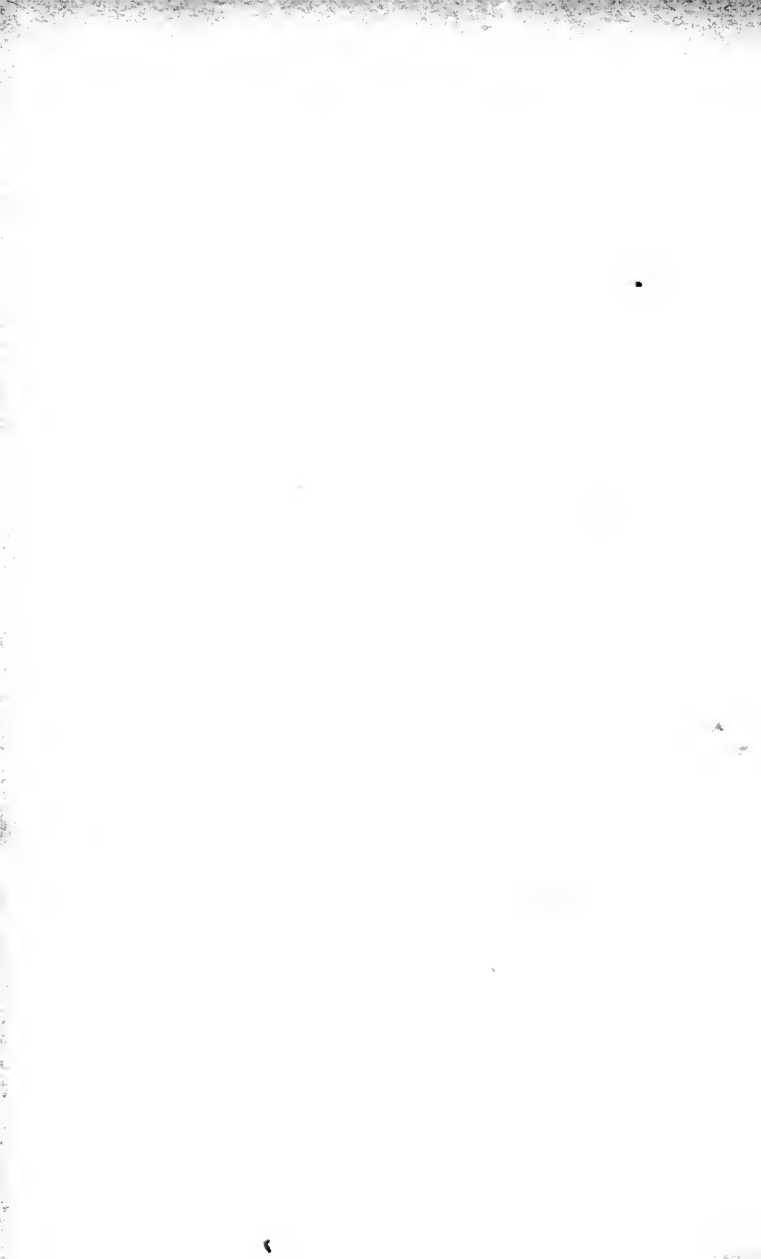
Este exemplo está em Bluteau que o tomou da *Arte Poetica* de Juan Diaz Rengifo (ocorre a pjs. 138-140). Os espanhoes denominam *Ensalada* essa especie e d'elles passou a moda aos portuguezes.

O soneto de Gregorio não é precizamente o exemplar tipico.

Como quer que seja é evidente o mau gosto de taes compozições.

Ficou assim a expressão *salada*, muito aplicavel a quaesquer compozições mal compostas de elementos sem congruencia.

E creio mesmo que de *salada* é que facilmente se formou o sentido igual de *salsada*, tal se vê do poema heroi-comico da *Agostinheida* :

Verás que em vil, torpissima linguajem,
Comporá outra *metrica salsada*
Que chamará poema ou Burricada....
Canto IX, pj. 148.

SOBRE A INTELIJENCIA

DE ALGUMAS FRAZES CLASSICAS

I

Correspondendo a sujestões que me foram feitas por eminentes escritores, pretendo nas linhas que se seguem, dezenvolver, muito á flor, algumas considerações acerca de conjecturas que aprezentei ao tratar de algumas frazes vernaculas (1).

Uma d'ellas é o — *Não ha mais Flandres* — que apezar de obsoleta parece ainda capaz de rejuvenecer. Efetivamente, o mais copiozo dos nossos dicionarios, o de Candido de Figueiredo, rejistrou (e foi o unico, suponho) aquela expressão colhendo-a de autor contemporaneo (2).

Alberto Pimentel teve, ha algum tempo, a gentileza de comunicar-me que achou a locução no *Auto* inédito do Chiado de que vae fazer edição, proximamente. Mas, não lhe pareceu que as minhas conjecturas n'este ponto bastassem para o esclarecimento do problema. Assim, voltei

(1) Nas *Frazes feitas* (I serie) 1908 — pjs. 228 e ss.

(2) O trecho que dá o *Novo Dicionario* foi tomado ao *Fabulario* de O' Neill : « Não ha melhor *flandres !* vida alegre e dissipada para uns, e quem trabalha que pague os desvarios dos outros. »

Este uzo será talvez mera reminicencia de leituras classicas.

a estudal-o um momento, e, de caminho, sujeri ao eminente homem de letras que verificasse se na antiga topografia de Lisboa havia qualquer lugar com o nome de Flandres.

Rezultava a sujestão de ter sempre havido mercadores flamengos com trato em Lisboa, e ainda de um passo de poeta seicentista da *Academia dos singulares* que descrevendo varias ruas e lugares da cidade (o *Pocinho, Estrela, Oiteiro, Casa da India, Atalaia* etc.) ajuntava :

> Será o *Canal de Flandres*
> A sua bela garganta...
> *Acad. Sing.*

Acredito, entretanto, ser este facto de nenhuma importancia para o cazo.

A segunda locução ou antes simples vocabulo é o *ramerrão* ou *ram-ram* (como ha quem escreva) de etimolojia ainda não averiguada. Gonçalves Viana, a quem principalmente devia interesar a conjectura que propuz, tambem não a achou aceitavel e preferiu conservar a que elle já havia proposto nas suas *Apostilas*. O seu parecer, de subido quilate e sempre de valor para mim, incitou-me a examinar a questão, conforme se ha de ver a diante.

A terceira é ainda a ampliação de uma fraze hoje quazi em dezuzo, ainda que foi de constante meneio em outros tempos. Sujeriu-m'a um dos mais belos ornamentos do Brazil de hoje, o eminente escritor nosso, Alberto de Faria.

Reunindo-as aqui presto ao mesmo tempo modesta homenajem a aquelles tres intelectuaes que honram a literatura comum.

II

SOBRE A INTELIJENCIA DA EXPRESSÃO CLASSICA *Não ha mais Flandres.*

Já tive a oportunidade de estudar esta fraze que se depara assidua nos quinhentistas e seicentistas, locução curioza de sentido fugaz e escorregadiço.

Disse, então, que devia significar *muito provavelmente riscos e perigos*. Era o que podia inferir dos exemplos que colhi pacientemente de varios autores da epoca.

Sem renunciar a essa explicação que me parece satisfatoria para os muitos e varios cazos em que se depara, convenho entretanto não bastava entendel-a para que a orijem historica se antolhasse clara e explicita.

Pesquizas ulteriores apontarm-me a resultados novos.

Desde o imperio de Carlos V foi Flandres para os peninsulares um campo de batalha. É claro que ali se corriam *riscos* e *perigos*, como dizia a minha glozá, mas tambem, e consequentemente, ali é que se ganhavam as glorias e a boa fortuna das grandes aventuras.

Ora, isto pode ser atestado pelo ditado caste-

lhano — *Meter una pica en Flandres* — que envolvia a mesma vangloria que *meter uma lança em Africa* — segundo a locução vernacula.

Na lingua nossa bastava e ainda basta dizer elipticamente — *uma Africa* — para indicar uma proeza, façanha, coiza dificil ou rara.

Da mesma arte se disse — *uma India* — e é claro que se aludia a qualquer feito heroico.

Isto posto, no tempo em que o castelhano é quazi domestico, a concluzão necessaria é que o ironico — *não ha mais Flandres* — equivale a dizer não ha maior proeza nem façanha, não ha mais aventura que admirar ou elojiar.

O exemplo já citado de Camões é particularmente expressivo nas palavras do amante ofendido.

> E eu *não quero mais Frandes*

Mas ha outros. Na *Ulizipo*, encarece uma personajem :

> E aveis que é isso pouco ; não
> Queria eu mais Flandres.
>
> pj. 196-Cf. pj. 251.

Nas *Obras* de Gregorio de Matos, que é do seculo seguinte, encontramos exemplo ainda mais favoravel á dedução do sentido :

> Geralmente é mui *custozo*
> O conchego das mulatas,
> Que se foram mais baratas
> *Não ha mais Flandres...*

Isto é, a façanha seria nenhuma ou não seria nenhuma Africa.

De que *Flandres* aí reprezenta como sempre o sentido de mór proeza e heroismo, ha a confirmação na ironia de um poeta da *Fenis renacida* que acha ridiculos os mil louvores dados a um fidalgo por haver matado um leão, e pergunta apropozitadamente :

> Que *assalto em Flandres*, que rota em dique
> Que expulsão de piratas d'esses mares?
> . . . .
> Se *fama* alançar qués de *valorozo*
> Rompa esquadrões de mouros ás lançadas,
> Não faça c'um bichinho tantos cocos.
>
> V — 234

Em rezumo — *Flandres* é ouzada aventura, façanha, proezas e são tambem os riscos de quem as perfaz. E com esta concluzão que se deduz de todos os exemplos que reuni nas *Frazes feitas* e neste artigo, dou por esgotado o assunto (1).

III

RAMERRÃO OU RAM-RAM

Quando nas minhas *Frazes Feitas* (I serie, 10-11) propuz, conjecturalmente a orijem de *ramerrão*

(1) Nas *Migajas del Ingenio* reimpressão de *colecion rarissima de entremezes* (de Em. Cortarelo) acho o antigo e decizivo trecho, p. 59:

> Pues para ser *hazaña* de las grandes
> Basta haber sucedido junto a *Flandres*.

principiei por não aceitar que a palavra rezultasse da soletração *r-a-m-ram*.

« A menção mais antiga (disse eu) que conheço está nas *Infermidades da lingua* rejistrada como palavra que « se deve emudecer ».

Não creio, pois, que seja anterior ao seculo de seiscentos.

Suspeito que esta forma não é devida á soletração das silabas em ram (que aliáz não são muito frequentes no discurso) para significar, o que de fato significa *ramerrão*: cousa trivial, repetida e corriqueira, habilidade comum, ao alcance de todos.

Não é possivel que se escolhessem estas letras que constituem silaba pouco frequente — *ram* — para dezignar cousa costumeira e de todo o dia.

Julga Gonçalves Viana que *ram-ram* é a mesma palavra indiana rejistrada no glossario de Yule e Burnell; mas essa identidade é fortuita e não ha texto portuguez dos escritores que trataram da India, que abone a expressão.

A meu vêr, o *ramerrão* ou *ram-ram* que se pronuncia *rame-rame* é apenas uma leve corruptela da locução *rama a rama*, isto é, *pela rama*, ou de modo rudimentar. Os versos do *Pranto da Maria Parda* dão uma das formas e sentidos da locução :

> Que quando era o trão e o tramo
> Andava eu de *ramo em ramo*
> Não quero deste, mas deste

Aqui de *ramo em ramo* quer dizer de venda em venda, ou taverna, ou casa. E isto é que é o *ram-e-ram* e equivale ao trivial de varejo ».

A propozito, escreveu-me Gonçalves Viana, a seguinte e breve nota que peço venia para transcrever :

« Continuo a ter por boa a etimolojia que dei a *ramerrão* nas *Apostilas* (1) não obstante o vocabulo ser relativamente moderno, como (*loc. cit*). dissera eu. Nunca que eu saiba se disse em portuguez *rame-rame* ou *ramo-ramo*, mas sim *ramerrão* unicamente.

« Ora, de *ramo* não poderia provir *rão*, seria uma deturpação insolita. Quanto ao *ramo* do *Pranto* de Gil Vicente é sabido que serviam a ainda em Portugal servem de taboleta á porta das tabernas (2) quer nas povoações, quer nas estradas e caminhos; andar de *ramo em ramo* é portanto « correr as tabernas » e isto nada tem que vêr com o sentido da expressão *ramerrão*, repetição costumeira, fastidioza ».

Tambem, a meu turno, não acho as razões suficientes. Não se trata aqui propriamente de transformações foneticas no sentido comum, isto é, da alteração popular de expressões eruditas ou de vocabulos antigos no seu perpassar por muitas gerações.

A fraze é moderna e popular e plebeia desde o berço.

Mas que a ella não opõe a fonetica-*amo*–*ão*, bastaria atentar em *Adão* de *Adamus Amsterdão*, *Abraão* (Abrahamus) e outros que seria fatigante espulgar; recorde-se o *trão* e *tramo*, aqui citado de G. Vicente.

(1) *Apostilas*-II, 337-339.

(2) Não digo coiza diferente, neste e em outros lugares. *Nota de J. R.*

5

E é este o cazo; mas pouco excetuadamente costumo pôr de conserva muitas das razões amparadas na fonetica por serem um refujio conhecido e um *objectionable* lugar comum de contendores.

Não posso concordar com Gonçalves Viana quanto á orijem aziatica.

Até mais vêr, a expressão rejistrada no seculo XVIII será do seculo XVII, quando já o imperio colonial portuguez se tinha quazi reduzido a coiza menhuma ou ao que é, hoje, no Oriente.

Em escritores que tão numerozos estiveram na Azia ou d'ella trataram, nunca, se me deparou o vocabulo.

E ainda mesmo no seculo XVII quando o *chavão* de todas as academias era o chiste, a facecia ou a graça burlesca, entretanto o vocabulo trivialissimo não dà o menor sinal de si.

A supor-se tal vida larvada e oculta durante seculos para emergir no XVIII, melhor fora extirpal-o do arabico onde ha varias formas que se poderiam acazo lembrar : *rãm* e mormente *rasm* que significa vezo, costume, habito inveterado.

Mas não ha etimolojia sem historia; do contrario haviamos de cotejar formas prezenciaes do chinez ou do grego logo ao primeiro desfolhar dos dicionarios.

Se viesse do arabe, devia ser mais antigo, ou havia de entrever-se em qualquer dos dialetos peninsulares.

A priori, tudo leva a supôr que *ramerrão* é um vocabulo idiomatico, não foi importado de alem-

mar, e foi criado no seculo XVIII ou pelos fins do XVII.

Não acceitando a etimolojia de G. Viana, não quero com isto envolver a afirmação de que persisto na simples conjectura que propuz, rompendo lanças por um indicio apenas.

E ainda sob a sujestão do eminente filologo portuguez foi que me determinei a examinar, por outras faces, esse intrincado problema.

O *ramerrão* ou *ram'ram* significa realmente o habito vulgar e costumeiro, e tambem coiza trivial e facil; ou a pouca ciencia e as primeiras linhas de qualquer arte, os *elementos*, o *abecê*. « Sabe ou repete o seu *ramê-ram* ».

Sempre se disse com a mesma depreciação *saber* ou *andar de rama em rama*, superficialmente.

Considere-se a seguinte imajem :

Em quanto assim andardes *polas ramas* não tocareis no tronco do meu sentimento.

Eufrozina — fol. 8 e 8 v.

Da mesma arte que *pela rama* é por alto e mal, o contrario ha de dizer *sob a rama* :

Sou de sua mercê
Muito seu, de *sola rama*,
Prestes — 154.

Ainda de *ramo* derivou *rameiro*. O gavião *rameiro* era uma das especies conhecidas na antiga cetraria (Diogo Ferreira. *Arte da caça* — cap. IV).

Quando Gonçalves Viana opõe que o *ram-ram* da minha etimolojia seria quando muito o « Correr as tabernas » que ha pelas ruas e estradas, pela minha parte não me deixa de impresionar o exemplo que acho em Figueiredo :

> *Eu vou* ca pelo meu *ram*
> *me-ram.*
> Teatro — X — 235.

Vale aqui perfeito movimento.

Não fiquei satisfeito ainda com essa exploração e pois que a pesquiza é ainda mais agradavel que a descoberta da verdade, tomei outro rumo.

Pareceu-me que a soletração *r-a-m rão* não era aceitavel por que esta silaba *ram* não é frequente, não podia, pois, servir de exemplar e tipo ao vezo das repetições.

Não sendo frequente, em principio, podia comtudo sel-o ocazionalmente; por exemplo podia ser o estribilho de uma cantiga popular, ou alguma das silabas finais que por vezes no canto se repetem.

O ditongo *ão* é de si mesmo fastidiozo, salvo o parecer de Conto Guerreiro pue o assemelha ao *ore rotundo* :

> Eu não sei com que razão
> Pertendem que o *ão* se esconda
> Sendo uma terminação.
> Que nunca pronunciarão
> Senão com boca redonda.
> *Epigram.* CXIV-pj. 397.

As cantarolas costumeiras de palavras ficticias não raro se expressam em *ão*, como é o cazo do *Filodemo* em Camões :

— Ti ri ri, ti ri *rão*.
Ato. V — cena 4.

Mas nenhum d'estes cazos poderia servir, e um apenas deixou-me cuidozo e pensativo. Eil-o, breve.

N'estes mesmos começos do seculo XVIII em que aparece rejistrado o vocabulo *ramerrão* (1) foi popularissima em Lisboa uma opera que anda com as do Judeu, a *Ninfa Siringa*, entremeiada como as peça do tempo de cantigas, arias ou modinhas.

A fama da *Ninfa siringa* ainda pode confirmar-se com a aluzão do tempo, que se depara no *Anfitrião* de Antonio Jozé.

É provavel pois que as arias (como hoje os *couplets*) fossem repetidas pelo povo ; e uma d'ellas diz o seguinte :

Senhor Có, *ess*, cos
C, ó, có, *ram me ram*
Não seja asneirão
Marmanjo tolaz...

Que o povo as repetisse não ha a menor duvida, não só porque está na ordem das coizas, como porque d'essa universal popularidade dão atestado um pouco mais tarde os reformadores do teatro a

(1) Nas *Enfermidade da lingua*, 143.

franceza contra o que lhes parecia o mau gosto vulgar (1).

É *possivel* pois que d'esse *rão rão* da cantiga nacesse o vocabulo popular.

É *possivel*, digo eu. Como, porém, achar a prova pozitiva d'essa orijem?

Afinal não ha mais que sair de uma conjectura para outra.

N'esta metafizica das probabilidades pode talvez caber a ponderação do filozofo : *Ignorabimus*!

IV

VICTOR, AMIGOS!

Em excelentes *Notas a Marjem* consagradas a modesto livinho meu, pude avaliar o extranho e subido quilate do erudito escritor que é Alberto de Faria.

Vivendo em cidade remota, mas não alheia ao movimento intelectual (2) nem até ás intrigas costu-

(1) Figueiredo, por exemplo, que se insurge contra essas operetas zurze como ridiculas as arias do *Papão*, do *Anfitrião* (VI, 77, 55 e em repetidos lugares dos suas comedias que miravam a rejeneração do teatro).

É ainda digna de nota a reunião das palavras *chançoneta* e *coscorão* em uma das cartas de Don Francisco Manoel :

> V. Mce me diga como está; se folgou muito: como foi de *chançoneta e coscorão* que é o que importa,
>
> D. Francisco Manoel — *Cartas* — 517.

(2) Aí tambem escreveu recentemente Raoul Soares a sua erudita monografia — *O Poeta Crisfal* — (1909).

meiras, poude elle achar os meios de formar uma individualidade orijinal e a todas as luzes que se considere, de primeiro brilho.

As suas cotas lançadas sem filaucia desvaneceram-me, fossem emendas ou aditamentos, acrecimos, inspirações novas com que se erguia o véo de novas perspectivas.

Não ha nada mais agradavel do que essa colaboração simpatica, e serena, não enlaivada pelo azedume e pelos doestos obliquos da malquerença oculta.

Foi a respeito da fraze antiga *Victor, amigos*, que escreveu as seguintes considerações :

« Na linguajem pebleia rejistrada na INFERMIDADE DA LINGUA (1759) — *leva isto de victor amigos* prezumo que se dirivou de *inter amicos.* »

E em n. a m.ª pj. :

« Li algures (nos seus STUDIEN?) em Carol. Michaëlis a locução — *victus & amicus*, como tomada de Santo Agostinho ». (1)

Victus & amicos não fortalece a conjectura de que

(1) Das *Frazes feitas* (I serie) pj. 189. Indiquei a fraze de passajem e em conjunto com outros latinismos. O trecho de Carol. Michaëlis está efetivamente nos seus *Studien zur romanischen Wortschöpfung* (1876); citei de memoria e pouco apropozitadamente. A eminente doutora referia-se apenas á aparição das rimas na decadencia extrema do latim : *victus e amictus, erroribus terroribus* (pj. 26); provavelmente eu teria tomado nota que não pude verificar, pois aquelle excelente livro, um dos primeiros, mas já vigorozos da eminente Senhora, tem trezentas pajinas, mas sem capitulos e sem indice qualquer. Toda verificação de leitura ou nota ali colhida é dificilima e quazi impossivel, na multidão de fatos ali estudados (J. R.).

victor, em « victor amigos » (falta uma virgula após o primeiro termo), seja tradução macarronica de *inter*, de « inter amicos ».

Aliás, essa phrase attribuida ao doutor da Igreja podia abrir luz, que conduzisse a solução do problema, pelo adjectivo que a inicia, de *vinço* : o *victor* dos espanhoes e nosso não é mais nem menos que o sub. com. masc. latino assim escripto, de *vincere*.

Si o pesquizador fosse por ahi, ouviria como um canto de bom augurio o *Ritorna vincitore*, da Aïda...

O vocabulo, considerado plebeismo por M. Payva, o não sibyllino, mas sibilante *Silverio da Silveira e Silva*, tam bem me fez especie pelo emprego, quando o vi nas Obras completas do poeta barbeiro Antonio Joaquim de Carvalho, publicadas em Lisboa no ultimo quartel do seculo XVIII.

Do t. I dellas transcrevo os exemplos infra reunidos, conservando-lhes a pontuação :

> Victor serio, senão chamo o dos chuços, pg. 12.
> Com voz fanhosa clama : Victor serio! pg. 12.
> Ora, victor feição : basta de arengas, pg. 13.
> Já todos gritam : Bravo, Victor velho, pg. 13.
> Victor serio, Senhor, victor feição, pg. 25.

Um interessante cap. das Tradiciones y articulos historicos, de D. Ricardo Palma, Lima, 1899, esclarece bem o ponto.

O A. começa por falar da orijem :

« É aqui uma palavra (*vitores*) que alguns crêm limenhismo puro; mas encontramol-a consignada no primeiro diccionario da lingua e nas edições successivas. Calderon e Lope de Vega a empregaram em suas comedias, pondo-a na bocca dos estudantes de Salamanca e Alcalá de Henares, e ainda a palavra *cola* applicada aos vencidos em um certamen. Dominguez affirma que, para suavizar a pronunciação se diz *vitores*, em vez de *victores*, e não acceita a voz no singular.

Fique a questão de pê, para que a decidam os academicos ». Pg. 217.

Percebe-se desde logo que *victor* era o *victorioso*, em opposição a *cola*, o *vencido*.

A expressão de que se trata passou dos estabelecimentos profanos aos religiosos, denominando um genero de poesia.

Nas eleições de abbadessas e abbades, o povo recitava coplas, em louvor dos pleiteantes vencedores, ou deslouvor dos vencidos, ao mesmo passo que fazia resoarem cascaveis, pandeiros e matracas.

Os *victores* pertenciam já, assim, ao *folk-lore*.

O escriptor peruano, sem poder determinar a época em que se introduziu o costume na sua patria, assegura, entretanto, constar que em 1617 se cantava alli, no mosteiro das bernardas da Trindade :

> Vitor la madre abadesa,
> Modelo de santidad!
> Vitor la lega e profesa!
> Vitor la comunidad!

As freiras clarissas tinham este villancico para certas estas internas :

> Vitor, vitor las llagas
> De nuestro padre San Francisco!
> Una, dos, tres, cuatro, cinco!

E as seculares, em côro :

> Alegrémonos, alegrémonos,
> Porque és bien que nos algremos.

Por ordem superior, de 31 de dezembro 1786, communicada ao vice-rei Croix, prohibiram-se os *victores* nas eleições de abbadessa.

Dos conventos femininos é que se transferiu o costume aos masculinos.

Em 1709, no capitulo dos agostinos, disputaram o triumpho os monges Alejandro Paz, sevilhano, e Pedro Zavala, biscainho.

Quasi se *desmanchou o capitulo*, tal a furia dos eleitores.

A um boato de que vencera o primeiro, os respectivos caudatarios extraconventuaes romperam atroadoramente :

« De Sevilla fué el olivo
Primeiro que vino acá.
Vitor, por Sevilla! Vitor!
Vitor, por el padre Paz ».

Mas, pouco depois, proclamou-se a verdadeira noticia, e então bradaram os sequazes do segundo :

« De Vizcaya la mui noble
nunca vino cosa mala
Vitor, por Vizcaya! Vitor!
Vitor, el padre Zavala ».

Em 1804, germinado já o sentimento de nacionalidade, viu-se eleito fr. Cipriano Gerónimo Calatayud, limenho.

Festejaram-n'o assim :

« Vitor el padre
Calatayud,
Faro de ciencia,
Sol de virtud!

Vitor el padre
Calatayud!
Vitor, hermanos,
Por el Perú! »

As coplas de *victoria ou victores* desapareceram da republica sul americana desde cerca de trinta annos. »

Não ha nada que contraditar a essas curiozas e instructivas ponderações.

O que a mim, me surpreendeu, foi o não ter atentado na locução, que é comunissima nos seculos XVII e XVIII; a todo o momento podia eu conhecel-a nos proprios escritores que me serviram de autoridades no texto das *Frazes feitas*. Completo, aqui, essa lacuna.

Servirá ao dicionario historico e etimolojico da nossa lingua quando for feito e para o qual tenho contribuido de alguma sorte com as minhas enfadonhas parlandas.

O *Victor, amigos!* era a interjectiva com que se aclamavam os oradores no seculo das academias. Começou, pois, com as letras de seicentos.

N'esse periodo é consideravel o numero de referencias.

Já entre os quinhentistas se depara uma ou outra formula diferente como a de — *Viva quem vence!* (da Ulizipo III, cena 6), que é um preludio da locução que havia de ser consagrada na peninsula. Dezenrolemos alguns exemplos carateristicos, que confirmam as ponderações de Alberto de Faria.

Na *Academia dos Singulares* :

> Já cheguei ás treze coplas
> Quando um *victor* não mereça...
> I, 295.
>
> *Victor*, senhor Presidente,
> Vossê nesta casa orando?
> II, 236.

Quem foi dizer *viva, vica*,
Nesta ocazião os meninos,
E tambem hoje o Congresso,
Não me dirá *victor, victor*.
II, 279.
Victor, discreto Serrão,
Se é que vos posso aplaudir.
II, 371.
Ora em fim, vençam pezares,
Tenham *victor* neste dia.
II, 416.

Na *Vida de Ezopo*, de Antonio Jozé, a expressão ocorre duas vezes :

(Gritam todos :)
— *Victor*, la vem o bebedor dos mares.
Esopaida I, cena V.

O segundo exemplo é mais carateristico :

— *Victor* Xanto!
— *Victor* Ezopo!
— *Victor* eu e *victor amigos*.
Ibid., I, V.

Os *Encantos de Amor* de Alexandre de Lima, opera incluida na coleção do *Teatro comico portuguez* (1) terminam por esta quadra :

Pois de aplaudir-vos já logram o fim
Estes obzequios que a idéa formou,
Um *victor* vosso mereçam aqui
Hoje estes novos Encantos de Amor.
Teatro Com. III tomo, 371.

(1) A peça é um *arreglo* de outra espanhola. Cito a edição de 1760.

Em um *romance* da *Fenis renacida* :

Pois cada um dos que falta
De mil *victores* é digno.
Fenis, IV, pj. 197 (2.ª ed.).

E nas poezias de Tomaz Pinto Brandão :

Victor glossa : fechou com bem rigôr.
O lá, dêm de beber ao glossador.
Pinto Renacido, pj. 120.

Na peça *Assemblea* de Garção :

Victor serio, senhores! versos, versos!
Obras poeticas, II, 177.

Em Frei Lucas de S. Catarina a forma popular e plebeia que rezultou d'aquelle latinismo : De *victor*, pronunciado *victór*, o povo fez *vitró* ou *vitaró :*

Andavam os rapazes da vizinhança com os seus capacêtes de papel, em cavalos de cana; e, correndo, estrujiam a rua com o seu *vitaró*, *vitaró :* não havia quem se entendesse e era coiza de grande gosto.
Anat. Jocozo II, 179 (ed. 1753).

A expressão vulgarizou-se no seculo XVI com as academias e com o costume dos temas tratados em comum pelos poetas, um dos quaes, por vezes, levantava o premio de vencedor.

A aclamação caiu em ridiculez, logo depois.

Nos entremezes e farças de cordel, tão nume-

rozas no seculo XVIII, a todo o propozito com a mesma frequencia se depara esse modismo. Certificam-n'o os exemplos :

Do *Quem quizer rir pague e leia* ou os *Freguezes do Cais do Sodré :*

— A falar verdade, ellas têm razão, pois são de nós muito maltratadas.

— Amigo, *victor serio;* deixemos nós o cais do Sodré e voltemos para nossas mulheres.

In fine, pj. 16.

No *Alardo na Aldeia* (*1*) :

— *Victor serio! victor serio!*

— Vem rapaz e toma sentido para quando tiveres o meu cargo te saberes haver. (Pj. 13.)

Na *Mestra Abelha :*

— Ora sabe que mais? Não seja asno... ouviu?

— *Victor* serio. Nada de correaria. Eu bem sei que ninguem gosta que lhe chamem aquilo que é.

(Cena V.)

Recapitulando os diferentes empregos e aplicações que recebeu o *modismo* parece que a principio era voz de aplauzo e aclamação e depois, voz de comando ou para impôr silencio a qualquer companhia ou ajuntamento; pois que, por facil translação, equivalia a dizer : *Está acabado, não ha que retrucar!*

(1) Por A. da S. L. (?) como se lê no frontispicio do *pliego suelto.*

Conviria examinar se a expresão dezapareceu de todo. No uzo assiduo e vulgar é certo que devia ter dezaparecido; mas não de todo.

Quazi sempre no *folk lore* que é o mundo dos *survivals*, entre esquecidas camadas, lá se vai descobrir entranhada a fujitiva.

Vamos encontral-a entre as formulas e fechas das historias populares. Rejistrou-a o ilustre etnologo portuguez, o Dr. Leite de Vasconcelos (1) sem todavia relacional-a á sua antecedente historica:

Victoria, victoria.
Acabou a historia.

ou ainda:

Adeus, ó *Victoria*,
Acabou-se a historia.

Com perdão de todos os fonetistas do mundo, esta *Victoria* é seguramente o mesmo *Victor* com que se dava grado a todas as justas oratorias.

(1) No vol. II dos *Ensaios etnograficos*, pj. 221.

GUSTAVO FREYTAG

GUSTAVO FREYTAG (1)

FRAGMENTO

Gustavo Freytag naceu a 13 de Julho de 1816 em Kreuzburg na Silezia e decendia de uma familia de burgomestres e pastores. Ainda que a propria tempera dos silezianos seja alegre e jovial, era elle um triste e um melancolico; a adolecencia e a infancia nelle decorreram de modo pacifico e metodico e mais parecera que sua vocação como a dos avós seria a do funcionario provinciano. Não obstante, posto que não fosse nobre, elle tinha no mais alto grau o sentimento da dignidade pessoal e tinha-se mesmo na conta de aristocrata. Varios passos da sua vida poderiam demonstral-o; o seu livro de recordações — *Erinnerungen aus meinem Leben* — está todo cheio desses assomos de amor

(1) A propozito da tradução portugueza do *Deve e Haver*, Rio, 1899 (A tradução feita sobre a franceza, é detestavel e sem nenhum merito literario).

proprio, sempre solicito em lembrar que seus pais eram *Honoratioren* e nunca podendo perdoar na sociedade o esquecimento da hierarquia. Compreendemos nós outros no Brazil esse sentimento que sempre foi qualidade dos nossos oligarcas; os filhos de barões e viscondes, a todo sério, andam um palmo acima do solo e olham benevola e paternalmente para a galeria democratica.

Era este o cazo de Freytag.

Entretanto, a sua tempera era tão profundamente liberal que foi elle um dos que mais trabalharam para destruir a barreira posta pelos preconceitos entre a burguezia e a aristocracia de sangue e foi com esse espirito de prozelitismo que elle escreveu o *Deve* e o *Haver*, que é uma apolojia do trabalho do comercio e da vida burgueza.

Nada indicava em Freytag quando ainda adolecente que nelle havia de brilhar a centelha do genio. Nenhum prenuncio dos instintos do publicista ou do poeta; nenhuma precocidade, nenhum rasgo de paixão ou de cepticismo. Tudo nelle era a mediania, a mediocridade insignificante e apatica; assim atravessou a escola e os primeiros anos do ginazio.

Por esse tempo morava conjuntamente com um velho tio celibatario e essa solidão exacerbava a sua natural melancolia. Foi nessa epoca que lhe caiu nas mãos por acazo um romance de Walter Scott; o encanto que lhe produziu foi indescriptivel e o grande mago escossez pareceu-lhe ser a unica alma humana que o compreendia e o reve-

lava e com quem valeria a pena comunicar-se. Ainda porém esse entuziasmo foi esteril, e Freytag aos 19 annos entrava as portas da Universidade de Breslau como a numeroza prole dos filisteus, anonimo e desconhecido.

Aí porém se-lhe dezenvolveu um grande ardor de erudição e de ciencia; dedicou-se á filologia classica, e com Hoffmann v. Fallersleben consagrou-se aos estudos da Alemanha medieval, ás antiguidades germanicas. De Breslau passou a Berlin onde encontrou um mestre em Lachmann como o ideava o seu coração, e aí concluiu os seus estudos com uma dissertação — *Sobre os começos da poezia dramatica entre os alemães.*

Este trabalho e mesmo a sua habilitação a *privatdocent*, aos 23 anos, de lingua e literatura aleman, e a qual não passou de simples titulo honorifico, apenas o recommendavam a pequeno circulo de eruditos ou de amigos. Não havia injustiça nesse olvido; a dilijencia e ilustração de que elle era capaz podia ser disputada por grande numero dos seus conterraneos.

Os seus estudos da poezia dramatica aleman tentavam-lhe o espirito; convenceu-se de que poderia escrever uma obra d'arte nacional, conhecendo como elle conhecia toda a cultur-historia da sua patria.

Havia a intendencia do *Hoftheater* em Berlim instituido um premio; que se consignaria á melhor comedia que lhe fosse apresentada. Freytag concorreu a esse premio; não que o pretendesse;

mas já possuindo escrita uma comedia que elle temia dar á publicidade, entregou-a anonimamente a essa prova. A sua comedia *A' procura de noiva* (1) foi premiada, embora o concurso repelisse o genero historico, e teve um sucesso inesperado. Entretanto este sucesso todo popular não se justificava diante da critica. A obra traía o cunho juvenil da inexperiencia, ainda que nella superabundasse a vida e o movimento. Freytag reconheceu, como mais tarde elle proprio confessou, que uma obra dramatica não se faz apenas no gabinete; é preciso conhecer a cena, os segredos da tecnica do teatro e mesmo frequentar os bons atores. Sem esse comercio, toda a previdencia teorica falha absolutamente na execução; e disso era elle o melhor exemplo, porque ninguem melhor conhecia a literatura dramatica aleman, que estudava desde os primordios da sua carreira universitaria, mas estava na situação de um muzico que jamais poderia escrever uma opera sem conhecer os recursos varios dos instrumentos e das vozes.

Esta convicção impelliu-o a frequentar os circulos de artistas dramaticos em cuja sociedade encontrou afeições e simpatias.

Ao passo que no escriptor se evolviam e expandiam a sua força creadora e o fruto de sua erudição, lá fóra na vida nacional e politica da Alemanha a onda dos descontentamentos crecia temeroza e aproximava a crize revolucionaria do ter-

(1) Sob o titulo *Die Brautfahrt oder Kunz von der Rosen.*

ceiro estado. Depois do *Governo da libertação* se havia repetido o mesmo fenomeno de cansaço que sucedeu ás lutas prolongadas da chamada *Guerra dos trinta annos;* o povo tinha-se empobrecido e caido em quasi mizeria, de modo que as forças rezervadas ao trabalho e ás produções emigravam para as repartições publicas; todos queriam ser funcionarios, recurso comum dos povos pobres; qualquer emprego era a unica providencia celeste ou terrena da vida; mas a superabundancia mesma dessa mizeria determinou novas enerjias e restaurou as forças, menos perdidas do que fatigadas. Os estadistas alemães não compreenderam esse movimento restaurador que se orijinava da burguezia; mas Pariz em 1830 acabava de dar o exemplo e Pariz, facinação do mundo, exprimia bem a opinião publica universal. Á literatura, as escolas superiores haviam já preparado esse levantamento da vida nacional e o que faltava era a difuzão dessas idéas. Á classe burgueza, motejada ha pouco, cabia o momento do panejirico.

Freytag teve nessa emerjencia a sua pozição definida. A sua trajedia nunca concluida — *O intelectual* — (*Der Gelehrte*) é um fragmento apenas; mas é a apolojia da nova politica : aristocracia e seleção, mas puramente intelectual, e sem patriciado; uma ou outra indiferentemente, mas nunca sem o povo. Entretanto a verdade é que elle não foi muito fiel ás suas proprias opiniões. É que estas sempre estão mais na ajitação externa do que no proprio ser; a opinião sobre-

tudo politica é uma onda, uma vaga que chega de fóra. Que culpa ha se o mar é tempestuozo e as vagas são muitas? Por isso elle era pelo direito de arrepender-se. — « Pois não devemos perdoar aos nossos inimigos? porque então não nos perdoarmos a nós mesmos? A coerencia é um dado do homem antigo, quando cincoenta annos eram apenas o suficiente para ler dois autores e ir á Italia com o risco de não voltar em vida. Medido o nosso pelo tempo desse homem primijenio, cada um de nós vive hoje tres ou quatro seculos ».

Elle se fez uzo não abuzou entretanto dessa doutrina. A sua coerencia, mau grado elle proprio, era mais intelijivel e profunda; antes de tudo elle amava o povo, detestando a popularidade; poderia *papalizar* como Gœthe, aproveitando-se do prestijio que o cercara ao menos em certo periodo da sua vida literaria; mas sempre se furtou á admiração dos seus admiradores; queria talvez ser o chefe, mas o chefe invizivel da sua igreja e dos seus sectarios. Por isso fujia ao tumulto e acabou até por fujir á cidade. A vida pastoril seduzia-o como a certos espiritos melancolicos e aos egoistas que preferem consagrar maior tempo a si mesmos do que aos outros. Mas a sua coerencia subsistia no fantasma creado por Jacob Grimm, a *alma do povo*, *Volksseele*; um e outro tinham essa convicção profunda de que cada povo tem a sua alma, diriamos hoje, a sua psicolojia individual, e que alma é a constante de que o progresso, os impe-

rios e as revoluções não passam de variaveis. Ainda mais com Jacob Grimm elle entendia que o segredo de toda a literatura estava nesse cerne da vida etnica e que todas as obras falhas e vans deveriam ser aquellas que não impressionavam a vida da raça. A alma aleman para elles é eternamente a mesma, imutavel e eterna, é o reziduo comum, o germano de Tacito e o alemão de hoje e que vibra sempre o mesmo tom a todos os sopros, sejam brizas ou tempestades. No seu conceito, a civilização não tem influencia sobre esse dote injenito dos povos (1). A alma de um povo não se civiliza. Mais tarde, Bastian vai repetir e reforçar esse conceito.

Quando falamos da *vivacidade* franceza, da *grandeza espanhola*, do *gemüt* allemão, nada fazemos senão levantar a ponta do veu que encobre o misterio ignoto e espiritual. Revelações incompletas do enigma dos povos.

Hoje é essa idea popular n'uma ciencia nova entre nós mais conhecida pela expressão saxonia de *folk lore*. A alma do povo, as suas crenças e a sua intelectualidade, superam e explicam todas as singularidades nacionaes e devia ser o *alfa beta* de toda arte politica.

G. Freytag escreveu com essa prevenção os *Quadros do passado* e em seguida *Os avós* (2). Eu

(1) São as palavras mesmas do seu biographo Th. Pantenius... « das Seelenben der einzelnen Nation, nicht von der Kultur, sondern von der ihr angeborenen Anlage fort und fort bestimmt würde. »

(2) *Bilder aus der deutschen Vergangenheit* e — *Ahnen.*

disse *prevenção* para não escrever *preconceito* que de certo, não o é. Mas a « alma do povo » tem varias expressões, e a mobilidade da Alemanha na crize da sua unidade veiu demonstrar que essas restituições historicas só teriam sucesso efemero. A alma popular é eterna, mas são varios e contraditorios os seus interpretes. Ainda hoje se lêem esses « quadros » da vida jermanica animados por Freytag como ainda se lêem as restituições ejipcias de Ebers ou as medievais de Felix Dahn; são ainda populares ou antes provincianas na sua popularidade; para a Allemanha de hoje o *livro* literario, o romance, cedeu com a geração do proprio Freytag, de Auerbach, de Keller, de Paulo Heyse e Storm; na Inglaterra ainda é o romance, ou o livro, a expressão da alma nacional. Mas hoje no imperio germanico o primeiro papel cabe ao teatro e sem elle o escriptor não fundaria uma grande reputação. Sudermann, Hauptmann, Fulda, Max Halbe, E Hartleben, Adolfo Wilbrandt, E. Wildenbruch... são os romancistas e os nomes literarios de hoje e em parte ou excluzivamente o são do teatro, verista ou neoclassico. A formação das grandes capitaes, o prestijio da popularidade directa onde existe uma grande sociedade mundana e culta, impele todos os autores a tentar a cena onde ás *premières* aflue o escol de Berlim ou de Vienna (1).

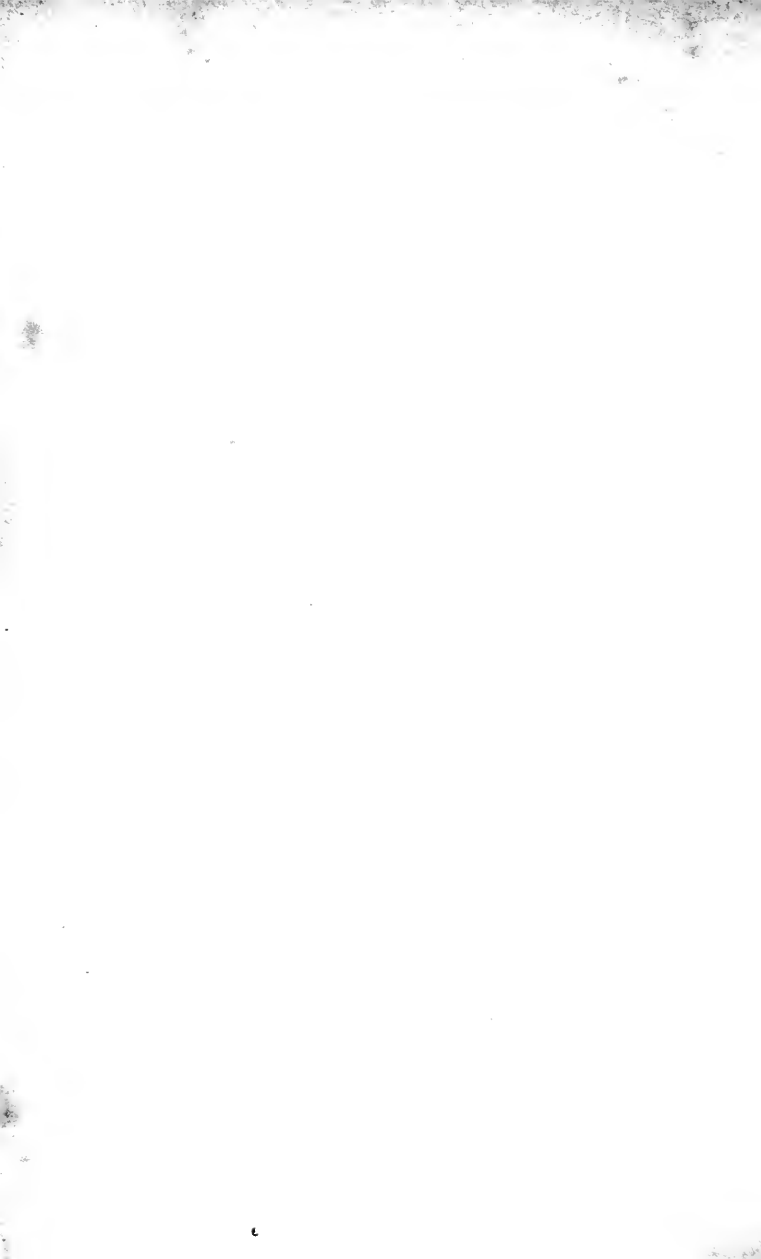
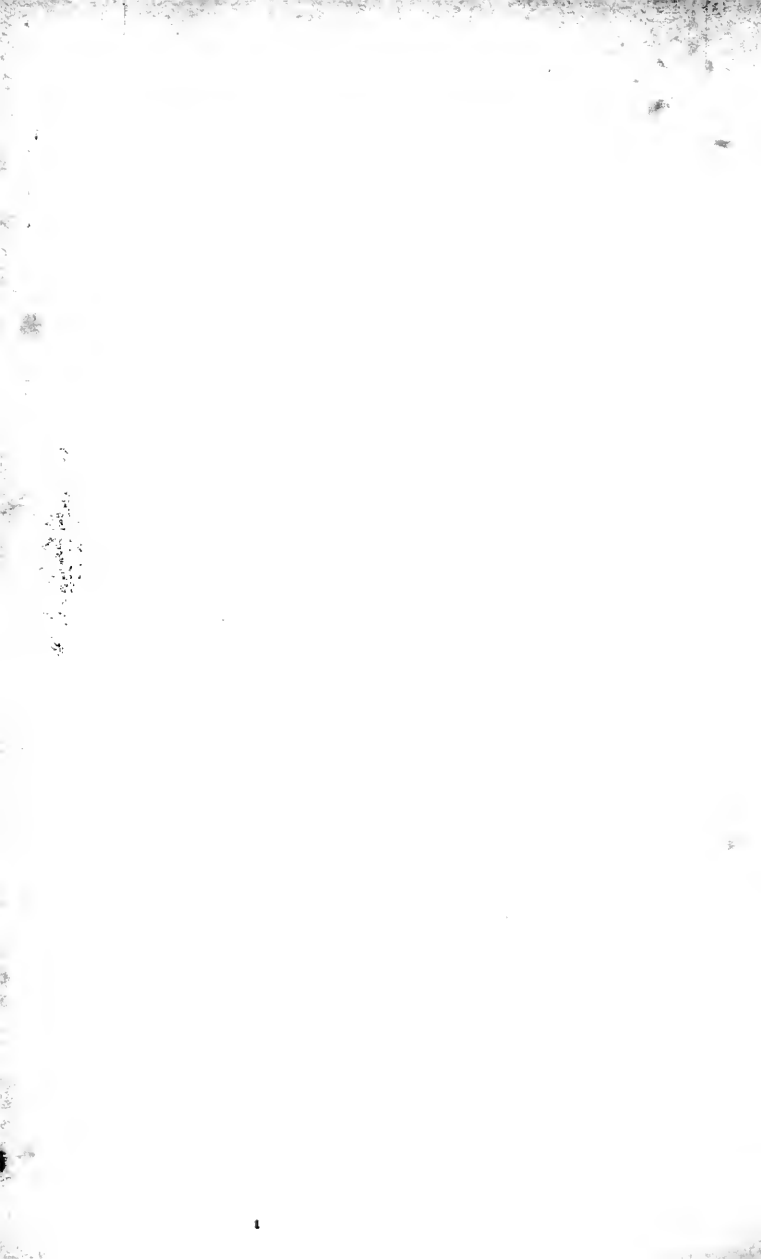
(1) O teatro alemão, que outr'ora imperava no *Hofburgtheater* de Vienna e nas varias côrtes da federação, acha-se centralizado agora em Berlim e é representado pela gera-

No Brazil ainda menos que o *romance* o criterio da reputação literaria provem do *livro de versos*. Pelo menos, para os nosos criticos.

Logo depois da poezia o romance tem conseguido criar alguns nomes nacionaes, o de Alencar por exemplo, Machado de Assis, Coelho Neto. O teatro, entre nós, não existe ou apenas se entrevê em futuro que não parece proximo...

O governo, nos ultimos tempos, tem-se ocupado da nossa *intelectualidade* como reclamo no estranjeiro, sem nenhuma vantajem para nós proprios... (1)

ção de escritores orijinaes que acabo de citar e que conseguiram suplantar a influencia franceza de Dumas, Augier, Sardou, até 1887. A escola franceza ainda tem todavia seus representantes em Paulo Lindau, Oscar Blumenthal, Hugo Lubliner e Max Nordau (que fez uma tentativa n'este sentido com o seu *Felix Philippi*); o antigo sucesso dessa escola de 80 em diante empalideceu até desaparecer por completo, Entretanto um critico teatral, de nota, Otto Neumann Hofer diz que é uma curiozidade de Berlim ser a unica cidade que possue um publico de teatro internacional e onde em todas as estações se podem aplaudir composições de Praga, Rovetta, Echegaray, Pinero, Byörnson, Ibsen, Gogol, Tolstoi, Gallina, Becque, Rostan, Ancey, Jones, etc., e ouvir a Duse, ou a Judic, Booth (americano), Wyndham (inglez), Dalys Truppe, sem faltar na *tragœdin* russa ou polaca nem das estrellas de toda a parte e ainda sem contar os repertorios classicos em que figuram Shakespeare, Molière, Calderon, Lope, Moreto, Beaumarchais, Sheridan e pelo menos uma vez Sofocles e Plauto.

(1) Aqui termina esse fragmento de critica. Completar-se-ia com um juizo desfavoravel da mal feita tradução do *Deve e Haver*, de Freytag.

ORTOGRAFIA DA ACADEMIA

A QUESTÃO DA ORTOGRAFIA.

Questão velha era já em Portugal ou no Brazil a da simplificação da ortografia.

Pouco a pouco, a inconciente imitação franceza mórmente no seculo XVIII, e o ante-iberismo luzitano desde o seculo XVII haviam tornado a ortografia da lingua uma arte dificil e para poucos.

Procurava-se com essa falsa erudição honrar as orijens classicas latinas, segundo o velho erro e preconceito do tempo de que a linguajem moderna derivava das cultas formas literarias do seculo de Augusto.

Historiar o movimento da reforma sempre necessitada e reclamada levar-nos-ia a digressões n'este momento inoportunas.

Não quero aqui senão indicar as bazes da reforma e da simplificação proposta pela Academia Brazileira.

Ao mesmo tempo, ajuntarei alguns comentarios

aos pontos principaes da reforma, sem nenhuma intenção de fazel-os completos como poderia o assunto exijir, em materia que levantou numerozas contestações.

A sessão de 11 de julho (1907) da Academia foi, escrevi eu, a mais importante das suas reuniões quando avaliada pelas consequencias sociais que vai ter.

A Academia votou naquele dia a simplificação da ortografia portugueza.

Não podería haver assunto de interesse mais geral e pratico.

Para mim, o maior interesse estava no proveito e beneficio indefinido e inestimavel feito á educação popular.

A questão da ortografía ha muito pedia solução mais conforme ao espirito do nosso tempo. Outrora as *primeiras letras* eram apenas o primeiro passo que, em regra, se proseguia com o estudo das humanidades ou com os estudos universitarios. Ainda ha hoje muita gente do tempo em que se não fazia exame da lingua materna de cujos estudos era só absolvida pelo exame do latim. As *primeiras* letras eram efetivamente *primeiras* e o latim das nossas escritas infantis era apenas uma anticipação.

Hoje, ao contrario, para a *quazi totalidade* dos que estudam, as *primeiras* letras são as *unicas*. A extrema difuzão do ensino, que ainda se pede maior, não faz do estudo vernaculo um primeiro

passo para as letras classicas : a escola popular ha de bastar a si propria. O cultivo ulterior do latim caberá talvez a um milessimo de quantos aprendem a escrever.

A solução que impõe o nosso tempo é portanto outra que não a antiga. Do contrario, teriamos como certos povos primevos e semi-barbaros a necessidade de duas escritas : uma *hieratica* e sagrada para os letrados e outra *demotica*, popular, para ignorantes e plebeus.

Acrece que a estas razões se junta a de que os proprios letrados não se entendem no seu hieroglifo comum. São demazido conhecidas as polemicas travadas por um ou dois *ll* e quejandas questiunculas.

Compreendo as facinações do alfabeto, das letras etimolojicas e a sensibilidade nervoza dos que veem em *omem* sem *h* um decapitado sonambulo e espectral. E, entretanto, o *arauto* que trazia a bandeira (*haraldus*) perdeu o *h* e não perdeu a bandeira.

É certo que o *h* dá altura e importancia : por isso é que fizeram *historia* e *Hispanha* quando havia já *estoria* e *Espanha*, mesmo no tempo em que se sabia e se escrevia mais latim do que hoje.

Fazendo obra para si a Academia discretamente finjiu não sentir a opinião publica. Mas a opinião estava com ela, como não podia deixar de estar.

As complicações estão hoje dezacreditadas. Ninguem ha que recuze o mais simples pelo gosto do que é complicado.

Sejamos simples.

Que nos importa o folhetim? O folhetim traz os guizos, as complexidades barrocas. e arlequinescas do reclamo; si não tine e chocalha, não presta.

Compreende-se que se possa motejar do Brazil inteiro, dos seus politicos, dos seus homens, da sua vida material e moral, de tudo, emfim. Pode-se ainda repetir a fraze consagrada do pessimista — o Brazil é *uma choldra*.

Mas seja como fôr, aqui vivemos e havemos de aceitar o que ha e o que somos. E a Academia é a unica amostra organizada do nossa vida intelectual.

Si a Academia não presta, então o Brazil tambem não presta; e si ella não tem autoridade academica então os satiricos e os engraçados tambem não teem graça nenhuma.

Basta refletir em que não seria possivel, em dado momento e em ponto algum do Brazil, reunir vinte homens (e eram tantos os que compunham a sessão de 11 de julho) que tivessem maior prestijio literario que aqueles, suposto que tivessem igual.

Daqui a pouco, o exito da reforma desvanecerá todas as duvidas desta primeira experiencia.

Dezejada por ambos os povos que falam a nossa lingua, já em Portugal a simplificação da ortografia é praticada em parte da imprensa e por muitos dos seus escritores.

Na Academia, devemol-a ao espirito sintetico,

ao talento maravilhozo de Medeiros e Albuquerque que tomou a iniciativa da reforma, amparada pela perpetua juventude de Machado de Assis, e pela opozição liberal de Salvador de Mendonça que com uma palavra fina, gentil e brilhante, deu todo o encanto á discussão, e não acabou sem contribuir grandemente para o rezultado final. Tambem o nosso sabio confrade Silvio Romero fez algumas discretas reflexões.

Foi, pois, a obra comum do bom gosto, das letras e da ciencia.

Propondo-me a expôr aqui os principios gerais da reforma, devo dizer que ainda não existe uma informação oficial que poderá talvez diverjir do que irei dizendo, quanto a pormenores que não estão devidamente esclarecidos.

O proximo *Boletim* da Academia será o texto autentico (1).

Com este desconto, e com esta rezerva é que se entendem as afirmativas de menor vulto ou de pouca importancia, quanto aos cazos especiais ainda não rezolvidos: são todavia autenticas as regras de maior generalidade aqui expostas.

Um dos pontos essenciais da reforma foi a simplificação dos chamados grupos gregos PH, TH, CH: *ph*onogra*ph*o, *th*eoria, *ch*imica.

Já nos ultimos tempos havia tendencia para a

(1) O *Boletim* foi publicado, mais tarde. Transcrivel-o-emos em apendice.

simplificação e ás vezes supressão dessas letras meramente historicas e já escreviamos :

asma—(asthma)
tisica—(phthisica)
enthusiasmo—(asthmo)

O emprego do TH levava a erros deploraveis: *thesoura* por tezoura, *theodolito* por teodolito, *Theresa* por imitação do francez em vez de Tereza (antigo, Tareja) *theor* em lugar de *teor*, *systhema* por *systema*, *th*eatino (do bispo de Teati, fundador da ordem) por *teatino*, e *th*iara em vez de *tiara* que é o certo ; e assim metia-se grego onde o não havia nestas e em muitas outras palavras.

O mesmo sucedia ao *ch* : a redação grega dos livros sagrados por um certo tempo introduziu a grafia Joa*ch*im, Eze*ch*ias (como tambem Jose*ph*, sera*ph*im) que dezapareceu mas subzistiu em algumas palavras, em *cherubim*, por exemplo.

O uzo do *ch* em certas palavras era já arbitrario : melancolia e melan*ch*olia, *cholera*, em um cazo e em outro *co*lera, as vezes *ch*aracter e outras vezes caracter, sepulch*ro* e sepul*cro*, es*cho*la e es*co*la, *chr*ysol e *cris*ol, paro*cho* e páro*co*, *Ci*pre o *Ch*ipre e *Ki*pre, *cha*momilla e *ca*momilla.

O peior é que indo além dessas inconsequencias graficas se cometiam erros, confundindo o *k* e o *ch* : *kilo* (em vez de *chilo* e ao lado de *chiliada*) ca*ch*exia em lugar de ca*k*exia, e uma vez por outra *charta* que era já erro grafico no latim.

No meu *Dic. Gram.* na 2ª e 3ª ed. pg. 188, escrevi : *kilometro* está em lugar de *chiliometro*.

O bom etimolojista deveria escrever *chorda* e não *corda* e tambem *chrema* ou *chreme* do leite (é a mesma palavra que *chrisma*) e a forma franceza *cretino*, *chretino*, (que, quem o diria? deriva de christão, *christianus*; cretino é o pobre de espirito, é o homem de Deus e de Christo, o rude e o idiota).

No seculo XVII (em 1631) mandava o ortografo Ferreira de Vera que se escrevesse ma*qui*na, monar*qui*a, *qui*mera, com *qu* e não *ch* (1) e a razão que dava era excelente : « Assim como os gregos, latinos e arabes não conheceram esta nossa pronuncia *ch*inela, *ch*eminé, mar*ch*a, assim nós na nossa lingua materna não temos a sua de *ch*. »

E acrescenta, a meu vêr, com muito juizo : « Erram os que escrevem dições portuguezas por *ch* derivadas dos latinos e gregos, com que se embaraçam muitos que não sabendo diferençar os nomes latinos dos vulgares pronunciam uns por outros, errando na pronunciação como no significado : como *coro* (por-ajuntamento) escrevem *choro* por se mostrarem latinos, não vendo que desta maneira significamos *pranto* ».

Pouco tempo depois, J. Franco Barreto na sua *Ortografia* (1.ª ed. 1671 ; pg. 118) confirmava a opinião do seu precursor, dizendo : « Advirto

(1) *Ortogr. portug.* 1.ª ed. 1631, pg. 10-11.

7

que os nomes que temos dos latinos escritos por *ch* devemos escrever sem elle, como *caridade*, *coro*, *carta*, e não *charidade*, *choro charta*, como alguns por se mostrarem latinos costumam fazer ».

É curiozo notar que esses ortografos censuram aquela exajerada mania de « parecerem latinos » aos seus contemporaneos. Era abuzo que vinha já da epoca da renovação erudita e o primeiro gramatico da nossa lingua Fernão d'Oliveira escrevia em 1536 em fraze rude a propozito do *h*. « Nós somos tão grandes *bujios* dos latinos que tomamos suas coizas sem muito sentir dellas quanto nos são necessarias ».

Quando os portuguezes deixaram de ser bujios dos latinos, passaram a ser dos francezes; no seculo XVII a ortografia grega dos *ch*, *th* etc., pode já considerar-se sem rival. E, comtudo ainda ha ortografos que concedem, hezitantes, as duplas grafias, *ch* e *qu*, como o faz por exemplo Freire da Cunha, permitindo que se escreva « com *h* ou sem elle » *ca*ridade, *eco*, ou *cha*ridade e e*cho* (1).

O famozo Madureira que é do mesmo seculo faz as mesmas concessões no seu vocabulario: *charidade* ou *caridade*, *echo* ou *eco* ou ainda *ecco*, mas prefere o *ch* dos eruditos por que lhe não corre a obrigação de « acomodar-se á ignorancia do vulgo ».

Vê-se que a latinização da lingua gastou trez

(1) *Breve tratado da Ortogr.* Lisboa, 6.ª ed. 1788.

seculos para só criar dúvidas, dificuldades, inconsequencias, vacilações e erros.

O *th* orijinou os erros que ha pouco mostramos, e por outra parte, nem sempre foi observado com escrupulo e exatidão. Porque não escrevem os etimologos *thalo*? assim devia ser (*thallus*, thallos) e *theima* que vem de *thema*? e *thio* que vem de *thius* e *theios*? e *tholdô* e *tholdar* que vem de *tholos*? e *thomilho*, no latim *thymum?* e *thriaga* por *theriaga?* e *thriumpho* (de *thriambos?*) e na expressão por um *triz* por que não escrever, *por um thriz* (thrix–cabello ?) e até mesmo *bothica* (apotheca), *bothicario?*

O rezultado, pois, é que no uzo vulgar se escrevem com *th* palavras que as não teem (thesoura, Theresa, thiara) confundem-se radicais diversos em *t* e em *th:* sys*the*ma por systema, neuras*te*nia por neuras*the*nia e *stheno*graphia por *steno*graphia, *the*rebentina por tereben*th*ina; e ao mesmo suprimem o *th* onde devia coerentemente estar *thio* e não *tio; tholdo* e não *tôldo*, etc.

O *ph* gerou as mesmas incertezas, porque apezar da helenização da nossa ortografía, já não era uzado em varias palavras (*desfacelar; fantasia*), e já se percebe, por influxo do francez e não por iniciativa nossa.

Que significa escrever dia*ph*ano e ao mesmo tempo escrever *fanal* ou *farol?* os radicais são os mesmos. Que inconsequencia enorme nas palavras todas da mesma orijem eu*ph*emismo, pro*f*eta, e blas*f*emia? o mesmo em relação a meta–

*ph*ora e *f*os*f*oro? que significa escrever ora *ph*logistico ora *fl*eugma? *phre*nologia e *fre*netico? São palavras identicas.

Com algum esforço poderia um etimolojista mais exajerado escrever *pheijão* pois que deriva de *phaseolus*, e tambem escrever *pheltro* que é a mesma palavra que *philtro*.

Si merece credito a ouzada conjetura de Carolina Michaelis, havia de escrever-se *pharo* e *pharejar*; o *faro* dos cães é como o *pharo* dos navegantes, e daí é que se tomou a palavra.

As incertezas e vacilações no emprego do *ph* ou *f* sempre foram numerozas: *Felipe*, *Filipe*, *Philipe* ou *Philippe*, e *filipina; Filinto*, *Felinto Philinto* e *Philintho; serafim* e *seraphim; filomela* e *philomela; troféo* e *trophéo*, *farol* e *pharol*, *alfabeto*, e *alphabeto filtro* e *philtro*, *filarmonica*, e *philarmonica*, *foca* e *phoca*.

Por erro, escrevem *grypho* em logar de *grifo*, pois que a palavra é germanica (greifen); e por abuzo dão o *ph* e *th* a palavras aziáticas, *sophá*, *sophi*, *muphti*, *theïna* de *thé* (melhormente *té*-chá), *farizeu*.

É precizo saber que os latinos conservam o *ph* grego com a prozodia que tinha diferente do *f*, a tal ponto diferente que (diz D. Nunes do Lião citando Quintiliano) o *ph* grego tinha o soído brando e o *f* hórrido que quazi não parecia voz humana.

Os ortografos seicentistas repelem o *ph* grego (1).

(1) *Franco Barreto*, *Op. cit.*, 125, 127, 150. *Ferreira do Vera* — *Op. cii.* fol. 7 v. e 15 v permitte as duas grafias.

Nunca foi possivel estabelecer verdadeira coerencia e uniformidade no cazo do *ph* como nos do *th* e *ch*; os codices latinos donde se tomaram os textos modernos são por vezes contraditorios (1).

Fez muito bem a Academia em suprimir todas essas duvidas, incertezas e até erros, adotando a ortografia sonica em todos os cazos em que ocorriam os chamados grupos gregos.

Ainda havia duas letras gregas introduzidas na escrita que pareceram inuteis : o *k* e o *y*.

O *k* quazi não tem uzo; a palavra em que mais vezes aparecia era *kilo* que felizmente é um erro grafico cometido pelos inventores do sistema metrico. Nos outros cazos já tinha sido quazi sempre substituida pelo c : *calendario* (kalendas) *catalogo*, *cada* e *cada* um, *cauterio*, *cacofonia* (cacografia, etc.) *eclesiastico*, *caligrafia*, *camelo* *canon*, *catecismo*, *concha*, *clinica*, *coral*, *cosmos*, *aristocrata*, *cripta*, *crize*, etc.

Foi a substituição do *k* grego pelo *c* já realizada no latim.

Restam hoje apenas quatro ou cinco palavras que conservam o *k* :

a) *kaleidoscopio*, grafia contraditoria com as já conhecidas *caligrafia*, *calomelanos*, que conteem o mesmo radical *kalos*.

b) *kinematica*, neolojismo extravagante, pois temos *cinematica*.

(1) Veja Cl. Davsquii — *Ant. novique Latii Orthogr.* ed. 1632 pg. 241 (*fruges non Phryges*) e em outros lugares.

c) *kisto*, em contradição com *cystite*.

d) *kyrie* palavra que não tendo forma portugueza, pode conservar a grafia propria. Gil Vicente entretanto escreve *creleison*.

e) certo pequeno numuro de palavras que não são gregas : *knut*, *kirsch*, *kiosque*.

Uma vez que os etimologos não ouzam escrever *klinica*, *kada*, *kamelo*, *demokrata*, etc., pode dizer-se que a simplificação apenas generaliza a regra quazi sem exceção que elles proprios adotaram.

A outra letra é o *y* de muito maior uzo que o *k*.

Na escrita portugueza, a historia do y é como uma agonia lenta e sem treguas. Foi uzado no fim dos ditongos *Ley*, *Rey*, e dezapareceu; foi ainda utilizado entre vogais *meyo*, *rayo*, *seyo*, e tambem perdeu esta função.

Ficou reduzido ás vozes gregas, mas ainda aí não conservou todo o terreno. O uzo mais comum começou a dispensal-o em *girar*, *gira sol, vira volta* (por gyra volta) *virar* (por *gyrar*) *cataclisma*, *cristal, laberinto* (labyrinthos) *sirtes*, *timbre*, (do mesmo radical de *tympano*) *gryllo* (grullos) etc.

O mais grave, porém, é que foi uzado o *y* em palavras que o não podiam ter como *lyrio* (do latim *lilium*) *cyrio* (do lat. *cereus*) *Sylvio, Hyppolytho* (e outros compostos de *hippos*) *comboy*, *pleyades*, etc.

Fez muito bem a Academia Brazileira pondo um

termo a estes disparates e erros em que incorrem os mesmos letrados e eruditos.

As regras adotadas pela Academia neste particular das letras gregas, são as seguintes:

I. *O grupo* CH, *de orijem greco-latina será substituido por* C *antes de* A, O, U, *e por* QU *antes de* E, I.

E' regra geral e nunca excetuada. Escrever-se-á monar*ca*, pentateu*co*, disti*co*, *ca*os, *co*rografia.

E paren*qui*ma, *qui*mica, al*qui*mia, *que*lonios, *qui*lo (correspondente ás duas palavras anteriores kilo e chylo) *qui*mera, *qui*rografo.

O *ch* com o valor de *k* dezaparece da ortografia e por isso será ainda substituido por *qu* nas palavras que não são gregas; Ma*qui*avel, ma*qui*avelico, *que*rubim, e por *c* na terminação dos nomes : Lame*c*, Melquizede*c*, Vala*qui*a, almana*c*.

II. *O grupo* PH *será sempre substituido por* F.

Tambem é regra geral e sem exceção : *fa*ntazia, *fi*zica, geogra*fi*a, *fi*lozo*fi*a, a*f*elio, *f*enomeno, si*f*on ou sifão.

Pelas mesmas razões do cazo antecedente substitue-se o *ph* nas palavras de outra qualquer orijem : Joze*fa*, so*fá*, na*f*ta, na*f*talalina, *fa*rizeu.

O *ph* dezaparece, quando não sôa: *tizica* (*ph*thizica), ditongo (di*ph*thongo).

III. *Em grupo de consoantes etomolojicas a que não sôa será suprimida.*

E' regra geral para todas as palavras e que tambem tem aplicação quanto a certos nomes gregos.

Escreveremos *salmo* e não *psalmo*; *tizana* e não *ptisana*.

E' claro que devem escrever-se as letras que soarem: *ps*icolojia, *p*seudonimo, *pn*eumoncia, a*pt*ero, coleo*pt*ero, *mn*emonica, *Mn*emonia (e comtudo, apezar de ser da mesma orijem, a*n*istia e não a*mn*istia), ri*t*mo, ari*t*metica, logari*t*mo.

IV. *O grupo* TH *será substituido por* T, *em todos os cazos.*

Escreveremos: *te*olojia,, a*teu,* labirin*to*, anti*teze,* hipo*te*ca, *te*rapeutica, *tr*ono, *ter*mometro, *tir*so, e*te*r, E*ti*ope.

Tambem será o *th* eliminado das palavras de orijem diferente: *te*ïna, Mi*tri*dátes, Se*t*.

V. *O* Y *será em todas as palavras substituido por* I.

Escreveremos: *fi*zica, *si*nonimo, ana*li*ze, *li*ra, *mi*to, *mis*terio, si*bi*la, U*li*sses,.

Será tambem eliminado das palavras que não são gregas: *Pi*rineus, v*ai*vode, E*ji*to, Paragu*ai*, Urugu*ai*, *ia*tagan, M*oi*zés.

VI. *O* K *será zubstituido por* C *ou* QU.

Escreveremos : *ca*lendas, *qui*lometro, *qui*lograma, eu*ca*lipto (e o do mesmo radical biblio*c*lepta).

As palavras doutra orijem seguirão a mesma regra : *qu*ermes (*c*armin), *qu*ermesse (kerk), *c*obalto (*ko*balt), esto*qu*e (stock-bengala).

E nada mais ha, com respeito ás etimolojias e letras gregas.

Quando passamos da consideração das letras e grupos gregos para o elemento latino, a questão reduz-se aos termos mais simples.

Não ha nem-uma das regras propostas que não tenha sido mais ou menos parcialmente adotada pelos mais autorizados escritores do seculo findo.

Apenas, uma, a do uzo das letras *geminadas* ou *dobradas*, sem embargo de ilojico e desnecessariamente complicado, ofereceu longa rezistencia aos inovadores de todas as epocas.

As letras *geminadas* ou *dobradas*, entretanto, foram constante orijem de erros e incongruencias na ortografia uzual.

Nos periodos mais antigos da lingua ocorriam as vogais dobradas : *doo, leer, veer* que ao depois se contrairam em *dó*, *lêr*, *vêr*. A primeira tendencia foi, conseguintemente, a da simplificação das vozes geminadas. Era outro uzo antigo o *rr* no começo das dições : *rr*azão ; *rr*eal — era-o para distinguir um dos dois valores do *r*. A mesma coi-

za faziam com o *s* e escrevia-se : *ssaber* e *sservir* etc.

Si compararmos a doutrina de Duarte Nunes do Lião com a pratica contemporanea podemos avaliar o progresso da simplificação, a mau grado da tendencia cada vez mais acentuada da latinização da escrita. Nunes do Lião recomendava que se escrevesse *gotta*, *esgottar*, *verdette*, *piparotte abbreviar*, *afforar*, *gibba*, *aboccanhar*, *bocca*, *bagga*, *cebolla*, *ollaria olleiro*, *mellado*, *bannir*, *oppilação*, *appetecer*, *cappa*, *mocettona* (1).

Queria ainda que se respeitasse a geminação das letras em derivações como estas : se*cc*o, se*cq*uidão; va*cc*a, va*cq*ueiro.

E' inutil dizer que a mesma ortografia etimolojica acabou por não seguir os exajerados conselhos daquelle mestre. Ninguem aceitou as grafias — *bagga*, *afforar*, *cappa* que por si mesmas se afundaram no olvido ou em merecido desprezo.

Entretanto, a mania da imitação latina levou muitos incautos a cometer erros indesculpaveis : (ma*tt*o e ma*tt*a, co*ll*ossal e co*ll*osso, so*ll*icitar e so*ll*icito, i*nn*undar, a*nn*iquilar, o*mm*itir, sê*ll*o etc.) na convicção de que estavam com as verdadeiras fontes e ainda hoje aparecem exemplos tais apadrinhados por escritores de merito (2).

(1) *Op. cit.* pgs. 155, 158, 160—170.

(2) Em *solicitar* pode haver duvida, em vista da grafia lat. *sollicitare*; mas no mesmo latim é erro, por que o radical é *solum* (solo); *solicitare* é revolver a terra, n'um dos seus sentidos primitivos.

Qual a conveniencia, pois, de conservar um uzo que entre os latinos como entre os italianos de hoje, tinha verdadeiro fundamento na prozodia, mas que na nossa lingua não existe nem se faz valer, salvo em alguns documentos escritos da literatura classica?

Haveria comtudo que objetar á reforma da Academia o radicalismo extremo da simplificação proposta.

A geminação de letras nazais faz-se sentir na pronuncia. E' certo que basta ás vezes uma letra nazal para nazalisar as silabas convizinhas (pla*n*o plãno) mas uma vez que se sente a nazal na silaba anterior conviria reprezental-a como fazem os espanhoes por *n* escrevendo: i*n*mortal, co*n*mum. Generalizando este principio deviamos escrever: i*n*menso, co*n*mando e*n*nevoar, a*nn*o, a*nn*ual.

Creio que esta modificação será aceita mais tarde, mas não é essencial nem indispensavel. E, por isso, não a seguimos, preferindo a autoridade da Academia a qualquer diverjencia esteril.

Outra modificação que poderia de ser adotada de futuro seria a da conservação do *s* com o valor de *z* quando entre vogais, como é de uzo na ortografia mais geral.

O valor de *s* = *z* nunca dezaparecerá, qualquer que seja a reforma feita, na ligação das palavras (tr*es* *ho*ras, doi*s* *e*ntes, homen*s* *im*pios) e esse valor é comum não só ás linguas romanas, como ainda á ingleza e á alemã. E', pois, uma singularidade a simplificação que propuzemos e que não

acha talvez exemplo em nem-uma das linguas cultas.

Alem disto, o *s* terá sempre o valor igual ao do *z* no final das silabas, pois não ha, entre nós brazileiros, quem distinga pela pronuncia — *nós* de *noz* e *tris*te de *triz*te — o que prova não serem tão distintos, quanto se afiguram ser, os sons *s* e *z*; e poderiam, pois, ser reprezentados, como foram sempre, pela mesma letras, *s*.

Não falamos aqui da vantajem da moderação que deve caracterizar todas as reformas que envolvem rezistencia a habitos antigos : a letra *s* é tão assidua quanto é rara a letra *z* que aliáz não é genuinamente latina, mas grega.

Estas reflexões parecem-me fundadas ; entretanto a simplificação neste cazo, ainda que foi radical, facilitou enormemente a escrita e poz um termo ao resto de reminicencias latinas que inconvenientemente aí estão a sujerir alguns neografos de hoje com a ortografia *ês* em *mês*, *português*, etc.

Foi excelente o principio que adotou a Academia de respeitar as letras iniciais *g* e *h*, quando aquella foi transformada em *j* no meio das palavras e esta, no mesmo cazos, suprimida. Foi excelente, dissemos, porque convinha estabelecer um limite á extensão da reforma e desde logo se percebeu que convinha fazer concessão a uzos já inveterados que não seria facil destruir com simples razões de lojica ou de mera coerencia, mais faceis de presupor que de realizar.

As demais alterações propostas como as das ter-

minações agudas em *az ez* etc., a dos ditongos ou letras nazais *ão*, *ã*, já tinham tal ou qual fundamento na variedade de uzos que sempre acompanhou a ortografia dos nossos escritores brazileiros e portuguezes ; não merecem conseguintemente, exame circunstanciado. A distinção recentemente estabelecida entre as grafias *es*, *ez*, *is*, *iz*, é inteiramente desmentida pelo exemplo constante dos autores antigos ; seria enfadonho acreditar com provas coiza tão ao alcance de quantos manuzeiam os antigos escritores. A terminação em z- *áz*, *ez*, *oz*, *uz* tem a vantajem pratica inestimavel de indicar imediatamente a silaba tonica final.

As regras adotadas (excluidas as que formulamos a propozito das letras de orijem grega), foram as seguintes :

1. O *h* medio será suprimido. Será conservado quanto inicial : *inabil*, *inerente*, *coerente*, *compreender*. Porém : *h*omem, *h*oje.

a) Será ainda conservado nos grupos *lh*, *nh*, que teem neste cazo prozodia especial e inconfundivel : *lh*ano, pa*lh*a, se*nh*or, le*nh*a.

2. O *g* medio será sempre substituido por *j*. Será sempre conservado, quanto for letra inicial. Exemplos : via*j*em, ima*j*em, re*j*ente. Escrever-se-á, porém : *g*elo, *g*ente,

3. As letras geminadas ou dobradas serão substituidas pela letra simples : a*b*reviar, a*d*ição, e*f*eito, a*g*ravar, be*l*eza, a*p*arecer, etc.

a) Estão excetuados os cazos dos *ss* e *rr* que

teem som distinto de *s* ou *r* simples. Assim, escreveremos: ca*rr*o, mo*rr*er, ma*ss*a.

b) Por aproximação, simplifica-se o grupo *mn*; da*n*o, conde*n*ar.

c) Conserva-se o grupo *cç* si estas letras soarem distintas: su*cç*ào, se*cç*ão.

Deve, porém, escrever-se: distinção, extinção.

4. As terminações *az*, *ez*, *iz*, *oz*, *uz* serão assim escritas si são agudas: rap*az*, conv*ez*, mat*iz*, retr*oz*, alcaç*uz*.

a) Adota-se a terminação em *s* nas vozes graves ou nas agudas do plural: rozas, p*ás*, p*és*, av*ós*, *nós*, *vós*, etc.

5. As variações *am*, *an*, *ão* das dezinencias nazais serão regularizadas com os seguintes precitos:

a) Nas terminações tonicas ou agudas, emprega-se o ditongo *ão*: s*ão*, far*ão*, amar*ão*.

b) Nas terminações atonas, *am*: org*am*, fize*ram*, disser*am*.

c) Correlativamente as nazais *ã* e *an*, observam-se as mesmas regras; *ã* para a terminação aguda: irm*ã* manh*ã*; ou *an* para as terminações atonas ou graves: órf*an*, ima*n* (1).

6. Suprimem-se na escrita as letras que não existem na pronuncia das palavras:

a) Suprime-se o *s* do grupo *sc*: ciencia, ceptícismo (scepticismo); crecer, nacer.

(1) Alguns lexicografos e gramaticos portuguezes mandam pronunciar *imán*, e neste cazo, a grafia perferida deve ser a do *ã*: *imã*.

b) O *ph* ou *p* em salmo, tizica (Veja-se o que dissemos a propozito das letras de orijem grega).

c) A primeira letra quando fôr muda dos grupos *pt*, *ct*, *pc*, *cç*; cativo (captivo), escultura (esculptura), exato (exacto), ato (acto), ação (acção).

Esta é, de fato, a maior dificuldade da neografia academica. Como se ha de escrever *fato* ou *facto*, *carater* ou *caracter*; se for adotada a supressão do *c* nestes nomes, como não admitir a letra por ex. em *caracteres*, *facticio* ?

Todas estas duvidas só podem ser rezolvidas pelo *Vocabulario ortografico* em que seja fixada a pronuncia verdadeira ou autorizada.

Eis o comentario unico que se oferece a esta dificuldade. Acrece ainda que em tais cazos a prozodia portugueza europea muito difere da americana.

A estas regras ajuntou-se a declaração de que nem uma simplificação seria proposta provizoriamente quanto aos nomes proprios pessoais e geograficos (1).

Não nos parece que seja duvidozo ou problematico o exito desta reforma de simplificação.

Dentro de pouco tempo, estará de tal fórma vulgarizada que o que se nos antolha agora dema-

(1) Não é verdade que tenha a Academia conservado o *y* das palavras tupis.

ziado ou excessivo deixará de excitar a critica ou reparo.

Habitos e preconceitos por mais arraigados que sejam, quando se não fundam na razão, ao cabo de algum esforço são extirpados e vencidos (1).

A Medeiros e Albuquerque devemos a iniciativa e o ardor com que propugnou por esta reforma; á Academia devemos a autoridade com que a amparou, autoridade contestada como todas as autoridades da terra, mas certamente a unica que temos.

(1) Estavam já escritas estas linhas quanto o Snr. Ministro do Interior, da Justiça e da Instrucção, o dr. Tavares de Lyra, mandou que nos exames do Ginazio Nacional se tolerasse a ortografia adotada pela Academia de Letras. Foi um ato de esclarecida justiça.

TECNOLOJIA MEDICA

A LINGUAJEM DOS MEDICOS (1)

(1906)

Os nossos sabios até ha pouco tempo, escreviam mal e até faziam garbo da inabilidade com que escreviam.

Costumavam dizer que era a questão da linguajem coiza futil e mais para gramaticos.

Sem duvida se sempre houvesse solidez e substancia nos tratados cientificos, aquella doutrina ou opinião talvez não fosse impertinente.

Mas em verdade ha muito pouca ciencia e a que ha não chega para esse infinito escrever nem para a loquacidade de todos os sabios.

E na duvida, é sempre dezejavel e preferivel escrever bem.

A ciencia comtudo, é cosmopolita, e uma das suas vaidades inconcientes é falar mal todas as linguas.

(1) Notas de Terminolojia medica, pelo Dr. Placido Barboza, Rio, 1906.

Toda a algaravia tem lá as suas vantajens; quebra um pouco as fronteiras da incompreensão com o cortejo dos seus peregrinismos bebidos nos excursos didaticos, e literalmente, para entendidos, meia palavra basta.

Em outros seculos era o latim, e que latim admiravel ! a macarronea dos grandes pesquizadores da natureza. Felizmente, como já Voltaire observara, todo o latim é coiza possivel na auzencia providencial do seculo de Augusto.

Não era muito, pois, que podesse falar a ciencia na lingua em que alguns escolares perpetravam hexametros verjilianos.

Com estas ideas foi que comecei a ler este livrinho das *Notas de terminolojia da Medicina* escritas com o carinho e amor da nossa lingua, tan maltratada e esquecida por voluntario desprezo.

Os nossos medicos (excluidas algumas brilhantes exceções) não cultivam muito o dicionario, e muito pouco leem da literatura classica. Um pouco tambem sucede aos nossos homens de letras.

Não têm lazeres bastantes, e nem lhes apetecem essas ninharias, á sua delicadeza mental indijestas ou superfluas.

E inutil discutir ou contraditar essa atitude.

Os nosos criticos rezam *una voce* pela mesma cartilha. Silvio Romero e Araripe Junior, escritores de vulto, consideram a questão como insignificante e coerentemente nem curam de examinal-a. O snr. José Verissimo porém chama sempre a atenção dos nossos escritores para a boa linguajem;

mas não acreditem os leitores na sua afirmativa; já, uma vez, escreveu que eram *broncos, estupidos* ou *ilejiveis*, Frei Luiz de Souza, Vieira e Castilho e aceitando um detestavel lugar comum disse que o seculo de seicentos era o da decadencia mental. Lembremos que o dizia do seculo de Souza, Vieira, Dom Francisco Manoel e Bernardes, isto é, dos maiores prozadores, que jámais houve, da nossa lingua.

Não faço e nem me importa fazer aqui nenhuma censura por essa opinião e parecer que tem muitos seguidores e acima de tudo acredito que é o unico sincero para este critico. Entendo, porém, que haveria maior clareza, coerencia e verdade em romper com os ultimos escrupulos e deixar essa atitude duvidoza e equivoca. E' algo extravagante que sejá *profissional* de literatura da nossa lingua quem quèr que falta ao seu primeiro dever que é o da simpatia por ella.

O autor das *Notas de terminologia* é um medico.

Quazi sempre com exito propoz o estudo das formas antigas e idiomaticas do vocabulario da medicina e procurou substituir expressões barbaras e inuteis que correm na linguajem da sua arte e ciencia por outras mais genuinas e proprias e que só tem o defeito de esquecidas pelo inconciente olvido de ignorantes ou perguiçozos.

No exemplar que teve a delicadeza de oferecerme, ajuntei algumas reflexões minhas, fastidiozas mas não de todo superfluas; escrevi-as sem pezar

as consequencias, mais quiz o autor do livro que eu as publicasse.

Ai vão, para gaudio dos esmiuçadores de pequices e bagatellas. Rara é a vez em que discordo do autor e não ha pajina do seu opusculo que me não pareça bem inspirada ou bem escrita, com seguro criterio e sujestão sempre feliz.

É curiozo e interessante o estudo que faz o autor do termo proprio que deve substituir o francez *ballottement* e propõe o de *rechaço* que significa « reflexão de corpo elastico que, batendo n'outro, torna para donde veiu » (MORAES, e D. VIEIRA).

O achado é digno de nota, embora a palavra não tenha perfeita equivalencia.

O vocabulo foi tomado jogo da pelota, muito semelhante ou do mesmo genero do da *chaça* de que falam os escritores de quinhentos e seicentos e d'elle se não distinguem muito o *cachar*, *recachar* de que se utilizaram CAMÕES e outros.

> Que quando estas damas taes
> Me *cacham*, então *recacho*.
> *Amphitr.*, 4 pag. 236 da ed. de 1720.

Neste exemplo se verifica o sentido verdadeiro de *cachar* que não é senão o do francez *cacher*. A *cacha* era, no jogo de cartas, a dissimulação do parceiro que, vendo-se perdido, se finjia forte e provocava o adversario. Forma conjenere é o vernaculo *agachar*.

> O que lhe não acode carta e cacha com ruim jogo.
> CHIADO — 162.

Tambem não é menos franceza a forma antiga *chaça*, de chaçar (fr. *chasser*).

Na *Arte de furtar* atribuida ao Padre Vieira encontra-se o exemplo :

« O mundo todo é pequena pelóta para o bote ou *rechaço* de um lanço de mau governo. »

A. de f. — Cap. 31, pag. 264 da ed. de 1744.

É discreto a sete braças,
Nesta só palavra assomo
A porfia d'estas *chaças*.

Chiado — *Obras*, 112.

Aqui, tendem a confundir-se as palavras *cacha* e *chaça* e os derivados respectivos *recacho e rechaço* que aparecem uns pelos outros em varios exemplos antigos.

Chaça e *chaçar* são de orijem franceza como vimos e de importação antiga (*chassér*), A segunda forma *recachar*, e *recachar-se*, acha-se traduzida nos antigos lexicografos latinos por — *se ipsum efferre*; *ensem erigere* (e *recacho* por *corporis elatio*); em Bluteau, e em Agostinho Barbosa e Bento Pereira citados pelo primeiro.

Ainda o verbo *recudir* tem o mesmo sentido de *recachar* e é talvez mais belo e eufonico. Ao *rechaço* da pedra que resalta quando atirada, ao de leve, e em angulo muito agudo, á superficie das aguas, chamam as creanças *tainhas* (ao norte do Brazil) os portuguezes chamam *chapeleta* e os espanhoes —*juego de los panes* — ou de *hacer puentes*.

E não falo aqui de numerosos termos *repique*, *repiquete*, *rebate*, *ricochête* (que se tomou do francez) *repulsa*, *respingo* (couce), etc.

Quer excelentemente o Dr. Placido Barboza que se não repudie o termo *sapinho* que é como o povo denomina o *muguet* dos francezes. Não ha razão para desprezar-se o vocabulo já consagrado pelo uzo, e se é de orijem popular não menos o é o *muguet* entre os francezes.

Aqui ajunto que ainda em portuguez em comum com o espanhol, existe para exprimir a mesma couza um antigo vocabulo arabe *alforva*, *alforra* ou *alhorre* « inflamación (diz YANGAS no seu *Glosario*) en el estómago de los niños que produce en la boca una especie de aftas; crosta de leche, enfermedad de los niños recién nacidos. »

Do arabe que foi a lingua dos Avicenas e Avérroes tomaram-se muitas palavras da ciencia e da pratica medica : *camfora* ou *alcanfôr*, *alcool*, *agua-raz*, *enxaqueca*, *achaque* e ainda muitas que foram esquecidas *alferezia* (epilepsia), *amurco*, etc. (1).

O termo que lembra o Dr. PLACIDO BARBOZA

(1) No poema da *Vida de S. Antonio* por Francisco Lopes (1680) ocorre o vocabulo :

> A dois de *Ippilensi* deu
> Saúde e de febres mais.
>
> (Aj. 282.)

Fala da epilepsia.

Com sentido raro e singular uza o autor da *Destruição de Espanha* do termo *hidropezia* quazi igual ao de furia (Canto VI — est. I).

(quando trata, a paj. 16, de *surmenage*) o *aguamento*, o *aguado* que se diz dos cavalos, notemos de caminho, que nada tem de comum com o latim (*aqua*, agua) mas deriva de *alguaxa* (ungulæ læsio, em Freytag) no espanhol *aguaxa* e *aguaja*, ulceras que aparecem nos cascos das bestas e por isso as inutilizam quanto ao movimento : dizem-se então *aguadas* (não cansadas, mas impossibilitadas de andar).

— A propozito de *ceva*, *cevagem* (*gaver* e *gavage*) pajs. 6 et 7, ajunto que João de Barros já empregava o primeiro d'estes em sentido metaforico :

« Terra que sempre havia mistér ser *cevada* com gente fresca. »

Dec. III, III, 3.

Os antigos medicos chamavam *cévo* á gordura « de dentro nos rins » em contrapozição da *gordura de fóra* que « é junto ao couro »; assim as definia Antonio da Cruz na *Recopilaçam de Cirurjia* (ed. 1688, paj. 16). E aplicava Simão Machado na *Comedia de Dio* :

Trazeis vós já *encevado*
O arcambuz.

Comed. — 29.

Os tecnicos romanos Columela e Plinio diziam *saginar*, *opimare*, *farcire* onde dizemos *cevar*. Do latim tomaram os eruditos a palavra *sajinar*, com

o mesmo sentido; d'esta é que se deriva *sainête* cuja significação propria é pequeno bocado de comer, isca, chamariz, o tutano que era costume dar ao falcão por fazel-o amigo, o azeite com que se untam as patas do gato, com o mesmo intento.

Tambem é excelente quanto diz o autor acerca das palavras *treinar* e *treinamento* muito uzadas outr'ora na arte de cetria ou altaneria, como se vê do antigo livro de Diogo Fernandes, vulgarizado na edição moderna de Luciano Cordeiro.

Muitos d'esses vocabulos são francezismos antigos como *remercear*, *reveria* (sonho) que estão nos antigos cronistas e fôra hoje dificil aceitar na linguajem corrente.

Alguns, de certo, são classicos e de bom cunho e parecem entretanto galicismos, como *recidiva* (recaida) que está em Bernardes e outros autores (1).

— Não vejo necessidade de substituír a expressão tão clara e popular (como o confessa o autor) « bico do peito » pelo neolojismo mamila. E não só é aquella popular, mas ainda se depara nos bons autores, sem pecha de plebeismo :

> « Elle se fez agora como *bico de peito* muito vermelhinho. »

Dom Francisco Manuel. — *Feira de Anexins*, 40.

(1) São galicismos de uzo *tratar* por assistir ou curar, *compressa* por cabeçal. A palavra *doença* foi inteiramente substituida pela de *molestia* que entretanto só era aplicada aos sofrimentos moraes (como ainda hoje o adj. *molesto*).

— O Dr. Placido Barboza traduz *flamber* por *chamuscar*, o que está muito bem. Temos entretanto expressão mais convizinha á franceza, que é *afiambrar* e *fiambre*. Quevedo chamou ás donzelas *demi-vierges* de hoje — doncellas *fiambres* — pois que passaram pelo fogo e ficaram um pouco (se já não fora demais) tostadas ou resequidas (1).

D'essa expressão uzada pelo poeta espanhol só conheço em vernaculo um unico exemplo, de Frei Lucas de Santa Catarina :

> A *Donzela fiambre* tambem escreve
> que tem saudades ao seu titere.
> *Anatomico Joc.* I, 133.

— Como equivalente de *poussée* adota o autor a expressão *surto* já empregada pelo professor e escritor NUNO DE ANDRADE. Seria preferivel, a meu ver, o sinonimo *resurto* por que *resurtir* é « saír com impeto ao alto », mas duvido muito que qualquer d'essas expressões consiga divulgar-se. Em certos cazos menos geraes, *poussée* é o que o povo denomina pitorescamente o « *já começa* », pruido, coceira, comichão, cobrêlos. As traduções mais literaes, e ao mesmo tempo genuinas, de *poussée*, em diversa aceção, seriam *puxo, repuxo, empuxo*; e *puxavão*, corruptela de *pux' avante*.

— O autor propõe a criação dos verbos *secrecionar* e *excrecionar* que me parecem inuteis e

(1) A boa etimolojia é *fiambre* por metateze de *friame*, lat. *frigidamen* (C. Michaëlis).

não servem á clareza do vocabulario medico. N'este caminho não posso acompanhal-o. Temos inumeros vocabulos de cunho popular ou literario que podem perfeitamente expressar os varios matizes d'essa idea, quer sob a forma de verbos quer de substantivos : *resudar* e *resudação* (que é de Galeno, *met.* 13, cap. 16) *fluxo ; corrimento ; purgar* e *purgação*, *curso* e *cursar* (muito usado dos classicos) ; *exalação* (de quaesquer humores), *baixa* (menos decente), *destilar* (muito uzado na *Cirurjia* de A. da Cruz), *reçumar* e acima de todos *revêr* que é verbo antigo (e uzado no Ceará — o liquido *réve* nas talhas de barro) e deriva de *revelir*. Os medicos antigos nunca tiveram necessidade de dizer — *excretar* ou *excrecionar* e nem se lhes póde arguir ignorancia n'este ponto.

— Aconselha o autor, pj. 32, a expressão popular *criança de peito*, e o faz com discreto gosto e conforme ao uzo dos classicos. *Menino de peito*, diz Dom Francisco Manuel, na *Feira de Anexins*. No tempo de Garcia de Rezende uzava-se o vocabulo *empetrinar* = dar de mamar :

> As fadas que vos fadarom
> As tetas que vos criarom
> Que assim vos *empetrinaram*...
>
> (Trovas de Afonso Valente.)

Na lenda do *Boi espacio*, segundo a versão de Silvio Roméro, ha a expressão *mamote* que indica o bezerro que ainda mama, e é a que empregara Odorico Mendes quando anotou o seu *Vergilio*

brazileiro; Dom Francisco Manuel applicou-a ao homem no § 8 paj. 41 da obra citada:

— Você é de mama
— Mas eu não sou *mamote*
como elle. »

E tambem Antonio Jozé no seu *Teatro* I, 17 (ed. Garnier).

Entre os livrinhos de *colportage* é bem conhecida a *Historia da Imperatriz Porcina* e lá se depara:

Até *menino de têta*
Que pouco maior seria...
(Paj. 14.)

Temos pois esse abundante numero de formas populares ou vernaculas que se não devem menos-prezar.

— Para substituir *écran*, a pj. 73, o autor propõe o espanhol *pantalha* ou o neologismo *umbraculo* preferiveis sem duvida ao vocabulo francez: ao mesmo intento poderiam servir — *paralume*, *quebraluz* que são formações modernas e literarias. Os italianos dizem *paralume* e *ventola*. Temos nós outros *biombo*, *tabique*, *bastida* e o termo antigo *azerve* se o anteparo é feito de ramos. Nas egrejas ha um pouco para dentro da porta maior o *guardavento*, que é o seu nome tecnico na arquitetura. Por essa abundancia, que não é tudo, bem se vê que o chamado *écran* só anda na boca dos *galicinarlas* como dizia o Filinto.

Aqui fico. São inumeras as observações excelentes que se deparam n'este livrinho, onde tanto esforço, dilijencia, estudo ou talento se traduz em perfeito equilibrio e lucidez de espirito. Acredito piamente que este opusculo vale muito mais que uma duzia de novelas, contos ou versos, *razoaveis*, d'esses que aumentam anualmente o esteril catalogo da nossa bibliografia.

VIDA DE JORNALISMO

JORNALISMO (1).

Si eu tivesse de escrever a minha vida literaria na imprensa, rapida e precaria como foi, não sei de que modo haveria de travar as linhas dessa perspectiva que já se vai esmorecendo no passado. De lonje, os pormenores se apagam, e necessito ainda envelhecer (porque a velhice é uma especie de auzencia) para que tenha a perfeita compreensão das coizas.

E, comtudo, a minha passajem pelo tumulto dos jornaes foi apenas um breve momento, sem brilho.

Passei num trecho de planicie sem quédas nem elevações, mas levemente arrugada de pequenos arripios.

Corrêl-a, agora, a pospêlo, dar-me-ia a idéa de um romance ou de um livro de memorias. Mas, na imprensa, para que é um livro? Só as mulhe-

(1) Escrito no aniversario da Noticia (1906).

res, creio, sabem o segredo de ler um romance no jornal; só ellas sabem intercalar um dia entre dois capitulos e marcar com a fita aurea e diurna do sol a leitura interrompida.

Falar da vida de imprensa uma pessoa que não sentiu quazi nunca a paixão politica e nem se interessou pelos vaivens das questões sociais, é verdadeiramente um excesso que faz sorrir.

Não ha jornalismo para os que escrevem as seções mais ou menos literarias das folhas. Não ha ou não querem que haja. Muito mais jornalista será aquelle que chafurdou na lama dos negocios e se perdeu, do que o que passou limpido recontando os sonhos e as fantazias inuteis.

O jornalista é o que governa sem ser governo, é o juiz sem lugar entre os majistrados; é o tribuno sem cadeira nos parlamentos, é emfim um suplemento que a civilização deu ás suas mesmas formulas imperfeitas de escolha e de organização social.

Por isso d'elle disse Bismarck que era o demissionario por excelencia e o homem sem emprego.

A sociedade reclama-o.

É, pois, o homem necessario, ou é um sofista que *faz o seu negocio* á sombra das imperfeições humanas que explora em seu proveito.

O primeiro jornal que conheci foi o da minha terra natal. Era uma folha pequena, mal impressa, de caracteres ilegiveis; aparecia, ás vezes, em papel pautado. O redator passava por dezequilibrado e quasi doido; sem embargo desta circum-

stancia (que era verdadeira) a folha intitulava-se *A Voz da Razão* e foi longamente escutada. E não sei mais; as minhas reminicencias perdem-se no tom atmosferico e lonjinquo daquelles tempos.

De todos os jornalistas, porém, da minha provincia o tipo mais curiozo e bem acabado que jámais houve, foi o do Padre Felix. Era um abolicionista e talvez por essa cauza, de cá o conhecia o Imperador, como vim a saber mais tarde. Era porém jornalista venal, corruptissimo e perverso; o seu jornal, talvez util, era como o orgão fecenino da cidade por onde se dessoravam e escoavam as podridões morais.

A sua especialidade era o doesto e a descompostura por dinheiro. Tinha o vocabulario completo de todas as regateirices, ferramenta afiada do oficio.

Sabia « escangalhar » um sujeito. Comtudo, afetava grande seriedade. (« Eu que sou um homem sério »... era a expressão predileta) e dava-se como rejenerador dos costumes.

Por isso mesmo exijia formulas quazi sagradas, rodeios cerimoniozos no trato das suas maroteiras. Não se lhe podia encomendar diretamente uma descompostura contra qualquer individuo. « Não, senhor! que não era elle instrumento de paixões alheias; a imprensa era sacerdocio e não balcão de afrontas ao genero humano ». A questão, pois, reduzia-se á observancia de certas formulas que os seus freguezes já conheciam :

— Padre Mestre, V. conhece o Manoel Gomes?

— Ora! ora! e quem é que não conhece aquelle patife! Estou com aquelle canalha até aqui (*e punha a mão fechada sobre a garganta*); estou só a espera de documentos, se V. os tem, é favor trazel-os...

De modo que chamava a si o primeiro papel, e transformava o mandante em mero cumplice. Nadá de ser instrumento vil...

Para o pagamento, as formulas eram mais amenas. Não vivia daquillo de jornal; podiam dar, si quizessem, alguma coiza para o doce das creanças. O padre Felix tinha uma duzia dellas e era assim que trabalhava na vinha do Senhor.

Morreu de apoplecia o padre Felix : integrou-se n'um grande vomito subito que o levou.

Apezar desses exemplos terriveis, felizmente raros, nunca deixei de ter entranhado amor pela imprensa. Nella vivi algum tempo e della me não julguei nunca separado; mas sempre percebi que a função literaria nos jornais é meramente decorativa e ornamental : os jornais que a suprimem ou dispensam são, em regra, os mais lidos.

Aqui, no Rio, a cidade por excelencia, foi que vi a grandeza da imprensa e senti a grande facinação.

Foi Quintino Bocayuya o primeiro que me chamou e me deu um pequeno lugar no *Globo* (segunda faze); e, depois delle, Jozé do Patrocinio e Alcindo Guanabara na *Gazeta da tarde* e no *Correio do Povo*. E são estes os tres grandes mestres do jornalismo contemporaneo.

O do meio, o Jozé, era o de quem eu mais gostava, por mais familiar e alegre. Uma vez por outra, não nos pagava, não por avareza (que era em extremo largo e magnifico) mas por dezordem : em compensação, mandava parte do devido e immediatamente *dobrar o ordenado;* e deste passo, dividindo a realidade multiplicava a esperança. A este excesso ideal, preferiamos a metade consoladora, tudo porém ficava em paz e em rizo, a questão de receber sendo aliás insignificante naquelle tempo em que (ai de mim! ainda hoje) todo o ganhado era para pagamentos...

Quando começaram as guerras civis, dezertei da impresa; era cenario grandiozo ou lugubre de mais para um pobre *suonatore di flauto*.

Passei a ser o constante leitor que até hoje sou, de todos os jornais ; porém, o que por misteriosa simpatia mais me prende, é este em que escrevo, pelo tom, pela côr, pela feição artistica e ainda pela hora que coincide com a dos meus ocios; aqui leio nas seções literarias o que de mais deleitoso se póde ler e gozar : o Medeiros, talento excecional, multiplo, omimodo; o Bilac sempre poeta, cheio de frescor e mocidade; o Jozé Verissimo (e aqui não é o seu forte) sempre forte; o Artur Azevedo, o nosso maior escritor de teatro, o João do Rio, singular, raro e elengantissimo; e outros.

Que mais é possivel querer?

Si eu tivesse, porém, o dever de mostrar até onde a imprensa me seduz, mostral-o-ia com a minha propria experiencia quando me vi lonje

deste mundo que é o meu, vivendo em terra de estranhos. Quando estive no velho mundo, cheio de saudades da patria, o jornal brazileiro que eu recebia era lido e relido até o *typ.* da linha final. E que portento! e que resurreição! nas pajinas impressas o Rio de Janeiro vivia enorme, vivo, palpitante, as noticias insignificantes avultavam e arrancavam á memoria os cenarios pitorescos, as aguas e as montanhas; moviam-se as gentes pelas ruas elegantes ou pelos bairros rixosos; o tumulto dos crimes, das festas, das eleições; as bandeiras, a navalha, uma candidatura estapafurdia de qualquer gloria nacional esquecida, protestos, descomposturas. Era bem a minha terra, e eu a via ao pé da bahia immensa onde tiniam as ancoras na lufa-lufa do trabalho, entre as boas vindas dos que chegavam e os longos adeuzes dos que partiam quando as gaivotas, as azas em V, pareciam ondas despregadas, agora aéreas, vivas e soltas; e eu entrevia de lonje a ambição dos politicos disputando aquelle ceptro babilonico, lá lonje, á beira do Atlantico...

FOLK-LORE

1. NANITA. — TEXTO DO SECULO XVIII

2. CONTOS DE APOSTA

I

UM TEXTO RARO E CURIOZO DO SECULO XVIII

Está no programa d'estes ensaios reimprimir alguns textos antigos que pela sua raridade aproveitem aos estudiozos da lingua e da literatura popular.

O que vamos adiante reproduzir é um curiozo ensalmo e esconjuro catolico contra a tradição popular da *Nana e Petigongo* praticada nos claustros com escándalo de timoratos e escrupulozos.

Já apontamos n'este mesmo livro, a sobrevivencia das formas embrionarias do drama antigo no *folk lore*. Antes que se definisse o *Auto* com os variados tipos dramaticos que sucessivamente aprezentaram, o germen primitivo do drama eram *tropos*, como lhes chamavam os antigos liturjistas, que desde o ritual sumptuozo do cristanismo no Oriente se haviam passado aos simples e rudes costumes da igreja primitiva.

Eram dialogos que da mistura e da escorralha das tradições populares revestiam aspetos novos e interessantes.

A *nana* do tradicionalismo espanhol, como diz o texto :

> *Nanita* chamado em Espanha
> *Cheganças* em Portugal,

não tem semelhança com as *cheganças* celebradas no Brazil desde os tempos coloniaes, mas com os *quicumbis* tambem conhecidos desde o seculo XVII, em algunas particularidades e pormenores da ação (1).

A *Nanita* é apenas um *tropo* e vestijio da forma primitiva do *Auto*. A *chegança* é já um *auto* caracterizado com a fizionomia da sua especie.

Na vida da claustra no seculo XVIII havia, mais que relaxação, dezavergonhada soltura, devassidão de costumes, e o texto do *Romance catolico* é apenas um flebil gemido de conciencia menos corrompida contra o que ella chama um cazo demoniaco.

Não temos nenhum texto vernaculo d'estas *cheganças*, mas podemos estabelecer o paralelismo com outro peninsular que não deve diferir do portuguez.

Como se depreende do malamanhado romance em esconjuro, o *demonio Eco*

> Que em forma de criança
> Veiu *Nanita* a ensinar,
> E *Petigongo* tambem
> Para a todos enganar

(1) O da morte e resurreição de *Mamêto*, filho da rainha Vᵉ. Mello Moraes — *Festas e tradições*, 162-164.

Pois *Nanita* e *Petigongo*
Todos o aplaudiam os mais...

o cazo é aprezentado como insolito e assombrozo.

A verdade, porém, que essas danças, folias, festas funções, no tempo de D. João V, se faziam assidua mente nos conventos de freiras, ponto e prazo de namoro e de libertinajem da epoca.

A essas freirinhas aconselhava um padre que não uzassem, luvas, nem leques, nem alvaiade na cara, nem tantos *alentos* descompassados e ridiculos e nem as estendidas caudas dos habitos (1).

E essa corrupção era inevitavel desde que os conventos se tornaram o refujio de mulheres erradas e levianas que, envergonhadas do mundo, para lá iam finjir de Madalenas improvizadas.

O romance é um *pliego suelto* dos muitos que se publicaram entre as *Relações* ou especies de gazetas avulsas do tempo. Foi impresso na *Oficina de Domingos Gonçalves*. Lisboa, no ano de 1743, segundo as indicações ao pé da ultima pajina.

ROMANCE CATHOLICO

Em detestação dos perversos cantares, e viciosos estillos inventados pela malicia humana com

(1) *Portugal na epoca de D. João V.* por M. Bernardes Branco, pj. 41. Veja-se no mesmo livro um obceno especimen de autos ou farças que se reprezentavam em lugares sagrados pj. 45 47.

ajuda do Demonio, em que se dá brevemente noticia de hum horroroso caso succedido em Espanha na Villa de Cabra no Convento do Glorioso Patriarca São Domingos adonde appareceo o Demonio persuadindo aos Religiosos o Canto de Nanita, e Petigongo inventado por elle, e ensinando ás creaturas em figura de menino : o qual a força dos Exorcismos declarou chamar-se Eco o terceiro Juiz do Inferno, e que cá no Mundo lhe chamavão Nanita, e Petigongo, para confusão dos que cantão a vileza do estillo das Cheganças, vil no Canto, vilissimo no que se profere, e immensamente peccaminoso no que se diz com advertencia aos Pays de familias, para evitarem o seu culpavel descuido.

Peccadores, que engolfados,
no mar do mundo andais,
ás loucuras ponde termo,
a Ley Divina observay :
lastima he ó humanos,
que seja alegria tal,
que em lugar de honrar a Deos,
tanto assim Deos offendais?
mas ay que chegou a tanto,
o vosso enorme peccar,
que até por divertimento
a vosso Deos tratais mal,
Santo do Ceo suspendey
o louvor, Anjos pasmay,
que o que em vós he gloria a Deos,
no mundo he pena infernal :
attendei para estes homens,

no seu estillo de cantar,
chorareis com ancia amarga,
o seu dilirio, o seu mal!
chorareis? Porque ainda que,
na gloria ha gozo immortal,
tendes motivos pois vedes,
do canto o mundo abusar:
he o canto só devido
a Deos Trino; pois louvar
se vé sempre nesses Ceos,
de continuo sem ceçar:
e os homens tambem sempre,
no canto deve orar;
mas ay que trocado o culto,
ao demonio o vem dar?
já senão ouve no mundo,
mais que o demonio invocar!
e porque as culpas não bastão,
cantando o invocão mais:
ó disgraçados humanos,
que sendo do Ceo o cantar,
cegos louvando ao Demonio
o culto a Deos lhe roubaes
para assombro vosso, ó homens?
para pasmo do que obraes,
ouvi o seguinte caso,
soccedido em Hespanha já:
a trinta de Agosto em Cabra,
Villa em Hespanha principal,
entrou o demonio Eco,
a Religião a perturbar,
de São Domingos a tempo,
que hião Matinas rezar,
horrorosas vozes deu,
com que a todos fez pasmar:
Exorcismarão o espirito,
se assim veyo a declarar

que era o terceiro Juiz
desse impio tribunal,
que em fórma de criança
veyo Nanita a ensimar,
e Petigongo tambem,
para a todos enganar,
e como já por Hespanha,
o seu som cantavão já,
e só nas Religioens
he que lhe vinha a faltar;
que vinha áquella primeiro,
a persuadillo sagaz,
por evitar o seu canto,
que o fazia desesperar;
para no Coro tambem,
se ver Nanita acclamar:
pois Nanita, e Petigongo,
todos o aplaudião os mais:
Exorcismarão-no logo,
e com gritos desiguaes,
bramindo por esses ares,
foi ao inferno parar:
quem dirá, ó peccadores,
ó humanos quem dirá?
que as cheganças deste tempo,
não he canto infernal?
provéra o immenso Deos,
o chegára a declarar,
e verias como este canto
o inventou Santanás,
homens, que filhos, e filhas,
consentiz em cantar tal,
sabei que louvores mil,
ao demonio vem dar:
bastava a enormidade,
que proferem com dezar,
para que vileza tanta,

não houvessem de expressar,
vileza he do conceito,
a que chegão a proclamar,
pois nem discreto, nem justo,
aborrecimento dá :
só em gloria do demonio,
vem este canto a parar,
Nanita chamado em Hespanha,
Cheganças em Portugal :
por amor de Jesu Christo,
que he a Deos todo igual,
vos supplico peccadores,
queiraes tal erro emendar;
pois com este tão vil canto,
vossas filhas insinaes,
á perdição por galhofa,
injuria da honra tal,
na loucura cahi todos,
em que assim cegos andaes,
deixay cantos do demonio
o louvor a Deos muday :
aprendey de seus espiritos
Celestes que sem cessar
cantão a Deos Santo Santo
tambem vós assim cantay :
nas seguintes coplas tendes,
com que a Deos gratificar,
as mercés que lhe deveis
disto não vos esqueçais ;
acabem-se desta vez
astucias de Satanás,
com que vem fero inimigo,
vosso dano procurar :
cresça a Deos Trino o louvor,
e a sua Mãy de Graça mar,
para que com seu auxilio
nos chegue á gloria a ellevar.

Padre Nosso.

Eterno Pay, e Senhor
clemente, e piedoso Deos,
louvores vos sejão dados.
Pay nosso que estaes nos Ceos
o teu nome em toda a parte,
o meu coração deseja,
que louvado sempre sempre,
e santificado seja :
a nós pobres miseraveis,
bem podeis ajudar vós,
vosso favor nos assista
o teu nome venha a nós
a gloria de teus perceitos,
sempre cumprida se veja,
no mundo executada,
no teu Reyno seja feita,
fazey piedoso Senhor,
vos adoremos em fim,
fazendo-se em todo o mundo,
a tua vontade assim,
louvores mil vos deseja
esta alma render, Deos meu,
sejais, meu Senhor louvado
na terra como no Ceo,
ostentando mais clemencia,
emparenos o favor vosso,
e pois famintos estamos,
daynos Senhor, o pão nosso
deste Celestial manjar,
de quem todo o inferno foge,
day-nos meu Deos, e Senhor,
cada dia nos day hoje :
veja-se em nosso favor,
vossas merces piedosissimas :

Senhor Deos misericordia,
perdoay-nos nossas dividas :
por santo perceito vosso,
os inimigos amamos,
perdoay-nos nossas culpas
assim como nós perdoamos
mil offensas cometemos
miseraveis peccadores
perdoay affavel a todos
aos nossos devedores :
guiados com vosso auxilio,
culpas nos fazey fugir,
livray-nos de offensas vossas,
e não nos deixeis cahir :
nosso inimigo astucioso,
nos percipita, ajuday-nos,
fazey Senhor não cayamos
em tentação, mas livray-nos.
De vosso Filho Unigenito
a triste morte de Cruz
seja o escudo que nos livre
do mal todo. Amen Jesus.

Ave Maria.

E Princeza do Ceo Senhora,
Estrella brilhante luzida,
as creaturas vos louvem,
com o Anjo, Ave Maria :
fostes para Mãy do Verbo,
do Espirito fecundada,
sois filha do Eterno Pay,
Senhora, cheya de Graça :
preservada abeterno,
foste sem culpa prodigio,
sede Senhora com nosco;
pois o Senhor he contigo

a mais fermosa entre todas,
nos olhos de Deos perferes,
bendita sejais Senhora
benta es tu entre as mulheres
em tuas entranhas puras,
hum inmenso Deos trouxeste,
es do Eterno Pay escolhida,
bento he o fruto do teu ventre :
nestas miserias fatais
que nos cercão cada dia
favorecey-nos, rogay
a Jesu, Santa Maria,
o vosso favor pedimos
continuo nos altos Ceos
valey-nos auxilio nosso
Virgem Santa, Mãy de Deos;
afflictos tememos sempre
do inferno seus rigores
delles nos livray Senhora
rogay por nós peccadores.
esta furia infernal,
Serpente devoradora,
deseja tyrannizar-nos,
sempre agora, e na hora,
mas a vossa protecção
com vossa divina Luz
sejão na vida o remedio
da nossa morte. Amen Jesus.

Efetivamente, são conhecidas em Espanha varias d'essas *Nanitas*, escorços de autos liturjicos incorporados em fragmentos de lejendas ou tradições mouriscas. E como dizem os verros essas *cheganças* eroticas e semiafricanas correram em toda a peninsula passando do seculo á vida recluza das relijiões.

Nos *Cantos populares españoles* de Rodrigues Marin vem uma d'essas nanitas a duas vozes que Murguia compara a certas funções da Semana Santa de uzo em Santiago da Galiza.

Eil-a :

(*Un rey moro tenía una cautiva cristiana, y ésta cantaba, mientras dormía un niño* :)

1.ª voz. Cuando yo era niña,
Al campo salía
Tras las mariposas;
Cual ellas corría.
Cuando yo era niña,
Por el campo andaba
Tras las mariposas;
Cual ellas volaba.
Por el campo fuí,
Rosales sembré,
Espinas cogí.
Ea! ea! ea!
Que no soy tan fea;
Y si lo soy, si lo soy, que lo sea.
Eh, eh, eh,
Si yo soy fea, ¿qué le importa á usté?
Duérmete, niño,
Duérmete.

(*El rey, que estaba escuchando, contesta* :)

2.ª voz. Te quiero, niña mía;
Te quiero, duerme,
Más que á las flores que nacen
En el campo y el viento mueve.
Más que al arroyo
Del prado verde

Te quiero, niña mia;
Duerme.
Quiéreme, sí;
Como á las flores
Te quiero a ti.
Duerme tranquila;
Duérmete, sí;
Como al arroyo
Te quiero a ti.
1.ª voz. Nazarena soy,
Nazarena fui;
Si soy nazarena,
No soy para ti.
Al run, run, mi vida.
Así dormia su Niño
Santa María.
Y al ron, ron (*¿á la-ro-ro?*)
Dormía la Virgen
Al Niño-Dios.
Allá arriba en el monte Calvario,
Matitas de oliva, matitas de olor,
Restañaban la sangre de Cristo
Cuatro gilgueritos y un ruiseñor.
Nazarena soy, etc.

A beleza, candura e ortodoxia d'este sinjelo *tropo* muito difere das facecias de Frei Lucas de Santa Catarina reprezentadas em Oudivelas.

O *quicumbi* é já uma depravação sensual das primitivas formulas dialogadas da *Nanita*, mais proxima do antigo *strambotto :*

Vengo di notte, e vengo apassionato...
Si ti risveglio un gran peccato faccio..,

que passou ás serenatas da peninsula.

II

CONTOS POPULARES DE APOSTA

Entre os contos populares brazileiros colhidos da tradição oral pelo fundador do nosso *folk lore*, Silvio Romero, nenhum é talvez mais expressivo da confuzão em que podemos laborar quanto á complexa orijem do nosso fabulario que este do *Kagado e o Teyú*.

Ao primeiro aspeto, parece indijena; e não falha aí o tipo de sagacidade o *Jaboti* ou *Kagado* que sobreleva a do rival, pois são ambas as personajens n'aquella historia precizamente dois rivaes que cortejam a mesma noiva.

Os animais que aí figuram são igualmente indijenas. Parece, pois, que o teor da fabula aqui se havia de formar.

A verdade é porém outra. O conto é literalmente africano, sem conter se quer nenhum novo elemento de assimilação, a não ser essa exterioridade das *dramatis personæ*.

É facil verifical-o pela comparação dos textos.

Eil-o, o conto brazileiro.

Foi uma vez, havia uma onça que tinha uma filha; o teyú queria casar com ella, e amigo kágado tambem. O kágado sabendo da pretenção do outro, disse em casa da onça que o teyù para nada valia, e que até era o seu cavalo.

O teyú logo que soube d'isto, foi ter tambem á casa da comadre onça, e asseverou que ia buscar o kágado para alli, para dar-lhe muita pancada á vista de todos, e partiu. O kágado, que estava na sua casa, quando o avistou de longe correu para dentro e amarrou um lenço na cabeça, fingindo que estava doente. O teyú chegou na porta e o convidou para darem um passeio em casa da amiga onça; o kágado deu muitas desculpas, dizendo que estava doente e não podia sair de pé *naquelle dia. O teyú teimou muito : « Então, disse o kágado, você me leve montado nas suas costas. » — « Pois sim, respondeu o teyú, mas ha de ser até longe da porta da amiga onça. » — « Pois bem; mas você ha de deixar eu botar o meu* caquinho *de sella, porque assim em osso é muito feio. O teyú se massou. e disse : « Não, que eu não sou seu cavallo ! » — « Não é por ser meu cavallo, mas é muito feio. « Afinal o teyú consentiu.*

« *Agora, disse o kágado, deixe botar minha* brida. » *Novo barulho do teyú, e novos pedidos e desculpas do kágado, até que conseguiu pôr a brida no teyú e munir-se do mangoal, esporas, etc.*

Partiram; quando chegaram em logar não muito longe da casa da onça, o teyú pediu ao kágado que descesse e tirasse os arreios; se não, era muito feio para elle ser visto servindo de cavallo. O kágado respondeu que elle tivesse paciencia e caminhasse mais um bocadinho, pois estava muito incommodado e não podia chegar a pé.

Assim foi enganando o teyú até á porta da casa da onça, onde elle metteu-lhe o mangoal e as esporas a valer. Então gritou para dentro de casa : « Olá, eu não disse que o teyú era meu cavallo ?! venham vêr! »

Houve muita risada, e o kágado victorioso disse á filha da onça : « Ande, moça; monte-se na minha garupa e vamos casar. » Assim aconteceu com grande vergonha para o teyú. (S. Romero).

Ora, o mesmo conto existe no *Kimbundo* e foi colhido quazi textualmente em Angola, por Heli-Chatelain nos seus *Angola Folk-Tales* (1) uma das mais belas e seguras contribuições para o estudo ou literatura popular africana.

Trazido pelos negros, quando estes domiciliados no Brazil, logo se vulgarizou, incorporando-se ao nosso *folk-lore*. É o conto a fabula *Nzamba ni Dizundu* (o elefante e o sapo) na versão dos negros de Loanda.

Tiveram grande parte as *mucamas*, é sabido, na nossa vida familiar e domestica; e eram ellas as escravas que muitas vezes acompanhavam as crianças e d'ellas cuidavam. Foi essa a circumstancia essencial que favoreceu a migração dos mitos e lejendas africanas.

A versão africana é a seguinte :

Je parle souvent de l'*éléphant* et de la *grenouille* qui faisaient la cour dans une maison.

Un jour la grenouille dit à la fiancée de l'éléphant :
— L'éléphant *est mon cheval.*

Quand il vint à la nuit, la fiancée lui dit :
— *Tu es le cheval de la grenouille.*

Mais tarde, em viajem para a caza da noiva o sapo (*grenouille*) recorre ao mesmo expediente do kágado, dá-se por doente, e não podendo caminhar,

(1) Reproduzido tambem na tradução e coleção de René Basset, donde fizemos os excerptos que adiante se encontram, por mais accessiveis aos leitores ; os textos angolenses que não vem em Basset seriam de dificil compreensão.

consegue o favor de cavalgar o elefante, e em seguida põe-lhe a *brida* :

— Grand père, je vais tomber. Laissez-moi chercher de *petites cordes pour t'attacher dans ta bouche.*

Ainda obteve licença para empunhar o chicote (*mangual*, no conto brazileiro) :

— Laisse-me prendre une *branche verte* pour chasser de toi les *moustiques.*

O final é quazi o mesmo com a só diferença de que o kágado victoriozo ao chegar a caza da noiva logo anuncia que o *teyu* (respective, o elefante) é seu cavalo (« Eu não disse que o teyú era o meu cavalo » ?) ao passo que na versão local angoleza, é a propria noiva que primeiro o reconhece quando os avista e os saúda com as palavras seguintes :

— Eléphant, en vérité, tu est le cheval de la grenouille.

Ou no texto negro :

— *Eie, nga Nzamba. u kabalu muene ka ngana Zundu* (tu senhor elefante (és) o cavalo mesmo do senhor sapo).

O conto veiu, pois, directamente da Angola e com os escravos negros que de lá, e desde o primeiro seculo da descoberta, foram trazidos para o trabalho agricola. Os elementos de adaptação são insignificantes e rezumem-se na substituição de animais africanos por outros indijenas o

kagado sempre astuciozo em lugar do sapo e o *teyu* em lugar do elefante.

Dentre todos os contos de indios sul-americanos colhidos por Couto de Magalhães, Hartt, Barboza Rodrigues e Ehrenreich nenhum tem qualquer parentesco ou afinidade com este.

A versão de *Heli-Chatelain* é apenas uma variante das muitas que se encontram no *folk lore* do grupo *bantu* ou *banta* africano.

De uma tribu *Niam-Uezi* do mesmo grupo etnico ha uma historia do *Elefante* e da *Lebre* (que é o tipo essencial, entre os negros, da astucia) em que se aproveitam alguns elementos do conto que aqui consideramos. Trata-se egualmente de um cazamento e na festa de bodas aparece a *Lebre* cavalgando vaidoza um asno, segundo a versão de F. Stuklman:

Da kam ein Hase, auf einem Esel reitend...

A substancia da historia é porém outra (1) aparte esse por menor que se repete.

Um estudo arrazoado das orijens do nosso *folk lore*, cada vez mais fortalecerá a convicção de que muito pouco devemos ao indio, na formação do espirito nacional, e, pois o *indianismo* no romance e na poezia, especie de jacobinismo letrado, não passou de triste burla patriotica e literaria quazi sem fundamento na alma popular.

(1) A. Seidel. — *Das Geistesleben der afrik. Negervölker* — 259.

III

Outra fabula que passa por ser indijena graças ao artificio de seus caracteres externos, é o da aposta de corrida do *jaboti* e do *viado*.

O kagado ou *jaboti* socorre-se ao estratajema de ocultar na floresta e pela raia do caminho outros *jabotis* apalavrados para a aposta. E é certa a victoria.

Este conto se ha de considerar uns dos produtos mais primitivos e arcaicos da psicolojia popular e pertence de certo á camada paleozoica do fabulario. O pensamento elementar é o da *astucia* que desde cedo se verificou, podia levar a melhor á força. Era o triunfo, raro mas fativel, do ser fraco e debil contra o gigante.

Nòs contos arianos a astucia é mais intelectual e complicada, como a da *rapoza* fertil em expedientes.

Aqui, ella tem a sua forma primitiva e rudimentar; o primeiro recurso para baldar os fortes é fujir-lhes. A *fuga* ou a *carreira* é pois tambem uma força contra a força. D'ai essas apostas de corrida, no *folk lore* universal. Depois, outra astucia e expediente é o disfarce. Uma *tartaruga* ou *kagado* não se distingue de outro, pois que os membros vivos da fizionomia se lhes escondem na carcassa inexpressiva.

Esse expediente do disfarce ainda mais gros-

seiro, vemol–o em outra historia popular do *Compadre-folhajem*.

A historia, todavia, não é indijena, apezar d'esta personajem assidua nos contos indianos, o *jaboti*. É uma fabula *africana*, trazida indubitavelmente pelos negros escravizados.

O estudo comparativo do *folk lore* africano fornece-nos grande numero de versões que correm entre as tribus bantus do continente negro.

Conheço pelo menos as seguintes :

A. A versão do Konde, prossimo a Moçambique em que a aposta se trava entre o *Elefante* e o *Kagado* que diz capaz de saltar por cima do grande paquiderma.

O kagado conchava de antemão com a mulher que se vai ocultar entre as ervas do outro lado do elefante :

— Anda, diz o elefante, salta lá!

— *Hop!* faz o kagado finjindo saltar e escondendo-se nas ervas.

— *Hé!* exclama a mulher do kagado do outro lado.

O elefante verifica e convence-se do salto.

Essa aposta continúa com a de uma carreira com o *kagado* que dispoz previamente todos os parentes e aderentes pelo caminho. É até nos seus pormenores o mesmo conto brazileiro (1).

B. Outra versão do mesmo grupo etnico africano é dada por Ferstl (*Yao-Erzählungen*); é a aposta

(1) O conto figura no livro de René Basset (*op. cit.* 277) tomado a *Schumann* — Grundriss einer Gramm. der Kondespr.

de corrida do leão e todos os animais que disputam por premio magnifico quatro prezas de marfim (paj. 102-103, em Ferstl, e 283 em R. Basset).

C. Versão dos *Duallas* do grupo bantu. A aposta é entre a lebre e o kagado. Este vae postando os filhos escondidos pelo caminho os quais devem gritar ao passar a lebre :

— *Lauf, Häslein, lauf!*

A lebre é assim enganada até o termo da corrida (Seidel — *Das Geistesleben der afrik. Negervölker*, 162).

D. Versão de Camerum, do mesmo grupo. Os parentes do kagado, pelo caminho, á lebre que passa rapida, incitam com a saudação ironica :

— *Guten Tag, Herr Hase!*

Os pormenores são ainda os mesmos do conto brazileiro (T. von Held — *Märchen und Sagen der afrik. Neger*, 98.)

E. Uma versão já muito complicada e diferente, a dos *Bassutos*, é a fabula do Leão que manda sucessivas embaixadas de varios animais ao Rei Koko por saber o nome de certa arvore. El rei Koko não oculta o arrevezado nome da arvore : *Motlatladianémotlata*, etc... Os animais, que sucessivamente trazem o recado e o vem repetindo pelo caminho topam com um formigueiro e...lá esquecem a palavra. E' ao mesmo tempo uma variante do conto universal de *Tom-*

tit-tot, que transpira em outras historias do nosso *folk-lore*.

Só o *kagado* consegue conservar a palavra, porque à vista do formigueiro repete, por exclamação, as palavras da mensajem: — *Tlatladi-alha!* (Jacottet — *Contes pop. des Bassoutos*, 44).

Como se vê, não ha aqui uma aposta, mas a tartaruga consegue vexar o lião e os grandes animais, com a prova da propria superioridade.

Ao mesmo tempo, a fabula complica-se com o incidente de *repetir* palavras dificeis, *traba-lenguas* analogo aos que ocorrem no *folk lore infantil* de todos os povos.

Apoz este exame comparativo das fontes da fabula parece-me evidente não ser tupi ou brazilica. É, em todos os pormenores e minudencias, africana e do grupo bantu que habita o sul da Africa e donde vieram os escravos negros.

Não é menos certo como fiz de principio observar que a *astucia*, a força dos fracos, é uma façanha que não podia escapar á admiração desde os primeiros tempos. As fabulas arianas estão cheias d'ella, e o que mais dificulta o estudo das orijens é que aquella aposta da tartaruga já a encontramos em varios Izopetes medievaes.

The hare and the tortoise figura na coleção de l'Estrange, ingleza, e ainda entre as fabulas de Lafontaine (VI — fab. 10) *Le lièvre et la tortue* Mas, apezar das aparencias, o apologo não é o primitivo e no seu fundamento essencial revela um estado de diferente e adiantada cultura. O *Ele-*

mentargedanke, na definição de Bastian, que convem antes de tudo discernir nas criações da imajinação colectiva não é o da *astucia*, mas o da culta *vaidade*, da filaucia ou do orgulho. De fato, na fabula de Lafontaine a lebre perdia a aposta porque por excessiva confiança deixara ir a tartaruga até

quand il vit que l'autre touchait presqu'au bout de la carrière...

com a vaidade de inda assim vencel-a. É pois uma fabula que nada tem de comum com a africana, a não serem os animais *adrede* escolhidos, segundo o andar veloz ou tardonho. Essa preferencia pelo *viado* ou pela *lebre* não envolve carater moral da historia, mas inclue-se na mesma idéa da velocidade.

Cada vez mais se fortalece em mim a convicção de que o *indianismo* do nosso povo, sob seu apeto moral e psicolojico, é um influxo levissimo e que deve ser, ainda mais do que o fez Silvio Romero, reduzido pela critica a muito menos que o que geralmente se acredita.

METROS BARBAROS

Uma inovação na metrica
dos versos portuguezes.

METROS BARBAROS

Recentemente, um dos poetas brazileiros de mais fino enjenho, Magalhães Azeredo, tentou introduzir na metrica portugueza os chamados *versos barbaros*.

Raros, mui raros, entre nós, possuem como elle a severa correção de forma, a elegancia e o sentimento da linguajem, no que ella tem de mais expressivo e muzical.

Uma reforma ou inovação metrica d'aquella especie tentada uma vez ha um seculo por Jozé Anastacio da Cunha (na versão do Idilio XIV de Gessner), não logrou a aprovação de A. de Castilho que mais tarde examinou a questão, a propozito de outra tentativa de Nolasco da Cunha.

«É uma quimera, dizia Castilho, sem o minimo vislumbre de possibilidade». Tratava-se então de naturalizar os hexametros e pentametros latinos.

N'este particular, é lastimavel que até hoje se não tenha publicado um manuscrito de Nolasco,

O Homero moderno, no qual expõe as suas teorias do hexametro portuguez e em hexametros traduz o canto V dos *Luziadas;* dentre suas obras publicadas, em metro latinos, algumas poezias sairam no *Investigador Portuguez* no ano de 1813.

Estes dous inovadores eram eruditos ou sabios e apenas mediocres poetas, o que pode explicar a má fortuna que acharam os insulsos hexametros de sua lavra.

O cazo de Magalhães Azeredo é, porém, muito outro d'aquellas tentativas imperfeitas e inabeis. A inovação de hoje vem apadrinhada por um poeta elegantissimo, inspirado e eloquente.

Eis a justificação que aprezenta da tentativa :

« Pretender que a nossa poética (diz elle) é já bastante opulenta de ritmos e não precisa de outros se me affigura temerario; não é menos opulenta a italiana e acolheu os *metros barbaros.* Essa razão de resto foi já invocada contra o alexandrino e não o impediu de vingar. Razão semelhante invocavam os músicos da escola melódica antiga contra as concepções de Wagner... Todos os misoneismos se parecem nos gestos e nos argumentos.

« Como foi contestada a affinidade entre os meus versos e os hexametros e pentametros, proval-a-ei com alguns exemplos :

Te meminisse docet, quae plurima voce peregi
Supplice, quum posti florea serta darem.

TIBULLUS. — Lib. I, El. II.

Namque agor, ut per plana citus sola verbera turbo
Quem celer assueta, versat ab arte puer.

TIBULLUS. — Lib. I, El. V.

Me miserum adspicite, et si vita puriter egi,
Eripite hanc poslem perniciemque mihi.

CATULLUS. — El. LXXVI.

« Leiam-se esses disticos á maneira moderna : (da declamação antiga perdeu-se o segrêdo : acompanhavam-na geralmente os accordes da harpa, e ella devia assemelharse ao modo como se cantam hoje as letras dos trechos musicaes, em que se dá ás sillabas a duração de um ou mais tempos, conforme as exigencias da música). E veja-se como ha nestes meus a mesma sonoridade:

Lá, no castello tácito, as negras janellas abertas,
como órbitas sem olhos, fitam o parque, o bosque,

o cálido horizonte. Calmíssima, a noite de estio
estende, sem um sôpro, tenues sendaes violaceos

sobre o arvorêdo grave. Na altura, é de puro azeviche
o ceu, mas constellado coruscante de joias.

« Em outras elegias o verso correspondente ao pentametro é de tipo diverso :

Harpas eolias pendem dosaltos ramos?
Nec scire, utrum sis albus, an ater homo,

diz Catullo no célebre epigramma a Cesar.

« Ha innúmeros exemplos de pentametros que dão a mesma impressão dos nossos decasillabos:

Ut cedant certis sidera temporibus.
E Berenice vertice caesariem.
Quam de virgineis gesserat exuviis (1).

São do bello e famoso carme d'aquelle poeta a *Coma de Berenice.*

Eis ainda hexametros de cadencia differente, tirados das *Elegias* de Propercio :

Perjuras tunc ille solet punire puellas.
Quam vacet alternus blandos audire sussurros
Non tribus infernum custoditfaucibus antrum.

Estes se lhes semelham :

Rouxinol que cantas escondido, e o fragil ninho
tens no cavo tronco de um carvalho centenario,
ou num muro ha vinte longos séculos erguido...

Quanto ao ritmo poético portuguez, supponha-se que eu escrevo esta estrofe :

O' Natureza augusta !
tu geras innûmeras vidas ;
e a cada instante sonhas
mil novas creaturas.
Mas todas destruidas,
as queres por tuas peçonhas

(1) A mesma cadencia acrecentamos nós, é propria dos iambicos. O verso de Catúlo

Phaselus iste, quem videtis, hospites

têm o mesmo ritmo de outros de Camões:

Noturna sombra e sibilante vento
IV — est 1.

ó pérfida Locusta,
de mãos impuras!

« Ninguem contestará serem genuinamente portuguezes os versos de que ella consta. Ora, os das minhas elegias são identicos, com a differença de serem agrupados em dísticos, dois a dois, o que não lhes altera a harmonia, tanto mais não havendo a simetria das rimas. A falta d'estas, em todo um volume não escasso, será talvez uma audacia, hoje, no Brazil; diga-se melhor, uma extravagancia... mas, por Deus! só faremos o que vemos fazerem os outros? »

De todas as inovações metricas menos antigas do portuguez a unica que logrou algum exito foi a dos *alexandrinos* com Figueirêdo no seu *Teatro*, em Bocaje e afinal em Castilho. O endecasylabo italiano dos quinhentistas rimado como em Camões, ou *branco* e solto como em Sepulveda e Ferreira, tornou-se o metro heroico.

O que se não pode negar é que os versos de Magalhães de Azeredo têm a mesma pompa, sonoridade e belleza dos de Carducci e podiam ser incluidos e exemplificados no excellente tratado de versificação recentemente publicado por Olavo Bilac e Guimarães Passos (1). Aqui damos por amostra d'estes versos novos a formosissima

(1) Foram-no, logo depois, no tratado que precede o *Dicionario de Rimas* de Mario de Alencar (ed. Garnier, 1906). Este tratadinho é um trabalho orijinal e o primeiro em que se estuda a formação dos nossos versos segundo a unidade do ritmo, *pé* ou *metro*, como na poetica grega e latina.

ESTATUA MUTILADA

De alvissimo pentélico as formas divinas refulgem.
Certo, gerou-te a patria da Belleza,
a Héllade eterna. O' corpo sublime, que bárbaras garras
torpes te mutilaram atrozmente?
Psiche, Afrodite ou Juno, quem quer que tu foste sem pena
o martello sacrilego feriu-te,
os brancos pés quebrou-te, rompeu-te os esplendidos braços
(onde essas mãos liriaes foram dispersas?)
nivea petrina, seios em flor, bellos flancos polidos
como urnas... nada, ah! nada te pouparam!
Sômente o resto. Intacto, sereno elle brilha. Sereno,
hierático, impassivel, e perfeito.
Eram assim as Deusas. Tu és uma Deusa. Debalde
te offenderam, debalde ignaras gentes
aqui te relegaram supina nesta orla de bosque,
numa rústica e sórdida morada.
Debalde, anno após anno, por séculos lentos e escuros,
entre almas incapazes de entender-te,
de te sentir o arcano prestigio, dormiste em silencio.
Tu sabias (as Deusas tudo sabem)
que eu de longinquas terras viria, de terras selvagens,
para te amar, ó Deusa, de joelhos...

Os italianos sempre buscaram imitar os metros latinos, acomodando-os não sem violencia á versificação romana.

D'essas imitações latinas tivemos algumas mórmente no periodo dos Arcades, quando se deu aquele abuzo de *Odes mouras* (como lhes chamava por escarneo o Tolentino) arrevezadas e esdruxulas.

De todas as inovações do tempo, a estrofe

safica por mais simples foi a que teve melhor acolhida. Compunham-n'a sempre os nossos poetas de tres endecasilabos (os mais perfeitos com o acento na 4.ª silaba) seguidos de um verso menor. Algumas d'estas odes são entre nós famozas como a de Jozé Bonifacio aos baïanos:

Altiva Muza, ó tu, que nunca incenzo...

e como esta, varias outras de Garção, Filinto e Bocaje (1).

Os italianos tentaram ainda outras formas estroficas, a *alcaica* e a *asclepiadea*, mas sempre sem exito.

A esta serie das suas tentativas é que se veiu a ajuntar a dos *hexametros*, isto é, a dos *disticos* da poezia grega e da latima.

Propriamente, o *distico* se compõe de um *hexametro* e um *pentametro* segundo a formula mais comum em Ovidio.

(1) O tipo horaciano é de tres versos saficos e um *adonico* menor, segundo o squema:

— u | — — | — u u | — u | —u |
— u u | — — |

Poucos seriam os versos portuguezes que sofreriam o cotejo com estes. O verso quinario menor, na *Ode* de Jozé Bonifacio é sempre de *sete* silabas e nenhum dos endecasilabos tem o ritmo dos *saficos* horacianos. Poderiamos de certo imital-os dizendo:

Longo | sendal | lucido | feito | d'ouro, |
Rapido—correu. |

Mas com tamanhas prizões e dificuldades seria quaz impossivel a arte da poezia, sem sacrificio da espoonta edade.

Em verdade são versos compozitos, como o indica a cezura:

Sempre mi sta innanzi | quell' ultima notte funesta
Che il fin condusse | de' brevi giorni tuoi.

ou ainda:

Quando alle nostre case | la diva severa discende
Da lungi il rombo | de la volante s'ode.

são estes os exemplos que transcrevi de um dos tratadistas.

Nos tempos classicos da literatura italiana era o endecasilabo o herdeiro unico do hexametro greco-latino, e como entre nós, o verso heroico e dos grandes assuntos (1).

Mais tarde apareceram inovadores por excesso do mesmo *classicismo*. Na Italia, Leon Battista Alberti e logo outros com a adezão significativa de Anibal Caro. Em França, Desportes fez tentativas infelizes em lingua de todo inapta a essas tardias resurreições (2).

Em Portugal tentaram-n'o, dissemos, J. Anastacio da Cunha e Vicente Pedro Nolasco nos primeiros decenios do seculo passado.

A este metro pertence entre outras produções a

(1) No antigo *Rimario* de Ruscelli já vinha declarado: « Comunque sia che degli antichi, ò dé moderni sia stata questa d'invêtione di *Versi sciolti* ella si vede acconcissima a rappresentar la forma de *Versi Essametri* latini ». Referia-se ao v. *solto* endecassilabo.

(2) Giovenale Sacchi — *Della divisione del tempo nella*

Elejia ao General Moreau, publicada no *Investigador portuguez*, de 1813, a qual assim começa em hexametros alternados com pentametros, segundo a metrica dos gregos e latinos :

Veos funebres da Morte, que fulgurando nos astros,
  Cá sobre a terra palida sombra cobre,
Dai-me que subindo ás fontes da etherea vida
  Mysterios sonde, que avido o Ceo recata
Da humana sorte os quadros notando medonhos.
  Fluctua a Mente, pavido o seio treme,
Fins occultando mostra a Providencia meios
  Que aos mortaes olhos cega vereda traçam,
Por ella a Razão marchando, vacilla, tropeços
  Acha de verdade na escurecida rota.

musica, nel balo e nella poesia. Milano-1770; paj. 150 e seguintes. Dos versos do Tolomei cita os seguintes :

Orna il colle vago, Parnaso, or adorna la fronte
  Quinci di santi rami, quindi di fronde sacre
Qui spargi intorno, con calta amaranto viole
  Colma d'odor tutta spiri la bella via.

De Dionigi Attanagi est' outros :

O' del tutto vani degli uomini folli desiri
  O' cure fallaci, ô lubrico stato loro!
A che s'ordiscon quaggiù pur nuove speranze,
  Se quaggiù nulla pur ora breve dura.

Na metrica antiga dos cancioneiros e dos poetas peninsulares não houve jamais versos que alcançassem a extensão silabica dos antigos hexametros. Cf. os estudos de Fried. Hanssen e o que, acerca dos mesmos, escreveu Carolina Michaëlis de Vasconcelos no *Cancion. da Ajuda II*. Com esta e com G. Baist, estou pela minha vez persuadido de que a simples contajem de silabas não basta para caraterizar os versos portuguezes.

Da sordida Cubiça, da Tyrania cruenta
 Cahir nas garras a Integridade vemos.
Com torpe jubilo folgando o Crime trïumpha
 E em pranto, e ferros a humanidade geme.
Na horrenda alluvião de males que a terra desolam.
 Náufraga a virtude quasi que o termo toca.
Feios mais que Egypcia treva, de lucto cobertos
 Os tristes dias da Escravidão negrejam.
Ja curvo de crueis Tyranos á ferrea vara
 O genero humano vira de pranto dias.
Nesses, que inda a Magoa aponta, de Emacia campos
 Onde hostes patrias crua peleja abriram,
Ao Crime jus, triumphos á Infamia dando,
 Co' insulto a Sorte quiz macular os evos.
O rigido inimigo da Prepotencia dura
 O censor fero d'horrîdos arbitrîos,
Catão firme expira ; e co' a liberdade caindo
 Resigna os foros d'alta nobreza humana
Não menos em crimes fertil ; mais negra no lucto.
 A idade nossa fez Tyrania crua.

São versos mal feitos, mesquinhos de inspiração e estropiados quanto á forma.

Imajinem a *Iliada* de Homero vazada n'esse molde.

A metrica d'esta elejia é diversissima da formula italiana adotada por Magalhães Azeredo com outro primor de expressão. Quando se examinam porém os *versos barbaros* sem nenhuma prevenção mizoneista, o defeito que se logo n'elles descobre é o do excessivo longor. É mera proza ritmica, ainda que, n'este cazo, do melhor quilate.

A metrica popular é contraria aos versos longos

antipaticos ou inconciliaveis com o canto. O mesmo endecasilabo já quazi excede o sentimento lirico e serve melhor, como a proza, á declamação. Mas não ha nenhuma fraze viva e sentimental que necessite quinze silabas, sem descorar e amortecer a comoção que a produz.

Os *metros barbaros* serão um instrumento da eloquencia, nunca o da verdadeira poezia.

Entretanto é possivel que me engane. No seculo XVI não faltou a reação contra o verso italiano, mas o endecasilabo logo cedo venceu todas as rezistencias opostas pelos poetas da *medida velha*. Mas, ainda até hoje, a *medida velha* é a unica que se pode dizer popular e não foi nunca dezamparada pela muza do povo de todos os tempos.

Na poezia trovadoresca que aliás pouco se argamaçou pela tradição dos seculos classicos, não é dificil encontrar versos que aparentemente excedem os proprios alexandrinos, como estes de D. Diniz :

Madre, moiro d'amores que mi deu meu amado
Quando vejo esta cinta que por seu amor trago.
Ed. Lang. — 75.

Mas são versos duplos, apostos, como são afinal os hexametros de Magalhães Azeredo.

GRAMATIQUICES

O Dr. Silvio de Almeida e as suas *Palestras filolojicas*.

I

PROLOGO

Uma das coizas que se devem contar entre as menos agradaveis, Deus me perdôe, é a de sustentar polemica com os gramaticões de velho tipo, mórmente se estão colericos e irados ou se se dão por ofendidos, em suas tolas vaidades.

Os homens que *faute de mieux* analizam Camões, revolvem participios, espulgam os *tranzitivos* e os *bi-tranzitivos* formam uma casta realmente temeroza, e intratavel.

O peior, porém, é que o numero de gramaticos curtos, rudes ou ignorantes é assombrozo. Dir-se-ia ser a *gramatica* o espojadouro onde vão cair todas as vocações erradas, ou o esgoto que recolhe a atrabilis e a revolta de todos os dezequilibrios mentaes.

Eu teria muitas razões para, n'esta materia, conservar-me silenciozo.

Não quero e nem devo falar de mim mesmo; creio, porém, que não peguei jamais da pena para levantar polemica, o que só se poderia explicar por estimulos da vaidade.

Certamente, que importancia haverá para o mundo ou para mim, que saiba eu mais, ou menos ou tanto como qualquer individuo?

Por isso é que em geral para os meus confrades n'essa torva e minima ocupação de coizas de linguajem a que por deficiencia de outros meritos me afeiçoei, caindo na regra comum da esterilidade e da insignificancia, tenho só palavras benevolas, faceis e até excessivas.

Se levemente asperas, sempre as minhas expressões revelam uma pequenina desforra de agressões longas, azedas ou perfidas, quando é de mister algum dezabafo á atmosfera de odientas e ridiculas recriminações.

Sempre aceitei os ensinamentos uteis dos mestres, e as vezes até os dos tolos, porque como disse o poeta,

> Un sot quelque fois ouvre un avis important.

Ha mais ainda.

Os meus estudos de linguajem são meramente *objectivos*. É raro que me entregue a questões de saber o que é *melhor* ou o que não é *bom*.

O publico mais comum, por preguiça ou por falta de informação, não distingue aquella diferença de metodo e confunde todos os estudiozos das orijens e da historia da lingua e da literatura sob esse aspecto, com a classe dos que lejislam sobre *O que é correcto* ou o *O que é errado*.

É inutil, porém, estabelecer essas distinções

que, levadas á onda comum, passam por subtilezas...

Na bela e culta cidade de S. Paulo vive domiciliado um gramatico, jornalista, cançado talvez de haver escrito em meu louvor algumas palavras (que aliás não mereci nunca) e esperando uma reciprocidade que infelizmente se não deu na medida a que se julgava com direito.

Mudou, então, de rumo e começou uma *campanha*. Ja se vê, para o homem perdi todos os agrados. A minha omissão logo se transformou em ofensa. Alguma leve falta, da minha parte, veíu estimular-lhe o *virus* gramatical que logo verteu em formulas de apodo ou disfarçada injuria.

Frazes torcidas ou dubias, larachas perfidas, com borriscos de lama, vinham todos os dias esparrinhar aos meus pés.

O triste folicular io tomava o cuidado e a despeza de m'as carreiar até á minha porta para que tivesse bem a segurança de que a espurcicia havia logrado alcançar o seu destino.

Que fazer?

Por minha parte, eu não dava resposta alguma; não me aprazia duplicar o lameiro.

Por vezes sorria eu de tamanha e inesperada indignação, com essa sarcastica impiedade com que ás vezes nos rimos dos *rompimentos* e d'esses trejeitos de colera, de certos criticos e jornalistas cujos moveis são sempre ocultos mas tambem sempre viziveis.

Aprazia-me, então, a lembrança de que o azedo zoido era o mesmo homem que pouco tempo antes cabia na especie d'aquelle que como dizia Gregorio de Matos

De um sacritão faz um Nuncio

quando as conveniencias ou a fraude lh'o aconselham. É sempre a mesma demazia de boca, concava ou convexa, conforme o rumo dos vapores internos.

Quando, em 1908, vieram a lume as *Frazes feitas*, não cuidava eu que esse livro destinado a dar sono aos insones viesse tiral-o a quem quer que fosse.

Desde tres ou quatro anos mais ou menos, publica o snr Dr Silvio de Almeida por uma folha de S. Paulo as suas *Palestras filolojicas*, nas quais procura explicar vocabulos, modos de dizer, brazileirismos. Sem livros a não ser alguns dicionarios, sem leitura suficiente de autores, sem nenhuma educação teorica ou pratica, era muito natural que as suas *Palestras* não lograssem mais que o favor de meras curiozidades inventivas ou de repetições sediças de coizas vulgares e sabidas.

O *diletante*, sem embargo das suas investidas pelos arraiais da ciencia da linguajem, não tinha e nem podia ter outro metodo senão o do falecido Castro Lopes.

As *Frazes feitas* vieram destruir, (e não era nenhuma Africa) grande numero d'essas toleimas e explicações estapafurdias do autor das *Palestras*.

Mas nem havia aluzão a esse obscuro folhetinista e menos o propozito (o que seria um disparate) de critical-o.

Eu conhecia apenas alguns dos seus folhetins. Achava-os curiozos, ainda que pobres de documentação e meramente inventivos, como não podia deixar de ser o trabalho de um *erudito* sem livros, sem o material conveniente, sem informação bibliografica se quer, entregue ao sabor do talento especulativo...

Alguns dicionarios e meia duzia de classicos mais triviaes não bastam para o estudo da historia da lingua.

Repetiam-se, pois, com o Dr Silvio de Almeida a mesma tentativa e o mesmo intento frustro já realizado pelo Dr Castro Lopes. Um e outro ofereciam algum interesse de sujestão ou curiozidade, não ha negar; mas nenhum d'elles podia ser tomado ao serio.

O Dr Castro Lopes, porém, tinha uma grande superioridade. Não foi nunca um copiador de obras alheias.

II

BOCADINHOS DE OURO

Não quero, agora, dizer que ao Doutor Silvio de Almeida falta a invenção propria ou a orijinalidade.

Ao contrario, é um *orijinalão* e ás vezes da força do famozo Calino.

Permito deixar ao leitor, e sem comentario, a critica de algumas das suas *explicações* que me parecem dezopilantes e inauditas.

Ver-se-á, então, a qualidade e o *metro* das suas chamadas pesquizas, e se devo eu perder tempo em comental-as.

Poderiam figurar no volume popular das *Bernardices* do antigo doutor *Nada-lhe escapa* do tempo de D. João V.

Eil-as em varias amostras. O autor dispõe-n'as em grãosinhos, segundo o conselho do padre Manoel Bernardes. Está convencido de que são bocadinhos de ouro.

Este, por exemplo :

De popa a proa, de bombordo a estibordo, correspondem a—em toda a extensão do navio, de extremo, á extremo, de lado a lado.

Da cabeça aos pés aplica-se de preferencia ao homem.

Dirão que é de Calino ou do Simplicissimus.

Pois enganam-se é do Silvio de Almeida, deste doutor iluminado e eruditissimo.

« Bengala, segundo o cardeal Saraiva... »

(Incomodar um cardeal por tão pouco...)

Bengala, bastão, segundo o cardeal Saraiva, proveiu, por abreviatura, de « canna de Bengala », a conhecida possessão portugueza da India, do mesmo modo que *pinga de aguardente* deu simplesmente *pinga*. »

Mas, que pinga pulha de doutor. Se o não sou-

besse sobrio e abstemio, diria que na pinga estava elle !

Leiam esse especimen de sabedoria :

Na *Arte de furtar* se diz que « a corda quebra pelo mais fraco », por isso « todos os passaros comem trigo e quem paga é o pardal ».

Parece um disparate morbido.

Ou est' outro que ninguem sabia :

Joanete saliencia do pé nada tem com o nome proprio *João* !

E ainda :

Parlapatão é um composto evidente (sic) de *parlar* e *patão*, aumentativo de *pato*.

Pode imajinar-se acazo maior parvoice ? Valerá a pena proseguir ?

Ainda outra :

O *dar dois dedos de prosa* é locução mulheril (*sic*) propria de costureiras (!) e d'aí tiraram os eruditos o *saber dois dedinhos de grammatica.* »

É realmente assombrozo ! São tão descabeladas estas sandices que tenho até a suspeita de que os leitores não acreditem textuais. Entretanto, são transcritas *ipsis litteris* das *Palestras filolojicas* d'esse celeberrimo *Mal das vinhas*.

O nosso gramatico é dos que fazem « de argueiro cavaleiro » e criam dificuldades só por mostrar o alcance telescopico do bestunto.

Ouçamol-o ainda uma vez, tratando da linguajen familiar :

Em cazos como o seguinte :
— Então Fulano é voluvel ?
— Oh ! *si é...*
Claro está que o *si* nada tem aí de condicional; mas deve entender-se como o afirmativo *sim* na forma arcaica.

Ninguem ignora que a resposta (*oh, si é...*) é apenas a admiração pela duvida de quem pergunta, e equivale a-*oh si é voluvel* ! ou-*oh se o é* !

Isto é simples, e por isso mesmo não convem ao *Simplicio pimenta* (é um dos pseudominos do gramaturgo) que arde por arcaismos e resabe sempre a especies fossilizadas (1).

Ha nas suas gramatiquices certos sintomas que acuzam qualquer dezordem cerebral. Tal é esta que pelo pitoresco é digna de ser rejistrada :

De *fubá* e de *sapéca* é que se formou *fubéca*, no sentido de *sova* (!) palavra mestiça e corrente em frazes como esta : — Tome *fubeca* que o trunfo é paus !

É perigozo ! Ha qualquer dezarranjo n'essa alma racional de gramatico, talvez a *espinhela caida* ou outro morbo pestilente.

Vou mandar-lhe o livro de São Cipriano.

(1) Mais tarde este mesmo vero *Simplicio*, a propozito de um livro de Julio Moreira, confessa que o *si* é conjunção, mas por não dar o braço a torcer, lembrado da antiga parvoice, ajunta : mas... ainda ha lugar para considerar o *si* das repostas como a conservação da forma arcaica de *sim*.

III

PRATA DA CAZA

Gosta este celeberrimo doutor Almeida de opor de vez em quando (se se lhe deparam etimolojias) objeções de *fonetica historica* como se de tal coiza entendesse ou divizasse se quer as primeiras linhas.

As suas etimolojias são estapafurdias, ridiculas e monstruozas, sem o menor senso cientifico ou pratico, ou antes, sem nenhum senso comum.

Apreciem, por exemplo, esta :

De *pax vobis* (que literalmente quer dizer *paz para vós* e por translação *idiota* (1) pronunciado assim *pac uobis* resultou *pacovis*.

Não posso medir nem avaliar o tamanho d'essa asnidade.

Do facto de antigamente adotar-se na escrita um só carater grafico para as duas letras *v* e *u* não se conclue que houvesse a pronuncia *uobis* por *vobis*, e em palavra corriqueira.

E ainda suposto que assim se pronunciasse, a fraze seria *paks uobis* e não *pacuóbis*.

E como de *páquizuobis* havia de sair *pacovis*,

(1) Mostrei nas *Frazes feitas* que eram palavras de saudação tomada ao Evanjelho e uzadas por antigos poetas.

só este barbeiro podera arrancar com o seu boticão dos diabos.

Para reduzir a coiza alguma essa moxinifada basta lembrar que *pacova* ou *pacoba* é o nome da banana.

Em S. Paulo (estou informado) toda a jente quazi morreu de rizo quando este filologo propoz sobre a fraze-*tomar calças de Villa Diogo*-a sua incomparavel emenda em espanhol da sua lavra : *calzas de huir luego* !

Caramba !

É sempre agradavel, por dezopilante, e como materia de folhetim, respigar outros exemplos d'essa filolojia picaresca.

Aqui vai o nosso doutor dizer donde se tirou a palavra *paspalhão*.

Paspalhão é augmentativo de *paspalho*.

Vamos pois ao *paspalho*. Depois de comparar o sentido de *paspalho* com o de *espantalho*, diz sentencioza e gravemente :

« Agora obviamente se explica *paspalho* como agglutinação de *spasmus paleus* : espantalho de palha.

« *Spasmus* deu *pasmo*, que não só designa *espanto* senão tambem o que nol-o (1) produz; e *pasmo* reduziu-se na composição á primeira syllaba — *pas*, — de acordo com muitos outros exemplos, á maneira de *fidalgo* : fi (lho) d (e) algo. »

Aqui ha um verdadeiro cacho de disparates.

(1) La a elle, que a mim já não espanta.

Uma caza de marimbondos. O latim não tinha o adjectivo *paleus* que é de invenção deste latinista avariado. No latim *spasmus* é convulsão ou caimbras e não *espantalho* que é pura invenção deste doutor acomodaticio; de sorte que *paleus spasmus* ou *spasmus paleus* deve signficar — *caimbras de palha!* — coiza que em verdade faz rir e faz chorar, ao mesmo tempo, tal qual a filolojia d'este impagavel gramatico e latinista.

É esta uma etimolojia que deve ser empalhada digna como é de uma posteridade mais longa que a de Sezostris.

Abstraindo do sentido da fraze (aceitando a tolice por momentos) sob o aspeto material dos sons, a parvoice continua a ser a mesma porque a queda da ultima sibaba de *spasmus* só seria admissivel se fosse *spasmus paleus* fraze de uzo habitual e constante o que se não verifica n'essa mera função sem existencia real, propozitada e erradamente imajinada por esse novo dispauterio (1).

Outro cazo.

Pelo seu irreprimivel pedantismo argúe a toda

(1) Como observa a este propozito, J. Cornu, *apud* Grõber (II, 747) a queda da silaba final só se realiza entre compostos sintaca- ticos, isto é, frazes ou talhos de frazes, necessariamente muito repetidos : como os nomes de titulos *dom* (por dono) *dom* Pedro; *san* (por santo) *San* Luiz, etc. É o caso de *fi-d'algo*- mas não desse espurio *spasmus paleus*, parto e frioleira desse espirito enfermo.

A frioleira rezultou de, nas suas correrias pelo dicionario de Cortezão, tão expoliado, encontrar em seguida a *paspalhão* a palavra grega *paspalo* que nada tem de ver com este cazo, nem pelo sentido nem pela aplicação.

a gente de faltas e de erros, com o sangue frio e a serenidade propria dos ignorantes. Aqui está o mestre escola de ferula em punho :

Tenda não veiu de *tender* como quer Adolfo Coelho, mas antes de *tegenda*, « para cobrir », como *lenda* de *legenda*.

Este simplalhão amador nem sequer procurou saber que ha *tente* no francez, *tenta* no latim barbaro, o que torna impossivel a derivação de *tegenda*.

Acrescente-se que o tema *teg* literario e classico, não deixou formas verbaes nas linguas romanas (1) e essa palavra *tegenda* ou qualquer sobrevivencia, *teenda*, são puros mitos dessa fantazia morbida ou inepta.

N'este ponto podia servir-lhe de mentor o seu camarada Nobiling.

A verdadeira orijem do verbo *tendere* já podia ser deduzida do verso de Vergilio, como está já em pratinho feito no Quicherat : « *Hic tendebat Achilles* — ici étaient les tentes d'Achille (2).

Mas o nosso Silvio corrijirá Vergilio e fará o poeta dizer : *hic tegebat Achilles*.

E sai assim um grammaticão todo tosquiado só

(1) Apenas derivados mediatos, *telha*, *tecto*.

(2) O mesmo exemplo no Bluteau : « *Tendere* é em Virgilio, armar uma tenda (Hic sœvus *tendebat* Achilles : ahi tinha o valeroso Achilles a sua tenda. » O S. de Almeida tem o Bluteau, mas desta vez lá não foi ; e é tão *caipora* que até por lá não ir, saiu tosquiado. A isto é que os francezes dizem cair de costas e quebrar o nariz.

pelo gosto de ir buscar lã... e até pelo de não na ir buscar.

De outra feita, e só para mostrar a falta de probidade d'esse torvo rabiscador, inventou que o adjectivo *chué*, alem do sentido normal, tem (coiza que ninguem jamais percebeu) o de *vagarozo*.

Esta acepção foi adrede arranjada para embasbacar a galeria, com alguma erudição de pacotilha que não tardou, tomada ás frazes incluidas no *Tezouro* da lingua guarani de Montoya :

Chué (vide Montoya) significava propriamente *tartaruga*; de maneira que, para dizerem, por exemplo, *tu andas devagar*, usavam os indios : *nde* (tu) *atá* (andas) *chué* (tartaruga), ou como tartaruga.

Ora, aqui como sempre se apinham varias parvoices.

Nunca, em portuguez, *andar xué* ou *chué* significou — andar de vagar

Na linguajem do Brazil tambem não ha tartaruga terrestre ou aquatica conhecida com o nome de *chué*, e n'este cazo deve ser um vocabulo rejional, do Paraguai ou alhures, o que se confirma pela auzencia do nome no dialeto tupi.

O sentido de *xué* é lizo, escorrido (vestido *chué*, etc). e não *vagarozo*. E, o que mais agrava a situação lastimavel do gramatico, *xué* é boa palavra portugueza, não tem nada de brazilica, rejistrada desde Bluteau e é de orijem arabica, já esclarecida por Dozy, Engelmann, Eguilaz y Yangas e outros...

IV

PRATA DAS IGREJAS

Depois de vistas as toleimas, examinemos coizas mais serias... de lavra alheia.

É um *verdadeiro relojio de repetição*, automatico e todavia astuto, perspicaz e felino.

A verdade verdadeira é que o dr. Silvio de-Almeida ás vezes escreve as suas *Palestras filolojicas* pondo a saque alguns dicionarios, revistas e livros conhecidos com uma sem cerimonia espantoza.

Fora d'aí, é sempre o que já vimos.

A sua habilidade consiste em fazer um embrechado ou mozaico segundo o vezo a que com tanta falta de escrupulo se acostumou, contando com a indiferença do publico que em geral não se informa das fontes nem pesquíza a orijem d'essas erudições *laroussianas* já de sobejo suspeitas.

Certifiquemo-nos :

Noitibó (diz elle) é um passaro. A palavra se originou de *notivolus* e não de *noctivagus* com quer Adolfo Coelho.

Aqui refutou o A. Coelho, mas a custa do Cortezão que diz :

Noitibó. Do lat. *noctivolu* » noitiboo (*Rev. lusit.* IV, 280 ».

Dir-se-á que houve ainda coincidencia ou que o nosso filolego não conhecia o Cortezão.

Não creiam. Tão bem o conhecia que o cita mas lá muito lonje e a propozito de outrapalavra, *sobrancelha* (1).

Sarilho (explica Silvio de Almeida) formou-se de *sericulum* e este de *sericum*, seda.

Diz o Cortezão mais concizamente :

Sarilho. Do latim *sericulum seric'lum*) de *sericum.*

Que original filologo! e que finorio! (2)

Eis outra pesquiza do sempre orijinalissimo grammatico.

Bolonio. Como um homem sem valor se pode com-

(1) Ainda no mesmo lugar aproveita não sem habilidade o Cortezão tomando ao mesmo um vocabulo problematico (*phanda*, pança? (sic) sob o vocabulo (*pandorga* para explicar adiante *pantafaçudo*. De modo que o radicalque Cortezão utilizou para explicar *Pandorga*, de que tambem trata no mesmo artigo o nosso Silvio, transferiu este para o *pantafaçudo.*

É sua a especialidade em *mozaico* de pedacinhos de dicionario, refutando a *uns* que sempre nomeia a custa de *outros* que não convem nunca nomeiar.

(2) Uma das suas manhas consiste em tomar a indicação dos dicionaristas e completal-a como se fora achado seu. Assim a proposito de *Patàra*, Cortezão indica, sem citar, o texto das *Mem. de Literatura* da Academia, e là recorre o Silvio e copia o trecho na integra. A propozito de *Aseitar* ainda indica Cortezão os *Ineditos de Alcobaçá*, 3ª e lá vai o homem buscar o texto integral mas sem dizer quem lhe marcou ou indicou o caminho e o lugar. Isto é em que se cifra a orijinalidade das suas *pesquizas.*

parar a uma *bola* que vae *rodando* segundo o declive, formou-se a palavra *bolonio* para designar o que não pensa por si.

Todo este achado preciozo é uma amplificação do que em duas palavras diz Adolfo Coelho no seu *Diccionario etymolojico* :

Bolonio, estupido, etc. Deriv. de *Bola*, suf. *onio*. Cf. *Bolas*.

De modo que quando pilha o Adolfo Coelho não cita a pobre victima; lembra-se d'ella, porém, como já vimos, quando tenta corrijil-a, mas sempre á custa de outro mestre que propozitadamente deixa na sombra e no tinteiro (1).

Eis um exemplo dos seus processos :

O substantivo *lazeira*, soffrimento, miseria, e o verbo *lazerar*, padecer, provieram do latim *lacerare*, despedaçar, torturar, etc. Adolfo Coelho pretendeu, sem razão, ligar esses vocabulos ao nome de *Lazaro*, personajem do Novo Testamento.

(1) Assim, por exemplo — tratando da expressão *boa prol lhe faça* recusa o etymo « *pro*, como pensava Adolfo Coelho », e corrije-o indicando a « verdadeira orijem *prode*. » Essa verdadeira orijem tirou-a o Silvio do *Dict. des mots latins* de M. Bréal, mas com a precaução, já se sabe, de não aludir ao filologo francez.

Ha em tudo isto má fé?

Se são coizas sabidas para que reedital-as?

E se novas e ainda não conhecidas por que lhes não apontar os verdadeiros autores? mórmente, quando ouza emendar opiniões alheias?

Não é essa uma rabulice equivoca para passar por mestre ou autoridade?

A sem razão do Adolfo Coelho, só a notou o Silvio quando a encontrou no Cortezão que elle tem o cuidado como sempre de não citar quando aquelle diz que a etimolojia de *lazerar* — lat. *lacerare*. — Na mesma *Palestra* o Silvio nos ensina que

De *phaseolus* com deslocação do accento proveio o nome proprio, *Feijó*.

Leia-se no Cortezão :

Feijó, appellido (e não *nome proprio*). Deriva de *feijoo* (phaseolum). Rev. lusit I, 304.

N'esta mesma *Palestra* que é de 3 de outubro de 1907 e onde se depara o saque feito á obra de Cortezão sem que este nome seja *uma só vez* pronunciado, lê-se ainda o seguinte :

(S. Almeida)	(Cortezao)
« Já houve quem fizesse provir *malandro* de *mau ladro*; porém no latim, como ensina Theil, havia *malandrium*, com o sentido de *leproso*. A conservação do *l* intervocalico accusa a origem hespanhola (*malondro*), ou a italiana *malandrino*). »	Querer derivar *malandro de mau-ladro* é talvez forçar muito. — A existencia do lat. *malandria* (Dic. lat. fr. de Theil)... *Malandria* especie, de lepra...

São, como vê, varios trechos tomados aqui e alli excepto o ultimo sobre a conservação do *e* que por ser uma pequice deve ser do mesmo Silvio. Em rezumo, aqui temos o que é de fato este réles eru-

dito. Vive de careiar os dicionarios, apinhoando na mochila a migalha varia e numeroza das suas vitimas.

Quando copia, não nomeia, nunca jámais, o livro ou autor donde extrae todas a sua erudição de segunda ou terceira lavajem.

Suposto que se não queira dar o nome de plajios a essas reiteradas copias e esbulhos ridiculos, por que em verdade versam sobre insignificantes migalhas, mais enfadonhas que interessantes, o nome que lhe cabe ao seu autor com mais honra e justiça é o de —*relojio de repetição* (1).

V

EPILOGO

Agora, cazo mais grave.

Falta a ultima demão ao retrato. Uma deiradeira pincelada, e estará debuxado ao vivo.

(1) Seria um nunca acabar a rezenha das suas copias; (1). A primeira etimolojia de *Benguela* (francez *bée gueude* que estava nos *Estudos filolojicos* de certo autor e no *Dicion. gramatical;* a segunda etimolojia proposta, dada já por Alberto de Faria. 2. O « isso nos lembra o velho Plauto que escreveu *trium litterarum homo* para exprimir o mesmo que ladrão en latim *fur* » (o que parece ser uma reminicencia da sua cachola muito lida em classicos latinos, mas é simplesmente a tradução do lexico de Quicherat « *Trium litterarum homo* — Plant. Voleur, mot à mot, homme de trois lettres d'après le mot *fur* ») 3. A » *pulla vestis* caracteristica das aflições de pobreza e de luto « da mesma voz *signe de pauvreté et de deuil* transferida estapafurdiamente do Quicherat a propozito de *calças pardas*! 4. O *chorar pitanga*, chorar vermelho ou sangue; explicação tambem já dada por Castro Lopes etc., etc.

Já lhe dezenhamos os traços orijinaes, a graça relamboria dos seus ditos e a voz fanhoza, mecanica e fonografica das suas repetições...

Papagaio de ferro e carnaúba,

como diz um poeta dos que ilustram o firmamento da nossa chancelaria diplomatica.

Aqui, ha tres ou quatro anos, o sr. dr. Silvio de Almeida deu uma bela explicação da fraze popular : — *dizer cobras e lagartos.*

A exejeze, por excepção d'esta vez, era excelente; *cobras* chamavam-se as antigas *coplas* e o ditado aludia ás trovas e versos de maldizer e de escarneo do tempo dos trovadores. *Dizer cobras* (como no castelhano *echar coplas*) ficou proverbial, em quanto o sentido de *cobras* (coplas) se ia arcaizando até que dezapareceu. Na linguajem comum tinha ficado viva apenas a palavra *cobra* (serpente) de outra orijem. D'aí a amplificação : *dizer cobras e lagartos* quando já *cobras* só podia referir-se ao reptil.

Mas... infelizmente a explicação em todos os pormenores não era sua... Já havia sido dada, conforme eu disse já, anos antes por um filologo portuguez nas pajinas da *Revista luzitana.*

O facto veiu a divulgar-se muito mais tarde em 1908 quando publiquei o meu livro — *Frazes feitas.*

N'esse livro, dei a explicação e atribui — aos seus verdadeiros autores, Eujenio Pacheco e Ca-

rolina Michaëlis, segundo o que estava impresso no vol. VII da *Revista Luzitana*.

Não aludi, no livro, ao sr. dr. Silvio de Almeida que passava silenciozamente por autor d'aquella interpretação. A aluzão seria cruel, inconveniente ou mal inspirada.

O cazo d'esta exejeze era demaziado complexo para ser admitida tão fantastica e dificil coincidencia.

Iam as coizas assim em silencio, quando Alberto de Faria, em excelentes comentarios ao meu livro, topou com a lastimavel coincidencia e de boa fé pediu... as datas das respectivas exejezes.

Verificou-se que a orijinalidade do sr. dr. Silvio de Almeida se fizera sentir e aparecer *tres anos* depois da dos seus precursores.

Parece-me que não tendo eu comentado este cazo não havia que me recriminar. Atribuiu, porém, o homem o meu silencio a ma fé ou a habil perfidia.

Desde esse momento dezentoou, enfureceu-se, perdeu a compostura e o senso das conveniencias, começou a descobrir os *meus plajios*, com o fim evidente, já se percebe, de achar um companheiro na sua desgraça.

A doença era a mesma que a pena imortal de Machado de Assis perpetuou nas pajinas do alienista, Simão Bacamarte.

Passei a ser plajiario de tudo, de todos, incluzive das caraminholas desse falhado e esteril erudito de segunda mão.

Vingança ?

Ainda o não sei. Mas seria cazo para uma formidavel cachinada se eu me podesse dezencadernar, como outr'ora em dias juvenis, em expansões de rizo com essas ridiculezas humanas.

O sr. dr. Silvio de Almeida, quando se divulgou o triste e fatidico encontro das *cobras e lagartos*, veiu titubeiante explicar a coincidencia.

Eujenio Pacheco e Carolina Michaëlis haviam explicado a fraze na *Revista luzitana* em 1902; › Silvio *explicou-a* pelos fins de 1904, e quatro anos depois, agora se « encheu de justa ufania » pela concordancia que verificou pedindo de emprestimo aquella revista ao seu amigo, o dr. Nobiling (1).

Não ha historia tam inverosimil como esta. Os snr[es] Silvio e Nobiling são amigos, estudam as mesmas materias, revolvem os mesmos livros, e levam tantos anos estes dois exejetas em descobrir uma *concordancia* d'aquella ordem que com certeza um d'elles teria revelado ao outro !

Demais percebe-se a palidez do sr. Silvio quando confessando a coincidencia diz *voltar ao assunto porque ha tambem alguns dissentimentos*.

E assim encobre o motivo real com esse esburacado farrapo das diverjencias ou dissentimentos.

São estes porem, todos elles, alem de insignificantes inteiramente falsos.

Assim que Eujenio Pacheco derivou a forma antiga *cobra* do latim *copula*, « unicamente, e eu

(1) Filologo, rezidente em S. Paulo.

sujeri (diz elle) alem de tal hipoteze a *influencia* provençal. » E' falsa a suposta diverjencia porque no mesmo artigo da *Revista Luzitana* em toda a pajina 234 se explica que é provençal, « foi transmitida por trovadores e jograes da Provença a trovadores e jograes da peninsula » e ali mesmo se seguem os textos comprobativos.

Onde está o tal dissentimento ?

Outro dissentimento do Silvio é assaz famozo : diz que Eujenio Pacheco e elle Silvio consideram a fraze como popular, o Pacheco de *modo velado* e elle Silvio de *modo explicito*. E ainda: que Carolina considera-a forma erudita, fixada, *até*, em cerca de 1500.

Este *até* é muito carateristico das crianças que tartamudeiam gagueijantes quando pilhadas com a boca na botija.

— Eu *até* nem estava lá !

Essa pequenina coiza é ainda falsidade d'esse taludo crianço.

Eujenio Pacheco não diz coiza alguma e *até* atribue a palavra *cobra* (copla) á « autores » nem Silvio assinala orijem popular senão a que copiou de Pacheco, que diz vir *cobra* de *copla*, *cop'la*, latim *copula* ao passo que Silvio *diverje* (?) dizendo que « *cobra* é transformação organica de *copla* que por seu turno procedia do etimo romano *copula*. »

Na verdade diverjiram sem sair do lugar !

A unica diverjencia está em que o sr. Silvio, em vez de *latino* como devia ser, disse *romano*.

Ainda o homem alegou outro pequeno dissentimento :

« Eu (fala o sr. Silvio) caracterizei a *cobra* pelo encadeamento em *quadras*; Eugenio Pacheco pelo estribilho em *quintilhas* ». É outra falsidade, pois que quanto a este pormenor Eujenio Pacheco se refere ao uzo de *coplas* em « *quartetos* ou *quintilhas* ».

Silvio, tomando os *quartetos* acha que o filologo portuguez só tem direito ás *quintilhas*.

Em fim é alguma generozidade...

Estou *até* convencido do que o Pacheco foi aqui o copista...

É de muita força, o nosso homem. Todavia, alcança-se mais facilmente um coxo.

A explicação da fraze estava no volume VII da *Revista Luzitana* e o sr. dr. Silvio de Almeida conhecia e tinha lido perfeitamente esse volume.

Prova-se.

N'uma das suas *Palestras* citou, reparem bem, *citou o artigo* do dr. Julio Moreira sobre a confuzão de *punir* e *pugnar* (1) ; ora esse artigo era do *mesmissimo volume setimo* da *Revista*, onde estava a explicação da fraze — *Dizer cobras e lagartos*.

Como é, pois, que este homem conhecia a *Revista* para citar a questão de *punir* e *pugnar* e já

(1) Não estavam ainda publicados em livro os *Estudos* de Julio Moreira, os quaes só apareceram em 1908, e o mesmo sr. Silvio deu noticia critica no *Estado de S. Paulo*, Abril do mesmo ano.

a não conhecia quando tratou da historia das *Cobras?*

Latet anguis.

Entretanto e apezar de tudo, não lhe atribuo indignidade alguma n'essa complicada coincidencia.

O que lhe atribuo é a insignificancia de seu proprio ser, ôco, esteril e nulo. É a incapacidade propria que não tem outro remedio e refujio senão parazitar trabalhos alheios, esgaravunhar coizas conhecidas.

É certo que n'esse remendar de farrapos, é por compleição atrevido, ouzado, tanto quanto é louvaminheiro e humilde quando busca atrair alianças e camaradajens.

Quer ser ouvido ou acatado como autoridade, senão.. (1).

Não o odeio, e nem sequer o desprezo. É elle na minha filozofia uma consolação.

Acho-o engraçado e dezopilante quando assenta a sua barraca de feira. O zabumba altiloquo

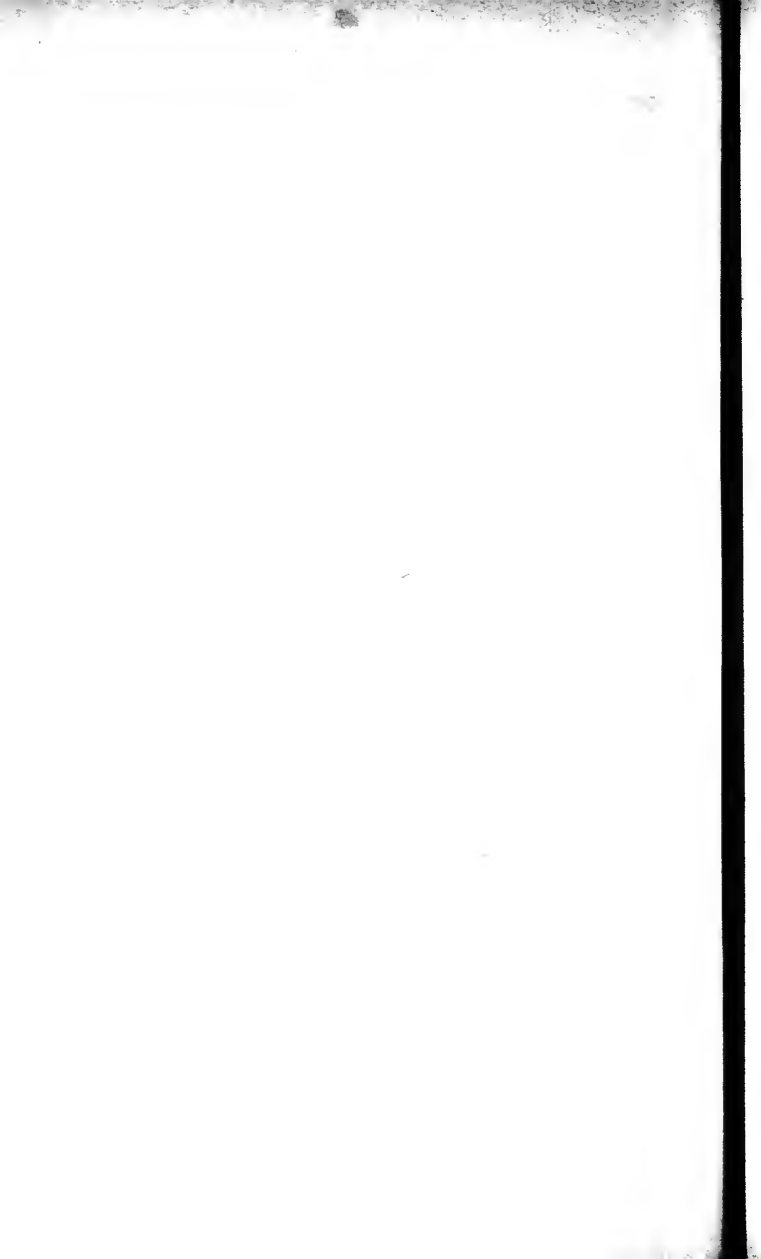
(1) As *Frazes feitas* vinham sem nenhum preconcebido intento contraditar hipotezes do azedo gramaticão espalhadas por algumas gazetas como p. ex. as explicações de *tutú* derivado do guarani *taú*!) passaro *visnau* (avis — navis) os *ff* e *rr* (que veiu de algum mestre escola rabujento, diz elle) o *bispo* (esturro da comida; derivado das « delongas e complicações de processos que subiam ao bispo » !) *vivinho da silva* (« accessorio de superlatividade », e mais nada) *candeias ás avessas* (da que « virada a candeia lá se vai o azeite !) *agua no bico, lhagalhé* (reproduzida do Castro Lopes) *arco da velha*, vila diogo (villa — *casa*, do Diabo !), etc., etc.

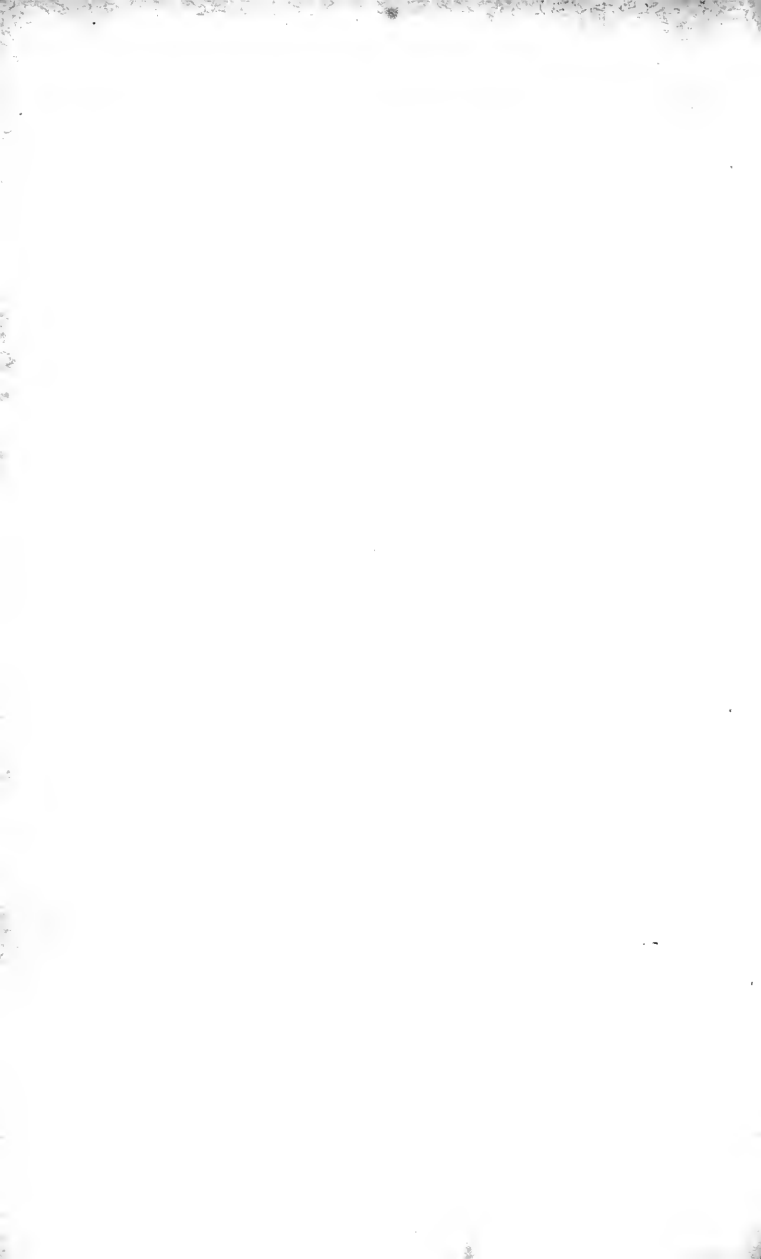
retumba e ensurdece; a logração é grande, mas a patacoada é maior.

O homem brande rapido os pauzinhos; forma-se a feira e aumenta o corrilho dos que lhe admiram os embelecos e imposturas.

Aos lonjes do cenario vê-se o quadro do Tolentino :

Teimozo gramaticão
Que em longo chambre embrulhado
Co' a douta pena na mão
Dá a luz grosso tratado
Sobre as leis de *conjunção*,

Que arranca o cabelo hirsuto
Lastimando a decadencia
Do novo mundo corruto
Que quer negar a existencia
Ao *ablativo absotuto*.

O DIALOGO DAS GRANDEZAS

Um livro anonimo de 1618 sobre o Brazil. Porque ficou inédito?

O DIALOGO DAS GRANDEZAS

O *Dialogo das Grandezas*, é uma das obras mais curiozas que temos sobre o Brazil antigo. Escrita em 1618, por uma pena habil, amenissima e sem a ferrujem do gongorismo que já despontava n'aquelle seculo, momentos antes de expandir a Holanda o seu imperio dos mares sobre as ruinas da grandeza universa da Espanha, foi talvez um d'esses livros de propaganda funesta mais proprios para acender á cupidez dos conquistadores do que servir aos interesses da colonia.

N' aquelle momento havia uma revulsão das ideas economicas a favor da America, e perdia o seu longo e falso credito sustentado pela mirajem sempre facinadora do Oriente, aquela empreza improficua e absurda da India portugueza.

O autor, ainda hoje desconhecido do *Dialogo das Grandezas* desde logo revela o argumento do livro quando o principal dos seus interlocutores

Brandonio ouza dizer que o Brazil vale, pelas riquezas, muito mais que todas as Indias.

Ao que retruca, *Alviano* : « A muito vos arrojais e certamente parece desvario quererdes pôr semelhante coiza em pratica, pois o *poder-se provar está tão lonje como a terra dos céos.* »

Isto diz a personajem secundaria e pretextual do *Dialogo.*

Entra, pois, Brandonio a dar as provas da superioridade economica do Brazil; que digo? nem tanto do Brazil inteiro, mas de tres capitanias apenas e convizinhas, *Paraiba*, *Pernambuco* e *Tamaracá.*

Ora aquillo a que ainda se não deu atenção devida é que as pretendidas provas, são falsas estimativas, calculos a esmo sem nenhum fundamento na verdade das coizas, com a tendencia evidente de encarecer o valor da produção no Brazil. Parecia-se assim a esses folhetos optimistas da hodierna propaganda.

Não é inutil advertir que o descredito da India já não devia tanto espantar a *Alviano.* Era já convicção, entre portuguezes e escritores politicos, o dezastre cada vez mais incomportavel do imperio aziatico.

Um livro tambem em dialogos e que provavelmente foi uma das fontes, pela forma, do *Dialogo das Grandezas* (1) e impresso em 1608,

(1) Refiro-me ao *Sitio de Lisboa, sua grandeza*, etc. *Dialogos* de Luiz Mendes de Vasconcelos. *Lisboa*, 1608.

procura persuadir a mesma verdade, em varios lugares : « Não só a conquista da India *não foi util mas danoza* » porque deslocou a « gente que se emprega n'ella, fazendo falta á cultivação das terras ». E ainda ao interlocutor que inquire « se as Ilhas e o Brazil fariam o mesmo dano ? » responde : « Não ; senão muito ao contrario » e dezenvolve as razões da superioridade economica d'Africa e Brazil (pj 66, 67, 71, 73, etc.).

E foram essas palavras impressas dez anos antes de lançadas as do *Dialogo das Grandezas.*

As estatisticas de *Brandonio* são de mera fantazia. Para chegar a *um milhão de cruzados* (um conto de ouro) organiza uma receita sobre dados que se não conformam com a verdade. Temos documentadas em outro livro do tempo e igualmente em *Dialogos*, como era moda, as rendas, em geral e por menor, cobradas pela corôa no segundo decenio do seculo XVII, que é exactamente o momento precizo em que fala e escreve *Brandonio.*

Pelo *Livro das Grandezas de Lisboa composto por Fr. Nicolao de Oliveira* (impresso em 1620) conhecemos individuamente as rendas das conquistas e assim as suas despezas para a corôa.

« O Estado do Brazil, diz elle, rende um anno por outro *cincoenta e quatro contos* », isto é, 135.000 cruzados o que está muitissimo lonje dos « *trezentos mil* » na estimativa de Brandonio. Por outro lado, o rendimento do *pau do Brazil* é avaliado pelo fantazista em *quarenta mil cruzados*

quando era de *sessenta mil* (vinte e quatro contos) a renda do estanco do preciozo lenho (1).

Mas o que havia de pior n'esse optimismo era que o autor acenava a qualquer povo cupido a excelencia da preza que eram essas *tres capitanias* para um SENHOR LIVRE E IZENTO que podesse cobrar aí nellas todos os direitos que se pagavam fóra, as entradas e as saidas, isto é, os dizimos da exportação e os quintos de importação.

Tudo isto e mais outras vantajens que alega, diz tranquilamente « devem de dar AO TAL SENHOR quando o fosse no modo que tenho dito, muito mais do milhão de ouro de que vos maravilhaste » isto é, « mais do que rende todo o reino de Portugal para os cofres publicos ».

Por essas palavras que me parecem ouzadas ou imprudentes, Brandonio advoga ou a separação e independencia do Brazil ou dezafia temerariamente em tempos tão ensombrados, o apetite dos invazores.

É bem possivel que esse *prospecto* de *exploração comercial* que é o *Dialogo das Grandezas do Brazil*, escrito em 1618 fosse parar ás mãos dos Holandezes na época da conquista da Bahia, al-

(1) *Livro das Grandezas* paj. 330 e 339. Algumas das estimativas coniecturais de Brandonio teem a seu favor certas probabilidades : por exemplo, a renda de 150 mil cruzados por direitos de importação, 20 0/0 ou o *quinto*, que era a quota que em Portugal se pagava na *Caza dos Cincos* pelas mercadorias extranjeiras, não acuza exajeradamente o que havia de ser a realidade.

guns anos depois, realizada por uma companhia de Comercio.

Assim talvez se explique a preferencia dada mais tarde pelos comerciantes flamengos ás *tres capitanias* de Brandonio: Pernambuco, Tamaracá, e Paraiba que ellas sós « independentes e com um *senhor livre e izento* lhe renderiam anualmente mais de um conto de ouro (1) isto é mais do que rendia todo o Portugal » (2).

(1) Um milhão de cruzados.

(2) O trecho mais expressivo a que aludimos é o seguinte.

« Se as tres capitanias — de Pernambuco, de Itamaracá e de Parahyba fossem independentes e tivessem um senhor livre e isento, lhe renderiam annualmente mais de um conto de ouro, isto é, mais do que rendia todo reino de Portugal para os cofres publicos.

« Brand. — Porque já vos mostrei, por conta, de como importavam os assucares, que se navegavão sómente destas tres capitanias pera o Reino, pera a fazenda de Sua Majestade, nos direitos que pagão as alfandegas, mais de trezentos mil cruzados, e tanto havia de colher o senhor livre dos mesmos direitos por sahido, quando deixasse navegar os taes assucares, cado um para a parte donde os quizesse levar; sessenta e tantos mil cruzados, dez que importa mais o dizimo delles; dez ou 12 mil das penções, que se pagão aos senhorios e capitães, e se havião de pagar a elle, pois o ficava sendo, e outro sim quarenta mil cruzados, que importão o *rendimento* do pao do Brazil, e da mesma maneira o que havião de pagar de direitos por entrada, a razão de 21 (?) por cento, as fazendas e mercadorias que viessem, e se navegassem de todas as partes pera as ditas tres capitanias, que conforme a minha estimação devião de importar ao redor de cento e cincoenta mil cruzados. E tudo isto é cousa que está já sabido no que não pode haver duvida ; e o que aínda se não sabe, nem experimentou de que pode colher tambem muito rendimento, é a saber : pimenta da India, que pode fazer plantar e colher pelo modo que tenho dito, e outra diversidade de castas, que ha della, excellentes

Esta suspeita ainda se corrobora e fortalece com o facto sabido de que o manuscrito dos *Dialogos* foi achado na biblioteca de Leyde, nos Paizes Baixos. Foi, pois, muito provavelmente um dos materiais de instrução de que se haviam de prover os societarios da companhia holandeza das Indias.

O grande movel dos flamengos foi o comercio nas suas lutas do seculo XVII. A guerra de conquista do Brazil foi, para eles, literalmente uma reprezalia contra os estorvadores do seu comercio maritimo. Já tive ocazião de fazer entrar por aventura na historia do Brazil como impulso essencial das guerras holandezas a hipoteze economica do *mare liberum* que foi inicialmente uma doutrina flamenga contra os cazuistas ibericos do *mare clausum*.

O capitulo de nossa historia que é o Brazil holandez, tem esse significado mundial, e foi a primeira victoria brilhante do internacionalismo do mar.

assás estimadas dos estrangeiros, quantidade grande de malagueta a qual se dá e colhe pelos matos silvestres, sem beneficio nenhum, em abundancia; gengibre, que pode mandar cultivar por a terra ser muito caroavel de o dar o qual, navegado pera Frandes e outras terras de estrangeiros, deixará muito proveito; infinidade de anil que pode mandar lavrar, porque a herva, de que se faz (a qual na India e Indias se planta e grangea com cuidado e diligencia), aqui nasce pelos campos em tanta quantidade, sem nenhum beneficio, que se pode lavrar della grande somma de semelhante droga. Por maneira que todas estas cousas postas em uso, e juntas com as que já estão postas, devem dar de rendimento ao tal senhor, quando o fosse no modo que tenho dito, muito mais do milhão de ouro, de que vos maravilhaste. »

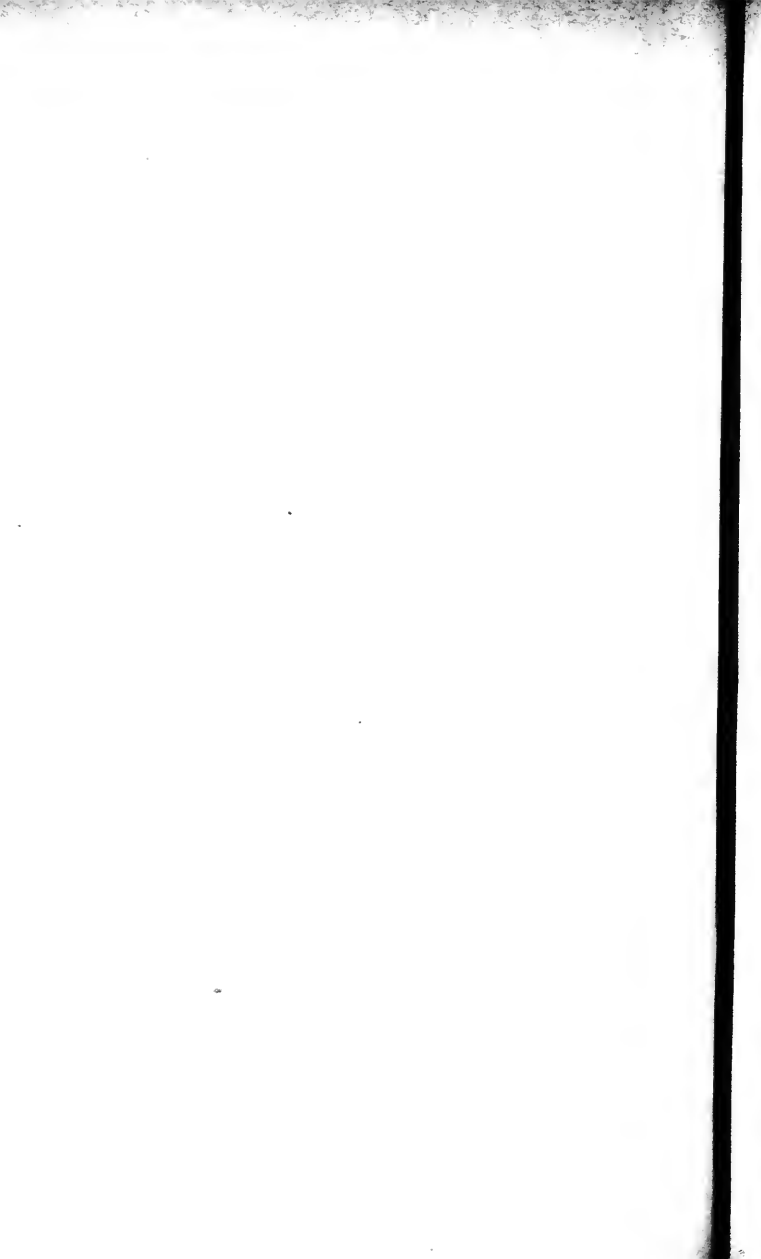
Não é menos certo que são os interesses grosseiros e economicos os que determinam quazi sempre a victoria de principios liberais. Conta Duarte Ribeiro de Macedo (consta o cazo das suas *Obras ineditas*) que em num jantar entre diplomatas ouvira de um d'elles, decendente de Grotius, que os holandezes convieram em afrouxar a defeza do Brazil contra a insurreição portugueza, pois viam nesta colonia uma concorrencia dezastroza ao comercio das Indias de que já se haviam apossado. Era essa razão, ainda aqui, meramente economica e comercial.

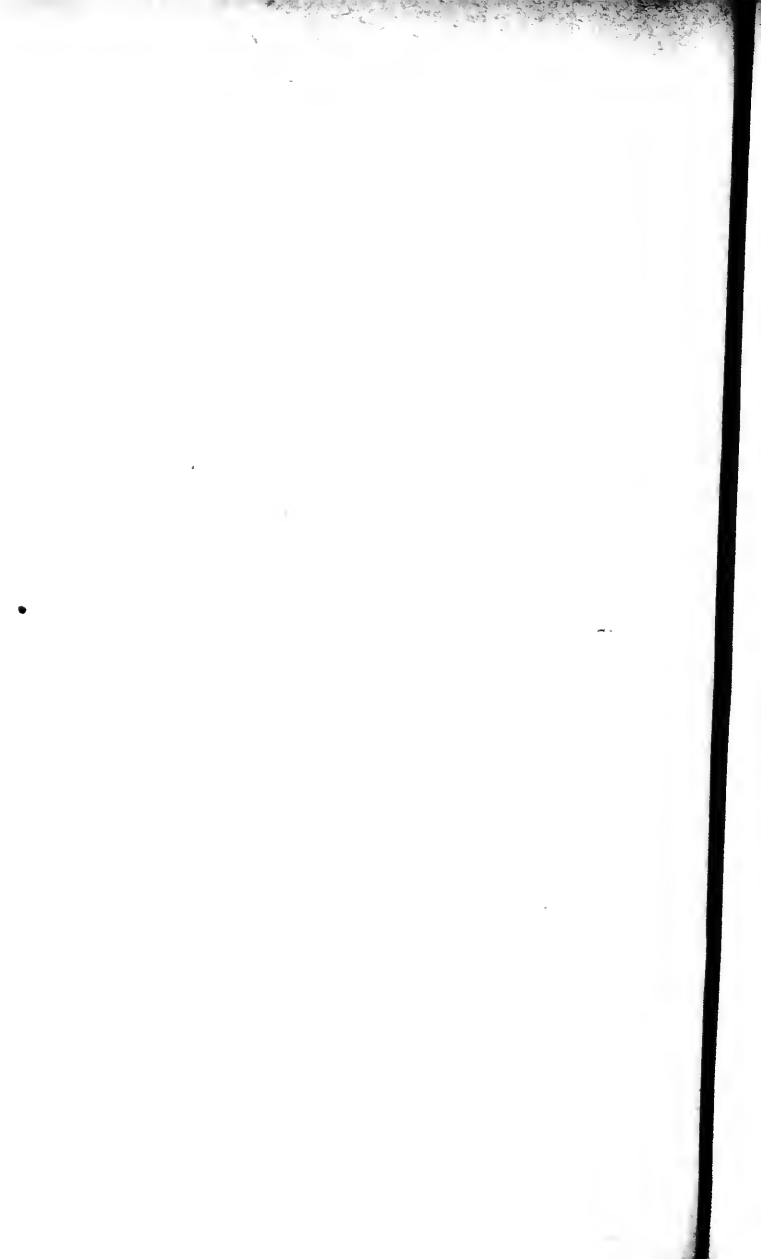
É por isso que suponho ser o livro dos *Dialogos* um dos elementos de informação e de pesquiza que a especulação mercantil poude colher e arrecadar a todo preço.

E bem o sabiam os peninsulares e detentores do mar, pois que guardavam ciozamente da publicidade todos os informes, relações e noticias arriscadas das riquezas tranzoceanicas.

E foi o que sucedeu áquelle livro.

Ainda não se fez, e é facto lastimavel, uma edição accessivel dos *Dialogos da Grandeza do Brazil*. Perdido pelas folhas volantes de jornaes ou de revistas esse documento curiozo da nossa historia ainda não mereceu o carinho que tantas vezes se dispensa a indijestos relatorios, estereis e inuteis, de funcionarios subalternos.

1902.

CARTA DE VAZ DE CAMINHA

O primeiro documento da historia do Brazil. 1.° de maio de 1500. Introdução critica. Leitura diplomatica. Anotações.

A CARTA DE VAZ DE CAMINHA

A *carta* do escrivão da frota de Cabral é o primeiro e um dos documentos mais importantes da nossa historia.

Conhecida a carta de Pero Vaz Caminha já muito tarde, pois jazia manuscrita (e provavelmente só vulgarizada por uma copia moderna a ella apensa) as versões que do inédito se fizeram foram sempre omissas ou desfiguradas, e em qualquer cazo não ofereciam um texto seguro e de inteira confiança aos estudiozos.

Foi pois idéa excelente a do *Instituto Geografico e Historico da Bahia* na ocazião do 4.º centenario do descobrimento do Brazil, fazendo a edição *fac-simile* do manuscrito com as leituras que a acompanham.

Reproduzindo aqui o texto diplomatico foi nossa intenção explical-o com as anotações necessarias de modo a conservar a fidelidade do texto e facili-

tar a leitura sem deturpal-a por uma versão do orijinal.

A *carta* de Vaz Caminha diante dos progressos realizados pelos estudos historicos nos ultimos anos adquiriu nova importancia a certas luzes com que já ajora podemos examinal-a.

Não é possivel mais admitir que a descoberta do Brazil foi rezultado acidental e de mero acazo, como por tantos seculos se repetiu.

Esse problema importantissimo, e nem se pode imajinar outro mais importante ainda considerado fora da nossa historia, na mesma historia do mundo, foi rezolvido principalmente pela publicação do *Esmeraldo de Situ Orbis*. Lá se verá mais de uma vez que o rei de Portugal havía cometido aos seus marinheiros a empreza de revelar o extremo ocidente, e d'ella Pedro Alvarez Cabral, o primeiro ou o segundo, recebeu essa incumbencia; e depois das proprias palavras de Caminha quando afirma que *seguiram a derrota pelo mar de longo*, a fraze ignorada, quando tardiamente foi lida nos arquivos, já não oferece duvida. O *mar de longo* é o do ocidente.

Duarte Pacheco, o heroe da India, companheiro de Cabral, e autor do *Esmeraldo*, falando das tres partes do antigo mundo, acrecenta :

> e a quarta parte que Vossa Alteza
> *mandou descobrir alem do oceano...*
> I — Cap. III.

e anteriormente :

... bem aventurado Principe, temos sabido e visto como no terceiro anno do vosso reinado, anno do Senhor de *mil quatrocentos noventa e oito* donde *nos* vossa Alteza *mandou descobrir ha parle oucidental passando alem ha grandeza do mar ociano* honde he achada navegada uma tam grande terra firme com muitas grandes ilhas adjacentes a ella que se estende a setenta graos de ladeza da linha equinocial...

Ora, não é possivel que o famozo capitão se dirijisse ao Rei, atribuindo a Alteza e a si proprio um embuste a esse tempo despropozitado. Ainda mais. O segundo trecho mostra que a grande terra achada foi a confirmação de exito da empreza anteriormente cometida.

Cabral veiu muito deliberadamente caminho das terras americanas, seguindo *alem da grandeza do mar oceano.*

Outros talvez o precederam; e agora já parecem menos exajeradas as alegações, sem duvida inverosimeis, de Gaspar Estaço (Antiguidades — cap. 84) e as do espanhol Gomara sobre a prioridade dos portuguezes.

Não é menos certo ainda, que com Gonçalo Velho descora a genialidade do genovez; o descobridor dos Açores, inicía o rumo de Oeste, e elle por sessenta anos é o precursor de Colombo.

E' util notar que o afastamento da frota de Cabral é excessivo ainda mesmo contando para isso uma *longa tempestade* (lugar comum já hoje sem credito em varias lendas dos descobrimentos) da qual é extremamente curiozo que não fale Vaz Ca-

minha na sua carta. O mesmo silencio a respeito da *tempestade* (n'essa conjuntura, acidente importante) guarda a outra relação anonima que conhecemos pela versão italiana de Ramuzio.

A rota do *sul* que continuou a ser a dos pilotos da carreira (1) torceu para oeste. Mas só para oeste vão as naus que vem arribadas ou impossibilitadas de alcançar o cabo extremo africano e n'este cazo se fazem na volta do Brazil, demandando Santo Agostinho, Bahia de todos os Santos ou Abrolhos. Nenhum acidente d'este valor se depara nas suas relações do descobrimento do Brazil.

As palavras de Caminha « seguimos *nosso* caminho por *esse mar de longo até que topamos sinaes de terra* » merecem mais detido comentario; para os antigos e ainda até os alvores da idade moderna, o rumo leste-oeste era considerado de *longo*, porque até então as maiores distancias extremas eram do oriente ao ocidente ou vice-versa, atenta a configuração do mundo antigo que era apenas uma zona do planeta alongada, pois, n'aquelle sentido.

Hoje, na navegação atlantica poderia suporse que a *navegação de longo* seria a de norte-sul. Outr'ora, a expressão equivalia ao *secundum mare* dos romanos. Sobre o meridiano contavam-se os gráos de *ladeza* como diziam os

(1) *Roteiro* de Vicente Rodrigues, 16; *Id.* de Aleixo da Mota 96-97, ed. de G. Pereira. — *Soc. Geogr. Lisboa*, 1898.

antigos cosmografos portuguezes e aliás a ciencia moderna conservou as mesmas expressões antigas *lonjitude* (leste-oeste) e *latitude* (norte-sul).

Até antes de D. Henrique os navegantes do sul não se animavam a prolongar a viajem *a l'oeste* alem do cabo Bojador assim chamado por que *bojava* já para o ocidente umas quarenta leguas ainda aumentadas de parceis que *ferviam* por uma restinga adiante por seis leguas.

Parecia então aos navegatores que o mar *fervia* e só a audacia da *navegação de longo* poude contornar o Bojador e dissipar as antigas superstições. Quando a experiencia da navegação costeirá mostrou que se podia mais tarde fazer a *volta do mar* (abandonando a costa) então começaram as grandes *navegacões de longo* e o primeiro rasgo será sair de Lisboa no rumo S.S.O. até Forteventura das Canarias, isto é, a 28°.

Esta é a rota da India e tambem a do Brazil seguindo os rumos sucessivos das Canarias, Cabo Branco e Cabo Verde; d'ai por diante os que buscavam a India navegavam *para o sul* seiscentas leguas.

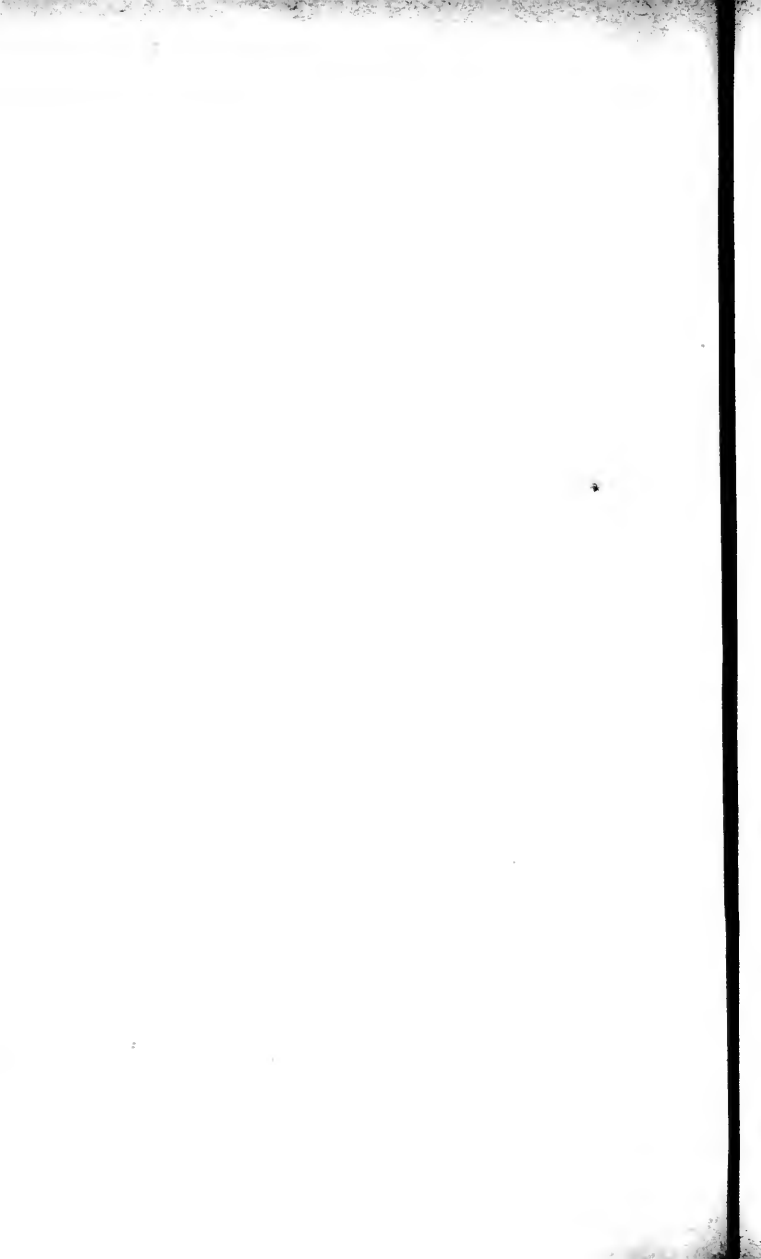
A *Carta de Caminha* indica sucessivamente as escalas *Canarias*, *Cabo Verde*.

Vê-se que o rumo de Cabral foi de *S.O.* e não *S.* e que a hipoteze explicativa d'esse afastamento — a de que os navegantes fujiam a tempestades ou iam *alcançar outras correntes* — é meramente gratuita, e é mesmo tendencioza pois aponta á concluzão de que o descobrimento devia ser *cazual*;

ao contrario, o desvio para oeste era sempre um conselho por aproveitar os *geraes*.

Cabral abandonou o sul por oeste, no mesmo momento de navegação em que Vasco da Gama, pouco antes, abandonara o rumo do sul por leste demandando a terra africana até a angra de Santa Helena. Antes d'esse desvio, ambos, um com a certeza, outro com a fantazia e esperança, demandavam a terra firme.

Bem antes da prova experimental da redondeza da terra dada por Fernan de Magalhães já Dom Manoel fazia executar uma *poma* ou globo solido do mundo com as cartas de marear de Jorje de Vasconcelos; em Lisboa ou nenhures é que havia a intuição mais nitida do planeta qual o haviam revelado as navegações.

Fac-simile da carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Pedro Alvarez Cabral, a el Rei D. Manoel, annunciando a descoberta do Brazil.

SENHOR

Posto que o capitam moor desta vossa frota, e asy os outros capitaãos screpvam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que se ora neesta navegaçom achou, nom leixarey tambem de dar d'isso minha comta a Vossa Alteza, asy como eu milhor poder ajmda que, pabem contar e falar, o saiba pior que todos fazer; tome Vossa Alteza minha inoramcia por bôa vomtade; a qual bem certo crea, que por afremmosentar nem afear aja aquy de poer mais ca aquilo que vy e me pareceo (1). Da marinhajem e simgraduras do caminho nom darey aquy conta a Vossa Alteza, porque o nom saberey fazer, e os pilotos devem teer ese cuidado; e portamto, senhor, do que ey de falar começo e diguo:

(1) *Aquillo que vi e me pareceu.* A palavra *parecer* oferecia duplo sentido, o que tem hoje e mais o de *aparecer, antolharse á vista.* Assim, ler-se-á um pouco adiante que a nau perdida de V. de Ataide, não *pareceu mais*, isto é, não foi vista mais.

Que a partida de Belem, como Vossa Alteza sabe, foy segunda feira IX de Março e sabado XIIIJ (14) do dito mes, amtre as bIIJ (8) e ix oras, nos achamos amtre as Canareas, mais perto da Gram Canarea ; e aly amdamos todo aquele dia em calma, a vista d'elas, obra de tres ou quatro legoas ; e domingo XXIJ (22) do dito mes, aas X oras, pouco mais ou menos, ouvemos vista das jlhas de Cabo Verde : da jlha de Sam Njcolaao, segundo dito de Pero Escobar, piloto ; e, a noute segujmte aa segunda feira, lhe amanheceo se perdeu da frota Vaasco d'Atayde com a sua naao, sem hy aver tempo forte, nem contrairo pera poder seer ; fez o Capitam suas deligencias pera o achar a huuãs e a outras partes, e nom pareceo majs ; é asy segujmos nosso caminho per este mar de lomgo (2) ataa terça feira d'oitavas de pascoa, que foram XXJ (21) dias d'Abril, que topamos alguuns sygnaaes de tera, seendo da dita jlha, segundo os pilotos deziam obra de bj^c LX (660) ou LXX

(2) *Por este mar de longo.* Na introdução a esta carta indiquei o sentido d'esta expressão que tem capital importancia na exejeze d'este documento. A navegação de *loeste* que tantas dissensões sucitara era realmente a mais dificil pela quazi impossibilidade de achar as diferenças de meridiano. Os erros cometidos quanto á estimativa da lonjitude foram então muito grandes. A mesma avaliação da latitude só podia ser tomada com segurança em terra firme com o astrolabio. A viajem de Vasco da Gama e esta de Cabral que se lhe segue já utiliza os estudos, taboas e calculos realizados pelos cosmografos em Lisboa. Mais tarde, o rumo de sudoeste nas navegações para o Brazil é tomado na altura de um grau escasso ao norte da linha.

legoas, os quaaes heram mujta camtidade d'ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, e asy outras, a que tambem chamam rabo d'asno; e aa quarta feira segujmte pola manhaã topamos aves, a que chamam fura buchos (3) e neeste dia, a oras de bespera, ouvemos vista de tera, saber: primeiramente d'huum gramde monte muy alto e redomdo, e d'outras terras mais baixas, ao sul

(3) *Sinaes de terra: botelho, rabos de asno* (plantas) *fura-buchos* (aves). Os antigos roteiros nunca deixavam de mencionar esses sinaes, no tempo em que a arte de orientar-se nos mares era ainda imperfeita, e as terras mal determinadas e conhecidas. Os roteiros portuguezes mencionam no Atlantico entre a linha e o Cabo da B. Esperança os *alcatrazes* (albatroz) os garçÕes, o sargasso a que chamavam *golfão* (*Rot. de V. da Gama*, 3) e para o sul os patos que os antigos diziam *sotilicairos* e hoje *pinguins* (*Ibid.* 15). As ervas ou plantas mais comums são as *camas de Bertão* (Hist. trajico-marit. III, 29) entre Tristão da Cunha e o cabo, tambem denominadas *mantas de Bretão* (Rot. V. Rodrigues, 73; Pimentel-*Arte de nav.*); passaros: *alcatrazes*, *rabisforcados*, *rabos de juncos* e *grajáos* (Hist. traj. *ibid.* 54) *antenaes* (no *Rot.* de Vic. Rodrigues, 18, 73, borrelhos, corvas, *calcamares*, *ibid.* 19) etc. Seria longa a lista.

Botelho ou *Botelha* de que fala Caminha é um nome geral d'essa balsa ou cipoal a que tambem chamam, como vimos, *manta de Bretão* e corrióla; tambem uma das plantas carateristicas a *tromba* « pau com muitas raizes em uma das pontas » como esclarece o *Roteiro* de Aleixo da Mota, depara-se nas proximidades do Cabo da B. Esperança.

A palavra (*botelha* ou *botija*) é a mesma que se conhece no aparelho e cordoaria dos navios: *botija* um enchimento que se faz nos estais ou é o rabicho que fazem no chicote dos cabos e d'essa ultima circunstancia é que nace a outra expressão *rabo d'asno*; os marujos chamam *rabos de rapoza* á obra de fio de vela por ornato feita no chicote das escotas.

É escuzado acrecentar que, como sempre, os dicionarios da lingua não rejistram esses vocabulos.

d'ële, e de terra chaã, com gramdes arvoredos, ao qual monte alto o Capitam pos nome o monte Pascoal, e aa tera a tera da Vera Cruz. Mandou lançar o prumo; acharam XXb (25) braças; e ao sol posto, obra bj (6) legoas de tera surgimos amcoras em XIX braças, amcorajem limpa. Aly jouvemos toda aquela noute; e aa quimta feira pola manhaã fezemos vella e segujmos direitos aa terra, e os navjos pequenos diante, himdo per XbIJ (17), XbJ (16), Xb (15), XIIIJ (14), XIII (13), XIJ (12), X e IX braças ataa mea legoa de terra, omde todos lançamos amcoras em dïreïto da boca de huum rio; e chegariamos a esta amcorajem aas X oras pouco mais ou menos; e d'aly ouvemos vista de homeens que amdavam pela praya, obra de bIJ (7) ou bIIJ (8) segundo os navjos pequenos diśeram, por chegarem primeiro. Aly lançamos os batees e esquifes (4) fora; e vieram logo todolos capitaães das naaos a esta naao do Capitam moor; e aly falaram, e o Capitam mandou no batel em tera Nicolaao Coelho pera veer aquelle rio; e tamto que ele começou pera la d'hir acodiram pela praya homeens, quando dous, quando tres, de maneira que, quamdo o batel chegou aa boca do rio, heram aly XbIIJ (18) ou XX homeens,

(4) *Bateis esquifes*. O *esquife* é menor que o *batel*, e mais esguio ou comprido. Nas caravelas e naos os *bateis* iam atravessados de bordo a estibordo em toda a estensão e podiam, se havia nister, servir á navegação de alto mar. No trecho d'esta carta quando diz que os *bateis iam a popa* indica-se que iam *atoados* como era frequentemente o costume na navegação costeira.

pardos, nuus, sem nenhuua cousa que lhes cobrise suas vergonhas : traziam arcos nas maãos e suas seetas ; vjnham todos rijos pera o batel ; e Nicolaao Coelho lhes fez sinal que posesem os arcos ; e elles os poseram. Aly nom pode d'elles aver fala nem entendimento que aproveitasse, polo mar quebrar na costa ; soomente deu-lhes huum barete vermelho e huuã carapuça de linho que levava na cabeça e hum sombreiro (5) preto ; e huum d'elles lhe deu huum sombreiro de penas d'aves compridas com huuã copezinha pequena de penas vermelhas e pardas coma de papagayo ; e outro lhe deu huum ramal grande de comtinhas bramcas meudas, que querem parecer d'aljaveira (6) ; as

(5) *Pardos*, isto é castanhos ou tirante ao vermelho de cobre. *Sombreiro* era qualquer chapeo de abas largas. Dos costumes do oriente é que veiu a distinção de *sombreiro de pé alto* (chapeo de sol) e o sombreiro comum que só se generalizou mais tarde depois do dezuzo das *carapuças*, *garras*, *barretes* que dominam até o seculo XVII.

(6) « Lhe deu um *ramal* grande de *continhas brancas*, miudas, que querem parecer *aljaveira* ». Contas de *aljaveira*, sementes da planta tambem chamada aljofareira (*Lithospermum* de Linneu. Esta forma *aljaveira*, ainda que não rejistrada nos vocabularios, devia ter sido a mais antiga e popular por mais vizinha da orijem arabica *alchaúfara*, aljofar. Aqui as contas eram de buzio de que uzavam os tupinambás. Gabriel Soares cap. CLIII.

Em geral a *manilha* era uzada nos braços e equivalia a pulseira. O *ramal* de que fala o texto é o colar ou rozario

> De grandes bugalhos traga
> Ao pescoço um bom *ramal*

diz una trova de Fernão da Silveira-*Canc. Rez.* 19 v.

Sá de Miranda empregou a fraze *tomar ramal* II, 175.

quaaes peças creo que o Capitam manda a Vossa Alteza; e com jsto se volveo nas naaos, por seer tarde e nom poder d'eles aver mais fala, por aazo do mar (6 *bis*).

A noute segujmte ventou tamto sueste com chuvaceiros, que fez caçar as naaos, e especialmente a capitana; e aa sexta pela manhaã aas bIIJ (8) oras, pouco mais ou menos, per conselho dos pilotos, mandou o capitam levamtar amcoras, e fazer vela; e fomos de lomgo da costa, com os batees e esquifes amarados per popa, comtra o norte (7), para veer se achavamos alguuã abrigada e bõo pouso, omde jouvessemos, para tomar agua e lenha, nom por nos já mjnguar, mas por nos acertarmos aquy; e quamdo fezemos vela seriam ja na praya, assentados jumto com o rio, obra de LX ou LXX homeens que se jumtaram aly poucos e poucos; fomos de lomgo, e mandou o Capitam aos navios pequenos que fossem mais chegados aa terra, e que, se achasem pouso seguro pera as naaos que amaynasem. E seendo nós pela costa obra de X legoas d'onde nos levantamos, acharam os ditos navios pequenos huum arreçife (8) com

(6 *bis*) *Aazo*, couza, ensejo; no ital. *agio*, fr. *aise* do lat. *assum* de *ansa* (Koerting, s. v.).

(7) « Fomos... *contra o Norte* » isto é, com rumo ao norte, para o norte. Era uzo antigo: « E indo assi no batel *contra* a foz do rio, viu a porta de uma choça e disse *contra* os parceiros: Eu vi... » Azurara-*Cron*, 281.

(8) *Arrecife*: para intelijencia d'este como de outros roteiros é bom lembrar que *recife* é sempre ao longo da praia e paralelo a ella; ao passo que *restinga* é um recife que parte da terra para o mar, como prolongamento de cabo.

huum porto dentro muito boo, e muito seguro com huuã muy larga entrada, e meteram-se dentro e amaynaram; e as naaos arribaram sobr'eles e huum pouco antes sol posto amaynaram, obra de huuã legoa do arreçife, e ancoraram em XJ (11) braças. E seendo Affonso Lopez, nosso piloto, em huum d'aqueles navios pequenos per mandado do Capitam, por seer homem vyvo e deestro pera isso, meteo-se loguo no esquife a somdar o porto demtro, e tomou em huuã almaadia dous d'aquelles homeens da terra, mancebos e de boos corpos; e huum d'elles trazia huum arco e bj (6) ou bIJ (7) seetas; e na praya amdavam mujtos com seus arcos e seetas, e nom lhe aproveitaram; trouve os logo já de noute ao Capitam omde foram recebidos com muito prazer e festa.

A feiçam d'eles he seerem pardos, maneira d'avermelhados, de boos rostros e boos narizes bem feitos; amdam nuus, sem nenhuuã cobertura; nem estimam neuhuuã cousa cobrir, nem mostrar suas vergonhas, e estam açerqua d'isso com tanta jnocencia como teem em mostrar o rostro; traziam ambos os beiços de baixo furados e metidos por eles senhos osos d'oso bramcos de compridam de huuã maão travessa (9) e de grosura de huum fuso d'algodam, e agudo na ponta coma furador; metem nos pela parte de dentro do beiço, e o que que lhe fica amtre o beiço e os demtes he feito

(9) *Mão travessa* é uma medida definida d'est'arte em Moraes : « a largura da mão desde a cabeça do dedo polegar até a costa da mão aberta, a *chave* d'ella. »

coma roque d'enxadrez ; e em tal maneira o trazem aly encaixado que lhes nom da paixam, nem lhes torva a fala, nem comer, nem beber ; os cabelos seus sam coredios, e andavam trosqujados de trosquya alta mais que de sobre pentem (10) de bôa gramdura, e rapados a ata per cyma das orelhas e huum de elles trazia per baixo da solapa (11) de fonte a fonte pera detraz huuã maneira de cabeleira de penas d'ave amarela, que seria de

(10) *Sobre penten* ou *pente.* Quer dizer muito por alto. A locução *sobre penten* foi muito uzada dos antigos classicos com o mesmo sentido de — por alto — de leve. Em sentido translato : « andaram assim *sobre pentem* até chegar á praia » Soropita, *Poesias e prozas*, 102, e em nota de Camilo, o trecho de um sermão do Padre Francisco de Mendonça : Deus se contentava com o castigar *sobre penten* e se não era *sobre penten*, pelo menos não passava da pele. *Ibid.*

(11) *Solapa.* « Por baixo de *solapa* e fonte a fonte » a parte ao redor do craneo logo acima das orelhas e a qual traziam estes indios tosquiada, conforme diz o texto.

A palavra *solapa* não é mais de uzo como exprimindo o corte ou tosquia por baixo da cabeleira, mas ha os derivados *solapar* etc. Com uzo figurado :

Anda el-Rei tão ocupado
Co'esta turco, co'este Papa,
Co'este França, co'este trapa,
Que não acho vão azado,
Porque tudo anda solapa.
Gil Vicente, III, 211

O amor tem
Mil *solapas*...
Prestes *Obras*, 221.

Este é o sentido proprio que foi aplicado ao uzo do cabelo, tosquiado em circulo acima das orelhas (Veja nota 39) Ainda d'este uzo dos tupinambás da Bahia tratam Gandavo (na ed. moderna, 414) e Gabriel Soares cap. CLIII do *Tratado.*

compridam de huum couto (12) muy basta e muy çarada, que lhe cobria o toutuço e as orelhas a qual andava pegada nos cabelos pena e pena com huuã comfeiçam branda coma a cera, e nom no era de maneira que amdava a cabeleira muy redomda e muy basta e muy igual, que nom fazia mingoa mais lavajem pera a levantar. O Capitam, quando eles vieram, estava asentado em huuã cadeira, e huuã alcatifa aos pees por estrado, e bem vestido com huum colar d'ouro muy grande ao pescoço e Sancho de Toar, e Sïmam de Miranda, e Nicolaao Coelho, e Aïres Corea, e nos outros que aquy na naao com ele himos asentados no chaão por esa alcatifa. Acemderam tochas e entraram, e nom fezeram nenhuuã mençam de cortesia, nem de falar ao Capitam, nem a ninguem; pero huum d'eles pos olho no colar do Capitam, e começou d'acenar com a mãao pera a terra, e despois pera o colar, com o que nos dezia que avia em tera ouro, e tambem viu huum castiçal de prata, e asy meesmo acenava pera a tera e entam pera o castiçal como que avia tambem prata. Mostraram lhes huum papagayo pardo que aquy o Capitam traz; tomaram no logo na mão, e acenaram pera a terra, como que os avia hy. Mostraram-lhes huum carneiro; nom fezeram d'ele mençam. Mostraram-lhes huuã galinha; casy

(12) « A compridão de um *couto* » Melhor prozodia e ortografia : *côto*, do cotovelo á mão. De *cubitus*, como *covado*. Era medida antiga como se vê de foraes antigos, o de Gravão e outros.

aviam medo d'ela, e nom lhe queriam poer a mañão; e depois a tomaram coma espantados. Deram-lhes aly de comer pam e pescado cozido, confeitos, fartees, mel, e figos passados; nom quizeram; nom quizeram comer d'aquilo casy nada, e alguuã coussa, se a provavam, lamçavam-na logo fora. Trouveram-lhes vinho por huã taça; pozeram-lhe asy a boca tammalavês (13) e nom gostaram d'ele nada, nem o quizeram mais; trouveram-lhes agoa per huuã albarada (14); tomaram d'ela senhos bocados (15) e nom beberam; soomente lavaram as bocas e lamçaram fora. Vio huum d'eles huuãs contas de rosairo brancas; açenou

(13) « Pozeram assi a boca *tammalavez* e não gostavam d'elle (de vinho) ». *Tam mala vez* (e outros escrevem *tam-a-la-vez*), mal, e pouco; uma vez apenas, uma vez ou outra.

> Lhe tiraram d'ai defronte
> De alem d'Evora *tamalavez*.
> PRESTES *Obvas*, 328.

« Beber sempre agua; vinho *tamalavez* ». Em Bento Pereira *tamalavez* traduz-se em latim por *tantulum*.

(14) « Trouveram-lhe agua por uma *albarrada* ». No texto paleografico sempre vem *r* e *s* por *rr* e *ss*, o que por vezes pode dificultar a leitura: *oso* (osso) *tera* (*terra*) *albarada* ou alvarrada). A palavra tem dois sentidos o de parede ensossa (de pedras sem argamaça) e o de pucaro, ou jarro que é o que convem n'este lugar. Pela orijem, o vocabulo parece arabico, mas é discutivel que de lá proceda (V. Yangas-*Glosario*).

(15) *Senhos bocados* iste é, cada um um bocado. Mais adiante n'este mesmo texto: « aos quaes mandou dar *senhas* camizas » isto é, a cada um uma camiza. « Mandou por ás cabeças *senhos* eoxins » um para cada um. É um adjectivo distributivo (derivado de *síngulus* que, sendo tão necessario a clareza do discurso, foi pena ter dezaparecido.

que lh'as desem e folgou muito com elas; e lançou as ao pescoço; e depois tirou-as e embrulhou-as no braço; e acenava pera a terra e entam pera as contas e pera o colar do Capitam, como que dariam ouro por aquillo. Isto tomavamo-nos asy polo desejarmos; mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto nom querjarmos nos emtender porque lh'o nom aviamos de dar; e despois tornou as contas à quem lh'as deu, e entam estiraram-se asy de costas na alcatifa a dormir sem teer nenhuã maneira de cobrirem suas vergonhas, as quaaes nom heram fanadas, e as cabeleiras d'elas bem rrapadas e feitas. O Capitam lhes mandou poer aas cabeças senhos coxijs, e o da cabeleira procurava (15 *bis*) asaz polla nom quebrar, e lançaram-lhes huum manto em cjma e eles comsentiram e jouveram e dormiram.

Ao sabado pola manhãa mandou o Capitam fazer vella e fomos demandar a emtrada, a qual era muy larga e alta (16) de b j (6) b i j (7) braças, e entraram todalas naaos dentro e amcoraram se em b (5) bj (6) braças, a qual amcorajem dentro he tam gramde e tam fremossa e tam segura, que podem jazer dentro nela mais de i j^c

(15 *bis*) *Procurava*; com o sentido = fazia dilijencia ou tinha todo o cuidado (em não quebrar ou desfazer a cabeleira de penas).

(16) « A entrada era mui larga e *alta* » isto é, funda ou profunda. Cf. o sentido de *mar alto* mar profundo, ao de *baixo* ou *baixio*, lugar razo.

(200) navjos e naaos. E tanto que as naaos foram pousadas e amcoradas vieram os capitaães todos a esta naao do Capitam mor, e d'aquy mandou o d'aquy mandou o Capitam Nicolaao Coelho e Bertolameo Dias que fosem em terra e levasem aqueles dous homeens e os leixasem hir com seu arco e seetas; aos quaes mandou dar senhas camisas novas e senhas carapuças vermelhas e dous rrosairos de contas brancas d'oso, que eles levavam nos braços e senhos cascavees e senhas compainhas (17). E mandou com eles pera ficar la huum mancebo degradado, creado de Dom Joham Tello, a que chamam Affonso Ribeiro, pera amdar la com eles, e saber de seu vjver e maneira, e a mym mandou que fose com Nicolaao Coelho. Fomos asy de frecha direitos aa praya; aly acodiram logo obra de i j[c] (200) homeens todos nuus e com arcos e seetas nas maãos; aqueles que nos levavamos acenaram lhes que se afastasem e posesem os arcos (18); e eles os poseram e nom se afastaram muito; abasta que poseram seus arcos, e emtam sairam os que nos levavamos e o mancebo degradado com eles; os quaaes, asy como sairam, nom pararam mais, nem esperava huum por outro, senom a quem mais coreria; e pasaram huum rio que per hy core d'agoa doce de muyta agoa que lhes dava pela braga (19), e outros muitos com eles; e foram asy

(17) *Cascaveis* e *campainhas*. Veje a nota 20.
(18) « Pôr os arcos » depol-os, deital-os ao chão.
(19) « Agua que l'hes dava pela *braga* ». A *braga* vém dos

corendo aalem do rrio antre huuãs moutas de palmas, onde estavam outros; e aly pararam; e naquilo foy o degradado com huum homem, que logo ao sair do batel ho agasalhou; e levou o ataa la; e logo ho tornaram a nos; e com ele vieram os outros que nos levamos, os quaes vijnham ja nuus e sem carapuças. E entam se começaram de chegar muytos, e entravam pela beira do mar pera os batees que mais nom podiam; e traziam cabaaços d'agoa e tomavam alguuns barris que nos levavamos, e enchiã nos d'agoa e traziã nos aos batees; nom que eles de todo chegasem a bordo do batel, mas, junto com ele, lançavam no da maão, e nós tomavamo los, e pediam que lhes desem alguuã cousa. Levava Nicolaao Coelho cascavees e manjlhas (20) e huuns dava huun cascavel, e a outros huuã manjlha, de maneira que com aquela encarna (21) casy nos queriam dar a maão (22). Davam nos d'aqueles

celtas e era o roupão e calções curtos que só deciam até os joelhos. Uzavam-se no seculo XVI com saiote e capa.

(20) *Cascaveis* e *manilhas*. Os antigos navegantes portuguezes levavam sempre para negocio de *resgate* ou *troca*, varios objetos qu'impressionavam a vista ou o ouvido, certos de que seriam cubiçados pelos barbaros e selvajens. Conforme se depreende das relações, roteiros e historias antigas esses objetos eram aqueles de que faz menção o texto, e outros: barretes, sombreiros, carapuças, cascavéis, campainhas, manilhas (*monilia* e *manicula*, pulseira) *aneis* de estanho, *manilhas* de marfim da Africa (*Roteiro* V. Gama, 6, 10, 11 etc.).

(21) « Com aquela *encarna* » isca de carne e sangue; cevo para atrair a preza ou treinar e aguerrir os cães de caça. Equivale pois a engano, engodo.

(22) « Quazi nos queriam *dar a mão* » deve entender-se:

arcos e seetas por sombreiros e carapuças de linho, e por qualquer cousa que lhes homem queria dar. D aly se partiram os outros dous mançebos, que nom os vimos mais.

Andava aly muytos d'eles ou casy a maior parte, què todos traziam aqueles bicos d'oso nos beiços, e alguuns que amdavam sem eles traziam os beiços furados, e nos buracos traziam huuns espelhos de paao que pareciam espelhos de borracha (23); e alguuns d'eles traziam tres daqueles bicos, saber, huum na metade e os dous nos cabos, e amdavam hy outros quartejados de cores, saber, d'eles ameetade da sua propria côr, e ameetade de timtura negra maneira de zulada, e outros quartejados d escaques (24). Aly amdavam antr eles tres ou quatro moças bem moças e bem jentijs, com cabelos muito pretos comprjdos pelas espadoas, e suas vergonhas tão altas e tam çaradinhas (25) e tam limpas das cabeleiras, que de

queriam passar a diante de nós, isto é, exceder-nos em gentileza.

(23) « Espelhos de pau que pareciam *espelhos de borracha.* » *Borrachas* eram odres de couro que serviam de frascos, tais os de hoje de vidro então menos comuns. Pela parte de fora traziam a tampa ou fecho que tinha o nome de *espelho*. O *espelho* ou bocal da *borracha* era de pau e naturalmente semelhava aos que os indios punham nos beiços. A mesma observação fez Gabriel Soares no seu *Tratado* (p. 285, da ed. da *Rev. do Inst.*) e compara ao espelho de *borracha*

O labro de vis pedras embutido
Caramaru I, est 20.

(24) « *Quartejado* de côres » « *quartejado* d'escaques » dividido em quadros ou em enxadrez, quadriculado.

(25) « As indias... com suas vergonhas tam *altas* e tam *çara-*

as nos" mujto bem olharmos nom tijnhamos nenhuuã vergonha. Aly por emtam nam ouve mais fala nem entendimento com eles por a berberja d'eles seer tamanha que se nom emtendia nem ouvia njngem. Açenamos lhe que se fosem; e asy o fezeram e pasaran se aalem do rrio, e sahiram tres ou quatro homeens nossos dos batees, e emcheram nom sey quantos barrijs d'agoa que nos levavamos e tornamo-nos aas naaos; e em nos asy vyndo açenavam nos que tornasemos; tornamos e eles mandaram o degradado, e nom quiseram que ficase la com eles; o qual levava huuã bacia pequena e duas ou tres carapuças vermelhas para dar la ao senhor, se o hy ouvese. Nom curaram de lhe tomar nada, e asy o mandaram com tudo; e entam Bertolameu Dias o fez outra vez tornar que lhe dese aquilo; e ele tornou, e deu aquilo, em vista de nós, aaquelle que o da primeira agasalhou e entam veo sse e trouvemolo. Este que o agasalhou era já de dias e amdava todo per louçaynha, cheo de penas pegadas pelo corpo que parecia aseetado com' Sam Sebastiam; outros traziam carapuças de penas amarelas, e outros de vermelha e outros de verdes; e huuã d'aquellas moças era toda timta de fumdo a cima d'aquela timtura, a qual certo era tam bem feita e tam rredomda, e sua vergonha que ela nom tjnha,

dinhas ». Conforme já observei (a respeito do *s* e *r* por *ss* e *rr*) ha-se de ler *çarradinha* e *alta*, isto é, serradas ou fechadas e *dianteiras*, muito a frente ou para cima. Tambem era costume e ainda o é dos indios e raças mestiças trazel-as rapadas.

tam graciosa, que a mujtas molheres de nossa terra, veendo lhe taaes feiçõees fezera vergonha, por nom terem a sua como ela. Nenhuum d'eles nom era fanado, mas todos asy coma nos; e com isto nos tornamos; e eles foram sse.

Aa tarde sayo o Capitam moor em seu batel com todos nos outros e com os outros capitaães das naaos em seus batees a folgar pela baya, a caram da praya (26); mas njmguem sayo em tera, polo Capitam nom querer, sem embargo de njmguem neela estar; soomente sayo ele com todos em ilheeo grande que na baya está, que de baixamar fica muy vazio, pero he de todas partes cercado d'agoa, que nom pode njmguem hir a ele sem barco ou a nado. Aly folgou ele e todos nos outros bem huã ora e meya e pescaram hy amdando marinheiros com huum chimcorro (27); e matarom pescado meudo nom mujto; e entam volvemo nos aas naaos ja bem noute. Ao domingo de pascoela pola manhaã detremjnou o Capitam d'hir ouvir misa e preegaçam naquele ilheo, e mandou a todos os capitaães que se correjesem (28) nos batees e

(26) « A *carão* da praia » em frente d'ella. Expressão outr'ora de uzo « Achavamos o estravo delles *acaram* da auguada onde elles vinham a beber » *Rot. de V. Gama*, 10. Foi frequentemente uzada por João de Barros nos suas *Decadas*, e Azurara nas suas *Cronicas*.

(27) « Com um *chincorro* ». Leia-se *chinchorro* rede de pescar. De *cingula*, cincha esp., cilha, port., derivados *cinchar*, *cinchorro* etc.

(28) « Mandou aos capitães que *se corregessem* » isto é que se preparassem e fizessem provizões das coizas necessarias. Veja-se adiante « altar bem *correjido* » ornado do necessario.

fosem com ele; e asy foi feito. Mandou naquele ilheeo armar huum esperavel (29) e dentro neele alevantar altar muy bem coregido; e aly com todos nos outros fez dizer misa, a qual dise o padre Frei Amrique em voz entoada, e officiada com aquela meesma voz pelos outros padres e sacerdotes que aly todos heram; a qual misa, segundo meu parecer, foy ouvjdo por todos com muito prazer e devaçom. Aly era com o Capitam a bandeira de Christo com que sayo de Belem, a qual esteve sempre alta aa parte do avamjelho. Acabada a misa, devestio se o padre e pose se em huuã cadeira alta, e nos todos lançados por esa area, e preegou huuã solene e preveitossa preegaçom da estoria do avamjelho, e em fim dela trautou de nossa vjnda, e do achamento desta terra conformando se com o sinal da cruza só cuja obediencia vijmos, a qual veo mujto a preposito e fez mujta devaçom.

Emquanto estevemos aa misa e aa preegaçom seriam na praya outra tanta jente pouco mais ou menos como os domtem (30) com seus arcos e seetas, os quaes amdavam folgando e olhando nos; e asentaram se e, despois d'acabada a misa, aseen–

(29) *Esparavél* ou *asperavél* corresponde ao que hoje chamamos um palio fixo, caramanchão ou caramanchel. A palavra derivou de *esparavël* (gavião) por ser o nome que tinham ás redes com que era costume caçar aquela ave. No german. *sparwâri*, fr. *épervier*.

(30) « Os d'*ontem* » Hontem, aqui, tem o sentido de vespera sem referencia a *hoje*, mas a qualquer dia já passado. Equivale pois a d'*antes*. Formas antigas eram *ooite* e *irnoite* (IR-heri) *Hontem* deriva talvez de *anoite* com a difuzão da nazal *nointe*, *nointen*, *lointen*, *ointen onten*.

tados nos aa pregaçom, alevatanran se mujtos d'elles, e tanjeram corno ou vozina, e começaram a saltar e dançar, huum pedaço; e alguus delles se meteram em almaadias duas ou tres que hy tijnham as quaes non sam feitas como as que eu já vy, soomente sam tres traves atadas jumtas (30 *bis*), e aly se metiam iiij (4) ou b (5) ou eses que queriam, nom se afastando casy nada da terra senom quanto podiam tomar pee. Acabada a pregaçom, moveu o Capitam, e todos pera os batees com nosa bandeira alta, e embarcamos, e fomos asy todos contra terra pera pasarmos ao longo per ond eles esavam, hjndo Bertolameu Dias em su esquife, per mandado do Capitam, diamte com huum paao d huuã almadia que lhes o mar levara, pera lh o dar, e nos todos obra de tiro de pedra tras ele. Como eles viram ho esquife de Bertolameu Dias, chegaram se logo todos a agoa, metendo se neela ataa onde mais podiam. Acenaram lhes que posesem os arcos e mujtos d eles os hiam logo poer em terra, e outros os nom punham. Amdava hy huum que falava mujto aos outros que se afastasem mas nom ja que m a mjm parecese que lhe tijnham acatamento, nem medo. Este que os asy amdava afastando trazia seu arco e seetas, e amdava timto de timtura vermelha pelos peitos e espadoas e pelos quadrjis, coxas e e pernas, ataa baixo; e os

(30 *bis*) É a primeira menção da *jangada*. Este nome, porem, veiu da Azia. Na linha adiante, *eses* no texto é erro provavel, deve ser : *sees* = seis.

vazios (31) com a bariga e estamego era da sua propria cor, e a timtura era asy vermelha, que a agoa lh a nom comya nem desfazia, ante, quando saya da agoa era mais vermelho. Sayo huum homem do esquife de Bertolameu Dias, e andava antr eles sem eles emtenderem nada neele quanta pera lhe fazerem mal, senom quanto lhe davam cabaaços d'agoa, e acenavam aos do esquife que saisem em terra. Com isto se volveu Bertolameu Dias ao Capitam, e veemo nos nas naaos a comer, tanjendo tronbetas e gaitas, sem lhes dar mais apresam; e eles tornaram se a asentar na praya, e asy por entam ficaram. Neeste jlheo omde fomos ouvjr misa e pregaçam espraya mujto a agoa e descobre mujta area e mujto cascalhaao. Foram alguns, em nos hy estando, buscar marisco, e nom no acharom; e acharam alguus camarões grosos e curtos, antre os quaes vinha huum mujto grande camaram, e muito grosso, que em nenhum tempo o vj tamanho; tambem aeharom cascas de bergoões, e d ameijeas (32), mas nom toparam com nenhuã peça inteira; e, tamto que comemos, vieram logo todolos capitaães a esta naao per mandado do Capitam moor, com os quaes se ele apartou, e eu na companhia, e perguntou asy a todos se nos parecia seer bem mandar a nova do achamento d esta terra a Vossa Alteza pelo navio dos mantijmentos, pera o mjlhor mandar descobrjr, e

(31) Os *vazios*, as virilhas.

(32) « Bergões e ameijeas » berbigões e ameijoas. O *camarão grande* é o *pitú* dos indijenas.

saber d ela mais do que agora nos podiamos saber, por hirmos de nosa viajem; e antre muitas falas que no caso se fezeram, foj per todos ou a mayor parte dito que seria mujto bem, e nisto comcrudiram; e, tamto que a comcrusam foy tomada, preguntou mais se seria boo tomar aquy per força huum par d estes homeens pera os mandar a Vossa Alteza, leixar aquy por eles outros dous d estes degradados. A esto acordaram que non era necesareo tomar per força homeens, porque jeeral costume era dos que asy levavom per força pera alguã parte dizerem que ha h todo o que lhe preguntam; o que mjlhor e mujto milhor emformaçom da terra dariam dous homens, destes degradados, que aquy leixasem, do que eles dariam, se os levasem, por seer jente que njmguem emtende, nem eles tam cedo aprenderiam a falar pera o saberem tambem dizer, que mujto mjlhor ho estoutros nom digam, quando ca Vossa Alteza mandar; e que portanto nom curasem aquy de per força tomar njmguem, nem fazer escandolo, pera os dé todo mais amansar e apaceficar, senom soomente leixar aquy os dous degradados, quando d aquy partisemos; e asy por mylhor parecer a todos ficou detreminado; acabado isto, dise o Capitam que fosemos nos batees em terra e veersia bem o rrio quejando era, e tambem pera folgarmos. Fomos todos nos batees em tera armados, e a bandeira comnosco.

Eles amdavam aly na praya na boca do rrio, omde nos hiamos, e ante que chegasemos, do em-

sino que d'antes tynham, pozeram todos os arcos, e acenavam que saisemos; e, tanto que os batees pozeram as proas em terra, pasaram se logo todos aalem do rrio, o qual nom he mais ancho que huum jogo de manqual (33) e, tanto que desenbarcamos, alguuns dos nossos pasaram logo o rrio e foram antr elles, e alguuns aguardavam, e outros se afastavam; pero era a cousa de maneira que todos amdavam mesturados. Eles davam d eses arcos com suas seetas por sonbreiros e carapuças de linho e por qualquer cousa que lhes davam. Pasaram aalem tamtos dos nosos e amdavam asy mesturados com eles, que eles se esqujvavam, e afastavan se, e hian se d eles pera cima onde outros estavam; e entam o capitam feze se tomar ao colo de dous homeens, e pasou o rrio e fez tornar todos. A jente que aly era nom serja mais ca aquel a que soya; e, tanto que o Capitam fez tornar todos, vieram alguuns d eles a ele, nom polo conhecerem por senhor, ca me parece que nom entendem, nem tomavam d isso conhecimento, mas porque a jente nossa pasava já pera aquem do rrio. Aly falavam e traziam mujtos arcos e continhas daquelas já ditas, e resgatavam por qualquer cousa, em tal maneira, que trouveram d aly pera as naaos mujtos arcos e seetas e comtas; e entam tornou se o capitam aaquem do

(33) « O qual (rio) não é mais ancho que um jogo de *manqual* » não é mais largo que a linha de tiro no jogo da bola ou do fito que termina em um marco; jogo muito comum no tempo. V. Viterbo-*Eluc.*

rrio, e logo acodiram muitos aa beira d ele. Aly veriees galantes pimtados de preto e vermelho, e quartejados, asy pelos corpos, como pelas pernas, que certo pareciam asy bem; tambem andavam antr eles i i i j (4) ou J (5) molheres moças asy nuas, que nom pareciam mal, antre as quaes amdava huuã com huuã coxa do giolho ataa o quadril e a nadega toda tinta d aquella tintura preta, e o al todo da sua propria cor; outra trazia ambolos giolhos com as curvas timtas, e tambem os colos dos pees, e suas vergonhas tam nuas e com tanta inoçemcia descubertas, que non avia hy nenhuuã vergonha. Tambem andava hy outra molher moça com huum menjno ou menjna no colo atado com huum pano nom sey de que aos peitos, que lhe nom parecia senom as pernjnhas, mas as pernas da may e o al nom trazia nenhum pano. E despois moveu o Capitam pera cima ao longo do rrio, que anda sempre a caram da praya (34) e aly esperou huum velho que trazia ne maão huã paa d almadia; falou, e estando o Capitam com ele, perante nos todos, sem o nunca njnguem emtemder, nem ele a nos quant a cousas que lh omem preguntava d ouro, que nos desejavamos saber se o avia na terra. Trazia este velho o beiço tam furado, que lhe caberia pelo furado huum gram dedo polegar, e trazia metido no furado huuã pedra verde roim que çarava (35) per fora aquele buraco; e o capi-

(34) A *caram*-paralelo, fronteiro. Veja a nota 26.

(35) « Uma pedra verde que *çarava* o buraco ». A mesma observação da nota 25. *Çarava çarrava*, cerrava, fechava.

tam lh a fez tirar; e ele nom sey que diaabo falava, e hia com ela pera a boca do Capitam pera lh a meter; estevemos sobre iso huum pouco rijnado (36) (rijnando), e entam enfadou se o Capitam e leixou o; e huum dos nossos deu lhe pola pedra huum sonbreiro velho, nom por ela valer alguã coussa, mas por mostra; e despois a ouve o Capitam, creo pera com as outras cousas a mandar a Vossa Alteza.

Amdamos per hy veendo a rribeira, aqual he de mujta agoa, e mujto bôa; ao longo d ela ha mujtas palmas, nom mujto altas, em que ha muito boos palmitos. Colhemos e comemos d eles muitos. Entam tornou se o Capitam pera baixo pera a boca do rrio, onde desenbarcamos, e a alem do rrio amdavam muitos d eles damçando e folgando huuns ante outros, sem se tomarem pelas maãos, e faziam no bem. Pasou se entam aalem do rrio Diogo Dias, almoxarife que foi de Sacavem, que he homem gracioso e de prazer, e levou comsigo hum gayteiro noso com sua gaita, e meteo se com eles a dançar tomando os pelas mãos, e eles folgavam e riam, e andavam com ele muy bem ao soom da gaita. Despois de dançarem fez lhe aly amdando no chaão muitas voltas ligeiras e salto real, de que se eles espantavam, e riam e folgavam mujto; e com quanto os, com aquilo, muito segurou e afaa-

(36) « Estivemos sobre isso um pouco *riinado* » — isto é, reinando, brincando. O povo ainda guarda este sentido especial da palavra. Talvez termo conjenere ao all. *reden*. Cf. fr. *radoter* e o inglez *dote*.

gou, tomavam logo huaã esquiveza coma montezes; e foran se pera cjma; e entam o Capitam pasou o rrio com todos nos outros; e fomos pela praia de longo, himdo os batees asy a caram de terra, e fomos ataa huuã lagoa grande de agoa doce, que esta jumto com a praya, porque toda aquela rribeira do mar he apaulada pea cjma e saay a agoa per mujtos logares; e, depois de pasarmos o rrio, foram huuns bij (7) ou biij (8) d eles amdar antre os marinheiros que se recolhiam aos batees, e levaram d aly huum tubaram, que Bertolomeu Dias matou (36 *bis*) e levava lh o, e lançou o na praya. Abasta que ataa quy, como quer que se eles em alguuã parte amansasem, logo d'huuã maão pera a outra se esquivavam coma pardaaes de cevadoiro; e homem nom lhes ousa de falar rijo, por se mais nom esqujvarem; e todo se pasa como eles querem, polos bem amansar. Ao velho, com que o Capitam falou, deu huuã carapuça vermelha; e com toda a fala que com ele pasou, e con a carapuça que lhe deu, tanto que se espedio, que começou de pasar o rrio, foi se logo recatando, e nom quis mais tornar do rrio pera aquem; os outros dous, que o Capitam teve nas naaos, a que deu o que já dito he, nunca aqui mais pareceram; de que tiro seer jente bestial e de pouco saber; e por

(36 *bis*) Este parece ser o peixe que impressionou a outros cronistas que deviam ter noticia pela relação de Ramuzio que o descreve minuciozamente « do tamanho de um tonel, mas mais comprido e todo redondo, a cabeça do feitio da de um porco, com olhos pequenos » etc. (cap. II).

ysso sam asy esqujvos; eles porem comtudo amdam muito bem curados e mujto limpos, e naquilo me parece aimda mais que som coma aves ou alimares monteses, que lhes faz ho aar mjlhor pena e milhor cabelo, que aas mansas; porque os corpos seus sam tam limpos e tão gordos e tão fremosos, que nom pode mais seer; e isto me faz presumjr que nom teem casas, nem moradas em que se colham, e o aar, a que criam, os faz taaes nem nos ainda ataa gora nom vimos nenhuuãs casas nem maneira d'elas. Mandou o Capitam aaquello degradado Affonso Ribeiro que se fosse outra vez com eles; o qual se foy, e andou la huun boom pedaço; e aa tarde tornou se, que o fezeram eles vimjr, e nom o quizeram, la consemtir; e deram lhe arcos e seetas, e nom lhe tomaram nehuuã cousa do seu; ante dise ele que lhe tomara huum d eles huãs continhas amarelas que ele levava, e fogia com elas; e elle se queixou, e os outros foram logo apos ele e lh as tornaram e tornaram lhes a dar; e emtam mandaram no vimjr; dise ele que nom vira la antre eles senom huuãs choupanjnhas de rama verde e de feeytos (37) muito grandes coma d amtre Doiro e Minho; e asy nos tornamos aas naaos ja casy noute adormjr. Aa segunda feira depois de comer saimos todos em terra a tomar agoa; aly vieram emtam mujtos, mas nom tantos coma as outras vezes; e traziam ja muito poucos arcos; e esteveram asy huum pouco afastados de nós; e des-

(37) «*Feyto* : féto ou fétam.

pois poucos e poucos mesturaram se comnosco; e abraçavam nos e folgavam; e alguuns d eles se esquivavam logo; aly davam alguuns arcos por folhas de papel, e por alguã carapucinha velha, e por qualquer cousa; e em al maneira se pasou a cousa, que bem XX ou XXX pesoas das nosas se foram com eles onde outros mujtos d eles estavam, com moças e molheres, e trouveram de la muitos arcos e baretes de penas d aves, d eles verdes, e deles amarelos de que creo que o Capitam ha de mandar amostra a Vossa Alteza; e, segundo deziam eses que la foram folgavam com eles. Neeste dia os vimos de mais perto, e mais aa nosa vontade por andarmos todos casy mesturados; e aly d eles andavam d aquelas timturas quartejados; outros de metades; outros de tanta feiçam coma em panos d armar (38) e todos com os beiços furados; e mujtos com os osos neeles; e d eles sem osos. Traziam alguuns d eles huuns ourjços verdes d'arvores que na cor querjam parecer de castinheiros, senom quanto heram mais e mais pequenos; e aquelles heram cheios de huuns grãos vermelhos pequenos, que, esmagando os antre os dedos fazia timtura muito vermelha, da que eles amdavam tintos, e quanto se mais molhavam tanto mais vermelhos ficavam. Todos andam rapados ataa cjma das ore-

(38) « Panos de *armar* » refere-se a panos com o padrão vistozo, colorido, quartejado; por que *armar* é ornar, enfeitar templos, edificios ou quaes quer coizas : e *armarinho* ou loja de *armador* é a onde se encontram as fazendas, enfeites e ornatos de *armar*.

lhas (39), e asy as sobrancelhas e pestanas; trazem todos as testas de fonte a fonte timtas da timtura preta que parece huuã fita preta aneha de dous dedos.

E o Capitam mandou aaquele degradado Affonso Ribeiro e a outros dous degradados que fosem amdar la antr eles; e asy a Diogo Dias, por seer homem ledo, com que eles folgavam; e aos degradados mandou que ficasem lá esta noute. Foram se lá todos e andaram antr eles; e, segundo elles deziam, foram bem huuã legoa e mea a huã povoraçom de casas, em que averja IX ou X casas, as quaaes deziam que eram tam compridas cada huã com esta naao capitana; e eram de madeira, e das jlhargas de tavoas, e cubertas de palha de razoada altura, e todas em huuã soo casa, sem nehuum repartimento; tinham de dentro mujtos esteos, e d esteo a esteo huuã rede atada pelos cabos em cada esteo, altas, em que dormjam; e debaixo, pera se aquentarem, faziam seus fogos; e tinha cada casa duas portas pequenas, huuã em huum cabo, e outra no outro; e deziam que em cada casa se colhiam XXX ou R (40) pesoas, e que asy os achavam; e que lhes davam de comer d aquela vianda que eles tijnham, saber mujto jnhame, (40) e outras sementes que na terra ha, que eles comem. E, como foi tarde fezeram nos logo todos tornar, e nom quizeram que la ficasse ne-

(39) « Todos andam rapados *até acima das orelhas* ». É esta a cinta, sem pêlo ou a *salapa*, da nota acima, em outro lugar.

(40) « Muito *inhame* » vê-se d'aqui já ser familiar ao menos

huum, e ajnda, segundo eles deziam, queriam se vimjr com eles. Resgataram la, por cascavees e por outras cousinhas de pouco valor que levavam, papagayos vermelhos mujto grandes e fremosos, e dous verdes pequenjnos, e carapuças de penas verdes, e huun pano de penas de mujtas cores, maneira de tecido, asaz fremoso, segundo Vossa Alteza todas estas cousas vera, porque o Capitam volas ha de mandar, segundo ele dise. E com isto vieram, e nos tornamo nos as naaos. Aa terça feira, depois de comer, fomos em terra dar guarda de lenha, e lavar roupa; estavam na praya, quando chegamos obra de LX ou LXX sem arcos e seu nada; tanto que chegamos, vieram se logo pera nos sem se esquivarem; e depois acodiram muitos que seríam bem I J[e] (200) todos sem arcos, e mesturaram se todos tanto comnosco, que nos ajudavam d eles a acaretar lenha e meter nos batees e lujtavam com os nosos, e tomavam muito prazer, e, emquanto nos faziamos a lenha, faziam dous carpenteiros huuã grande cruz de um paao que se omtem para yso cortou. Mujtos d eles viinham aly estar com os carpenteiros; e creo que o faziam mais por veerem a faramenta de ferro com que a faziam, que por veerem a cruz, porque eles nom teem cousa que de fero seja; e cortam sua madeira e paaos com pedras feitas coma cu-

aos navegantes portuguezes esta palavra africana. *Inhame* ou *nham* » significa « comer » e provavelmente é uma onomatopeia. A palavra brazilica é *cará*. Do *nhame* tambem fala a relação anonima de Ramuzio.

nhas metidas em huum paao, antre duas talas muy bem atadas (40 *bis*), e per tal maneira que andam fortes, segundo os homeens que omtem as suas casas deziam, porque lh as viram la. Era ja a conversaçam d eles comnosco tanta, que casy nos torvavam ao que haviamos de fazer; e o Capitam mandou a dous degradados, e a Diogo Días que fosem la a aldea, e a outras, se ouvesem d elas novas, e que em toda maneira nom se viesem a dormjr aas naaos, ainda que os eles mandasem; e asy se foram. Emquanto andavamos neesa mata a cortar a lenha, atravesavam alguuns papagayos per esas arvores, d eles verdes, e outros pardos, grandes e pequenos, de maneira que me parece que avera neesta terra mujtos; pero eu não veria mais que ataa IX ou X; outras aves entam nom vimos, somente alguuãs ponbas seixas; e pareceram me majores em boa camtidade ca as de Portugal; alguuns deziam que viram rolas; mas eu nom as vy; mas, segundo os arvoredos sam muy mujtos e grandes, e d jmfimdas maneiras, nom dovjdo que per ese sartaão ajam mujtas aves; e acerqua da noute nos volvemos pera as naaos com nossa lenha. Eu creo, senhor, que nom dey ajnda aquy conta a Vossa Alteza da feiçam de seus arcos e seetas; os arcos sam pretos e compridas, e os feros d elas de canas aparadas, segundo Vossa

(40 *bis*) Descreve-se aqui, e é a primeira vez, o machado de silex polido armado em cabos de madeira, dos tupis. Algumas linhas adiante *pombas seixas*, hoje *seixoeiras* (que comem pedrinhas) as pombas-rolas.

Alteza vera per alguuns que creo que o Capitam a ela ha de emvyar.

Aa quarta feira nom fomos em terra, porque o Capitam andou todo o dia no navio dos mantjmentos a despejalo, e fazer levar aas naaos isso que cada huuã podia levar; eles acodiram aa praya mujtos, segundo das naaos vimos, que seriam, obra de IIJ[c] (300) segundo Sancho de Toar, que la foy, dise, Diogo Dias e Affonso Ribeiro, o degradado, a que o Capitam omtem mandou que em toda maneira la dormisem, volveram se ja de noute, por eles nom quererem que la dormisem, e trouveram papagayos verdes e outras aves pretas casy coma pegas, seoom quanto tijnham o bico branco e os rabos curtos, e quando se Sancho de Toar recolheo aa naao querian se vimjr com ele alguuns, mas ele nom quis, senom dous mancebos despostos, e homeens de prol. Mandou os esa noute muy bem pemsar e curar, e comeram toda vianda que lhes deram; o mandou-lhes fazer cama de lençooes, segundo ele dise, e dormjram, e folgaram aquela noute; e asy nom foy mais este dia que pera screprever seja.

Aa quinta feira, deradeiro d Abril comemos logo casy pola manhãa, e fomos em terra por mais lenha e agoa; e, em querendo o Capitam sair d esta naao, chegou Sancho de Toar com seus dous ospedes, e por ele nom teer ajnda comjdo poseran lhe toalhas, e veo lhe vianda, e comeo; os ospedes asentaram nos em senhas cadeiras, e de todo o que lhes deram comeram muy bem, especialmente

lacam cozido frio e arroz; nom lhes deram vinho, por Sancho de Toar dizer que o nom bebiam bem; acabado o comer, metemo nos todos no batel, e eles comnosco; deu huum gromete a huum eles huuã armadura (41) grande de porco montes bem revolta, e tamto que a tomou meteo a logo no beiço, e, porque se lhe non queria teer, deram lhe huuã pequena de cera vermelha, e ele corejeulhe de traz seu aderemço pera teer, e meteo a no beiço asy revolta pera cjma, e vijnha tam comtente com ela, como se tevera huuã grande joya; e, tanto que saymos em terra, foi se logo com ela, que nom pareçeo hy mais.

Andariam na praya, quando saymos bIIJ (8) ou X d eles, e d hy a pouco começaram de vimjr, e parece me que vimjriam este dia aa praya IIIJ[c] (400) ou IIIJl[e] (450). Traziam alguuns d eles arcose seetas, e todolos deram por carapuças e por qualquer cousa que lhes davam; comjam comnosco do que lhes davamos; e bebiam alguus d eles vinho, e outros o nom podiam beber; mas parece me que, se lh o avezarem, que o beberam de boa vomtade. Andavam todos tam despostos e tam bem feitos e galamtes com suas timturas, que pareciam bem; acaretavam d esa lenha quamta podiam com muy boas vomtades, e levavam na aos batees, e andavam ja mais mansos e seguros antre nos, do que nos andavamos antr eles. Foi o Capitam com alguuns de nos huum pedaço per este

(41) *Armadura*, prezas, dentes. Adiante *pequeno* ou *pequena* = bccado ou um pouco.

arvoredo ataa huuã ribeira grande e de muito agoa, que a noso parecer era esta mesma que vem teer aa praya, em que nos tomamos agoa; ali jouvemos huum pedaço bebendo e folgando ao longo d ela antr ese arvoredo, que he tamto e tamanho e tam basto e de tamtas prumajeens, que lhe nom pode homem dar comto; ha antr ele muitas palmas, de que colhemos mujtos e boos palmjtos.

Quando saymos do batel dise o Capitam que seria boo hirmos dereitos aa cruz, que estava emcostada a huuã arvore junto com o rrio, pera se poer de manhaã, que he sesta feira, e que nos posesemos todos em giolhos e a beijasemos, pera eles verem ho acatamento que lhe tijnhamos; e asy o fezemos. E estes X ou XIJ (12) que hy estavam açenaram lhes que fezesem asy, e foram logo todos beijala. Pareçe me jente de tal inoçencia, que, se os homem emtendese, e eles a nos, que seriam logo christaãos, porque elles nom teem, nem emtendem em nehuuã creemça, segundo parece. E portanto, se os degradados que aquy am de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, nom dovido, segundo a santa tençam de Vossa Alteza fazerem se christaãos, e creerem na nossa samta fé, aa qual praza a nosso Senhor que os traga; porque çerto esta jente he boa e de boa synprezidade, e eu premarseá ligeiramente neeles qualquer crunho que lhes quiseren dar, e, logo lhes nosso Senhor deu boõs corpos e boõs rostros coma a boos homeens, e ele que nos per aquy trouve, creo que nom foy sem causa; e portanto Vosa Alteza, pois

tamto deseja acreçentar na santa fé catolica, deve emtender em sua salvaçam, e prazera a Deus que com pouco trabalho sera asy. Eles nom lavram, nem criam, nem ha aquy boy nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem outra nehuã alimaria que costumada seja ao viver dos homeens, nem comem senom d ese jnhame que aquy ha mujto, e d esa semente e fruitos que a tera e as arvores de sy lançam; e com jsto andam tam e tan rijos, e tam nedeos, que o nom somonos tanto, com quanto trigo e legumes comemos. Em quanto aly este dia amdaram, sempre, ao soom de huum tanbory nosso, dançaram e bailharam com os nosos, em maneira que são muito mais nosos amigos que nós seus; se lhes homem acenava se queriam vimjr aas naaos, faziam se logo prestes pera iso, em tal maneira, que se os homem todos quizera comvidar, todos vieram; porem não trouvemos esta noute aas naaos senom iiij (4) ou b (5), saber; o Capitam moor dous, e Simão de Miranda huum que trazia já por page, a Ayres Gomes outro, asy page; os que o Capitam trouve era huum d eles huum dos seus ospedes que aa primeira, quando aquy chegamos lhe trouveram, o qual veo oje aquy vestido na sua camiza, e com ele huum seu irmaão, os quaes foram esta noute muy bem agasalhados, asy de vianda, como de cama de colchoões e lençooes, polos mais amansar.

E oje, que he sexta feira, primeiro dia de Mayo, pola manhãa saymos em terra com nossa bandeira,

e fomos desenbarcar acima do rio contra o sul, onde nos pareceo que seria milhor chantar a cruz (42), pera seer milhor vista; e aly asijnou o Capitam onde fezesem a cova pera a chantar; e emquanto a ficarem fazendo ele com todos nos outros fomos pola crux, abaixo do rio, onde ela estava; trouvemola d ahy com eses religiosos e sacerdotes diante cantando, maneira de precisam. Heram ja hy alguuns d eles, obra de LXX ou LXXX; e quando nos asy viram vimjr, alguns d eles se foram meter de baixo pela ajudarnos; pasamolo rio ao longo da praya e fomola poer onde avia de seer, que sera do rio obra de dous tiros de beesta aly andando nysto vimjriam bem CL (150) ou mais.

Chentada a cruz com as armas e devisa de Vosa Alteza que lhe primeiro pregarom, armaram altar ao pee d ela. Aly dise misa o padre Frei Amrique, a qual foy camtada e ofeçiada per eses já ditos; aly esteveram comnosco a ela obra de l ou lx d eles asentados todos em giolhos, asy coma nos, e quando veo ao avangelho, que nos erguemos todos em pee com as maaos levantadas, eles se levantaram comnosco e alçarom as maaõs, estando asy ataa seer acabado; e entam tornaram-se a asentar coma nos. E quanpo levantaram a Deus, que nos posemos em giolhos, eles se poseram todos asy coma nos estavamos com as maãos levanta-

(42) *Chantar* plantar. *Chantar estacas* ainda é uzual. O mesmo é *chentar*. Anteriormente: *contra o sul*-para o lado do sul. Cinco linhas adiante: *precisam* = procissão.

das, e em tal maneira asesegados, que certifico a Vosa Alteza que nos fez mujta devaçom. Esteveram asy comnosco ataa acabada a comunham, e depois da comunham comungaram eses religiosos e sacerdotes e o Capitam com alguuns de nos outros; alguuns d eles por o sol seer grande, em nos estando comungando, alevantaramse, e outros esteveram e ficaram; huum d eles, homem de l ou lb (55) annos, ficou aly com aqueles que ficaram; aquele em nos asy estando ajumtava aqueles que aly ficaram, e ainda chamava outros; este andando asy antr eles falando lhes acenou com o dedo pera o altar, e depois mostrou o dedo pera o ceeo coma que lhes dizia alguuã cousa de bem; e asy o tomamos. Acabada a misa, tirou o padre a vestimenta de cjma e ficou na alva, e asy se sobio junto com ho altar em huuã cadeira; e aly nos pregou do avangelho e dos apostolos, cujo dia hoje he, trantando em fim da preegaçoan d este voso presseguimento tam santo e vertuoso, que nos causou mais devaçam; eses, que aa preegaçam sempre esteveram, estavam, asy coma nos,, olhando pera ele; e aquele que digo chamava alguuns que viesem pera aly; alguuns vijnham e outros hiam se; e, acabada a preegaçom, trazia Njcolaao Coelho mujtas cruzes d estanho com crucufiços que lhe ficarom ainda da outra vijnda; e ouveram por bem que lançasem a cada huum sua ao pescoço; pela qual cousa se asentouo padre frey Amrique ao pee da cruz, e aly o hum e huum lançava sua atada em huum fio ao pescoço, fazendo lhe primeiro beijar e alevantar

as maaos; vinham a isso mujtos e lançaram nas todas, que seriam obra de R (40) ou L; e, isto acabado, era ja bem huuã ora depois do meo dja, viemos aas naaos a comer, onde o Capitam trouve comsigo aquelle mesmo que fez aos outros aquela mostramça pera o altar e pera o ceeo; e huum seu irmaão com elle ao qual fez mujta homrra; e deu lhe huuã camisa mourisca; e ao outro huuã camisa d estroutras; e, segundo o que a mim e a todos pareceo, esta jemte nom lhes faleçe outra cousa pera seer toda christãa ca entenderem nos; porque asy tornavam aquilo que nos viam fazer coma nos meesmos, por onde pareçeo a todos que nenhuaã jdolatria nem adoraçom teem. E bem creo que, se Vosa Alteza aquy mandar quem mais antr eles de vagar ande, que todos seram tornados ao desejo de Vosa Alteza; e pera jsso, se alguem vier, nom leixe logo de vimjr clerigo pera os bautizar, porque já entam teeram mais conheçimento de nosa fe pelos dous degradados que aquy antr eles ficam; os quaes ambos hoje tambem comungaram. Antre todos estes que oje vieram, nom veo mais que huuã molher moça, a qual esteve sempre aa misa, aa qual deram huum pano com que se cobrise, e poseram lho d arredor de sy; pero ao assentar nom fazia memorea de o mujto estender pera se cobrir; asy, senhor, que a jnoçencia d esta jemte he tal, que a d Adam nom seria majs quanta em vergonha; ora veja Vosa Alteza quem em tal jnnocencia vive, ensinamdo-lhes o que pera sua salvaçom perteece, se se con-

verteram ou nom. Acabado isto, fomos asy perante eles beijar a cruz, e espedimo nos, e vjemos comer.

Creo, Senhor, que com estes dous degradados, que aquy ficam, ficam mais dous grometes, que esta noute se sairam desta naao no esquife em terra fogidos, os quaes nom vieram majs, e creemos que ficaram aquy, porque de manhaã, prazendo a Deos, fazemos d aquy nosa partida.

Esta terra, senhor, me pareçe que da pomta, que mais contra o sul vimos, ataa outra ponta, que contra o norte vem, de que nos d este porto ouvemos vista, sera tamanha, que avera neela XX ou XXb (25) legoas per costa. Traz ao longo do mar em alguuãs partes grandes bareiras, d elas vermelhas, e d elas bramcas; e a terra per cima toda chaã e mujto chea de grandes arvoredos. De pomta a pomta he toda praya parma (43) e mujto chaa e muito fremisa; pelo saartão nos pareceo do mar mujto grande, porque, a estender olhos, nom podiamos veer senom terra e arvoredos, que nos pareçia muy longa tera. Neela ataa agora nom podemos saber que aja ouro nom prata, nem nehuuã

(43) « De ponta a ponta é toda a praia *parma* e muito chã. » Pareceu-me que em vez de *parma* se podesse ler *praina* por plana ou chã. Mas acredito, ao contrario, que é uma forma antiga que se liga a *parmar* de *paramo*, como é certo que se formou *heremar* e *ermar* (de *eremos*). Talvez a Pero Vaz coubesse escrever « a praia é toda *parmo* ou *páramo* » ; evidentemente disse *parma* como se dissera *erma* ou *herma*. Não conheço todavia, outro exemplo d'esta forma É possivel admitir que o escrivão por engano pozesse *parma* por *herma* ou *herema* (êrma) como era da ortografia do tempo.

cousa de metal, nem de fero, nom lh o vimos; pero a terra em sy he de mujto boos aares asy frios e e temperados coma os d antre Doiro e Minho, porque neste tempo d agora asy os achavamos coma os de la; agoas sam mujtas imfimdas; em tal maneira he graciosa que querendo a aproveitar darseá nela tudo per bem das agoas que tem; pero o melhor fruito que neela se pode fazer me parece que será salvar esta jemte; e esta deve seer a principal semente que Vosa Alteza em ela deve lamçar, e que hy nom ouvesse mais ca teer aquy esta pousada pera esta navegaçom de Calecut abastaria, quanto majs desposiçam pera se neela conprir, e fazer o que Vosa Alteza tamto deseja, saber, acrecentamento da nossa santa fé.

E neesta maneira, senhor, dou aquy a Vosa Alteza do que neesta terra vy; e se a alguum pouco alonguey, ela me perdoe; e ao desejo que tinha de vos tudo dizer mo fez asy poer pelo meudo. E pois que, senhor, he çerto que asy neeste careguo que levo, coma em outra qualquer coussa que de vosso serviço for Vosa Alteza ha de seer de mym muito bem servida, a ela peço que por me fazer simgular merçee mando vijr da jlha de Sam Thomé Jorge Dosoiro meu jenrro, o que d ela receberey em mujta mercee. Beijo as maãos de Vosa Alteza. Deste Porto Seguro da vosa jlha da Vera Cruz (44)

(44) *Vera Cruz* era o nome primitivo da terra e depois *Santa Cruz* : mas desde os primeiros anos da descoberta corre o nome de *Brazil*. Em 1510 já este nome havia prevalecido e

oje sesta feira primeira dia de Maio de 1500.

PERO VAAZ DE CAMINHA.

entrava em farças populares (Gil Vicente, *Auto da Fama*).
O epiteto de *Vera Cruz* era antigo e de uzo : « o caualeyro foy en busca da *uera cruz* » Livro de *Linhajens*, 187. Atribue João de Barros a artes do demo essa mudança de *Vera Cruz* para Brazil.

CAMONEANA

Mares nunca d'antes navegados. A metrica em Camões. *Amor e amores.*

I

Em nota curioza a respeito do conhecido verso dos *Luziadas :*

Por mares nunca d'antes navegados

que ocorre logo na primeira estancia e ainda em outros lugares mais ou menos repetido ou parafrazeado (1) buscou o erudito Foulché-Delbosc, determinar-lhe as fontes provaveis, aproximando-o de dizeres semelhantes :

a) De uma passajem das *Epistolas de sant Hieronimo* trasladadas por Juan de Molina e impressas em 1526, quarenta e seis anos antes dos *Luziadas :*

... avie de passar *por la mar* que se estava virgen y hasta aquel tiempo *jamais por nadie navegada* (2).

(1) I, est. 27; V, est. 4; VII, est. 25. *Subsidios para a leitura dos Luziadas.* Esqueceu-lhes entre outras a referencia mais importante, do Canto V, 37:

Por mares nunca d'outrem navegados.

Cf. *Revue hispanique* XVIII, — n. 53.

(2) No texto latino de S. Jeronimo não se empregam precizamente os mesmos epitetos :

per mare adhuc intactum, nec ullis devirginatum ratibus aut remis.

b) Um verso de Juan de Padilla, dos *Doze triumphos de los doze Apostoles*, de Sevilha, 1521 :

> Allí do las perlas halló con el auro
> Colón, *por las ondas jamás navegadas.*
> IX, 1.

Apezar da importancia d'esses factos, não me parece que d'aquella fonte fluisse diretamente a expressão camoneana. Os autores eram obscurissimos e sem voga e provavelmente não foram lidos do poeta.

Uma das fontes essenciaes dos *Luziadas* é a *Azia* de João de Barros em cujas primeiras decadas corria a versão mais acreditada da viajem de Vasco da Gama e da fundação do imperio no oriente. Todo o argumento historico dos *Luziadas* aí está, sem falar em algumas mesmas sujestões da fantazia (1).

Já por minha parte havia eu modestamente apontado a orijem imediata d'aquelle famozo verso (2).

> Por mares nunca d'antes navegados

aproximando-o do texto de João de Barros quando este empresta a Vasco da Gama as palavras :

> Que verdadeiramente elle não punha culpa em cuidarem d'elles muitas coizas por que grão novidade devia

(1) Por exemplo, a do velho do Restelo, nas superstições e *murmurações* do povo contra as navegações (*Dec.* I, 1-c. 1) e as fabulas que logo se recontaram a respeito do Temerozo Cabo onde o poeta figura Adamastor (*ibid. Dec.* I-l, 4).

(2) Na *Selecta Classica*, nota n. 147.

ser a todo los seus vassalos verem naquellas partes nova gente em relijião e costumes e mais *vindos por caminho nunca navegado...*

DECADA I, l. IV, cap. 9.

Não podia deixar de ser a *Azia* de Barros, cronica oficial dos acontecimentos, a precipua fonte historica do poema.

Creio pois que os *mares nunca navegados* d'aí derivam.

A idéa, aliáz, de apontar o incognito das rejiões pela primeira vez reveladas ja havía tido outras expressões na literatura portugueza.

O primeiro poema alegorico das navegações foi o da *Caça real* de Diogo Velho, escrito em 1516 e incluido no *Cancioneiro geral*. Lá se depara, sob outra roupajem, aquelle mesmo orgulho patriotico dos descobridores de

Gentes novas escondidas
Que nunca foram sabidas. (1)

Essa lejitima vaidade ainda se corrobora com as palavras de Castanheda (1551) na prefação da sua *Historia do Descobrimento*:

... navegando (os portuguezes) até oriente *sem verem mais que agua e céo*, rodeando toda a esfera, *coiza nunca cometida dos mortaes...*

Só um dos grandes escritores de quinhentos an-

(1) Tambem o diz o Camões:

Da *gente nunca* dantes della *vista*.
VII, est. 59.

tes de Camões, ouzou, não sem pedantismo e falsidade, a negar esta gloria aos portuguezes, e foi Damião de Goes, que se julgou obrigado a refutar o que supunha um erro dos seus conterraneos (1).

A fraze a que Camões deu novo lustre foi incessantemente repetida, mas sem o mesmo brilho cada vez que a desfiguravam como na *Ulisséa* de Castro :

Mares não sendo navegados d'antes.
Canto I, — est. 7.

Ou no insulso *Oriente* do ultimo detrator de Camões :

Ilhas do vasto *mar nunca sulcado*.
Canto II, — est 36.

Em 1561 naufragou a não *São Paulo* na ilha de Sumatra e um dos naufragos Henrique Dias escreveu a *Relação* deste dezastre; na sua narrativa lê-se :

¿ Que fariam as (trovoados) da banda de fora não sabidas nem experimentadas nunca de ninguem e em *mares nunca navegados* ..... ?
Hist. Traj. Marit. III, 58.
(Da ed. moderna).

Se esta *Relação* foi escrita logo depois do acontecimento, a fraze precede a dos *Luziadas*.

(1) Veja-se a sua *Cronica* de d. Manoel (ed. 1619 — fol. 13). A cronica é de 1556. A de Castanheda é de 1551 e conseguintemente precede de um ano a primeira *Decada* de Barros.

II

A metrica em Camões.

Em alguns estudos sobre os *Luziadas* de Camões um dos nossos *filologos* (se tal nome lhe cabe sem ironia), o dr. Silvio de Almeida, muito mal preparado no assunto, sem ciencia nem conciencia, procura *emendar* o texto do poema que por aí anda viciado.....

Não escreveria eu aqui a respeito das suas toleimas, se não oferecessem ellas um ensejo de dissipar alguns erros correntes e de punir a leviandade com que n'esta terra se parvoejam necedades graças a auzencia de qualquer critica que mereça o nome.

E' assim que aquele estulto camonista, Silvio de Almeida, propõe ao verso :

Que em tanta antiguidade não ha certeza

a estapafurdia emenda :

Que em tanta antiguidade, *ula* certeza?

Ula = u la, onde a.

Assim, pois, a um verso que não nos parece *agora* admisivivel aplica a sua disparatada rabulice de leigo simplorio.

Uma das questões mais intrincadas e dificeis é a antiga metrica, variavel sempre com a varia prozodia dos tempos.

Não é assunto de folhetim.

Não é licito, e isto é elementarissimo, adulterar um texto poetico sem primeiramente, verificar *se estava realmente errado.*

O parecer-nos *errado* é apenas uma indicação para ulteriores pesquizas.

Não se emenda, pois, um verso que, embora não seja exemplar, comtudo não saiu das regras ou do uzo do tempo.

Um dos raros estudos que temos da metrica quinhentista foi o que fez Epifanio Dias, na excelente edição critica dos versos do *Crisfal.*

Com quanto Camões contribuisse mais que ninguem, para a perfeição da metrica moderna, entretanto nas suas obras perduram alguns vicios da sua epoca.

E entre esses uzos defeituozos dois pelo menos corriam que podem justificar o malsinado verso.

Um, era, segundo Epifanio, o de reunir duas silabas em uma só, juntando :

« A vogal ou *ditongo nazal* do fim de uma dicção e a vogal ou ditongo inicial seguinte :

E pois mester me *nam a*veis.
Canc. Rezende, III, 530 (1).

Quando eu on*tem a*qui cheguei.
Bern. Ribeiro, *ecl.* II.

Ou *duas tonicas* em uma só silaba :

E se agora *la há* donzela.
Canc. Rez. I, 464.

(1) A leitura do verso de Camões em Faria e Souza é — *nã ha.*

Isto só bastaria para explicar a razão d'aquelle verso do nosso epico.

Era do tempo essa metrificação *romana* medieval. Não ha que emendar; e muito menos caluniar os editores e impresores dos *Luziadas* o que parece rizo do esfarrapado contra a gente bem vestida.

Compreende-se que um sandeu queira *modernizar* o texto de uma obra antiga; mas não *restituir* onde não havia materia de deturpação ou estrago.

E ainda ha outra razão que, a meu ver, é a mais importante; é a que cabe melhor a este cazo.

Outra das contrações violentas apontadas por Epifanio era a que se fundava na « pronuncia descurada familiar » e aponta o cazo e da « *absorpção em uma só silaba* de duas de consoantes iguaes ».

Ainda é hoje comum na linguajem popular: corpo *de*lito (*de de*lito) essa supressão (1).

(1) *Idoltra* por *idololatra* no mesmo Camões. Na poesia popular, no auto dos *Mouros*.

Que esta tua ferida
Corpo delito ha de ter.

SILVIO ROMERO — *Cantos* II, 163.

Analoga supressão ha na occurrencia do plural seguido de artigos — *os*:

Houve de haver por tão pouco
Uma de to*do' os* diabos.

GRÉG. MATOS — *Obras*, 228.

A este cazo teremos que fazer referencia adiante.

E Epifanio exemplifica :

Namora*do dos* namorados.
Canc. Rez. I, 319.

Por isso faze por *te ter*.
B. Ribeiro, *ecl.* 4.

em cuja leitura se ha de suprimir uma das silabas, *do* e *te* em cada verso.

Todos percebem que a boa exejeze de um verso reclama o conhecimento da metrica no tempo em que foi elle escrito.

O verso pois soava :

Que em tanta antiguidá (de) não ha certeza.

Quazi com o mesmo soido do castelhano, que teve pouco mais tarde n'uma das mais antigas versões do poema, a de Henrique Garcez (em 1591).

Que em tanta antigüedad no ay cosa cierta
Los Lusiadas — fol. 42 v.

Para o *douto* camonista, que nem sequer por alto cojita da metrica antiga, o mais facil, moderno e rapido é meter a catana, pôr em postas os *Luziadas* e aljebrizal-o de novo.

Mas o que contrista não é a ignorancia do dezalmado exéjeta, coiza sanavel com algum estudo, mas é a sua enorme, ilimitada e inconfundivel audacia.

O homem da-se por entendido na « versificação camoneana. »

A essa crassa ignorancia da metrica e da cultura do tempo é que elle chama (falando de si mesmo!) « o conhecimento intrınseco que a respeito de qualquer autor só se obtem por diuturno trato ».

Retórico e tolo!

Pela mesma razão da sinizéze da nazal, ao verso:

Sem aproveitar dos homens força e arte.
(*Sê a*proveitar)

VII — 73

não cabe a « *emenda* de Manoel Lopes Ferreira, em 1721 » aceita pelo amador folhetinista:

Sem aproveitar *de* homens força e arte.

Aqui ha uma serie de disparates: os Lopes Ferreiras (José e Manoel) foram meros impressores do texto... comentado por Manoel Correa, contemporaneo e amigo de Camões; o impressor é do seculo XVIII e o livro saiu das suas oficinas em 1720 (e não em 1721). Perdoadas estas inadvertencias, o que se não pode perdoar é que ao contrario não houve *emenda alguma*; o editor adotou o texto verdadeiro e antigo:

Sem aproveitar dos homens força e arte

Lá está, á pag. 184 — 2ª col. — da edição de Ferreira. Vê-se, pois, que esse *camonista* nem sequer está no cazo de verificar uma ou outra cita, naturalmente, alheia, de que se serve.

III

O mesmo assunto

Esta questão da nazal na metrificação de quinhentos era um dos pontos que antes de tudo convinha estabelcer : por que não é licito inventar leituras imajinarias e deturpar um texto sob especiozos motivos quaes os de que se não conforma com o chamado *uzo* moderno (1).

(1) Com o intuito de fixar a prozodia metrica do tempo é que n'este lugar reunimos numerozos exemplos de absorção da vogal que se segue á terminação nazal nos escritores da epoça de Camões. Assim, evitarem s talvez a filaucia dos que pretendem *corrijir* e deturpar os textos antigos.

Exemplos de Andrade Caminha:

Esta*vam os* ventos todos recolhidos.
Ed. da acad. paj. 13.
Por todo o mundo corr*em em* toda idade.
paj. 14.
Mais, que onde mais as quer*em* : *e*llas prezente.
paj. 15.
Que ven*cem* entendimentos. Que direi?
paj. 17.
E arremedando.
Os i*am os* focas que Proteu guiava.
paj. 19.

Estão nas primeiras vinte pajinas das suas poezias. Passemos a Antonio Ferreira; tomamos os exemplos ã primeira edição dos *Poemas luzitanos*, 1598.

Onde poderei eu de *mim es*conder-me.
fol. 3.
As estradas e os campos mos*tram as* dores.
fol. 12.
Por ti se mo*vem* os céos, por ti o dia
fol. 24, v.

D'aí a serie de disparates que desluzem e destroem as supostas novidades aprezentadas pelo sr. Silvio de Almeida, com as suas riziveis contor-

Esta*vam as* brandas ninfas ascuitando.
fol. 51.

Uns s'ouvem, uns nos troncos fi*cam es*critos
fol. 52, v.

Em *mim o* desarma : em mim na viva fragoa.
fol. 60. v.

Mais que ho*mem o* confessava e descobria.
fol. 61.

Parece que bastam. Passemos, todavia, ainda a Sá de Miranda (I. vol. ed. 1784) :

Par*tem o* tempo entre si, que era devido.
paj. 78.

Não ten*ham a*qui poder horas minguadas.
paj. 84.

E deixa*ram* o paço as cegas.
paj. 230.

Escolhe*ram ho*ra segura.
paj. 241.

Em rezumo, essa elizão da vogal *á romana* como lhe chama Carolina Michaëlis de Vasconcelos na sua magnifica edição do Sá de Miranda CXVI é para nós hoje um defeito (*), mas bem se vê, não é materia para absolvendo de culpa os velhos poetas intentar uma *correção* em todos os cazos onde ocorre, e muito menos será ocazião para malsinar os editores do Camões, que não « entendiam » a versificação do poeta.

Vejam que entendedor!

Poder-se lhe-ia aplicar aquele epiteto do romance de Daudet; *vir ineptissimus.*

Esses pretendidos estudos do Sr. Silvio d'Almeida que elle *realizou sem antecedentes* (são palavras filauciozas suas!) dão um atestado deploravel de ignorancia e falta de escrupulo, e vão fazer companhia a outras tentativas frustras como a da mizeravel brochurazinha do *Antigo Vernaculo*, trabalho de folhetinista, *pour rire.*

(*) Que persiste, todavia, na metrica popular dos proverbios e cantigas.

sões ridiculas de que que ha mister para *justificar* a pobre vítima.

Assim, vejamos um exemplo.

Ignorando este uzo da antiga metrica, toca o nosso camonista a emendar todo o poema. Para esse novo zoilo o verso :

> Passar*am a*inda alem da Taprobana
> I, 1.

está errado em todas as edições e deve ler-se—*passaram inda...*

Est'outro verso :

> Ha de ser dom Christo*vão o* nome seu

tambem é um verso errado (sempre na formula do camonista, entenda-se) deve-se dizer — *Christovão nome seu.*

E assim por diante.

Vê-se pois a que mentiras estrondozas leva coxeante uma mentira inicial.

A mesma incompreensão leva-o a disparates d'outro genero. Dou apenas um exemplo. Ao verso

> Não falt*am a*li os raios de artificio

onde o principio da absorpção pela nazal é palpavel e evidente (fal*tã a*li=falt'ali), aplica o monstruozo exéjeta o seu infeliz expediente dizendo que « — *ali os* — formam apenas duas silabas. » D'esta arte a leitura é

> Não faltam *álhús* raios de artificio

ou, então desgraçadamente

Não faltam *alhos* raios de artificio

pois não ha por onde fujir á cezura do endecassilabo.

— Que *alho!*

Eis outra corrijenda do famozo interprete quando se lhe deparou outro cazo identico :

E assim um pela infamia que recea
E o outro pelas honras que pretende
Debatem e na porfia *permanecem.*
I, est. 34.

Errado, exclamou o camonista! Não pode ser, que esta gente (ajunta com topete) « não sabe contar as silabas metricas; nem orelhas, nem dedos lhe valem ».

Na verdade, escasseiam orelhas ; quantas havia, alguem as monopolizou, e não é dificil descobrir-lhes o paradeiro.

Vejamos. Aqui o camonista não quiz suprimir o *e* (depois de *debatem*; como já havia feito com o verso « Christovão *o* nome seu »); fertil em expedientes, descobriu que havia de ser *debate* e não *debatem*, ficando um verbo no singular e outro no plural :

Debate, e na porfia *permanecem*

D'est'arte *um* (ou outro) *debate* sozinho e (ambos) *permanecem* na porfia. A explicação é bem d'elle e é textual.

Ganhou Camões esse solecismo e Silvio descobriu uma verdade nunca achada. Ainda é o mesmo cazo da nazal que o exejeta não percebeu :

Deba*tê e* na porfia *permanecem*

O seu erro é pois o de colocar-se no ponto de vista de hoje (que equivale ao da pura ignorancia) para mirar coizas antigas, e isto por ouzada inepcia, por não informar-se das fontes, e nem estudar a arte e a estetica do outro tempo, invertendo valores e subvertendo-os no abismo do seu pedantismo, e sendo obrigado a enjenhar mil hipotezes, *contorsões* como eu disse, para cazos que todos se reduzem a um só, visto á luz de mais segura critica (1).

(1) Ficam assim inutilizadas as explicações do camonista, relativas a outros dois cazos que seria enfadonho dezenvolver : I, 60; IV, 38.

Deixo tambem de examinar as etimolojias de *a segundo* e outras que não merecem o menor credito.

Muito menos direi aqui das trivialidades costumeiras.

Da determinação das fontes historicas e literarias não trata felizmente o nosso camonista; pelo que, merece francos elogios. O assunto fica muito acima dos seus pobres recursos.

O trabalho está sendo, aliáz, feito com erudição e concienciozo estudo pelo sabio Dr. José Maria Rodrigues, nas pajinas do *Instituto*, de Coimbra desde o ano de 1904.

Só uma vez o nosso camonista indijena se abalança a pesquizar a orijem da *Ilha dos Amores* é diz « *Encontramos* em João de Barros o que sujeriu a Camões a idea da fluctuancia da *ilha de Venus...* »

Apenas aquele dubio *encontramos* deve ser substituido por — *Faria e Souza encontrou.*

O criticastro cita Faria e Souza, mas conforme o seu costumado artificio, lonje do lugar e de modo capciozo. Leia-se :

« João de Barros (*Decadas* I, Liv. IV, Cap. XI) escreve *An*

As linhas que acabo de escrever não pertencem excluzivamente ao genero da polemica esteril e pessoal.

Quem quer que as leu até aqui, pode acazo ter aproveitado alguma informação util e necessaria á compreensão da obra prima da nossa literatura.

O encontro da nazal e vogal seguinte era jâ antiquissima ocazião de se contrairem, como se vê em Verjilio:

Monstr (um) horrend (um) informe.....

IV

Amor e amores.

Sob o influxo da poezia italiana, nem só a literatura peninsular ganhou a nova formula do endecassilabo, desde Boscan.

A poesia petrarquiana alterou o sentido de algu-

chediva, e explica que « *anche* quer dizer cinco, *diva*, Ilhas, por serem (aquelles ilheos) cinco, posto que o notavel he hum. » Neste mesmo chronista, encontramos o que suggeriu a Camões a idéa da *fluctuancia* da *ilha de Venus :* Chegando os navegantes defronte de Archediva, o *cossairo* Timoja, a fim de roubal-os, compoz oito navios cobertos de rama, para fingir uma balsa, em que entrou com sua gente, e vendo o Gama mover-se o simulado bosque, perguntou aos indios que alli andavam familiares: — Que visão é aquella? ao que elles responderam que eram invenções de um fraco *cossairo*. E os barcos foram postos em fugida, conseguindo Nicolau Coelho tomar um delles. Lembra aqui Manuel de Faria e Sousa que aos poetas qualquer minudencia serve de motivo para uma estupenda fabrica. »

mas ideas e vozes idiomaticas. Uma d'estas alterações que quero aqui estudar e fixar foi a do conceito do *Amor*, personalizado, o antigo Cupido que se veiu juntar a de *amor* ou *amores* puro sentimento (e não divindade) que imperava e continuou a predominar nas cantigas peninsulares de estilo mais popular.

O filho de Venus, com a sua maiuscula inicial *Amor*, foi assim importação estranjeira, sob o influxo do cantor de Laura.

E' um ponto que dezejamos assentar porque contribue para a perfeita intelijencia dos antigos poetas e do mesmo passo põe embargos á critica inepta que por lijeireza, leviandade ou descuido andam por aí fazendo alguns camonistas de meia tijela.

O Dr. Silvio de Almeida, sempre o mesmo, atrevidissimo, meteu-se a comentador do Camões. Já vimos a exejeze do mesmo amador quanto á versificação; vejamos o que sabe quanto a intelijencia dos textos. A propozito dos versos:

> Taes contra Inez os brutos matadores
> No colo de alabastro que sustinha
> As *obras* com que *Amor* matou de *amores*
> Aquelle que depois a fez rainha,
> As espadas banhando e as brancas flores
> Que ella dos olhos seus regadas tinha,
> Se encarniçavam fervidos, irosos,
> No futuro castigo não cuidosos.
>
> III, est. 132.

entende o apoucado filologo que *obras* são os seios. As *obras* são as perfeições do rosto que é onde

essas se ajuntam e se compõem, e só assim é que se pode entender o texto d'aquella estancia.

O *colo* sustenta o rosto e não os seios, da mesma sorte que a coluna sustenta o tecto e não o pedestal ou qualquer parte inferior. Assim o confirma o trecho da ecloga II :

> E' esta a alva coluna, o lindo esteio,
> Sustentador das *obras* mais que humanas ?

O falso exejeta ainda alega esse texto como favoravel á sua tolice.

Erudito sem livros, vira enfermiço como um catavento ao primeiro miasma da sua estulta prezunção.

Se conhecesse o Faria e Souza que cita de ouvida ou se conhecesse o ambiente literario do tempo, veria que o poeta disse aqui o mesmo que Garcilasso e quazi pelas mesmas palavras :

> Do la coluna que al dorado techo
> Con prezuncion graciosa sostenia ?
>
> Ecl. I.

Por igual, o torvo mestre escola não entendeu a estancia camoneana por incapacidade de respirar no ambiente do poeta. Hoje que o romantismo desterrou o Olimpo ja se não faz a distinção que outr'ora faziam os poetas entre *amor* e *Amor*. E' subtileza para gramaticões, mas o mizero mestre escola aqui não lobrigou o menino Amor, a despedir as suas setas e estas são as suas *obras* com as quaes matou de amor a D. Pedro. E esta ferramenta de

Cupido figuravam-n'a os poetas nas perfeições do rosto, nos olhos ou na boca e até nos cabelos se são de fogo abrazador...

Exemplos do mesmo Camões :

As *setas* traz nos *olhos* com que tira...
Soneto 14.

Que o vivo *lume* e o *rosto* delicado
Imajens são adonde *Amor* se adora.
Soneto 55.

Amor...
Vivas faiscas me mostrou um dia
Donde um *puro cristal* se derretia
Por entre vivas rosas e alva neve (1).
Soneto 71.

Entre rubis e perlas *doce rizo*
Debaixo de *ouro e neve côr de roza*
Presença...
Fala... rara e suave...
Estas as armas são com que me rende
E me cativa *Amor.*
Soneto 81.

O *resplandor dos olhos*
Donde *Amor* a ninguem quiz ter respeito.
Soneto 93.

Esses cabelos louros...
Este ar imenso...
Estes furtados olhos...
... São laços que Amor tece na vida.
Soneto 155.

(O Amor)
Com olhos *pelos olhos* nos dá morte,
Os *vossos* escolheu...
Soneto 181.

(1) Explicação para o mestre-escola : *Vivas faiscas* são olhares e *puro cristal* são lagrimas.

Os *olhos* onde o casto *Amor* ardia...
Soneto 239.

Amor, de uns bellos olhos sempre armado
Me combate...
Soneto 250.

E aqui devo repouzar. Não citei mais que alguns exemplos tomados ao livro dos *Sonetos*. Mas não ha *um se quer* em todo o Camões em que *dos seios* o Amor dispare as suas setas. Só em paiz de erotomanos ou de certos feiticismos que a psiquiatria conhece, poderam ser os *seios* as armas de Cupido (salvo para os meninos de têta).

Não é provavel que o grande e imortal amor de D. Pedro, muito lonje da epoca do nu e do decóte, tivesse aquellas orijens pendentes.

Os poetas do tempo, pouco propensos ás liberdades do sensualismo moderno da cintura e do pézinho chinez, sentiam como o Camões (1).

(1) No desvies de mi tu *lindo gesto*
Tus *verdes ojos* y *cabelos d'oro*
Dó tiene *Amor* su *arco y fuego* puesto.
DIOGO BERNARDES
Rimas varias, ed. 1780 — 115.

Os teus *olhos*, de *Amor* tiros dourados.
Ibid — 117.

Em Ferreira as *obras* de *Amor* são especialmente os *louros cabellos* da amada.

D'ouros tomou *Amor* oiro tão fino,
Soneto 19.

O' cabelos, d'*Amor* rico tezouro
De que se arma, guerreia, vence e mata,
Soneto 26.

Tem-me *Amor* prezo em ũas redes de ouro,
Soneto 40.

Ainda aqui *os seios* de envergonhados não ouzam aparecer. Em outro poeta contemporaneo de Luiz de Camões, notamos

O filologo curiozo que se atreve a comentar o grande epico sem conhecer o meio literario e as ideas daquella epoca de intensos reflexos da literatura europea, dá triste e mesquinha prova das suas veleidades de critico.

Garcilasso com Boscan e Petrarca são os poetas favoritos do grande epico.

uniformente a mesma imajem; os cabelos e os olhos são as armas de Amor.

Nas *Poezias* de Caminha, edição de Priebsch:

> A esses *olhos*...
> Onde as Graças estão, onde Amor, mora, 54.
>
> (O *Amor*)
> Dos *vossos olhos* faz sua branda guerra, 72.
>
> Com *vossos olhos* ia *Amor* vencendo, 80.
>
> Dos *fiós d'oiro* que *Amor* mais estima
> O mesmo *Amor* uma sotil rede tece, 102,
>
> Sempre *Amor* em teus olhos está armado, 141.

Em rezumo, nas poezias *não da escola velha* mas da nova, e de *influxo italiano* aparece o *Amor* personalizado. de aljava e setas, escondido na languidez do olhar ou nas redes d'oiro dos cabelos como o havia imajinado Petrarca do qual deriva toda essa maquina poetica dos quinhentistas:

> Le *trecce d'or*...
> Ove i raggi d'*Amor* si caldi sono.
> *Rime* (ed. Bibl. romanica), 55.
>
> *Occhi*
> Ne' quali *Amore* e la mia morte alberga, 57.
>
> Fra le *chiome* de lor *nascose il laccio*
> Al qual mi strinse *Amore*, 72.
>
> *Occhi* leggiadri dov' *Amor* fa nido, 80.

E não necessito, creio, multiplicar as citações. Em Petrarca, em todos os poetas camoneanos, não, se vê se quer UMA UNICA

Dê-se-lhe esta indicação para que o dr. Silvio de Almeida reforme a pauperrima biblioteca.

A *coluna e lindo esteio* de Camões é *la* misma *coluna* de Garcilasso.

E o colo é essa coluna « sustento de maquinas hermosas » e entende-se a cabeça que « contiene los miembros mas soberanos de la hermosura » comenta Faria e Souza.

A leitura de Garcilasso convenceu-me que muito lhe deve o Camões e do melhor. Para não ir mais lonje n'esse mesmo epizodio de Inez de Castro basta cotejar os versos :

> Cuya vida...
> Antes de tiempo y casi en flor cortada

que em Camões se repetem :

> Assim como a bonina que *cortada*
> *Antes do tempo foi...*

VEZ Amor a servir-se da sedução dos seios. Essa invenção modernizante e erotica pertence ao Silvio de Ameida, segundo o qual, foram as *maminhas* de Inez de Castro que engalanaram ao Infante, ou ao poeta.

E todo este erro rezulta da sua incapacidade de interpretar os textos fora do ambiente proprio que desconhece, ignorando, as fontes e as regras comezinhas de qualquer exejeze.

O homem examinaria Petrarca com o erotismo tropico dos nossos sertanejos :

> Mulatinha de papôco
> *Peito em pé* no cabeção.

Agora (indicadas as fontes e o metodo que lhe convinha) lá vai o gramaticãozinho atirar-se aos livros, remexer o bestunto, temperar a guéla e... refutar (!)

Que, estas linhas aproveitem ao seu vezo parazitario, é o que sinceramente dezejo.

e ainda outros :

... las silvestres diosas...
En el semblante tristes y traíam
Cestillos blancos de purpúreas rosas
Las cuales esparciendo derramabam
Sobre uma ninfa muerta que llorabam...
. . . .
En torno del sus Ninfas desmaiadas
Llorando en tierra están

parafrazeados pelo poeta :

As filhas do Mondego... etc.

E ainda :

De los pasados casos la memoria...
Que del funesto y triste caso había.

é o que se depara em Camões.

O caso triste e digno de memoria.

Ainda outro exemplo :

Y tú tendiendo la piadosa mano...

A cotejar com.

... *alevantando*
Com lagrimas os olhos *piedosos*.

A ecloga III de Garcilasso quanto á forma e numero é uma das fontes de sujestão do epizodio.

PARALELISMOS LITERARIOS

Bocaje. Castilho. Gregorio de Matos. Gongora. Gonzaga e Anacreonte.

I

Una anedota de Bocaje.

Nos autores que recontam a vida de Bocaje, não falta, quazi nunca, a tradição de uns versos que em vivo e agudo improvizo dissera o poeta uma noite, a deshoras, quando recolhia de um botequim para caza.

Eram versos em reposta dada a uma patrulha do intendente Manique, a qual de armas embaladas e chamando o poeta á fala, inquiru :

— *Quem é? donde vem? para onde vai?*

Disse Elmano :

> *É* o poeta Bocage.
> *Vem* da loja do Nicola,
> *E vai* para o outro mundo
> Se lhe dispara a pistola.

Jozé Feliciano de Castilho como outros, relata o cazo (1) e ainda refere a variante de outra anedota do mesmo genero.

Aquella pergunta sacramental é mais do *folk*-

(1) No vol. da *Livraria classica*, VII da ed. Garnier, Bocage II, 233. E. tambem nas *Obras* do poeta ed. Porto — 1876 — vol. VIII, biogr. por Teofilo Braga — paj. 227 — 228.

lore que da historia. Era aliás o triplice problema da metafizica escolastica a indagação das cauzas finaes, a orijem, a essencia atual e a teleolojia do Ser.

Das escolas passou naturalmente á vida comum, como rezumo brevissimo de todas as inquirições pessoaes. *Quem é? Donde veiu? e aonde vae* (ou o que quer)? se tornou por excelencia uma formula policial talvez ainda antes do terrivel Sherlock Holmes da Lisboa absolutista.

O certo é que ja corriam no anedotario popular muitas facecias tomadas áquella fonte.

Ainda pelos começos do seculo XVII contava Soares Toscano nos seus *Paralelos de Principes* (1) a anedota de um Simão Palha, criado de D. Sebastião, o qual sendo visto por um correjedor em ocazião em que ia apressado, este fez detel-o e, com o fim de gracejar, ou de embaraçar o tranzeunte « lhe fez quatro perguntas juntamente : *Donde vindes? para ondes his ? como vos chamam? cujo sois?* Ao que Simão Palha respondeu a todas quatro mui acordadamente e com muita agudeza dizendo : *Venho de Lisboa, vou para Santarem, chamam-me Simão Palha, sou criado d'el Rei.* E passou seu caminho deixando todos mui satisfeitos e contentes na resposta bem semelhante a Dante. »

O classico dá a fonte *Ex Cod. dict. Lusitan* (2),

(1) Primeira ed. *Evora*, 1623. A historia é relatada no cap. CXL, e a paj. 302 da 2ª ed.

(2) Isto é — Ex codice *dictorum lusitanorum* — Não é certa-

donde colheu a anedota. O paralelo ao Dante é tomado de tres respostas a inopinadas perguntas que lhe fizeram em caminho certos inimigos seus para o afrontar. *Donde vindes? onde vos deu a agua? quantos são da lua?* E foi essa laconica resposta a do poeta florentino: *Da vila, nas aneas, cinco* (1).

Só pelo orijinal que desconheço poder-se-ia estimar a vivacidade da resposta.

Analoga anedota se depara em um passo da vida de Ignacio de Loyola, quando o santo ainda estudava em Paris: *Quem és tu? donde vens, ou para onde vais com esta pedra ás costas?* (2)

Temos, pois, tocado á edade media onde se elaborou toda a seiva do mundo e da cultura moderna.

A formula filozofica pela sua mesma concizão e brevidade dejenerou em proloquial como tantos *exemplos* (conforme os nomes que lhes davam) da sabedoria popular.

Entre os muitos paralelismos que se acham desta eterna duvida quanto á orijem e finalidade das

mente nenhum manuscrito, mas uma formula pessoal do autor para indicar qualquer *anedota colhida da tradição*. É o que suponho.

(1) Luiz Gracian de Antisco no *Galateo español*, XI-22. Não parece concordar com essa viveza o traço fizionomico do poeta segundo Leonardo Aretino: Fu *parlatore rado e tardo* embora ajunte: *ma nelle sue riposte molto sottile*). Na *Vita di Dante*, 33.

(2) Vejam-se os por menores do conto na *I Centuria*, 54-55 da *Hora de Recreio* de Jezam Barata.

coizas apenas aponto um que me parece interessante, por menos conhecido.

Ultimamente Karl Euling em notavel estudo de cultur-historia alemã reduziu o classico *Priamel* ás suas orijens medievais populares que existiam silvestres e bravias até que Rosenplüt lhe deu uma redação literaria no seculo XV (1).

O *Priamel* é um genero popular afim com o dos proverbios, sentenças e *quodlibets*. Eis um dos mais notaveis:

Ich leb vnd weis nicht wie lang
Ich sterb vnd weis nicht wan...
u. s. w.

que R. Priebsch aproxima da formula latina de um manuscrito do seculo XV:

Vivo		quomodo
Morior	et nescio	quando
Ambulo		quô

Esses *mótos* pois da indagação da orijem, ou razão e fim da vida ou da nossa ignorancia a este respeito, se tornaram n'uma metafizica popular das escolas e da vida quotidiana.

A anedota que enflora a legenda bocajiana, não tem outra orijem (2).

(1) K. Euling — *Das Priamel bis Hans Rosenplüt; Studien zur Volkspoesie*, Breslau. Cf. a recensão de R. Priebsch, *Mod. Lang. Review*, III, 2. Segundo Euling parece ser *Priamel* um termo tecnico da muzica — *prœambula*.

(2) Como curiozidade do *folk lore* brazileiro, n'este ensaio lembramos aqui uma equivocação popular.

Nas terras do norte (e não sei se do sul) do Brazil conhece

II

Na tradução do *Fausto* de Gœthe conveiu a Castilho, que possuia grande copia de riquezas vernaculas, aportuguezar, a seu modo, o seguinte passo:

Castilho.

MEFISTOFELES : — Repare : é a Lilita.
FAUSTO : — Hein! que Lilita?
MEFISTOFELES : — A Lilita da *Costa*, não te lembras?
« A primeira mulher de *Adão de Barros* ».

paj. 352.

Ha aqui trocadilho faceto quanto ás orijens dos primeiros homens : o varão que foi feito de *barro* e a mulher tirada de um *costela*. Pouco antes e em outro lugar diz Mefistofeles :

— Que seria de ti, *filho do barro*,
Se não fosse eu...

paj. 274.

Aquele equivoco, todavia não se podia estribar nas tradições hebraicas a respeito d'esta primeira

o povo anedotas eroticas e torpes que atribue a *Camões* ou em que este é a personajem essencial. Algumas d'ellas são as mesmas que comumente falam de Bocaje. O grande epico não tinha essa lejenda que começou no seculo XVIII com o pilherico e jocozo correjedor J. S. Souto Mayor, alcunhado o *Camões do Rocio*, autor da *Martinhada*, poema cujo heroe é certo frei Martinho, grande luziada d'aquelles tempos freiraticos. E' desse Camões e não do verdadeiro que falam as lendas populares.

mulher *Lilit*, inimiga do homem e como elle formada do limo terrestre. *Eva*, sim é que foi tirada da costela de Adam.

Já o havia mostrado, aliás, em critica afiadissima (e algumas vezes injusta, por excessiva) o snr. Joaquim de Vasconcelos.

Apelidando os primeiros padres de Adão de *Barros* e Eva da *Costa* confessa Castilho que esse disparate lhe lembrava ter encontrado nas facecias do cabelereiro Antonio Joaquim de Carvalho, poeta obscurissimo e esquecido.

Efetivamente lá está nos *Toiros, poema heroi-comico*, livro hoje raro, impresso em Lisboa, 1796; obra não de todo inferior, pois ainda lográra una reimpressão no seculo seguinte.

No prefacio ao poema é que se encontram os versos:

> Eu porque filho sou de *Adão de Barros*
> Feito da frajil massa das panelas,
> Pequei, mas venho delatar-me humilde.

IV.

A tradução de Castilho é tezouro de expressões idiomaticas, onde a par do ouro ha o cobre e alquime de amplificações que desvaliam a letra e o espirito do poema de Gœthe. É escuzado quazi dizer que no orijinal nenhuma palavra poderia sujerir aquella facecia:

> MEPH. — Betrachte sie genau!
> Lilith ist das.
> FAUST. — Wer?
> MEPH. — Adams erste Frau.

GREGORIO DE MATOS E LUIS DE GONZAGA (1)

O tempo é apenas um rumo vertical na historia humana; dá-nos a altura dos successos ou a sua profundeza, mas não nos dá a superficie. O verdadeiro metodo deve perfazer uma dimensão pela outra e juntar ás camadas sucessivas da historia a juxtapozição superficial dos povos e em sua largueza o horizonte da cultura geral.

Quer dizer que não basta examinar os periodos *historicos* das literaturas, convem ainda comparal-os em sua expansão e interpenetrações mutuas. Cada idéa nos grandes povos tem sempre um centro de irradiação que expira muito alem das fronteiras. Una literatura nacional é quazi antinomia paradoxa e absurda, porque não ha patriotismo intelectual.

Saindo um pouco d'essas generalidades doutrinarias, quando estudamos *in anima vili* a nossa pequenina literatura podemos relacionar todos os fenomenos que lhe parecem proprios a ordem cosmica muito mais vasta de cujo equilibrio ella participa.

As individualidades, ainda as mais fortes, di-

(1) E' escorço de capitulo de livro inédito, *Literatura comparada* (brazileira) do autor. Ainda ao mesmo livro pertence o artigo seguinte.

luem-se na familia que as compreende; e ainda aí se entrevê o *Unico* que é afinal o universo.

Pode quazi afirmar-se que o mais acentuado traço de orijinalidade consiste apenas na *côr local;* a diferença de *meio* é, sem duvida, a unica excentricidade humana.

Examinemos rapidamente, a essa luz, dois dos nossos poetas de maior reputação, Gregorio de Matos e Gonzaga, os dois maiores nomes do seculo XVII e do seculo XVIII.

Um derivou da moda *culterana* do seu seculo, o outro da remota fonte helenica.

Só por só, cada um d'elles parece unico, mas não passam como os demais todos, de unidades de sua tribu. A critica já os *diferenciou* assaz, convem *integral-os* agora.

A fama extraordinaria de Luiz de Gongora chamado o Homero espanhol, empalidecera com o descredito do *cultismo* e da linguajem artificioza da sua escola ou do abuzo dos seus dicipulos; todavia ainda o sustenta no primeiro lugar entre os poetas espanhoes.

Era natural que o fanatismo culterano como doença contajiasse todo o seculo que se abriu com com a seita dos *cultos* e da nova poezia que triunfara entre doestos, apolojias e satiras dos estetas do tempo.

Em Portugal, o seicentismo na poezia é todo gongorico e a mesma proza com Vieira ou Jacinto Freire não escapa aos lugares comuns ou ao artificio do preciozismo europeu.

Gregorio de Matos é um gongorico na especie jocoza, obcena ou burlesca, e quando se destrava a carpenta de suas construções, das que mais espontaneas parecem, lá se deparam os mesmos materiaes achados pelo poeta espanhol.

Algumas poezias mesmas de Gregorio de Matos não merecem mais que o nome de parafrazes e se os nossos criticos ainda o não lembraram é porque lhes esquece o metodo de paralelismo e da comparação que sempre completa o da historia.

Não só no *tempo*, quer dizer, na historia vivem as idéas, mas tambem no *espaço* e nas varias rejiões que fertilizam com as suas correntes fecundas.

De Gongora são certas formulas de condenação com que dá fecho a algumas das suas *letrillas* — e vemol-as repetidas no poeta seicentista brazileiro.

Sirva de exemplo a *letrilla* refraneada com o verso :

Milagres de corte son.

que aparece em Gregorio de Matos quazi por palavras identicas :

Milagres do Brazil são.
Obras, I, 126 (1).

(1) Em ambos os poetas a compozição é em decimas ·

Que no vean mil maridos
Cosas que las viera un ciego
Y que á las voces del fuego, etc.
. . . .
Milagros de corte son.

Outra formula final *Dios me guarde* com a variante *Dios me libre* aparece no poeta baiano com duplo refran *Deus me guarde* e *Anjo bento* :

Destes beatos finjidos
Cabisbaixos, encolhidos,
Por dentro fataes maganos
Sendo nas caras uns *Janos*
Que fazem do vicio alarde :
Deus me guarde.

No poeta cordovez idea e expressão identica :

Y de amigo cortesano
Con las insignias de *Jano*
Desvelado en la cautela
Cuyo soplo á veces hiela
Y á veces abrasa y arde
Dios me guarde.

A sua especie correspondem numerozos estribilhos repetidos pelo poeta brazileiro (1).

Outras vezes o poeta brazileiro retoma a idéa de Gongora ao revez ou procura outras equivalencias a que se acomode não raro decendo à obcenidade.

Em Gregorio de Mattos a maneira de Gongora reaparece com a mesma fidelidade de ritmo :

Que ha de pregar o cachorro
Sendo uma vil creatura
Que não sabe de escritura..., etc.
. . . .
Milagros do Brazil são.

(1) Ainda é exemplo *Verdades* (I, 53) correspondente a *letrilla IV* (Verdad y mentira).

Umas das *letrillas burlescas* mais engraçadas é a distribuição desproporcionada das *figas;* o poeta toma para si apenas uma e vai concedendo *duas*, *tres*, *quatro*... e quantas, a outras vitimas da sua veia comica e satirica. Eis como :

Un buhonero ha empleado
En *higas* hoy su caudal,
Y aunque no son de cristal,
Todas las ha despachado,
Para *mí* le he demandado
Cuando verdades no diga
Una higa.

Seguem-se, por ordem, a quem cabem, *duas*, *tres*, *quatro figas* :

Al marido que es ya llano
Sin dar un maravedí,
Que le hinche el alholí
Su mujer cada verano
Se piensa que grano á grano
Se lo llevan las hormigas... (1).

Cuatro higas!

Gregorio de Matos apoveitando a forma, ritmo, pensamento e chiste dessa letrilha compoz outra que por ainda até agora inédita reproduzimos adiante.

A compozição do nosso poeta não cede em graça

(1) D'este verso ha varias leituras nas impressões (todas foram postumas) de Gongora, a saber — *Se lo allegan*... ou tambem *Se lo llegan.*

ao do espanhol, ainda que muito mais rude na linguajem ás vees obcena, defeito de que proprio Gongora tambem não escapa em muitas das suas poezias menos accessiveis (1).

Eis a de Gregorio de Matos.

DISTRIBUIÇÃO DE C...

I

Um vendilhão baixo o e vil
De *c*... poz uma tenda,
E confiado em que os venda
Discorre todo o Brazil.
Para *mim* em tantos mil
Lhe mandei que me guardasse
Se verdade não falasse,
Sem lizonja e sem suborno :
Um c...!

II

Para o alcaide, ladrão
Com despejo e sem temor
Que na mão leva o doutor,
Na barriga a Relação :
Indo a caza de infansão
Entra audaz e confiado
E faz penhóra no estrado
Da mulher e seus adornos :
Dois c...

(1) As que entraram no *Cancionero de Burlas provocantes á risa* (110 *e segu.* da ed. espanhola).

III

E para o escrivão falsario
Que sem chegar a pouzada,
Dá a parte por citada,
Dá fé e cobra o salario :
E sendo o feito ordinario,
Como corre a revelia,
Sai a sentença n'um dia
Mais amarga que piornos :
Tres c...

IV

Para o julgador orate
Ignorante e fanfarrão,
Que sem ser Conde de Unhão
Já quer ser Marquez de Unhate,
E por qualquer tir-te ou dá-te
Resolve do envez um feito,
E assola a torto e a direito
A cidade e os seus contornos :
Quatro c...

V

Para o Judas Macabeo
Que porque no tribo estriba
Foi de capitão a escriba
E de escriba a farizeu ;
Pois no oficio se meteu
Só a efeitos de comer
Sufrajios, que em vez de os ter,
Quer antes arder em fornos :
Cinco c...

VI

Para o bebedo mestiço
E fidalgo atravessado
Que tendo o pernil tostado
Cuida que é branco castiço,
E de flatos enfermiço
Se ataca de jeribita,
Crendo que os flatos lhe quita,
Quando... os retornos :
Seis c...

VII

Para as damas da cidade
Brancas, mulatas e pretas
Que com sutilicas tretas
Roubam toda liberdade
Equivocando a verdade,
Dizem que são um feitiço,
Não o tendo em o cortiço
Tanto como caldos mornos :
Sete c...

VIII

Para o conego observante
Todo o dia e toda hora,
Cuja carne é pecadora
Das completas por diante,
Cara de diciplinante
Queixadas de penitente,
E qualquer gimbo corrente
Serve para seus adornos :
Oito c...

IX

Para o frade confessor
Que ouvindo um pecado horrendo
Se vai pasmado e benzendo,
Fujindo do pecador;
E sendo tal vez pior
Do que eu, não quer absolver-me
Talvez porque inveja o ver-me
Com tam torpes dezadornos :
Nove c...

X

Para o prégador horrendo
Que a igreja estrujindo a gritos,
Nem elle entende seus ditos
Nem eu tampouco os entendo,
E a vida... que está vivendo
É lá por outra medida,
E a mim me guiza uma vida
Mais amarga que piornos...
Dez c...

XI

Para o tonto da Bahia
Que murmura do meu verso,
Sendo elle tam perverso
Que a saber fazer faria,
E quando a minha Talia
Lhe chega ás mãos e ouvidos
Faz na cidade alaridos,
E vai gastal-a aos contornos...
Mil c...

Não se distinguem Gregorio e Gongora senão pelo brutesco e pela evidente inferioridade do primeiro. E não acabaria mais se tivesse eu de conjugar em paralelos as varias feições burlescas das duas muzas. Quevedo continuou a Gongora e foi, como Gregorio de Matos, um dicipulo do criador do estilo culto; algumas vezes pode ser a fonte imediata do nosso seicentista, mas ambos derivam do genial cordovez.

Entretanto, Quevedo forneceu diretamente a Gregorio de Matos certo numero de assuntos na mesma especie. Tal é o cazo da letrilha (da *Musa V*) *Punto en boca* que é o mesmo *Ponto em boca* de Gregorio de Matos (*Obras* I, 117) e igualmente em decimas octosilabicas. Ambas as compozições terminam, a de Quevedo com os versos :

> *Mas* pues á mucho *les toca*
> *Punto en boca* ;

e a de Gregorio de Matos com est'outros :

> *Mas* se a saude *lhes toca*
> *Ponto em boca.*

Não excluem essas equações flagrantes o dom da orijinalidade, o qual não consiste apenas na auzencia da imitação. A mesma noção de *escola* literaria ou a de *moda* envolve em si mesma essa conformidade de traços fizionomicos que lhe dão o ar de familia.

Os gongoricos, em qualquer maneira, atrai-

çoam a concordancia do crédo comum e todos se compoem n'um só espirito literario.

Se isto é verdade para qualquer epoca das literaturas hispanicas muito maior havia de ser no tempo em que o imperio dos Felipes havia quebrado as raias do particularismo portuguez. O mesmo uzo da lingua castelhana desde o seculo XVI o que era já a penumbra com que havia de começar o eclipse da nacionalidade, levava a esse epiquerema fatal, cerradamente lojico, em todas as suas junturas.

GONZAGA E ANACREONTE

De todos os arcades foi Gonzaga o que melhor compreendeu e sentiu o suave canto do cisne de Teos. Lhano, simples e bucolico, era n'elle dom natural essa eterna formozura da simplicidade rural e agreste. Inumeros poetas traduziram nas linguas modernas a poezia delicada e mimoza de Anacreonte, desde que Henri Estienne no seculo XVI descobriu o manuscrito provavelmente apocrifo das suas odes; mas nem todos tinham a graça idilica que aquelle mister requestava.

Os poucos fragmentos que sabemos autenticos do poeta grego, parafrazeados em Horacio, não correspondem á ementa anacreontica que foi pro-

vavelmente composta na extrema decadencia grega, na epoca romana imperial.

Houve, pois, um falso Anacreonte ainda mais apurado que o verdadeiro. Nada se lhe iguala a esse genio tardio, no exquizito e capitozo perfume e na eterea subtileza d'aquela pequenina lira harmonioza.

Gonzaga, incapaz da fanfarra heroica das odes do seu tempo, ali achou o jardim, onde colhia aquellas aerides como flores proprias da sua poezia. Muitas das suas liras são lindas parafrazes da anacreontea vulgar, e a qual mais bela e inspirada das desnudas arvores de cuja semente outras se recriaram.

Tomemos, para exemplo, o *Eis Erôta* do poeta helenico. A meia noite perdido bate á porta do poeta tranzido da chuva o Amor, dizendo : abreme, não temas :

βρέφος εἰμί, μὴ φόβησαι

O menino que timidamente se diz inocuo, chega irrejelado e molhado da chuva; e é acolhido. Mas logo do calor hospitaleiro ingratamente se paga cravando uma seta no coração do incauto que lhe abrira a porta.

E não é mais do que isto toda a breve ode do poeta grego.

Imitou-a La Fontaine :

— Pauvre camarade !
Mon arc est en bon état,
Mais ton cœur est bien malade.

Ou na tradução de Castilho :

Meu caro hospedeiro
(Me diz *prazenteiro*)
Agora é folgar.
Permite me auzente,
Meu arco está são...
Quem fica doente
É teu coração (1).

A versão (deixamos em italico as demazias) é o seu tanto prolixa para a brevidade dos tres versos de Anacreonte :

— ξένε (δ'εἶπε) συγχάρηθι
Κέρας ἀβλαβὲσ μὲν ἡμῖν,
σὺ δὲ καρδίην πονήσεις

A linguajem forte e opulenta de Castilho não podia entretecer aquella tenue filigrana. Ha demaziado sopro para um halito apenas. A vaporoza concizão resfria-se em torrente liquida e excessiva. O poeta Malhão que tambem desconhecia o texto grego, e traduziu segundo a versão de Math. André (embora tambem prolixo), por excepção foi muito mais feliz quanto aos dois ultimos versos :

O meu arco ilezo está,
Mas teu pobre coração
Que dores não sentirá (2)?

(1) *A Lirica de Anacreonte* por A. F. Castilho, paj. 32 (texto 29).
(2) F. M. G. da Silveira Malhão — *As Odes de Anacreonte*

Ha sentimento, mas falta-lhe a medida de Cendrillon. Outro poeta, *Elpino Duriense* na Arcadia (Antonio Ribeiro dos Santos, mais versificador que poeta) tambem verteu em linguajem aquela anacreontica e assim traslada os ultimos versos:

Salta logo o cruel em grande rizo,
Folga, me diz, o hospede comigo
Não se danou meu arco, todo o dano
No coração te fica.

(*Poesias* — 1812 — I, paj. 332.)

Isto e proza chilre é tudo a mesma coiza. Mais uma vez, fidelidade e fealdade aparecem juntas.

A todos precede Antonio Ferreira, o primeiro dos nossos tradutores de Anacreonte n'esta unica odezinha. Traduziu-a em endecasilabos sob o titulo *Amor perdido*:

Era alta noite quando descansava
Dos trabalhos do dia a humana gente
E já a mão de Boóte ursa virava.
Amor me bate a porta : eu impaciente
Quem é, digo, o que bate a tam más horas?...

O endecasilabo é o menos proprio que se podera imajinar para a brevidade dos iambicos.

A tradução é prolixa e atormentada e o tom

(Lisboa, 1804), paj. 7.) Ainda inspiradas n'esta são algumas odes do poeta incluidas na *Vida e feitos* do mesmo — Vol. I, 223, 231 *segu*in. (ed. Lisboa, 1824).

aereo e fugaz do orijinal contrasta com a rude torrente do quinhentista.

Eis aí uma turba de poetas que deliquecem na incontinencia da prolixidade, quando lhes havia mister a *cristalização*. Espedaçam os moldes, ou inundam o alveo que só dava para um fio tenue.

Em Anacreonte tudo é melindre e é fujitivo tudo. O pequeno ramilhete de suas poezias é como a colmêa por onde adejam, entre invizíveis e silenciozas, as abelhas...

Só uma alma consabedora da sua, só uma compleição enamorada das coizas fugazes e efemeras, podera cultivar essa arte delicada que é como o eco com que as decadencias das epocas se despedem do mundo.

Quem, dos nosos poetas podia ser o seu interprete senão o doce e delicado Dirceu?

N'aquella pequenina ode que acabamos de analizar achariamos prova sobeja.

Gonzaga, mais do que a traduziu, assimilou-a e d'ella fez uma nova criação, na lira XII do seu primeiro livro. Vejamos em cotejo e confronto, os dois tão parecidos poetas.

Em Gonzaga, a parafraze toma outro e diverso rumo.

Em Anacreonte, o *Amor* é acolhido em noite chuvoza ; e retemperado no lar do estranjeiro contra este ensaia o arco e despede uma seta.

Em *Dirceu* a fabula complica-se com outros incidentes. O poeta encontra *Amor* descuidado,

sem as setas na *impia mão* e logo o acomete dezarma-o e trava-lhe do leve corpo :

Morre, tirano!
Morre, inimigo!

Subjugado e vencido varado com as suas proprias armas (1), o *Amor*, desfalece e morre.

Intervem *Marilia* que chora a morte da divindade :

Chega-se a elle
Compadecida...

E ao seu calor e carinho o pequenino *monstro*, como diz o poeta :

Ressussitou.

É o mesmo cenario de Anacreonte em que um monologo se biparte agora em um dialogo. Acrece uma personajem que é Marilia. O poeta arrependese de quanto havia feito contra o filho de Venus e conclue tristemente :

Que louca idea
Foi a que tive!
Em quanto vive
Marilia bela,
Não morre Amor.

Cá e lá o triumfo do Amor é eterno. Quando se medita a lira do nosso grande poeta, bem se

(1) Esta cena foi toda imitada por Malhão que sem duvida seguiu a Gonzaga, substituindo *Dirceu* por *Marcia* — na *Vida e Feitos*, 230.

vê que a idea essencial da compozição é a fabula anacreontica do *Amor molhado* e desfalecido que volta á vida, trazendo com ella outra vez a tortura e o veneno da paixão.

A intervenção de Marilia é o mais interessante elemento acrecido á fabula anacreontica. A meu ver, ainda tem a mesma fonte e foi tirada a outra Ode do poeta grego (n. XL) a do *Amor que colhia rosas* (1) em que Venus intervem; compozição que é evidente imitação do *Kêriokleptes* (O ladrão de mel), o mais breve idilio de Teocrito. Esse idilio já havia sido posto em linguajem em varias versões (tomadas a Auzonio?); algumas d'ellas figuram nas *Poesias inéditas* de Caminha:

a) De uma abelha na mão Amor mordido....
(Paj. 303.)

b) Ferido de uma abelha Amor fujia.
(Paj. 304.)

c) Lastimado da abelha e com grão pena... (2)
(Paj. 304.)

Outro pormenor, que Dirceu interpolou na lira

(1) Ou o *Amor picado pela abelha* (Castilho — *op. cit.* 103) que é o titulo comum das traduções modernas.

(2) A primeira versão que começa « De uma abelha na mão Amor mordido » dal-a Caminha, como de Teocrito. Segue-se outra versão dada como de Auzonio, o que se pode explicar por engano ou erro do autor ou do copista. Não ha nenhum epigrama ou composição poetica de Auzonio que fosse tomado a aquela ode de Anacreonte ou a de Teocrito. O castigo de Amor constitue um topico do Edilio VI, *Amor cruci affixus* que teve mais tarde feliz parafraze de Modestino : *Forte ja-*

anacreontica, foi a da luta do proprio poeta contra o *Amor* no encontro fatal quando, diz elle,

> Topei um dia
> Ao Deus vendado...

A agressão era natural; subito irrompeu-lhe ao maltratado Macias o impeto de vingança que já tomara o Camões em uma das suas redondilhas:

> Só porque é rapaz ruim
> Dei-lhe um bofete zombando...
> (*Redond.* Venceu-me Amor.)

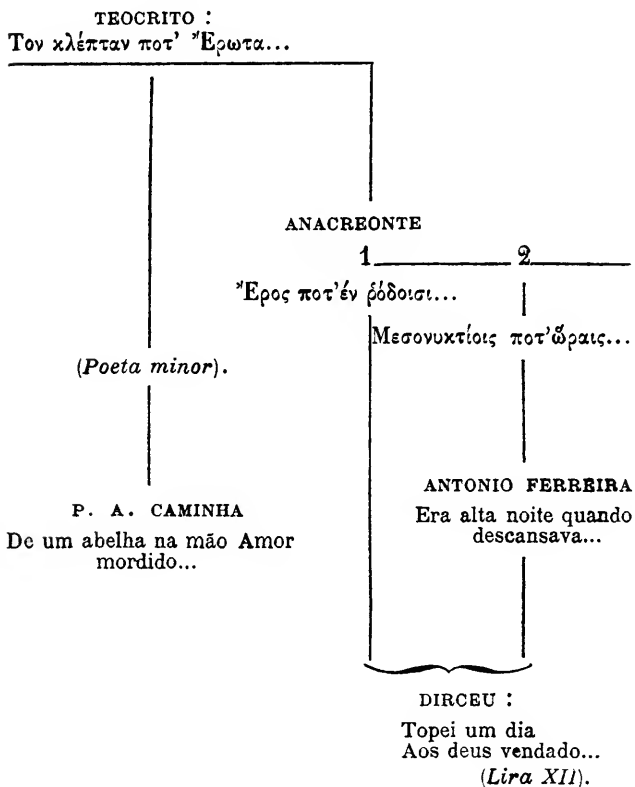
Não diremos mais. A Lira XII é uma parafraze feliz da ode apocrifa, com elementos senão orijinais ao menos coloridos com a mesma luz lunar e suave da poezia helenica da decadencia. A Anacreontea greco-romana, Teocrito e talvez outro poeta menor, ali, se fundem no doce estilo que a poezia de Petrarca verteu para sempre nas literaturas peninsulares.

O estudo comparativo descobre facilmente essas afinidades que a preguiçosa ciencia de *mera opinião* pessoal sobre os criticados a toda a hora supõe coiza de nonada. Seja. As literaturas são menos nacionaes do que levianamente se prezumem : tem um fundo comum que é a unidade psicolojica da civilização.

cebat Amor... segundo se lê nas edições comentadas de Auzonio.

Houve, pois, erro de copia ou de mera dispozição das folhas no manuscrito de Caminha, e onde se lê-do *mesmo*-ha-se de referir a indicação a Teocrito e não a Auzonio.

Não é o mero interesse da pesquiza historica e comparativa o estimulo verdadeiro e substancial da critica. É o proprio interesse humano que dilue as fizionomias diferentes na alma sempre egual da cultura.

O seguinte quadro genealojico determina em momentos essenciais a corrente provocada pelo idilio de Teocrito :

O epigrama de Andrade Caminha foi tomado a Teocrito talvez em segunda mão, em parafraze da decadencia ou talvez ainda de Sanazzaro. A lira XII do Dirceu provem da (n. 1) de Anacreonte que é uma imitação feliz da mesma fonte de Teocrito e mais de outra ode (n. 2) do poeta de Teos. Esta ultima teve na lingua portugueza por seu primeiro traductor Antonio Ferreira, não muitos anos depois que a Europa conheceu as *Anacreonticas* vulgarizadas em 1554 por Henrico Stephano.

HISTORIA E ETIMOLOJIA DE TRES VOCABULOS

1. Chesmininés. 2. Chanfana.
3. Trama ou tramo.

I

CHESMININÉS

Com a aparencia de palavra franceza depara-se nos poetas e escritores dos seculos XVII e XVIII o raro vocabulo *chemininés* ou *chesmininés* cujo sentido não pude nunca alcançar.

Os documentos que o abonam e que pude achar são os seguintes.

N'um romance da *Fenis* parece indicar alfinetada ou golpe, navalhada, quando diz o poeta irado contra certo velhaco :

> E quando na capitanea
> Te colhi em o convéz
> Um dia que nessa calva
> Te fiz o *ches meninés*...
>
> *Fenis renac.* — V, 238.

O romance é de Dom Tomaz de Noronha.

Já o sentido parece obceno em Gregorio de Matos no soneto que principia :

> Confessou-se Madama de Jezus
> Qual ficou d'ua só *chemininez*

Que indo-se os mezes e chegando o mez
Parira emfim d'um conego Abestruz
(*Manuscrito*-6 v.) (1)

Em F. Elizio parece, indicar coizas de valor de feitio, ou objetos de toucador ou mimos de preço, brincos, alfinetes ou talvez talismans :

Aqui, alem reluzem perendengues
Diches, anéis. Encerram bocetinhas
Chesmininez d'alto primor...
Filinto (ed. de Lisboa), VI, 32-33.

Não logrei decifrar o enigma, com inteira satisfação.

Temos que entre as vozes do argot peninsular *chisme* é *navaja*, *cuchilo* (tambem p. gen. *de la mujer*, Luis Besses *Dicc. de argot.* s. v.) e parece que no exemplo de Grégorio de Matos o sentido equivoco é de *estocada*, *canivetada;* talvez o sentido de *canivete* cabe ao trecho apontado de Filinto Elizio. (2)

(1) No apografo que tenho os erros são frequentes; o texto diz no primeiro verso *Confesso Soror* que corriji para *confessou-se*; e no segundo *chaminez* por *chesmininéz* segundo suponho. Este exemplo necessita conferido com o texto de outras copias.

(2) Candido de Figueiredo notou apenas, certa aplicação popular do vocabulo, pois rejista no seu *Dicion.*, como interjectiva : « « *Chesminés* » atinei, dei no vinte, já sei a razão » Infelizmente, não documentou o vocabudo.

Domingos Vieira rejistra « *chesmininés*-t. familiar; trilha ». e nada mais. O mesmo diz Adolfo Coelho.

Chemiminez lembra o francez *chemin*, e tambem uma forma antiga *cemininés* que ocorre no *Lapidario* atribuido a Alfonso o Sabio.

II

A CHANFANA

(*Nos escritores do seculo XVIII*)

Nos poetas e escritores do ultimo quarto do seculo XVIII encontramos frequentemente a aluzão a uma iguaria ou petisco chamado la *chanfana*.

Era o prato especial de baiuca, caza de pasto, ou coiza que o valha de um famozo Izidro, em Lisboa.

A este famozo hoteleiro *Izidro* referi-me uma vez nas *Frazes feitas* ao tratar do modismo *Me fecit*. Era uma dessas minusculas notabilidades não raras nas grandes capitaes.

Comia-se a *chanfana* no Izidro, que como descreve um poeta do tempo :

D'alto barrete, a laia de turbante,
Os braços nús, a faca na cintura
Co' um pano por timão á dependura
Trabalha o Izidro a turco semelhante (1)

(1) *Poesias joviais e satiricas* de Lobo de Carvalho — na edição de Cadix (lugar suposto) paj. 51, a primeira que se fez sobre os manuscritos do poeta. Ha ainda na mesma coleção outras referencias a este Izidro, paj. 1 e paj. 53, etc.

Não lhe faltava, pois, o fizico d'essa reputação plebeia de que gozava. Parece que ali iam todos os peraltas e tafuis do tempo, a julgarmos pelos documentos literarios da epoca.

Convem definir o que era esta

Chanfana santa, assaz famijerada (1)

A acreditar a descrição que da baiuca do Izidro faz o mesmo poeta não era mais nem menos que uma espelunca dessas que no Rio de Janeiro se chamam *freje moscas* ou abreviadamente *frejes* aonde por vezes se acolhiam muitas das elegancias letradas :

... caza terra com dois bancos sujos,
Meza de pinho a quem um dos pés falha,
D'estopa em cima sordida toalha,
E de roda fumando alguns marujos.
... e sobre o fogareiro
Da *chanfana* o banquete costumado.

Parece que o nome de *chanfana* excitou a curiozidade do principe do Brazil Dom Jozé, filho do rei D. Jozé I, o qual perguntou que coiza vinha a ser esta famigerada *chanfana*.

Ao principe responderam em verso quatro poetas Nicolau Tolentino, Pedro Caetano Pinto, Luiz Joaquim da Frota e o obceno Lobo de Carvalho e talvez outros. Aqui rejistramos as respostas.

(1) *Ibid.*, 51.

Eil-a, a do Tolentino :

Comprada em ascoroso matadouro
Sanguinoza *fressura* quente e inteira,
E cortada por gorda taberneira,
Cujo cachaço adorna um cordão d'ouro :

Cabeças d'alho, com vinagre e louro,
E alguns carvões que saltam da fogueira,
Fervendo tudo em vasta frijideira
Co' os indijestos figados do touro :

Suavissimo cheiro o qual augura
Grato manjar, mas que por cauza justa
Dà um sabor que nem o demo atura,

Isto é *chanfana* : e sei quanto ella custa;
Deu-me o berço, dar-me-ia a sepultura,
A não valer-me a vossa mão augusta (1)

O poeta Luiz Frota parece que teve prezente essa resposta do Tolentino, porque a ella se refere quando a seu turno define a *chanfana* :

Tolentino, Senhor, foi quem traçou
Da *chanfana* o retrato natural,
Bem que sem pimentão, toicinho e sal
Muito mal o guizado temperou :

Lobo apenas o Izidro nos pintou
De turbante adornado e de avental;
Posto que uma imajem tal egual
Da mais fina *chanfana* nos mostrou

(1) Nas varias edições do poeta. Na ed. Torres, 39. Essas lamurias serviam sempre de capa á adulação do poeta. Tolentino foi dos poucos e muito raros que não conheceram a mizeria. N'esta como em outras ocaziões, faltava-lhe a sinceridade.

Pinto toma os pinceis da fantazia
E subindo ao sentido figurado
Foi colorir as fezes da ucharia :

Seu quadro é bom : seria consumado
Se a sua tão creança fidalguia
Não tivera no quadro respirado.

Resta-nos a definição de P. Caetano Pinto a que se alude no soneto precedente :

Não é esta, Senhor, a de que fala,
A *chanfana* do figado do touro,
Nem se aduba com alhos nem com louro
Como tal tolentino a quiz pintal-a :

Uma carne que deixam de sangra-la,
Mais ascoroza que a do matadouro,
Com o toicinho que o ranço faz côr de ouro
E pedregozo arroz que o dente estala :

Carneiro resequido e não assado,
Galinha que mais conta que ano e dia,
Com os secos pasteis sem ter picado :

Eis aqui de que fala a fidalguia :
Isto é *chanfana*, insipido bocado
Que forjam os ciclópes da ucharia.

Não só Izidro vendia a *chanfana*; vendiam-n'a as moças « enlabuzadas, da Ribeira,

« Sócos nos pés e as pernas sem ter nada »

de par com a canada, o feijão e a isca procurada pelo apetite de suarentos galegos.

A *chanfana* era um prato tradicional da peninsula e já muito conhecido da turba dos ciganos e das *hampas* espanholas no seu vocalulario jergal. Foi comtudo pelos fins do seculo XVIII e graças á popularidade do Izidro que tomou a importancia que acabamos de notar.

Recordou-a ainda Filinto Elizio em varios lugares. No Conto do *Esturdio* :

> Só lhe falta, Senhor, um pintainho
> Que a *chanfana* gramou e o Lava-guélas.
> *Obras* (ed. Lisboa) VIII, 121.

Dobradas, *badulaque*, *sarrabulho*, *miúdos* são ainda expressões de uzo que não mereceram todavia essa alegre glorificação no Parnazo comico (1)

A palavra « *chanfaina*» rejistrada como igual á « *rufianesca* » por Salillas (2) na linguajem dos criminozos ja havia muito tempo era de uzo, como se vê do trecho da *Picara Justina* :

> No hay cosa criada sin *chanfaina* de malo y bueno
> Paj. 163.

donde se depreende que o sentido primitivo era de *mistura*.

(1) *Badulaque* depara-se no *Hissope* :

> .... Ali se encontram
> Do gordo *badulaque* ex-cozinheiros.
> (Ed. Garnier. — paj. 55).

(2) R. Salillas. — *El delincuente español* — *El Lenguaje* — 281.

Essa consideração leva-nos á verdadeira etimolojia da palavra: *chanfaina* deriva de *symphónia* = concerto de vozes, e temos assim hoje tres formas de orijem unica: *sinfonia*, *çanfona* ou çanfonha, e *chanfana* ou chanfaina, cada uma com o seu sentido especial.

III

TRAMA

Desde o seculo XIV rejistram os documentos literarios da lingua portugueza a existencia dessa terrivel doença a *trama* ou a *trama* da peste, que é indubitavelmente a *peste bubonica* ou *levantina*, como lhe chamaram mais tarde, e que tantas vezes contajiou o ocidente.

A peste de Atenas no tempo de Pericles e Hipocrates, lugubremente descrita por Tucidides, parece que foi antes a variola, que não o mal levantino.

Na edade media e na epoca das cruzadas é que podemos achar a prezença autentica d'esse flajelo na Europa.

Conheceram-n'o cedo os portuguezes, muito antes das navegações e do seu imperio aziatico.

Dizia já um antigo anexim — *Sara a trama e mata a má fama* (1).

(1) No seculo XVIII o adajiario de Roland já consigna outra redação moderna: « *A má chaga sara, a má fama mata* » (paj. 103).

A doença pestilente grassou em outros tempos e foi sempre rememorada pelos escritores antigos. Passou a servir de imprecação, como se depreende de inumeros lugares.

Em Gil Vicente ocorre muitas vezes :

Má trama que lhes naça!
II, 13.

Trama a quem o dezeja,
Nem espera dezejar.
III, 22.

Antes me leve uma *trama*.
III, 46.

Dize, má *trama* te naça,
Que dizes que não te entenda?
III, 96.

Trama te dê na garganta!
III, 125.

Nunca de má *trama* moura.
III, 264.

Peior cem vezes que peste,
Quando era o *trão* e o *tramo*.
III, 370.

Acha-se egualmente nos *Autos* de Antonio Prestes :

Meu Orlando, *minha trama!*
Obras., 445.

Andae, má *trama* vos naça!
Ibid, 488.

Na Comedia *Ulizipo* ainda lemos :

Não somente o farão vir a furo, mas seringal-o-ão

de tantos arrependimentos que sem outro dialter lhe encourarão as entradas desses colericos humores; e, dando á bomba, sairá essa tráma por que tudo o tempo cura.

V, cena VII.

Cada momento sai com uma *trama.*

Ibid., *ibidem.*

No *Anfitrião* de Camões :

Má trama venha por ti,
D'uma feiticeira má.

A. I, cena III.

Pouco e pouco, foi rareiando o vocabulo, como o foi talvez a doença.

Pesquizando a orijem e a natureza da *trama*, eis o que foi possivel apurar.

Um dos nossos distintos medicos a pedido meu mandou-me a seguinte informação :

Ahi vae o que me parece referir-se a *trama ;* pelos modos, isso era designação para *ulceras malignas*, de causa especifica ou commum.

« Therioma — (therioein, to make wild). — A rare name for malignant ulcer; a tumour.

(The New Sydenhan Society Lexicon of Medicine).

« Theriama se diz chaga terribel, tanto de seu nascimento, como de que venha de outra qualquer causa, e he de côr livida, negra, fedorenta, chea de muito humor mucoso, com febre, inflammação, prurido e dor, da qual as vezes sahe sangue, e vay serpendo e gastando as partes vizinhas; alguns lhe chamam herpes exedense outros lhe chamam carcinomate; e se faz em qualque, parte do corpo. »

(Castello Forte contra todas as infirmidados, de João Lopes Corrêa, 1723, I volume, p. 754.)

« De un género de llaga corrosiva, que Cornelio Celso llama therioma.

« Acerca destas llagas corrosivas se considera que ay una especie dellas que Celso, seguiendo a los griegos, llama therioma... Dize pues que se haze de suyo, aunque a vez es sobreviene hecha de otro causa. Tiene el color livido o negro; huele muy mal, haze uma materia como mocos... « etc.

(Cirugia Universal, por Juan Fragoso, Madrid, 1586, p. 203.)

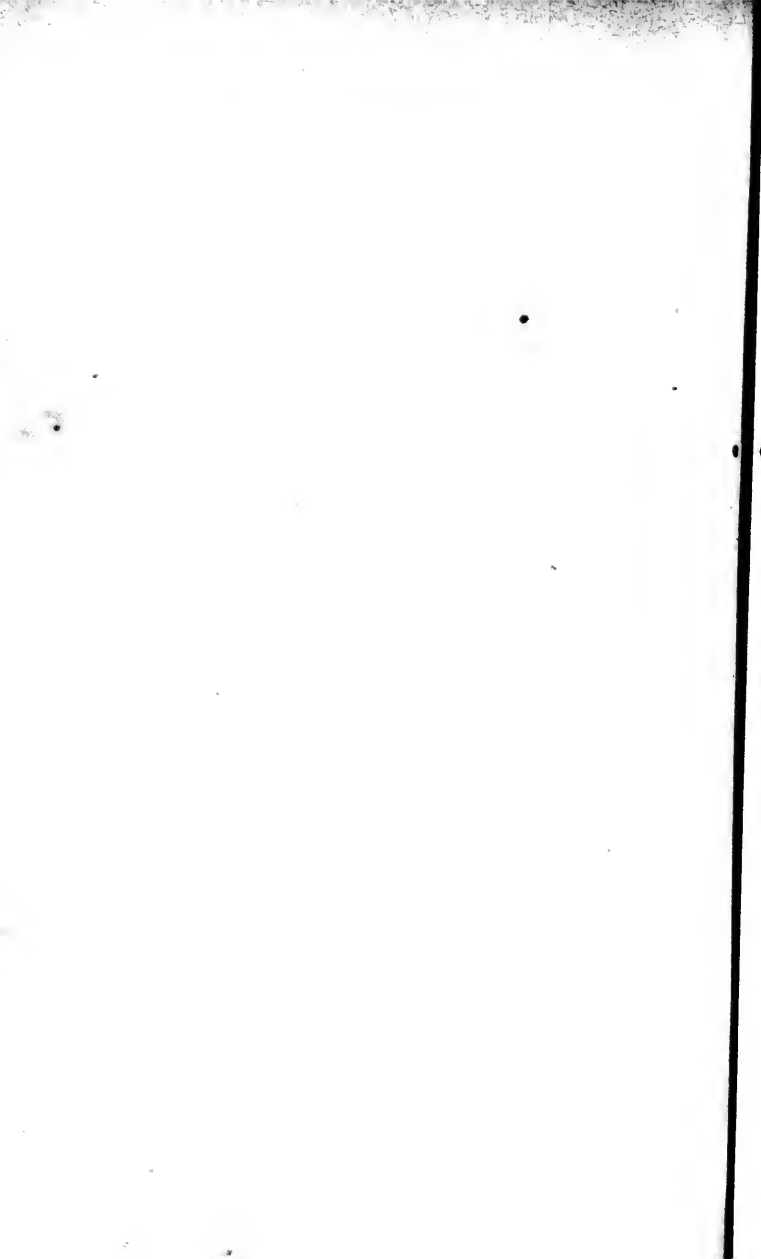
Esta explicação ainda que contribua com valiozo subsidio não parece indicar a etimolojia imediata e verdadeira. O vocabulo *trama* é o *struma* dos romanos, inchaço, alporcas, boubões, e esse é o sentido no trecho de Gil Vicente :

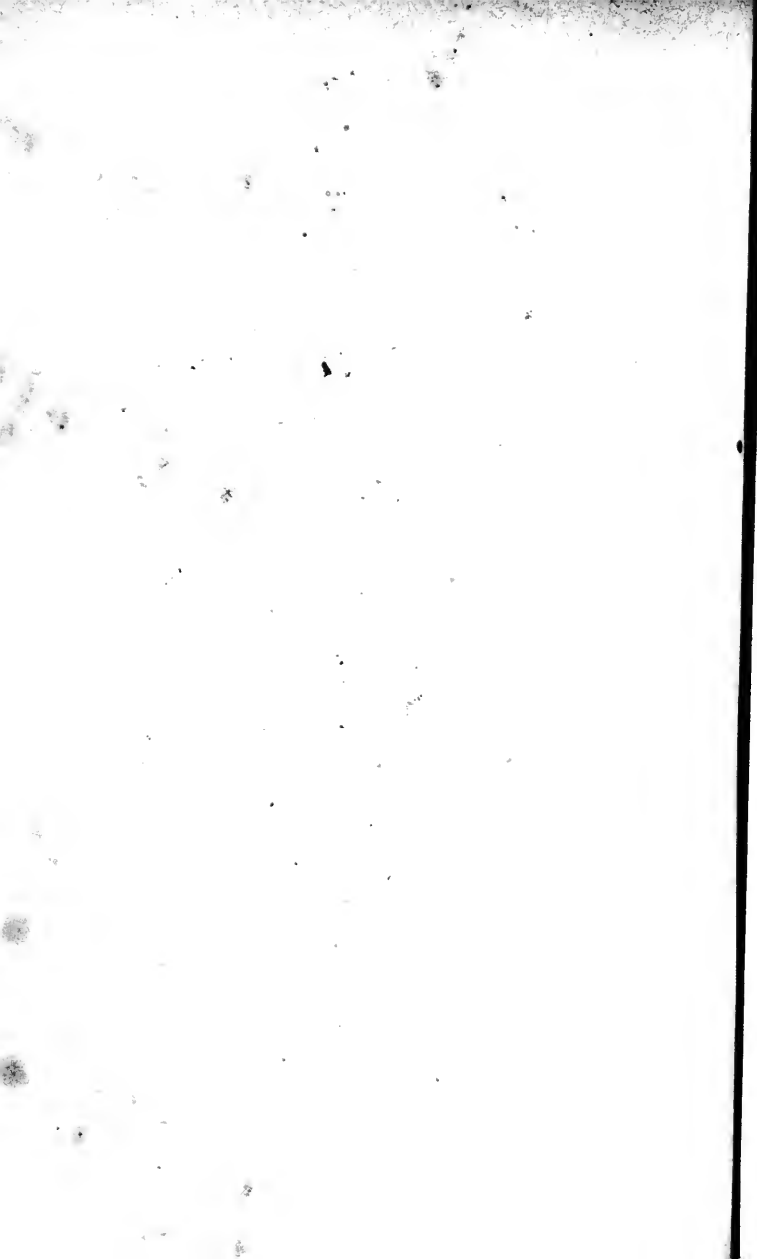
Trama te dê na garganta.

e ainda é a idéa que se depreende do uzo constante da palavra *peste* sempre associada ao vocabulo.

Dizia-se *trama de peste*, boubões (1).

Evidentemente *struma* foi (com a perda do *s* inicial, como *pasmo* de *spasmum*) corrompido em *truma*, *troma* (*trão*) em um lugar já mencionado Gil Vicente) ou *tramo* e afinal *trama* que se tornou prozodia definitiva.

(1) Já era essa equivalencia de trama e *struma* notada por Bento Pereira na sua Prozodia e Vocabulario, e foi mais tarde aceita como derivação pelo Visconde de Santarem *apud* Cortezão, a propozito da palavra e com o exemplo do *Leal Conselheiro* (paj. 60) : « Poucos dias passavam que me não falassem em pessoas conhecidas que de *trama* adoeciam e morriam. » É um dos exemplos mais antigos (sec. XIV).

SE O CÉO FOSSE PAPEL...

Uma formula poetica.

UMA FORMULA POETICA

(*Wenn der Himmel wär Papier*).

Não ha infinita riqueza na imaginação dos povos. As ideas essenciaes são pouco numerozas. Um inventario cuidadozo de todos os contos e novelas redul-os a alguns tipos fundamentais, a mau grado da infinita variedade que se antolha na literatura. Não menos restritas são as formulas poeticas, os tropos retoricos e as imajens.

Uma d'estas e, das mais interessantes, é a da comparação desde o grande R. Köhler reprezentada pela formula — *Se o céo fosse papel...* — em que todos os poetas e namorados, desde o remoto evo dos velhos poemas orientaes moldam o incomensuravel das lagrimas, do amor e da desdita.

Migrada das velhas fontes aziaticas, atravessou a Europa e transpoz o oceano, até ás plagas do novo mundo, na bagajem dos conquistadores.

Temol-as sob diferentes variantes, como esta :

Se o mar fosse tinteiro
E o *céo fosse de papel*,
Não chegava p'ra escrever
Como é falsa uma mulher (1).

Nos dialetos peninsulares aparecem os mesmos versos e a mesma formula se repete :

Si la mar fuera de tinta
Y de *papel fuera el cielo*,
No te pudiera escribir
Lo mucho que yo te quiero.
LAFUENTE, *Canc. pop.*, II, 140.

Seria talvez enfadonho aprezentar aqui as multiplas variantes, paralelas, em todos os cancioneiros europeus. Bastaria indicar as fontes de critica e etnolojia onde foram reunidas e apontadas como formula ainda vivaz na alma coletiva (2). Da literatura talmudica parece ter corrido para todo occi-

(1) De um fragmento d'esta quadra, tomado ao segundo verso é que se formou a outra comparação — *falso como papel* — na quadrinha popular :

Dizem que a mulher é falsa,
Tão *falsa como o papel*;
Mas quem vendeu Jesus Christo
Foi homem, não foi *mulher*.

N'uma e outra ha toantes e não rimas, salvo, com a corrutela popular *muié* e *papé*, formas dialectaes brazileiras.

(2) Aparece no *Libro de los enganos*, nas *Poesias pop.* de Segarra, nos *Cantos* colhidos por Marin (IV-91) já indicados por J. Bolte — *Zeitschr. f. Volkskunde* — e Theodor Zacharias — na mesma publicação (respect. XI-331, e XII-170), com

dente essa formula poetica com quazi a mesma feição metrica dos seus antecedentes, e ainda no seculo XVII° podia notal-a na mesma India oriental Philipp Baldaeus nas suas relações de viajens.

O certo é que tambem a encerra o novo Testamento quando, com aproximada comparação conclue São João a historia de Christo recordando que não podia contar todas as inumeras coizas que Jesus fez e tantas que o mundo não seria cabal para conter os livros que as relatassem (no texto : οὐδὲ αὐτὸν οἶμαι τὸν κόσμον χωρῆσαι τὰ γραφόμενα Βιβλία. — nec ipsum arbitror mundum capere posse eos, qui scribendi sunt, libros.

variantes suissas, ungaras, neogregas e aziaticas. Notamos por mais accessiveis aos nossos leitores este topicos :

VENEZIANO.

L'aqua che gh' è nel mar la *fosse inghiostro*
La terra fusse *carta...*

DE VENEZUELA.

Si la mar *fuera de tinta*
Y las olas de *papel*,
Te escribiria una carta
Para enseñarte querer.

Mais bela e forte embora prolixa é a de Trueba nos *Cuentos campesinos*, 252 :

Si la mar *fuera de tinta*
Y el *cielo* fuera *papel*,
Y los peces escribanos
Y escribieran á dos manos,
No escribieran en cien años
La maldad de una mujer.

As mais antigas e interessantes versões deparam-se na obra postuma de Köhler — *Kleinere Schriften* (3 vol.).

De formula indiana primitiva é que se desprendeu a vária prole de outras imajens em que o traço fizionomico essencial é utilizar-se de seres e coizas naturaes em lugar do *Tinteiro* e *papel*, como n'esta quadrinha do *folk-lore* pernambucano e já afastada do tipo normal :

Da boca fazei tinteiro,
Da lingua pena aparada,
Dos dentes letra miúda,
Dos olhos carta fechada...

Folk-lore pern., 616 (1)

ou ainda :

Quando te fores embora
Me escrevas do caminho,
Se não tiveres *papel*
Nas azas de um passarinho.

Ibid., 616.

Em poeta, como Gil Vicente, em que tanto brilha a psicolojia popular que é a sua grande fonte de inspiração, podemos sempre rastrear os vestijios da formula tradicional como em a *Nau de Amores* :

La *mar* será mi pasión
Y las *ondas* mi dolor...

II, 301.

ou no trocadilho do *Amadis* :

Llámome *mar* en *amar*.

II, 267.

(1) D.r Pereira da Costa. — *Folk-lore pernambucano*, publ. na *Rev. do Inst. Hist.* — LXX, p. II. — p. 1-640.

em que pinta a vastidão do amor e o indefinivel e alongado do sentimento. Ás vezes é uma idea latente que transparece sob a sujestão das palavras; assim é compreensivel no *Auto da Luzitania* que, sob o influxo do verso,

> Nessotro no gastes *tinta;*

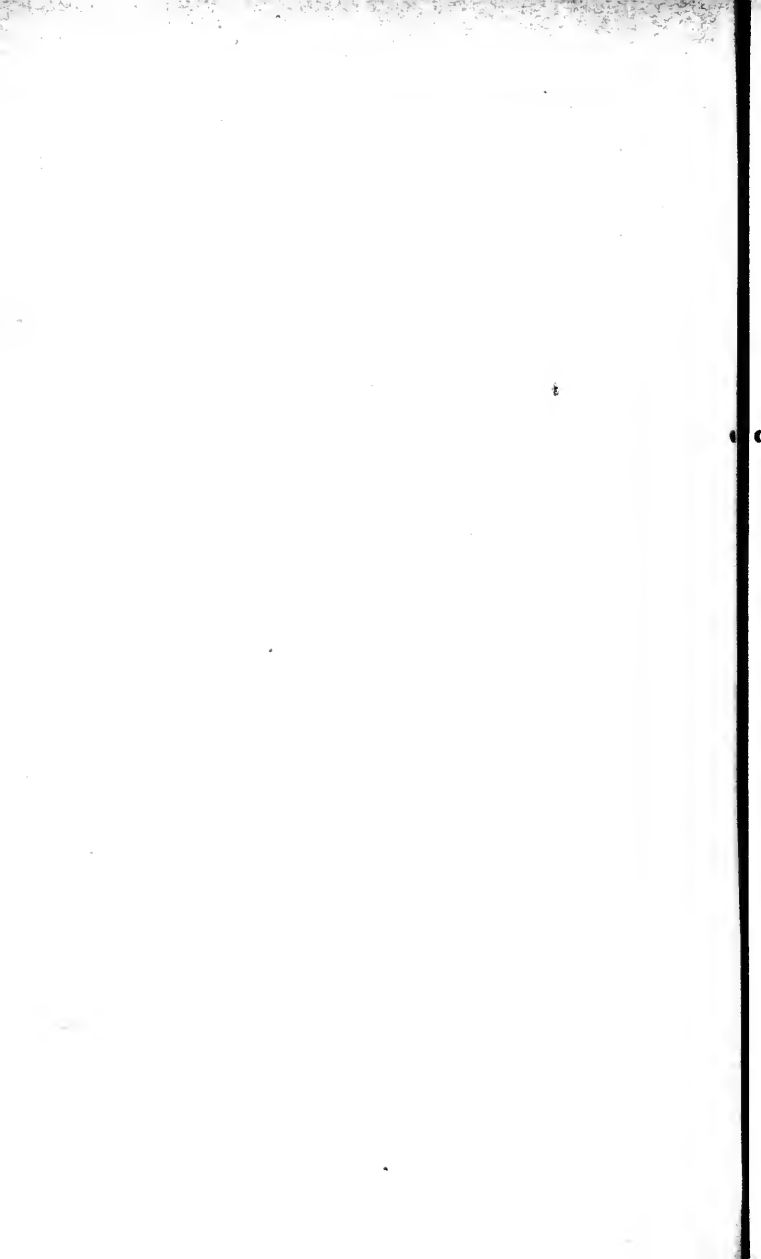
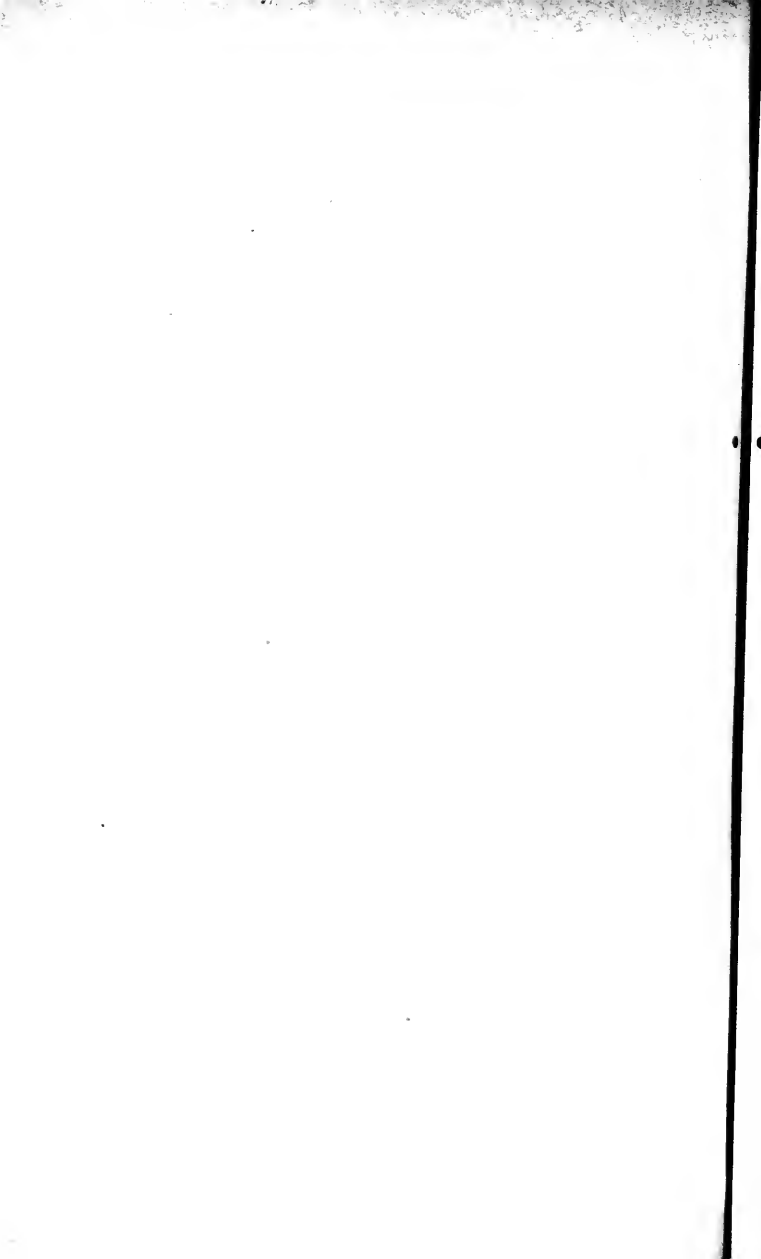
logo se depare um complemento de ideas como este que d'aí se segue :

> ... se eu fora castiço
> Ja hi houvera mais estrellas.
> III, 295.

A mesma sujestão foi que inspirou os versos de Castro Alves ao nome de *Dalila :*

> Que com o sol — pena d'oiro — eu escrevia
> Nas laminas do céo.

A verdade é que ha uma *alma do povo*, como ha a de uma raça segundo ensinaram Lazarus e Bastian e n'esses fragmentos colhidos em tão diferentes recantos, se espélha integral e limpida a mesma e eterna fizionomia da nossa cultura.

Porque não havia de o céo estrelado ser o confidente dos desditozos? E porque não haviam estes de soletrar os hieroglifos de luz como se foram ideas esparsas na escuridão infinita?

APENDICE

A QUESTAO DA ORTOGRAFIA

(*Voto de Silvio Romero.*)

Reproduzimos em seguida a expozição de Silvio Romero que não foi lida na Academia de Letras por ter já sido aprovado o projeto Medeiros e Albuquerque, com algumas emendas aprezentadas.

Outros escritores combateram a reforma; não temos, porém, nenhum tão fundamentalmente bem informado da questão.

O de Silvio Romero saiu na revista didatica, a *Educação Nacional*, (I n. 1. — Julho de 1907); ainda que me não pareçam aceitaveis todos os seus argumentos, escuzado é encarecer o valor do grande adversario e o primor das palavras que traduzem a sua alta cultura.

Eis a sua expozição :

Peço mil perdões á Academia, por só agóra vir dizer algumas palavras em justificação de haver assi-

nado o projeto substitutivo ao do nosso ilustrado confrade Medeiros e Albuquerque.

Motivos de ordem particular privaram-me de cumprir esse grato dever. E ainda maior dóze de perdões tenho obrigação de pedir a esta douta assembléa, por ouzar abrir a boca em assunto no qual a minha incompetencia tem sido proclamada, por terriveis aristarcos, algumas duzias de vezes.

Mas a Academia sabe que isto de *estilo* e *linguajem* é como *valentia* e *honradez*. Sujeitos poltrões, covardes, mofinos, mas espertos, entram tanto a blazonar, a propozito de tudo, de sua corajem, seu ardor para a luta, sua força, suas proezas de valentões, que quazi toda a gente acaba por consideral-os tais.

Individuos sem dignidade, almas gafadas de vicios e incorreções trazem, não raro, a boca cheia de honra, moralidade, nobreza de sentimentos, dignidade... e são quazi sempre, acreditados...

É muitas vezes, o que se dá na rejião das letras, pelo que toca a essas coizas, algum tanto enigmaticas, de *estilo*, *linguajem*, *gramatica*... Escritorezinhos, quazi colejiaes em ciencias e letras, surjem a miudo a atroar os ouvidos burguezes com os majicos palavrões trajados de maiusculo : — *Forma*, *Arte*, *Estilo*, *Ritmo*, *Colorido*, *Dezenho*, *Harmonia*, *Melodia do Periodo*, *da Fraze*, que chegam a iludir os incautos de curta vista — nesse lusco-fusco de coizas indefinidas, de noções vagas e sem firmeza.

Na doce iluzão de serem alguns de meus censores, lá de fóra já se vê, pertencentes a esse numero dos *fanfarrões de grande estilo*, é que tenho a ouzadia de aprezentar-me neste logar rezervado aos cultores da boa linguajem.

Tive a desfortuna de não assistir a todos os debates havidos no seio da Academia.

Esta desventura foi, porém, em parte resarcida pelo unico torneio em que estive prezente e ouvi a bela

lição de nosso ilustre colega — o Sr. João Ribeiro, provecto méstre no assunto.

Houve tempo em que não se poderia, com razão, avançar uma propozição destas.

O Sr. João Ribeiro..... (1)

O que vou lêr, não é, pois, de fórma alguma, resposta ao que ele disse em materia em que, em relação a mim, ocupa a pozição de mestre.

Vou dar apenas, no debate, a minha impressão, meu modo de sentir e só porque, a convite do nosso preclaro e querido amigo Salvador de Mendonça, assinei o substitutivo.

Por uma dessas contradições, aliáz de pouca monta, a que não se furtam ainda os espiritos mais cultos, as intelijencias mais seletas, o autor das *Paginas de Estetica* aparece-nos aqui a defender a chamada ortografia fonetica...

Não era de esperar, não seria mais lojico vermos um tão assiduo e competente cultor dos classicos amparar o modo de escrever destes?

Com *unguibus et rostris* quizera notal-o na peleja do lado dos conservadores. Estas coizas teem tambem a sua dialetica, que é sempre algum tanto chocante postergar. Cheguemos mais de perto ao assunto.

A primeira notação que me atrevo a fazer é a de ser erroneo o titulo, a denominação do partido em que se filiam os propugnadores da reforma : dão-se por sectarios da *grafia fonetica* — em lingua portugueza...

E que tal foi ella sempre sinão *fonetica* em portuguez, em latim, em grego, em celtico e em todas as linguas da chamada familia indo-europêa?

Que eu saiba, desde os mais remotos tempos, as inguas arianas estiveram no uzo e gozo da escritura fonetica.

(1) Aí se depara uma duzia de linhas de S. Romero acerca de J. R. de cujo merito tratou com vizivel exajero. Suprimi-as.

Que os Chins quebrem lanças por obter essa admiravel e facilima escrita, compreende-se. Que nós, porém, com a pratica duma grafia simplissima, e que todos os dias, sem se sentir, se simplifica mais, venhamos a levantar questões bizantinas em materia alfabetica e tenhamos a injenuidade de transportar para esse dominio a nossa mania de tudo querer regulamentar, e de supôr que estas coizas se decidem a golpes de decretos, é gostar de perder palavras e tempo...

O mal unico que anda a perturbar a ortografia portugueza não é a sua *dificuldade*, a superabundancia de letras inuteis, o excesso de letras com sons diversos, não.

O seu grande defeito é a *anarquia;* é não haver um *canon*, um *paradigma* por assim dizer, por todos os escritores respeitado.

Embaraço seria este facilmente removivel, si os que fazem livros, revistas, jornais para o publico, os autores, editores, revizores... acordassem em adotar a ortografia, por exemplo, de Alexandre Herculano, nome este que no Brazil dispensa quaesquer elojios.

A escrita do grande mestre, simplificada, nos cazos em que já o não estiver, no sentido do projeto do Sr. Salvador de Mendonça que tive a honra de assinar é mais que apta para contentar os mais radicais inovadores. Qualquer póde fazer a experiencia : um trecho de nossa lingua, escrito com todos os exageros chamados *etimolojicos*, é, por certo, displicente á vista.

Tudo, porém, se reduz a alguns *hh* que parecem parazitarios e já cairam em desuzo, como em : — *hum*, *hé*, *charta*, *character*, *aghora*... e mais uma ou outra letra duplicada dispensavel : *c*, *t*, *m*, *n*... etc.

A impressão hoje não é agradavel; mas está infinitamente lonje de produzir o efeito de desgosto e repulsa cauzado pelo mesmo trecho escrito com as exagerações *soi-disant* foneticas. Chega até a parecer outra lingua...

Houve em Pernambuco, ha bons quarenta anos,

tentativas do genero nos jornais dirijidos por dois ajitadores : o tribuno Borges da Fonseca e o irrequieto Padre Falcão. Escreviam para o povo que era o primeiro a refugar a droga. Mais tarde, aqui no Rio de Janeiro, o grave e provecto majistrado Conselheiro Tristão de Araripe e os famozos apostolos da *Relijião da Humanidade*, cheios de inegavel ilustração, tentaram, sem vantajem, igual reforma.

E' que só o tempo é o fator maximo nestas coizas ; vai lentamente modificando a *prozodia* da lingua, o *significado* das palavras, a *estrutura* da fraze, o que vale dizer, a *fonetica*, a *semantica*, a *sintaxe* da lingua.

Teremos nós jámais a ouzadia de decretar reformas neste terreno? Não, certo.

Por que se ha de abrir uma exceção para a pobre ortografia? Não será mais sensato deixal-a seguir seu curso pacifico e fazer suas reformas insensiveis?

E, porém, seria uma descortezia, si não tomasse em consideração os argumentos de um sabedor, como é o Sr. João Ribeiro. No que se vai rapidamente seguir, terei o mais das vezes de apelar delle para elle mesmo. Tive de relêr pajinas de sua *Gramatica*, de sua *Seleta Classica*, de seus *Autores Contempoaneos* que abonam mais, sem duvida, as ideias por elle agora combatidas do que as por elle advogadas no seu erudito discurso da Academia.

Disse o nosso confrade (1). « O portuguez primitivo foi *sordido*. Não foi uma rezultante do latim correto e urbano, uzado na filosofia ou na eloquencia por Cicero e na poezia por Horacio. Foi a *lingua vulgaris* ou *rustica* trazida á peninsula pelos *ladrões e aventureiros*. Era

(1) Estas citas, fal-as S. Romero de memoria. O meu discurso da Academia não foi publicado e apenas existem rezumos, pouco fieis, da impensa. Faço restrições ao texto ai seguido. (J. R.)

uma lingua *vil*; e as proprias palavras que a compunham revelam seu *baixo nascimento*. E' tão outra esta linguajem, que é impossivel reconhecel-a em escritores latinos, sem exceção dos proprios comicos, que mais se avizinham do falar vulgar.

Apenas em Plauto se póde vislumbrar. O seu vocabulario é *grosseiro*; apropria nomes de animaes a nomes de molestias, deturpa a significação das palavras, faz, por exemplo, de *rostrum*, bico de ave, *rosto*; porque desconhece as fórmas puras latinas que deram as concurrentes *face*, *vulto*, etc.

São estas as orijens e não se póde absolutamente apelar para o seculo aureo, em que aparece o influxo do latim tuliano.

O nosso linguista, que é tambem historiador, exajerou evidentemente. Não é verdade que a colonização romana da peninsula se tivesse feito com *ladrões* e *aventureiros*.

Para ali, como para todas as outras colonias, tiveram de seguir, é bem provavel, *ladrões* e *aventureiros*; mas não haviam elles de tomar a frente de tudo e constituir a nova provincia á sua imajem e semelhança.

Nas coórtes romanas contavam-se filhos das melhores familias e a complicação da administração publica, desde os fins da Republica e durante todo o Imperio, exijia numerozissimo concurso de empregados saídos das classes mais cultas.

A serem exatas as palavras de João Ribeiro, teriamos de enfrentar um insoluvel problema historico : « *De como de bandos de aventureiros e ladrões da mais baixa estirpe saíu a Espanha Romana, prospera e culta.* » Não deve tambem passar sem reparo a afirmativa de haver sido o latim levado á peninsula *uma lingua vil*, a lingua *rustica* e *vulgaris*, donde saíu mais tarde o primitivo *portuguez sordido*.

Toda a gente conhece a serie enorme de absurdos exibidos á conta do famozo *latim popular*...

As teorias mais extravagantes apareceram, desde fins do seculo XVII até começos do XIX, á conta do enigmatico falar.

Houve até quem afirmasse que o latim popular não era outra coiza sinão os *atuaes idiomas novo-latinos*, coevos, desta arte, da lingua dos classicos, nas respetivas provincias do Imperio...

Os *chauvinistas* entraram na liça e um reclamou para o *italiano* a grande gloria, outro para o *provençal;* este para o *portuguez*, aquelle para o *francez*.

Absurdos de linguistas... Como quer que seja, a tal *lingua vulgaris*, nesta hipoteze não devia ser tão desprezivel, como se afigura ao nosso consocio.

Entretanto, aceitemos as coizas como ellas se deviam ter passado.

Não resta duvida que o grosso dos colonos Romanos não teria levado á Espanha o latim classico, a lingua de Cicero e Horacio...

E qual foi o povo que já colonizou levando para as conquistas os seus oradores e poetas?

Foi o portuguez de Camões e Souza que passou ao Brazil?

Foi o grego de Tucidides e Platão que passou ás colonias helenicas? Foi o inglez de Milton e Adison que emigrou para os Estados-Unidos?...

Foi, sim, a lingua do povo que passou á peninsula; mas essa lingua não podia ser tão diversa da lingua dos chefes, a ponto de serem entre si antitéticas; não poderia ser a negação da que era falada pelos generaes que dirijiram as coortes, os Scipiões, os Cezares, e tantos outros de igual prestijio e saber. Por outra forma seria impossivel explicar a romanizacão completa da Iberia sob esse aspeto, vindo ela a encher-se de escolas e a produzir grande numero de escritores dos mais celebrados entre os latinos. Essa questão de lingua *popular*, lingua *vulgar*, lingua *da plebe*, do *vulgo*, ha de ser reduzida ás suas lejitimas proporções.

Acontece com a linguajem o mesmo que se dá com a *ciencia* e com a *lojica*.

A velha metafizica tinha conferido a estas duas creações do espirito uns fóros de coizas raras, quazi sobrenaturais.

A *ciencia* era predicado de privilejiadas intelijencias, a *lojica* um artefato produzido por genios raros...

Tudo isto é hoje sonho e mirajem. A decantada *ciencia* não passa do mesmo conhecimento *vulgar*, um pouco mais metodizado e desenvolvido; a encantada *lojica* não é mais do que a sistematização dos processos ordinarios, espontaneos do raciocinio. E' o que se dá com a linguajem. A tão gabada lingua dos escritores é a mesma lingua do povo, mais polida apenas.

Nem podia ser por outro modo entre os Romanos.

Pode-se lá compreender que os altos espiritos daquela gente pratica, de tão seguro genio politico, entrassem na extravagancia de falar lingua diversa, radicalmente diverjente da que andava na boca da nação?

Para quem faria Cezar as suas proclamações, si os seus soldados não as entendiam?

Para quem falaria Cicero, si o povo não o comprendia?

Deixemo-nos de exajeros: dava-se em Roma o que se dá hoje no Brazil e em toda a parte. Tome qualquer a mais extravagante quadra popular; seja, *verbi-gratia*, esta:

« Em cima daquele morro,
Ai! siá dona,
Tem um pé de jatobá,
Ai! siá dona,
Não ha nada mais pió,
Ai! siá dona,
Do que um home se casá... »

Ou esta outra:

« Travessei o Parnaiba
Embarcado numa barsa;

Os pecados veem da saia,
Mas não póde vir da carsa. »

Ou ainda:

« Dizem que a muié é farsa.
Tão farsa cumo papé;
Mas quem vendeu Jesus Cristo,
Foi home, não foi muié. »

Eis aí: não ha quem não entenda; é a mesma lingua com pequenas incorreções.

E si os eruditos e elegantes escritores — percebem, ás maravilhas, o falar popular, as chamadas classes plebeias apreciam enormemente os nossos melhores oradores e cantam as modinhas dos nossos mais elegantes poetas.

Deixemo-nos de aristocracias linguisticas...

O grande sabedor que é João Ribeiro bem compreende que a suposta *sordidez* primitiva da lingua não a privou de produzir a linguajem de um Camões, de um Souza, um Vieira.

E nem se póde explicar que o grande épico e o não menos insigne Gil Vicente escrevessem autos e comedias para o recreio do povo, e Vieira, no Brazil ou em Portugal, subisse ao pulpito nas aldeias, si não fossem entendidos pelas gentes plebeias.

Os cantos e contos populares no Brazil e em Portugal aí estão para provar o fato.

O mesmo se dava em Roma.

Existem, felizmente, duas ordens de documentos para demonstração de não ser demaziado extensa a separação entre o latim denominado *classico* e o apelidado *vulgar*: as leis e fragmentos de canções populares, não falando nas inscrições tumulares.

Pelo que tóca ás leis, desde as mais antigas, as das *Doze Taboas*, até ás mais novas, são vazadas em bom

latim, entendido pelo povo, falado por todos os individuos de mediana cultura.

Seria absurdo esperar o contrario duma gente do carater pozitivo dos Romanos.

Quanto aos cantos populares, referindo-se ao mais antigo deles que nos foi conservado, escreveu Mommsen :

« O latim deste canto e de fragmentos semelhantes de cantos latinos, que eram considerados pelos proprios filologos do seculo de Augusto como os mais antigos monumentos da lingua nacional, está para o latim das *Doze Taboas* pouco mais ou menos como a linguajem dos *Niebelungen* está para a de Luthero, e podemos, talvez, comparar estas veneraveis litanias, pelo que é concernente á lingua e ao sentido, aos *Vedas* da India ». Claro é, pois, que mesmo nos mais remotos tempos o latim do povo não podia ser essa *lingua vil* de que fala João Ribeiro. Mas, oriunda ou não a lingua portugueza do méro latim vulgar ou modificada mais tarde pelo influxo dos classicos, em ambos os cazos a consequencia a tirar não é a que se antolha mais lojica ao escritor brazileiro.

No primeiro cazo, não vejo motivo para que na escrita não mostre a nossa lingua sua orijem; no segundo, razão de mais para a revelar, ostentando o lustre e apuro que lhe deram, oportunamente, grandes escritores.

O sentido mais fundo da argumentação de João Ribeiro é que a questão das orijens dos vocabulos portuguezes é confuza e quazi insoluvel.

A fonte primitiva latina é obscurissima; os acrecimos posteriores são incalculaveis; a aparencia latina posterior foi apenas um produto artificial dos humanistas.

Eis as suas palavras (1) :

(1) Em nota anterior, já disse que não são textuais (J. R.).

« Si observarmos as palavras da lingua, ellas se nos afiguram, a principio, em suas complicações de acrecimos e partes supervenientes, de uma orijem que muita vez engana...

A aparencia de latim, nas fórmas portuguezas, foi apenas um produto dos humanistas, que se ápegaram á linguajem ductil e pura do Lacio, porque era a que mais servia ao Renacimento. »

Tudo isto está exajerado, por amor á defeza das novas tendencias ortograficas. Não é, já se viu, contestavel a latinização do falar hespanico durante os seis seculos do dominio romano.

Não se podem negar as feições latinas do portuguez desde o seu aparecimento no seculo XII.

O testemunho do fato temol-o nos *Autores Contemporaneos* de João Ribeiro, no fragmento que ali ocorre traduzido de C. v. Reinhardstoettner.

Eis aqui alguns trechos decizivos: « Aindā mais e com inteira razão della disse Delius (*Romanische Sprachfamilie*, pag. 31) que havia conservado um ar mais antigo no seu todo, mais que o espanhol e já L. Diefenbach (*Ueber die jetzigen romanischen Schriftsprachen*, pag. 39) lhe concedia que é nela maior a copia de vocabulos latinos, e, por ter-se mais cedo que Espanha emancipado do jugo mourisco, poude melhor *guardar a fidelidade á lingua mãi...*

O portuguez não só conservou melhor do que o espanhol *a coloração latina*, mais ainda foi menos perturbado pela ação de outras linguas que mais largamente exerceram influxo no castelhano e por isso deixaram ali parcos vestijios. »

Téze é esta largamente desenvolvida em todo o correr do escrito do famozo romanista alemão.

Igual demonstração ocorre na *Introdução* posta por João Ribeiro á sua excelente *Gramatica Portugueza*. (Curso superior).

Não faço citações por brevidade; mas quem quizer, póde verificar.

O novo impulso latinizante que recebeu a lingua na faze do Renacimento já achou o terreno preparado havia seculos.

Não foi uma inovação inesperada nem foi capricho por *separal-a do castelhano*, como ao nosso colega aprouve dizer á Academia. Essa evolução na arte da palavra escrita não foi peculiar a Portugal. Espalhou-se por toda a Europa latina. Foi uma consequencia do renovamento das letras e artes em geral que constituiu a essencia daquele periodo historico. O influxo partiu até da Italia. Datam daí as chamadas *fórmas diverjentes na linguajem*. A renovação, com ser até certo ponto consideravel, não alterou a estrutura intima da lingua. O Sr. João Ribeiro é o primeiro a reconhecel-o, quando na sua *Seleta Classica* — escreve estas palavras: « Os poetas renovaram com maior amplitude o vocabulario e a sintaxe latina e nisto foram singularmente ajudados pelo exemplo dos mestres italianos, que já então dispunham de uma linguajem polida e mais rica de latinismos, de imitações, e reminiscencias classicas. Si o influxo dos *quinhentistas pouco se exerce na proza*, é razão principal que as obras daquele tempo em regra tinham pequeno e escolhido numero de leitores, corriam manuscritas e muitas (quazi todas) houve que vieram a lume dez, vinte, trinta anos depois de compostas, e não em pequeno numero foram publicações postumas, como as de Ferreira, Sá de Miranda e outros. Esta circumstancia *diminuiu o influxo geral que na linguajem comum deviam exercer os primeiros classicos* e por isso os prozadores até metade de quinhentos *pouco se diferençam dos que os precederam na éra arcaica.* »

Ora, o Renacimento, em rigor, é periodo historico que vai da segunda metade do seculo XV a fins da primeira metade do seculo XVI.

Conceda-se que alcance o final deste ultimo seculo. De então em diante *fórma-se o espirito genuinamente moderno*, que, aqui e ali sob aparentes fórmas classicas reaje contra as intuições antigas.

O seculo XVII é, neste sentido, decizivo na historia do espirito humano. Os nomes de Descartes, Leibnitz, Spinosa, Locke, Hobbes, Newton, Milton, Calderon, — são suficientes para proval-o.

O classicismo intrinseco, genuino, real no espirito e nas ideias, no pensamento e na fórma, recúa desde então.

O proprio estilo toma outra coloração. A literatura franceza do seculo aureo, do tempo de Lafontaine, Racine e Molière, apontada como modelo de classismo, é classica apenas na aparencia. Fundo e fórma traem o espirito novo. — Por isso, é claro, o Sr. João Ribeiro não esteve livre de injustiça, quando afirmou á Academia que : « No seculo XVII foi que, com o humanismo exagerado, apareceu a ortografia etimolojica. »

Póde ser que alguns caturras em Portugal tenham então assim procedido. Mas a estilistica do tempo em geral, em toda a Europa, comparada á do seculo anterior, constitue um progresso no sentido do *afastamento do latinismo*. — « Foram os Francezes, escreve autor competentissimo, que formaram o estilo moderno da proza ; e este é o merito historico de sua literatura. Antes de Descartes, antes de Pascal, os prozadores latinizavam ; e porque as linguas romanicas não podiam soster e edificio da antiga periodica, um Cervantes e um Boccaccio, por exemplo, são de uma prolixidade que desagrada e enfastia. » Não houve, pois, esse *humanismo exajerado* no grande seculo de Vieira.

No seu discurso o ilustrado professor teve em mira combater acezamente o chamado sistema etimolojico em a ortografia da lingua e no fogo da refrega desnaturou algum tanto certos fatos.

Na calma, porém, de seus escritos é muito mais

ponderado. Assim, na citada *Seleta Classica*, traz estes dizeres :

« ...Foi o seculo (o XVII) em que chegou á perfeição a polidez da proza e da linguajem portugueza, e sem duvida nelle floresceram os maiores classicos e os mais completos prozadores de todos os tempos da lingua : Frei Luiz de Souza, Antonio Vieira, Manoel Bernardes, F. Manoel de Mello...

« São oradores que persuadem ou maravilham o auditorio, escritores que recontam com graça e louçania as historias do prezente ou do outro tempo. Nem antes, nem depois, houve tanta largueza e tanta humanidade na alma e no sentimento dos escritores portuguezes. »

Palavras são estas indicadoras de que a reação contra a mofineza critica que ouzara durante tanto tempo desconhecer o valor do grande seculo, penetrou tambem na lucida intelijencia do escritor serjipano.

Em todo cazo, afinal, a questão não é de teoria, de doutrina, de ciencia ; é de pratica, de habito, de costume.

Toda a gente sabe o que se póde dizer pró ou contra o chamado sistema *etimolojico*, pró ou contra o denominado *sonico*.

Não estamos mais no tempo de andar a repetir essas velharias. — Proponho a adoção da ortografia de Herculano, acordando-a com a indicação do Sr. Salvador de Mendonça. »

II

CAMONEANA

A cerca da malamanhada interpretação do Sr. Silvio de Almeida que diz ser o *colo de alabastro* (releia-se para melhor compreenção a

estancia do poeta transcrita no texto) o que *sostinha as brancas flores dos seios*, escreveu excelentemente Candido de Figueirêdo em resposta a arguições do inepto exejeta :

Então, em que ficamos? *Brancas flores* é complemento de *sostinha* ou de *banhando ?*

No primeiro caso, temos o tal *atravancamento* de periodos, condemnado pelo Sr. Sylvio de Almeida, com a aggravante de as *obras* e as *brancas flores* ficarem significando a mesma cousa, isto é, *seios ;* e isto para quem, como o Sr. Dr. Sylvio, « não acha crivel que Camões representasse aqui por *brancas flores* as mesmas faces, que logo adiante indicou pelas *rosas do rosto* (estancia CXXXIV). »

E, no segundo caso, temos os algozes matando Ignez com os proprios seios della ! Realmente, se elles « banharam (embeberam) no collo de Iguez » as *espadas* e as *brancas flores*, que para o Sr. Almeida representam os seios, conclue-se, se ha logica no mundo, que os algozes *embeberam* os *seios* e as *espadas...*

Por qual dos pontos deste inelutavel dilemma optará o douto publicista, elle o sabe.

O que eu sei é que elle escreveu isto :

— « Engana-se Candido de Figueiredo quando attribue a Camões a imagem constante de *flores* para a designação poetica de umas faces mimosas. »

Isso agora mais devagar. Eu não respondo pelo que me attribua a imaginação alheia, por mais rica e respeitavel que ella seja.

A verdade é que eu não disse nem diria aquillo.

O que eu escrevi (*Jornal do Commercio*, de 4 de Agosto), foi isto :

— « Para mim, é fóra de duvida que as *brancas flores* designam as faces da bella Ignez ; e este parecer é abonado por varios outros passos dos *Lusiadas*, em que o poeta se serve da mesma expressão para desi-

gnar as faces : Canto III, estancia 134; canto IV, estancia 42 ; canto IX, estancia 61, etc. »

E, depois disto, declara o Sr. Dr. Sylvio que eu attribuo a Camões a *imagem constante* de *flores* para designar *faces*, quando todos veem que em me referi a *varios passos*.

E é facillimo demonstrar o meu asserto — que o poeta, muitissimas vezes designa por *flores* ou *rosas* as faces da mulher formosa.

« Já no soneto, transcrito no meu artigo anterior, se lê :

« ...em branca neve nascem *rosas*,
Que crespos fios de otro vão cercando. »

« No soneto LXXVI (edição de 1852), tambem se lê :

« Debaixo de oiro e neve, côr de *rosa*. »

« E no soneto LXXXIV :

Ondados fios de otro reluzentes.
. . . .
Agora sobre as *rosas* esparzidos.

« E no soneto CXXXI :

Pôr na boca os rubis, e na pureza.
Do bello rosto as *rosas*...

« E no soneto CXXXVIII :

Gesto alegre, de *rosas* semeado.

« E na canção VIII :

Os olhos rutilando lume vivo,
As *rosas* entre a neve semeadas ».

ÍNDICE GERAL

I. — A ciencia da literatura 2
II. — Frederico Nietzsche 15
III. — Intervalo de repouzo 28
IV. — Discurso de recepção na Academia Brazileira 37
V. — Bagatelas literarias. O poeta Chiado. Gregorio de Matos a Manoel Bernardes 51
VI. — Sobre a intelijencia de algumas frazes classicas — *Não ha mais Flandres — Ram-ram — Victor, amigos* 65
VII. — Gustavo Freytag 89
VIII. — Ortografia da Academia 101
IX. — Tecnolojia medica 125
X. — Vida de jornalismo 139
XI. — *Folk Lore*. 1. Nanita. 2. Contos de aposta 147
XII. — Metros barbaros. Hexametros 171
XIII. — Gramatiquices (*Polemica*) 185
XIV. — *Dialogo das Grandezas* 213
XV. — Carta de Vaz de Caminha 223
XVI. — Camoneana. *Mares nunca navegados*. Metrica. *Amor e amores* 273

XVII. — Paralelismos literarios. Bocaje. Castilho. G. de Matos e Gongora. Gonzaga e Anacreonte........................ 297
XVIII. — Historia e etimolojia de tres vocabulos... 325
XIX. — « Se o céo fosse papel »................. 339
Apendice.......................... 347

Paris. Typ. H. Garnier. 6, rue des Saints-Pères. 315.5.09.